



Léxico Toponímico de Diamantina

*Língua,
Cultura e
Memória*

*Tatiana Martins Mendes
2010*

A decorative border with a repeating floral and scrollwork pattern in shades of red, yellow, and grey, framing the central text.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Tatiana Martins Mendes

**Léxico toponímico de Diamantina:
língua, cultura e memória**

Belo Horizonte
2010

A decorative border with a repeating floral and scrollwork pattern in shades of red, yellow, and grey, framing the central text.

Léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Tatiana Martins Mendes

FALE – UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Belo Horizonte, junho de 2010.

A decorative border with a repeating floral and scrollwork pattern in shades of red, yellow, and grey, framing the central text.

**Dissertação aprovada em 30 / 06 / 2010 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – USP

Profa. Dra. Carolina do Socorro Antunes Santos – UFMG



*Para os estudiosos da língua falada
no Vale do Jequitinhonha.*

*Ao Gabriel, filho amado,
pelo carinho e apoio, sempre...*

*Para o meu pai, Tadeu Martins,
de quem ouço bons “causos” e para
minha mãe, Solange Mendes,
com quem compartilho risadas...*



Homenagens especiais

*À minha avó, Maria de Lourdes Alves,
quem primeiro me contou os encantos do Vale.*

*Ao Henrique Bernanos, anjo divino,
que enche de alegria minha alma.*

Agradecimentos

A Deus, por tornar possível a minha existência e, com ela, este estudo;

À Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela sua dedicação como orientadora desta pesquisa, pelo constante incentivo e disposição à leitura crítica e construtiva deste trabalho e, principalmente, pelo conhecimento compartilhado e pela agradável companhia nos importantes eventos linguísticos;

À Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, pelos cursos ministrados na Faculdade de Letras – FALE / UFMG, pela bibliografia indicada, essencial para a realização deste estudo, pelo entusiasmo com que trata a pesquisa toponímica e pela sua grande contribuição aos estudos realizados no Brasil;

À Profa. Dra. Carolina Antunes, grande incentivadora e colaboradora, que esteve presente em algumas etapas da realização da pesquisa em Diamantina;

Aos meus tios Laurent e Diocélia, pelo apoio e por não medirem esforços ao enviar de Paris as obras raras de Dauzat;

A Vladimir, irmão querido, pelo incentivo, amizade e carinho;

Ao Leandro, amigo carinhoso, que trouxe de Valência as obras de Haensch;

À Emanoela Cristina Lima, pela paciência e dedicação;

Aos meus informantes de Diamantina e dos seus distritos, cujos textos transcritos constituíram os *corpora* deste trabalho e, especialmente, aos amigos Sérgio Antunes, Serginho e Rommel Machado, o meu agradecimento pela presteza e cordialidade com que me acolheram;

Ao Geraldo dos Anjos, pela preciosa ajuda técnica, pela arte da capa e por ceder, gentilmente, algumas de suas fotos de Diamantina;

Aos amigos do Colégio São Miguel e da Universidade de Uberaba - UNIUBE e aos meus queridos alunos, pela paciência e compreensão;

À Profa. Dra. Regina Lúcia Péret Dell'Isola pelo incentivo, bons conselhos, confiança e carinho.

À Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, ao Programa de Pós-Graduação, especialmente, aos professores Luiz Francisco Dias, Maria Antonieta Cohen, e Sandra Bianchet por tornar possível a realização do Mestrado;

E a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a elaboração e finalização desta pesquisa.



Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.
(Isaac Newton)

RESUMO

Esta pesquisa objetiva o estudo dos topônimos do município de Diamantina e de seus distritos, situados no Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, região que mantém importância histórica por sua localização estratégica durante o período de exploração mineral nos séculos XVIII e XIX. Os estudos toponímicos evidenciam traços da história sociocultural – constituição do espaço, processos de povoamento e cultura local – divulgam características do ambiente físico – vegetação, hidrografia, geomorfologia, fauna, etc. – e colaboram para a memória do povo, pois os nomes de lugares, quando relacionados à língua, cultura e sociedade, costumam ser genuínos registros de fatos pretéritos. O referencial teórico-metodológico está estruturado nos conceitos defendidos por Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b e 2004) e nas teorias sobre ambiente, elaboradas por Sapir (1969). Sob a luz da sociolinguística, segundo o modelo laboviano, parte-se do presente e volta-se ao passado. Primeiramente, observaram-se dados de língua falada coletados em entrevistas orais, em seguida, consultaram-se mapas antigos para coletar dados da língua escrita e, finalmente, foram comparados presente e passado, objetivando observar casos de variação, mudança ou retenção linguísticas. Os resultados obtidos por meio da pesquisa mostram a predominância dos nomes de lugares motivados por nomes de plantas, nomes geográficos e nomes de pessoas. A pesquisa também revela um índice pouco significativo de casos de variação e mudança linguísticas, mostrando que a toponímia na região é bastante conservadora.

Palavras-chave: língua, sociedade, toponímia, cultura, memória.

ABSTRACT

This research aims to study toponyms from the City of Diamantina and its districts, situated in the valley of the Jequitinhonha river, a region of the State of Minas Gerais, Brazil. This region is historically important due to its strategic location during the period mineral exploration during the 18th and 19th centuries. Toponymic studies show traces of the local social and cultural history, including constitution of space and settlement as well as vegetation, hidrography, geomorphology, fauna, etc., and they also contribute to the preservation of the memory of the people, since the names of places, when related to language, culture and society, seem to be legitimate registers of past events. The theoretical and methodological is based on concepts defended by Dauzat (1926) and Dick (1990a, 1990b, 2004) and on the theories on environment elaborated by Sapir (1969). From a sociolinguistic perspective, according to the Labovian model, the research should start at the present moment, expanding towards the past. Firstly, data on vernacular language was collected in oral interviews; then old maps were referred to for data on written language. The data on past and present elements were then compared, aiming to examine cases of variations, changes, or linguistic retentions. Results show the predominance of names of places based on the names of plants, names of people and names of geographical elements. The research also shows a small number of cases of variation and of linguistic changes, indicating that the local toponymic is quite conservative.

Key-words: language, society, toponym, culture, memory.

ABREVIATURAS

A – Antroponímia
ADJ – Adjetivo
ADJ_{pl} – Adjetivo plural
ADJ_{sing} – Adjetivo singular
ADV – Advérbio
A.P.M. – Arquivo Público Mineiro
A_{pl} – Artigo plural
A_{sing} – Artigo singular
C. - Córrego
cf. – confira, conforme
E – Entrevista
F. – Fazenda
Hip. – Hipocorístico
L. – linha
N – nome simples
NC – nome composto
NC_f – Nome Composto feminino
NC_m – Nome Composto masculino
n/e – não encontrado
N_f – Nome feminino
N_m – Nome masculino
p. – página
Prep – Preposição
Pron – Pronome
Qv – Qualificativo
R., Ri. – Rio
S – Substantivo
S_{pl} – Substantivo plural
S_{sing} – Substantivo singular
T – Toponímia
V – Verbo
∩ – Intersecção

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nacionalidade dos escravos em Diamantina.....	53
Tabela 2 – Irmandades religiosas.....	58
Tabela 3 – Ocorrências toponímicas em Diamantina.....	74
Tabela 4 – Referentes geográficos.....	152
Tabela 5 – Quadro comparativo de Topônimos.....	155

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Identificação numérica e percentual dos topônimos em relação aos aspectos físicos e antropoculturais.....	123
Gráfico 2 – Identificação numérica e percentual dos topônimos em relação sua taxionomia antropocultural.....	124
Gráfico 3 – Relação numérica e percentual dos topônimos de natureza física.....	127
Gráfico 4 – Gênero dos topônimos.....	147

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização geográfica do município de Diamantina.....	43
Mapa 2 – Povos indígenas em Minas Gerais.....	44
Mapa 3 – Vale do Jequitinhonha.....	65
Mapa 4 – Alto do Jequitinhonha.....	65
Mapa 5 – Diamantina.....	65
Mapa 6 – Município de Diamantina.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onomástica.....	31
Figura 2 – Locais onde está localizado o Conglomerado Sopa.....	126

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Diamantina.....	19
Foto 2 – Comunidade.....	33
Foto 3 – Pedras retiradas do Garimpo Cavalo Morto, em Extração.....	41
Foto 4 – Botocudos.....	45
Foto 5 – Pintura Rupestre no Parque Biribiri.....	46
Foto 6 – Sacada em Diamantina.....	51
Foto 7 – Dança Folclórica: Chula.....	55
Foto 8 – Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	57
Foto 9 – Casa de Chica da Silva (1763 a 1771).....	60
Foto 10 – Canal do Mizael em Sopa.....	62
Foto 11 – Vista do Centro de Diamantina.....	84
Foto 12 – Instituto Casa da Glória da UFMG.....	86
Foto 13 – Conglomerado Sopa Brumadinho.....	126
Foto 14 – Sopa.....	126
Foto 15 – Garimpo.....	126
Foto 16 – Diamantes retirados em Duas Barras.....	160

Sumário

Introdução	17
Capítulo 1 – Língua, Léxico, Cultura	21
1.1. LÍNGUA: REGISTRO SOCIOCULTURAL	21
1.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	21
1.3. SOCIOLINGUÍSTICA	23
1.4. LÉXICO: NOMEAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL.....	24
1.5. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	26
1.5.1. Lexicologia.....	27
1.5.2. Lexicografia.....	29
1.6. ONOMÁSTICA.....	30
1.7. TOPONÍMIA.....	32
1.7.1. Pesquisa toponímica	35
1.7.1.1. Pesquisa toponímica no Brasil.....	38
1.7.1.1.1. Projeto ATEMIG.....	39
Capítulo 2 – Contexto sócio-histórico-cultural	43
2.1. PERÍODO PRÉ-DIAMANTÍFERO	44
2.1.1. Primeiros visitantes.....	46
2.2. PERÍODO DIAMANTÍFERO	49
2.2.1. Os paulistas e os estrangeiros	49
2.2.2. Os negros	52
2.2.2.1. Escravos	52
2.2.2.2. Manifestações culturais.....	54
2.2.2.3. Práticas religiosas	56
2.2.2.4. Resistência Linguística	59
2.2.2.5. Chica da Silva	60
2.2.3. O tropeiro, o garimpeiro, o faisgador.....	61
2.3. Considerações	62
Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos.....	64
3.1. O LOCAL DA ANÁLISE.....	64
3.2. OBJETIVOS E HIPÓTESES	66
3.3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	67
3.3.1. A coleta de dados orais	67
3.3.1.1. A escolha dos informantes	68
3.3.1.2. As transcrições	69
3.3.2. Os dados escritos	71
3.3.3. Fichas lexicográficas.....	73
3.3.3.1. As taxionomias toponímicas	79
3.3.3.1.1. Taxionomias de natureza física.....	80
3.3.3.1.2. Taxionomias de natureza antropológica.....	80
3.3.4. Macro e Microestrutura do glossário.....	82
3.3.4.1. Macroestrutura.....	83
3.3.4.2. Microestrutura.....	83

Capítulo 4 - Apresentação e análise dos dados	86
Capítulo 5 - Análise quantitativa e discussão dos resultados	122
5.1. QUANTO À TAXIONOMIA.....	122
5.1.1. Natureza dos topônimos.....	122
5.1.2. Taxionomias registradas na região.....	123
5.1.2.1. Toponímia Antropocultural.....	123
5.1.2.1.1 Extração mineral e aglomeração humana na região.....	125
5.1.2.2. Toponímia Física.....	127
5.2. ORIGEM DOS TOPÔNIMOS.....	129
5.2.1. Quantificação total	131
5.3. FORMA E GÊNERO DOS TOPÔNIMOS.....	147
5.4. QUANTO AO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS TOPÔNIMOS.....	149
5.4.1. Derivação.....	149
5.4.1.1. O caso do -inho.....	149
5.4.2. Composição.....	150
5.4.3. Nomes expressos por frases.....	151
5.4.4. Hibridismo.....	151
5.5. REFERENTES GEOGRÁFICOS	152
5.5.1. Natureza.....	152
5.5.2. Origem.....	153
5.5.3. Forma e gênero	154
5.5.4. Sufixo -ão.....	154
5.6. VARIAÇÃO E MUDANÇA TOPONÍMICA	154
5.6.1. Sobre a variação de topônimos.....	157
5.6.2. Sobre a mudança toponímica.....	159
Capítulo 6 - Glossário.....	162
6.1. APRESENTAÇÃO DOS VERBETES PELA FORMA SEMASIOLÓGICA	162
6.2. ORGANIZAÇÃO DOS VERBETES PELA FORMA ONOMASIOLÓGICA.....	202
Capítulo 7 - Considerações finais.....	211
Referências	214
Anexos*	

*Os textos que constituem os *corpora* deste trabalho encontram-se no CD-Rom em anexo.



*Quando a noite a linda lua
Torna as pedras cor de prata
Diamantina sai à rua
Transformada em serenata
Seresteiros indomados
Dedilhando violões
Levam música aos ouvidos
E saudade aos corações.*

*A seresta apaixonada
Corre as ruas do Macau
Capistrana Cavallhada
São Francisco, Bungalhou
Essas ruas serpeantes
É tão fácil entendê-las
Descem doidas por diamantes
Sobem ávidas de estrelas.*

*O Itambé mesmo de longe
Ouve os sons quase em surdina
Ergue as mãos azuis de monge
E abençoe Diamantina
Se de um sonho nada resta
Só saudade, só, mais nada,
Como é linda uma seresta,
Numa noite enluarada.*

(Pe. Celso de Carvalho)

Introdução

No âmbito dos estudos linguísticos, cultura e sociedade projetam-se a partir do *continuum* das relações entre língua e comunidade, deixando transparecer, muitas vezes, traços regionais, históricos e interculturais.

Sabemos que a identidade de uma comunidade é construída pelo sujeito, através do uso da linguagem, entendida aqui como patrimônio simbólico e imaterial. A língua, na sua função, constitui, pois, prática sócio-cultural humana e pode refletir a idiossincrasia regional. O léxico, por sua vez, integra o sistema linguístico, expõe, nas suas acepções, marcas do saber cultural e depreende um acervo de unidades significativas, essencialmente formado por nomes e significados.

Assim sendo, o nome é referência para a edificação do espaço, da identidade e da memória. Supõe-se que sua significação se dá no desdobramento das realizações humanas em diferentes situações, no processo intercultural e no intercâmbio de saberes sociais. Observa Biderman (2001, p. 179),

Qualquer sistema léxico é uma somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades, sendo que os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Acreditamos que a laboração investigativa sobre o nome de lugar ressalta em significativo valor antropológico para os estudos linguísticos, porque propicia compreender melhor a língua, o ambiente onde essa se encontra, seu contexto histórico e a população que a detém, uma vez que o indivíduo, no ato da comunicação, dialoga com expectativas e interesses, crenças e valores, assume o papel de verdadeiro ator social.¹

A importância do nome está na sua representatividade real, no seu vínculo à rotina, na relevância do seu significado para o meio em que está firmado, na história que resgata valores, ideais e realizações. O nome ou signo linguístico nasce de motivações diversas e da característica singular ao seu objeto, explana Seabra (2006, p.139):

Em todas as partes do mundo, o homem faz uso de signos linguísticos que se fundamentam em seu entorno vivencial, estimulados pela necessidade de nomear, diferenciar e indicar. Utiliza-se, para isso, de variadas estruturas linguísticas que combinam motivação, convenção e identificação, produtos psíquicos da história sócio-político-cultural de um povo.

¹ Cf. DURANTI, 2000, p. 21

A rede toponímica criada pelo homem configura partes da memória cultural, política, social e econômica de uma comunidade, ainda que o topônimo, integrante dessa rede, venha a ocorrer em outros espaços geográficos, o nome de lugar, em seu contexto físico ou humano, depreende significado, reconhecimento e identidade do grupo que o detém. Ao falar da disciplina que investiga os nomes de lugares, a Toponímia, Dick (1990a, p.15) destaca que

A variedade de nuances significativas que dão forma ao nome de lugar, e as informações diversificadas delas extraídas, acabariam por tornar a matéria um repositório de fatos culturais de amplitude considerável.

Este estudo tem por finalidade realizar pesquisa linguística com enfoque no léxico toponímico de Diamantina, tendo como elementos norteadores a cultura local, o contexto linguístico e histórico da formação humana e geográfica do município e, ainda, investigar a permanência e a mutabilidade dos topônimos. Para isso valemo-nos de um *corpus* constituído de 22 entrevistas gravadas em Diamantina e nos seus distritos, a saber: Conselheiro Mata, Desembargador Otoni, Extração, Guinda, Inhaí, Mendanha, Planalto de Minas, São João da Chapada, Senador Mourão, Sopa; do *Banco de Dados* do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais - ATEMIG, com sede na Faculdade de Letras da UFMG e, ainda, de cartas geográficas de períodos pretéritos, séculos XVIII e XIX.

Apresentamos, a seguir, a estrutura da pesquisa realizada:

No capítulo 1, intitulado **Língua, Léxico, Cultura**, abordamos a língua como registro sociocultural de uma comunidade, baseando-nos, sobretudo, em Sapir, Saussure, Coseriu e em Labov - quando tratamos da variação linguística e da sociolinguística. Em seguida, discorremos sobre o léxico, o ato de nomear um lugar e a interação social, apoiando-nos, principalmente, em Biderman, Isquierdo e Seabra. Ao tratarmos das ciências do léxico seguimos os teóricos Barbosa, Haensch e Matoré. Para tratar da onomástica, em especial da toponímia, valemo-nos das teorias de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b e 2004).

No capítulo 2, **Contexto sócio-histórico-cultural** versamos sobre aspectos culturais da região diamantinense. Destacamos os períodos pré-diamantíferos e diamantíferos, os grupos étnicos e as atividades que mais caracterizam a cultura regional.

No capítulo 3, intitulado **Procedimentos Metodológicos**, abordamos a região estudada, apresentamos os objetivos e hipóteses de nossa pesquisa, além dos métodos que utilizamos. Explicitamos a pesquisa de campo, executada para levantamento dos dados, detalhando os critérios adotados para transcrição das entrevistas e descrevendo a ficha lexicográfica utilizada para análise dos dados. Apresentamos, também, informações sobre a macro e microestrutura do glossário.

No capítulo 4, procedemos à **Apresentação e análise dos dados**, destacando os nossos *corpora*: 1) topônimos coletados em 22 entrevistas com falantes moradores do município de Diamantina. Essas entrevistas, parte fundamental dessa pesquisa, foram transcritas, digitalizadas e enumeradas em linhas para melhor localização e consulta. Encontram-se em CD-Rom, anexo a este volume. 2) Topônimos referentes ao município de Diamantina, inscritos no banco de dados do Projeto ATEMIG. 3) Topônimos presentes em cartas geográficas de períodos pretéritos. Esse material, coletado e catalogado em fichas toponímicas, foi analisado de acordo com o modelo proposto em Dick (1990a, 1990b) e Seabra (2004).

Realizamos no capítulo 5, **Análise quantitativa e discussão dos resultados**, apresentando a análise linguística das taxionomias toponímicas, da origem, forma e gênero das lexias estudadas, e ainda, questões de variação e manutenção linguísticas ocorridas.

No capítulo 6, apresentamos o **Glossário**, constituído a partir das lexias selecionadas e analisadas nas fichas toponímicas. Os verbetes se encontram organizados pelos métodos semasiológicos e onomasiológicos.

No último capítulo, em **Considerações finais**, retomamos aspectos principais, discutidos anteriormente.



FOTO 1: Diamantina
Fonte: Geraldo dos Anjos



Olha como ela domina esses serros alcantis com seus ares senhoris, com seu cofre de diamantes [...] Salve, Atenas tão risonha e verde e saudosa Minas! Rainha dessas colinas que banda o Jequitinhonha; Teu vassalo, ele nem sonha quebrar-te o jugo real... E vem, a um leve sinal, com os seus rubis, com o seu ouro, derramar no teu tesouro o seu tributo anual.

(LESSA *apud* MACHADO FILHO, 1970, p. 170.)

Capítulo 1 - Língua, Léxico, Toponímia

1.1. LÍNGUA: REGISTRO SOCIOCULTURAL

A língua, na sua expressividade oral e escrita, pode identificar um grupo porque nela se inserem, além de marcas linguísticas, marcas sociais e culturais que caracterizam uma região e sua comunidade. Para Sapir² a “língua se molda ao meio” e, dessa forma, organizada, favorece a interação social e constrói realidades. Neste mesmo sentido, Bakhtin³ crê que “o princípio da linguagem parte do fato de que sua realidade fundamental é o fenômeno social da interação verbal”. Para ele “tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida.”

Apesar de nem sempre ser percebida como produto social e cultural por seus falantes, a língua se evidencia por ser dinâmica, variável, complexa e instável. Acompanha, de certa forma, as mudanças pelas quais a comunidade passa e está, em decorrência disso, sempre em processo de construção, submetendo-se, continuamente, às alterações e influências de outras línguas. Nesse movimento, colabora para que a sociedade produza, reproduza e transforme ideias e ideais, ou seja, a língua pode mudar uma sociedade e vice-versa. É por isso que língua e sociedade não podem ser vistas, em um estudo linguístico-cultural de maneira separada, ambas se completam, não há como falar de uma sem citar a outra.

Vilela⁴ afirma: “se a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade – comunidade linguística – é também um dos seus produtos mais genuínos. Sociedade e língua estão constantemente a se intrometer uma com a outra, a marcarem-se sem se demarcar.” Com isso, ele quer dizer que a sociedade exerce influência sobre a língua na mesma proporção em que essa influencia a sociedade. A língua nessa condição torna-se, portanto, registro sócio-cultural de uma região e da sociedade que nela se encontra.

1.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A linguagem vive através da diversidade, o que implica que a língua que usamos está sujeita a variação. Entende-se por “variação linguística” os diferentes falares, entre

² SAPIR *apud* OLIVEIRA, 1999, p.101.

³ BAKHTIN, 1978.

⁴ VILELA, 1997, p.40.

falantes de um idioma. Estando todas as línguas vivas sujeitas a fatores de mudança, a variação que delas decorre integra a linguagem humana e pode ser estudada e descrita. No entanto, só se pode estudar a variação se a relacionarmos com algo que consideremos, minimamente, estável e homogêneo.

Essa incontestável relação entre língua e sociedade nem sempre foi determinante nos estudos linguísticos, embora já tenha sido reconhecida há muito tempo por Saussure. Esse pesquisador já afirmava que a língua é um fato social, ao mesmo tempo em que reconhecia a importância dos estudos dos fenômenos linguísticos externos. Mesmo assim, Saussure privilegiou sempre, em seus estudos, o caráter formal e estrutural da língua.

Indo além da dicotomia saussureana, a linguística estruturalista europeia – da escola de Eugenio Coseriu –, utilizando o prefixo *-dia*, estabeleceu vários campos de estudos da variação: *diatopia*, *diastatia*, *diafasia* e *diacronia*. No que se refere a esses campos, cabe ressaltar que a variação diatópica estabelece relação com o espaço geográfico, sendo marcante em termos de pronúncia e de vocabulário; a variação diastrática está condicionada às diferentes classes sociais (as variedades populares são aquelas faladas pelas classes sociais menos favorecidas, enquanto as variedades cultas são normalmente associadas às classes de maior prestígio social, constituindo a referência para a norma culta. A variação de natureza social costuma apresentar diferenças significativas, principalmente, em termos fonológicos e morfossintáticos); a variação diafásica se refere ao discurso e suas peculiaridades: diferentes graus de formalidade do contexto de interlocução, termos de maior ou menor conhecimento e proximidade entre os falantes; e a variação diacrônica relata as diversas manifestações da língua através dos tempos.

A linguagem humana, simultaneamente una e múltipla, decompõe-se assim numa rede de variedades que podem ser percebidas e estudadas nos níveis morfológico (trata a estrutura da língua, sua formação e classificação), sintático (define a função que a palavra exerce numa frase), semântico (identifica o sentido e o significado no contexto verbal), lexical (estuda a palavra e define seu significado de acordo com o contexto de uso), discursivo, entre outros.

Coseriu propôs, também, um avanço nos estudos da linguagem: vai do mais concreto (fala, uso individual da norma) ao mais abstrato (língua, sistema funcional), ou seja, expande a dicotomia saussureana, passando por um grau intermediário: a norma (uso coletivo da língua). Em outras palavras, há, segundo esse linguista romeno, na língua, realizações consagradas pelo uso e, portanto, normais em determinadas circunstâncias linguísticas, previstas pelo sistema funcional. É à norma que nos prendemos de forma imediata, conforme

o grupo social de que fazemos parte e da região onde vivemos. A norma seria, assim, um primeiro grau de abstração da fala. Considerando-se a língua (o sistema) um conjunto de possibilidades abstratas, a norma seria então um conjunto de realizações concretas e de caráter coletivo da língua.

Coseriu define o sistema como conjunto de liberdades e de possibilidades que se abrem para um falar compreensível numa comunidade, colocando como secundário o caráter de *imposição: mais que impor-se ao indivíduo, o sistema se lhe oferece*⁵. A norma, por sua vez, como conjunto de realizações obrigatórias, consagradas e compartilhadas dentro dessa mesma comunidade de falantes, assumiria um papel de tirano, de restrição:

O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um falar compreensível numa comunidade; a norma, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada. O sistema abrange as formas ideais de realização duma língua [...] a norma, em troca, corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa a todo momento o equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema.⁶

Cabe à Sociolinguística estudar essas possibilidades de realização da língua, destacando os tipos de variação, tentando estabelecer correlações entre variáveis, fenômenos linguísticos, norma e história social.

1.3. SOCIOLINGÜÍSTICA

Sociolinguística é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade em que se origina. Se para certas vertentes da linguística, é possível estudar a língua de forma autônoma, como entidade abstrata e independente de fatores sociais, para a Sociolinguística, a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico.

Desenvolvida em grande parte por William Labov (1969, 1972, 1983), a sociolinguística permitiu o estudo científico de fatos linguísticos excluídos, até então, do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e conseqüente dificuldade de apreensão. Através de pesquisas de campo, a sociolinguística - inspirada no método sociológico - registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variedade linguística como seu objeto de estudo.

⁵ Cf. COSERIU, 1979, p. 74

⁶ Idem, p. 50.

Podemos afirmar que qualquer língua falada é representada por um conjunto de variedades. “Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constituída do fenômeno linguístico.”⁷

Sob dois pontos de vista, basicamente, realiza-se a pesquisa sociolinguística laboviana: diacrônico e sincrônico. Do ponto de vista diacrônico (histórico), o pesquisador estabelece ao menos dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes em desuso. Do ponto de vista sincrônico (mesmo plano temporal), o pesquisador pode abordar seu objeto a partir de três pontos de vista: geográfico (ou diatópico), social (ou diastrático) e estilístico (contextual ou diafásico).

Uma vez que a sociolinguística se ocupa do estudo de um tipo de variação linguística, aquele que está dependente da dinâmica social, é frequente a sobreposição do seu objeto de estudo com o de outras disciplinas, que também se ocupam da variação linguística, ainda que em outros níveis, como é caso da *dialetologia*, da *etnolinguística*, da *lexicologia*.

1.4. LÉXICO: NOMEAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL

O léxico pode ser definido como o acervo de palavras de um determinado idioma, ou seja, é todo o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito. Por estar relacionado diretamente à vida do homem, nomeando sua realidade, traduz o conhecimento que o ser humano vai adquirindo ao longo de sua vida – sua percepção dos símbolos, valores, costumes; enfim, toda a prática inerente à sua rotina e, por isso, pode ser considerado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística através de sua história, um acervo que é transmitido de geração para geração.

Esse inventário aberto de palavras disponíveis no idioma caracteriza-se pela seleção e pelos empregos pessoais que o homem faz do léxico. Quanto maior for o vocabulário do usuário, maior a possibilidade de escolha da palavra mais adequada ao seu intento expressivo. Afirma Biderman (1998, p. 15) que,

no mundo contemporâneo, sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações.

⁷ Cf. ALKMIN, 2003, p.33.

Nessa perspectiva, a palavra será o instrumento linguístico que possibilitará a interação entre falantes e, como unidade léxica⁸, permitirá o registro de símbolos, a noção de espaço e cultura que detém a comunidade desse falante. Será a palavra também responsável pelo contato desse grupo por possibilitar a comunicação, descrever fatos, nomear pessoas, lugares e objetos, denunciar e enunciar acontecimentos e, essencialmente, testemunhar o ser humano nas suas nomeações e intervenções ao longo do tempo.

Como já afirmamos, língua, sociedade e cultura mantêm, sempre, vínculos estreitos, o que implica em uma não homogeneidade linguística, já que muitos fatores como a diversidade geográfica e o processo de povoamento influenciam culturalmente a sociedade, formando e agrupando comunidades linguísticas menores.

Refletindo sobre o “caldeirão étnico”, ou sobre a formação da sociedade brasileira, na extensão territorial do Brasil e na influência que isso pode exercer sobre a língua, pontua Isquierdo (1998, p. 225):

Fatores como a vasta extensão territorial do País e a grande complexidade de etnias, de culturas e de línguas, de cuja soma e integração resultou a formação cultural e linguística do povo brasileiro, todas as iniciativas de investigação e estudos no domínio da língua materna têm se mostrado ainda insuficientes frente à gama de dados a serem levantados e estudados em todos os níveis de descrição linguística..

A língua, na sua expressividade, assume formas orais e escritas específicas segundo o local, os habitantes e a situação de seu uso. Em cada ambiente, as palavras moldam e são moldadas pelo discurso, perpassam o tempo, tornam-se “coletivas e anônimas”⁹, caracterizando as diferentes comunidades linguísticas e, conseqüentemente, as sociedades. Acrescenta Vilela¹⁰ “se a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade – comunidade linguística – é também um dos seus produtos mais genuínos. Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma com a outra, a marcarem-se sem se demarcar.” E é no léxico que essas “marcações” são mais evidentes.

O léxico é dinâmico porque está atrelado à sociedade – evolui e sofre variações e mudanças em função da língua e da sociedade que a detém. É variável e mutável, tendo, muitas vezes, sua forma “desgastada”, dado o fato de se encontrar sempre em constante uso.

Contudo, nem sempre percebemos tal fato, já que sincronicamente não conseguimos notar que palavras se tornam arcaicas, que outras são incorporadas, ou, ainda,

⁸ Cf. BIDERMAN, 2001, p. 99.

⁹ Cf. PIGLIA, 1991, p. 60.

¹⁰ VILELA, 1997, p.40.

que outras mudam seu sentido. O certo é que tudo isso ocorre de forma gradual, lenta e, por isso, quase imperceptível.

É comum, também, em uma comunidade linguística, encontrar palavras que estiveram em uso em épocas remotas e que, por razões diversas, permanecem nos dias atuais. Esse fenômeno, conhecido como retenção linguística, leva-nos muitas vezes a um léxico fossilizado, como o topônimo *Gualacho*, estudado por Seabra (2004, p. 325):

Gualacho parece ser um destes *fósseis*. Encravado em uma região que foi “vasculhada” por sertanistas e portugueses, este topônimo vem se perpetuando na zona do Carmo, através dos séculos e estendendo o seu nome a campos, fazendas e lugarejos em entorno. A sua origem não é clara, pois se revela apenas nos vestígios que deixou em nomes de lugares.

Segundo Seabra (op. cit.), a falta de registro das povoações anteriores, ou pré-colombianas, ocasiona obstáculos para o rastreamento da trajetória de um léxico fossilizado que se relacionou, com certeza, a um processo de nomeação motivado por uma realidade hoje desconhecida.

Assim como a variação e a mudança, o fenômeno de retenção linguística exige um olhar atento do pesquisador e não deve ser desprezado, já que traduz a realidade de períodos linguísticos pretéritos, incorporando fatos, culturas, decorrentes de interações sociais já extintas.

Entender, pois, a unidade léxica é fundamental para depreender a verdadeira importância da palavra e do seu uso em diferentes sociedades.

1.5. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

As *ciências do léxico* – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia – têm como objeto de estudo a unidade básica da palavra e sua estrutura semântica: a Lexicologia estuda a unidade lexical em seus aspectos formais e significativos; a Lexicografia trata das diferentes formas de organização das palavras em dicionários; a Terminologia tem como objeto de pesquisa o termo, ou seja, a palavra de uma área especializada, e também os modos de organização dos termos em obras terminográficas.

Como o termo não é nosso objeto de estudo, nessa dissertação daremos enfoque somente a duas dessas três áreas – à Lexicologia e à Lexicografia. Essas duas disciplinas, de modos distintos, têm como objeto de estudo a palavra – ambas têm como principal finalidade a descrição do léxico.

Para Krieger,¹¹

não há sistema linguístico sem léxico, e, conseqüentemente, não há possibilidade de vida em sociedade e tampouco de desenvolvimento humano. Assim sendo, é importante oferecermos resultados, concretizados em produtos de informação sobre aspectos da língua que, mais do que simples interesses, responderiam a necessidades de consulta das sociedades, favorecendo a ampliação de uma consciência coletiva a respeito de nosso potencial.

1.5.1. Lexicologia

A Lexicologia estuda a palavra e a sua estrutura semântica. Segundo Barbosa¹²,

Pode-se dizer que a lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais, examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia – bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

São palavras de Haensch (1982, p. 93, T.N.): “chamaremos ‘lexicologia’ à descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo¹³.” Dado seu caráter social, Georges Matoré, nos seus estudos em *Lexicologia Social*, sugere o estudo da palavra como parte de uma estrutura. Considera que,

não estando isolada, a palavra não pode dissociar-se em nenhum caso o grupo a que pertence. As palavras no interior do grupo não têm todas o mesmo valor: constituem uma estrutura hierarquizada. Esta estrutura é móvel; os movimentos a que obedecem as palavras e os grupos de palavras têm uma maneira correlativa: um vocabulário é um todo como a época que ele representa.¹⁴

¹¹ KRIEGER, 2008, p.161-175.

¹² BARBOSA *apud* SEABRA, 2004, p. 36.

¹³ HAENSCH, 1982, p. 93. “llamaremos ‘lexicología’ a la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo.”

¹⁴ MATORÉ *apud* VIDOS, Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/Vidos_vol_1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2010. (p. 73, nota de rodapé).

Para Biderman¹⁵,

É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. A designação e a nomeação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem. A atividade de nomear resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. A esse processo segue-se o ato de nomear. Por essa razão a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos.

A palavra, segundo a autora,¹⁶ é uma “realidade dotada de poder”, “instituidora do universo”, “vínculo de essência entre o nome e a coisa”. Ressalte-se que o homem é o provedor desse vínculo e é com ele, especificamente, que se consegue adquirir expressão e voz em uma sociedade.

A palavra revela vivências do seu usuário, expressa saberes linguísticos, extralinguísticos e sócio-culturais, verbaliza aspectos geográficos e físicos, e, sobretudo, relata fatos corriqueiros permitindo, dessa forma, que haja no jogo interlocutório, intercâmbio de saberes e oportunidade de veicular dados adquiridos, retendo-os e/ou repassando-os conforme a época, o momento e a sociedade à qual se encontra vinculada. Biderman¹⁷ ressalta que

a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora [...] O que nós homens somos e o que sabemos nasce dessa revelação primordial da palavra criadora, do gesto divino de dizer.

A palavra, em geral, abrange o universo humano nas suas limitações, provoca a prática discursiva e nominativa e expõe, no âmbito científico, suas complexidades. Ainda que complexa, ajudará o indivíduo a compreender seu espaço e alhures por deter em sua estrutura semântica elementos que revelam a linguagem e a sociedade. Para Isquerdo e Krieger¹⁸

a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.

Em vista disso, acreditamos ser bastante produtivo, estudos lexicológicos que levam em conta o aspecto social de uma comunidade.

¹⁵ BIDERMAN. Artigo disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci_arttext>.

¹⁶ Idem, 1998, p. 81.

¹⁷ BIDERMAN, 1998, p. 81.

¹⁸ ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p.11.

1.5.2. Lexicografia

A Lexicografia consiste no estudo e na técnica de elaborar dicionários. O dicionário tem como função essencial registrar, de forma geral, o léxico ou as palavras de uma língua e assim tornar-se instrumento de consulta e referência dessa língua. De acordo com Krieger & Finatto (2004, p. 47), “o denominado dicionário geral de língua consiste na referência primeira do fazer lexicográfico na diversificada tipologia de obras dicionarísticas”.

Arte antiga de inventariar palavras e significados, a lexicografia como disciplina linguística tem sido objeto de estudo na linguística contemporânea e tem se valido, cada vez mais, dos ensinamentos da lexicologia. É o que nos dizem Krieger & Finatto (2004, p 48):

A lexicologia contribui muito para a tarefa lexicográfica, que não é pequena e tampouco se reduz a uma atividade compilatória. Ao contrário, é um empreendimento imenso, devendo o dicionarista realizar uma intensa pesquisa para constituir a nomenclatura geral da obra, bem como chegar à estruturação dos verbetes. Necessita buscar as unidades lexicais e analisar sua frequência no interior dos discursos individuais e coletivos, do presente e do passado, para depois adentrar no mundo da significação. E, então, aprender os valores significativos nucleares e virtuais, explicitando-os por meio da definição, uma difícil e complexa equação semântica, e construir a rede de acepções que uma mesma palavra pode comportar, quando se realiza polissemicamente.

O crescente número de trabalhos elaborados com base em diferentes *corpora* tem mostrado como, no mundo contemporâneo, essa *ciência do léxico* vem se expandindo. Tal fato nos leva a concluir que “a crescente interface com a linguística de *corpus* é também comprobatória da cientificidade que a lexicografia é capaz de alcançar.”¹⁹ Trabalhar um *corpus* elaborado com dados reais de língua reitera o uso que será feito da obra e, seguramente, seu reconhecimento e valorização pelo grupo ou pela sociedade local.

Para a lexicografia contemporânea, qualquer que seja a proposta de estudo lexicográfico, deve-se ficar atento a uma metodologia satisfatória, a uma proposta de macro e microestrutura que dê conta do *labor* pretendido.

Conforme Welker (2004, p. 81), a macroestrutura “refere-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários”, isto é, diz respeito à ordenação e ao tratamento que se pretende dar aos verbetes, à sua disposição na obra, ao corpo do texto. Sobre a microestrutura, maneira como cada verbe se organiza, discorre Sousa:²⁰

¹⁹ KRIEGER, 2006, p. 171.

²⁰ José Martínez de Sousa. *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona: Biblograf s/a,1995. (pág. 275) Conjunto de informaciones ordenadas que en el artículo lexicográfico siguen a la entrada [...]. La microestructura afecta al artículo como unidad de estructuración del contenido léxico y a la descripción lingüística, la colocación, disposición y separación de las acepciones, la disposición de los sintagmas y de la fraseología, las subentradas, la separación entre los artículos, etc.

Conjunto de informações ordenadas que constitui a entrada do elemento lexicográfico [...]. A microestrutura estuda o verbete como unidade de estrutura de conteúdo léxico e descrição linguística, trata a colocação, disposição e separação das acepções, a disposição dos sintagmas e da fraseologia, as sub entradas, a separação entre os seus elementos, etc.

Para Antunes e Mendes²¹ “dados mais específicos constituem a microestrutura da obra”, ou seja, há informações que devem ser levadas em conta no “tratamento lexicográfico” que se dá a um dicionário, glossário ou vocabulário, dentre essas não se pode esquecer do fato de que “a relação entre língua, cultura e sociedade é um dado significativo para uma análise mais completa do fenômeno linguístico”.

Como já afirmamos, a seleção de palavras usadas em uma dada comunidade revelam parte de sua identidade e de sua cultura, por isso quando propomos realizar um estudo lexicológico de cunho social, a lexicografia torna-se uma grande aliada ao categorizar esse léxico. De acordo com Haensch (1982, p. 19), “a lexicografia está baseada fundamentalmente na comunicação que parte do valor intrínseco do vocabulário no processo comunicacional, dos modos de uso e das situações de uso de uma unidade léxica dentro de uma coletividade linguística²².”(TN) A prática lexicográfica está, portanto, diretamente relacionada à prática linguística – à palavra como portadora de sentido.

1.6. ONOMÁSTICA

Integrando-se à lexicologia, a ciência onomástica contempla duas áreas de estudo: a) a Antroponímia – disciplina que tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; b) a Toponímia – disciplina que tem como objeto de estudo a investigação do léxico toponímico, através da pesquisa dos nomes próprios de lugares. Para Dick (1990, p. 178),

enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos entre si, no conjunto dos agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nominação de seus membros.

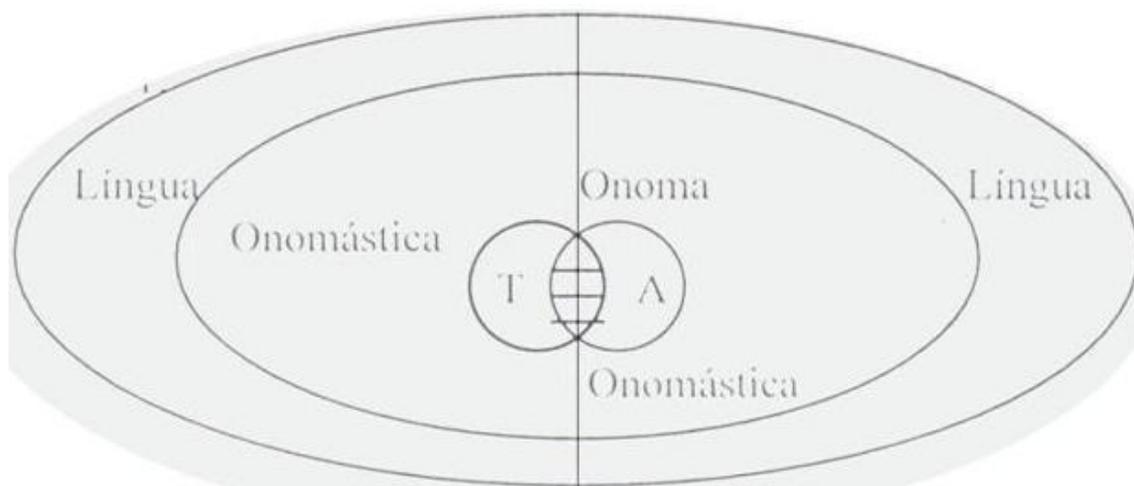
Toponímia e Antroponímia são, portanto, descritas por Dick²³ como “duas faces de um mesmo rosto maior ou corpo maior, a Onomástica.”

²¹ ANTUNES, C. MENDES, M. T., 2008, p. 68.

²² HAENSCH, 1982, p. 19 “Un punto importante lo constituye la idea de una lexicografía basada fundamentalmente en la comunicación y que parte del valor intrínseco del vocabulario en el proceso de la comunicación, de los modos de uso y de las situaciones de uso de una unidad léxica dentro de una colectividad lingüística.”

²³ DICK *apud* CARVALHO, 2010, p. 20.

Demonstra essa mesma autora (1990, p. 19) que essas duas áreas se constituem em campos semânticos de dimensões variáveis da *Onomástica – pessoa e lugar* – mas têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção, conforme se vê na figura mostrada a seguir:



$T \cap A$
 T= Toponímia
 A= Antroponímia
 $T \cap A$ = Intersecção
 FIGURA 1 – Onomástica.
 Fonte: DICK, *apud* SEABRA, 2004, p. 38.

Para Dick, à Onomástica interessa o *nome* – distinto da palavra –, pois se pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceituais, que incorpora a função referencial e sobre o qual recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo)²⁴”.

Essa linguísta ainda ressalta que as conceituações teóricas acerca da Toponímia e da Antroponímia, ultrapassam em muito essas definições, pois, mais que um signo linguístico, essas áreas detêm “verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser através deles, escaparia às gerações futuras.”²⁵

O estudo da onomástica – seja através da Toponímia ou da Antroponímia – constitui, portanto, um excelente meio para tomarmos conhecimento dos usos e costumes dos povos, do *modus vivendi* das comunidades linguísticas que ocuparam um determinado espaço:

²⁴ DICK *apud* SEABRA, 2008, p. 1954.

²⁵ DICK, 1990, p. 178.

Capazes, assim de preservar a memória coletiva, principalmente nas sociedades ágrafas, onde sua importância é mais notável pela ausência de outras fontes de análise, podem ser definidos como um outro modo de “simbolização da verdade”²⁶

O homem, como participante principal desse desenvolvimento, atua como personagem, produzindo, elaborando, expressando, fomentando a produção linguística cultural de um grupo, conscientemente ou não. Essa atividade linguístico-cultural “padronizada enseja a elaboração de ‘campos conceituais’, correlatos, ilustrativos dessa realidade objeto.”²⁷

Como nossa proposta nesta pesquisa é estudar o léxico toponímico do município mineiro de Diamantina, daremos aqui enfoque à Toponímia dentro do universo da ciência Onomástica.

1.7. TOPONÍMIA

Derivada dos termos de origem grega τόπος (*tópos*), lugar, e ὄνομα (*ónoma*), nome, literalmente, o nome de um lugar, a Toponímia é uma disciplina linguística de caráter científico que faz interface, principalmente, com a história, com a arqueologia, antropologia e com a geografia.

Além de estudar os nomes de localidades (cidades, vilas, municípios, províncias, países etc.), a Toponímia se ocupa dos nomes de rios e de outros cursos de água; dos nomes dos montes e de outros relevos; enfim, estuda todos os nomes de lugares, sejam eles de natureza física ou humana.

Na maior parte das vezes, esse nome é marcado ideologicamente por retratar a visão do denominador em tempo e espaço determinados. Nesse caso, o uso da língua ultrapassa a mera função nomenclatória; ela reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira de ela representar os seus valores.

Dentro dessa perspectiva, os estudos toponímicos levam à reflexão sobre a noção de pertencimento. O povo tem consciência do seu espaço e nele se estabelece usando-o com propriedade. O topônimo torna-se também propriedade desse grupo. Coromines (1965, p. 7) defende que o topônimo é parte da herança de um grupo e como tal se constitui patrimônio imaterial que deverá ser conservado e cuidado. Observa

²⁶ DICK, 1990, p. 178.

²⁷ Idem, p. 30.

O estudo dos nomes de lugar é uma das coisas que mais tem despertado a curiosidade dos pesquisadores e dos leigos em geral. É natural que isso ocorra. Esses nomes constituem a herança da qual somos proprietários, assim como a montanha que limita nosso horizonte, ou o rio de onde tiramos água para irrigar, ou o povo, ou a cidade que nos viu nascer e que amamos mais que qualquer outra, ou a região, o país ou o estado onde ocorre nossa vida coletiva. Pode-se pensar por que o homem, um ser racional, se pergunta o porquê de todas as coisas que vê e que sente não se perguntaria sobre o porquê desses nomes que todo mundo tem frequentemente nos lábios²⁸



FOTO 2: Comunidade
Fonte: Geraldo dos Anjos

Sobre a interdisciplinaridade que a toponímia propicia, Lillo (2002, p. 13) afirma que “por um lado, isso é algo positivo porque a toponímia, ao se relacionar com outras disciplinas, as complementa, ao mesmo tempo em que as tem como complemento”. Logo a toponímia atua como suporte linguístico, pois é capaz de testemunhar o passado. Por outro lado, Lillo aponta “o perigo em transformar a toponímia na “ciência da adivinhação”, quando

²⁸ COROMINES, J. *Estudis de toponímia catalana*. Barcelona: Barcino, 1965 (v.2, p.7) “El estudio de los nombres de lugar es una de las cosas que más ha desvelado la curiosidad de los eruditos e incluso la del pueblo en general. Es natural que sea así. Estos nombres se aplican a la heredad de la que somos propietarios, o a la montaña que limita nuestro horizonte, o al río de donde extraemos el agua para el riego, o al pueblo o la ciudad que nos ha visto nacer y que amamos por encima de cualquier otra, o a la comarca, el país o el estado donde está enmarcada nuestra vida colectiva. ¿Puede pensarse que el hombre, que desde que tiene uso de razón se pregunta el porqué de todas las cosas que ve y que siente, no se preguntaría sobre el porqué de estos nombres que todo el mundo tiene continuamente en los labios”

o pesquisador, ao estudar os topônimos, volta-se somente para os significados dos nomes, suas hipóteses e, às vezes, até em “fantásticos inventos”. Daí a importância de buscar entender a origem e as motivações que levaram ao nome, resgatando assim o sentido desse nome; do trabalho de campo, da necessidade da coleta e organização dos topônimos e da elaboração de um acervo. Em relação a criar um acervo pode-se afirmar que este colaborará muito para as gerações futuras. Conforme Dorion (1984, p.103),

Recordemos em primeiro lugar que a toponímia, do mesmo modo que outras ciências humanas, se situa em uma dupla dimensão: a do *espacio* (denominada também ‘função toponímica’) e a do *tempo* (a ‘memória toponímica’). Em consequência, a toponímia tem uma relação essencial com a geografia (os nomes de lugar constituem o vocabulário próprio dessa ciência) e com a história (entendendo que os nomes são testemunho através do tempo, de uma forma determinada de relação entre o homem e o lugar). Por outro lado o nome de lugar é um signo linguístico e, como tal, interessa a semiologia. Assim mesmo é a expressão da percepção de um comportamento, pelo que implica a psicologia - sobretudo a psicologia social. Finalmente, a análise morfológica ou semântica do nome, tanto em sua origem como em sua evolução posterior são objeto de estudo da linguística e da psicolinguística, enquanto que a análise sintética ou sinóptica de grandes contingentes de nomes fica para o campo da sociolinguística e pode desembocar nos estudos propriamente sociológicos²⁹.

Para Lillo (2002, p.13), as “peculiaridades linguísticas – superposição de camadas linguísticas, deformação fonética – refletem os resultados das invasões de sucessivos povos que habitaram o lugar, das colonizações, ou seja, reflete parte da história da formação de determinado grupo” Tal fato é muito importante para compreender o contexto no qual o topônimo foi criado e entendendo isso se aprende mais da formação humana e linguística. Dauzat (1926, p. 7) corrobora essa assertiva quando diz que “a toponímia, conjugada com a história, indica ou revela os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde um determinado grupo linguístico deixou suas marcas.³⁰” Enfim, é papel da toponímia conforme Rostaing (1961, p.7) “investigar a significação e a origem dos

²⁹ DORION, H. Les relations entre la toponymie et les autres sciences humaines. 450 ans de noms de lieux français en Amérique du Nord. Actes du Premier Congrès International sur la Toponymie Française de l’Amérique du Nord (11-15 juillet de 1984). In. *Les Publications du Québec*. Québec. P. 103-108, 1986. “Recordemos en primer lugar que la toponimia, del mismo modo que numerosas ciencias humanas, se inscribe en una doble dimensión: la del *espacio* (denominada también ‘función toponímica’) y la del *tiempo* (la ‘memoria toponímica’). En consecuencia, la toponimia tiene una relación esencial con la geografía (los nombres de lugar constituyen el vocabulario propio de esta ciencia) y con la historia (puesto que los nombres son el testimonio, a través del tiempo, de una forma determinada de relación entre el hombre y el lugar). Por otro lado el nombre de lugar es un signo lingüístico y, como tal, interesa a la semiología. Asimismo es la expresión de la percepción de un comportamiento, por lo que implica a la psicología -sobretudo a la psicología social. Finalmente, el análisis morfológico o semántico del nombre, tanto en su origen como en su evolución posterior son objeto de estudio de la lingüística y de la psicolingüística, mientras que el análisis sintético o sinóptico de grandes contingentes de nombres queda para el campo de la sociolingüística y puede desembocar en estudios propriamente sociológicos” (Dorion, 1984, p. 103).

³⁰ DAUZAT, 1926, p. 7. “La toponymie, conjuguee avec l’histoire, indique ou precise les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonization, les régions où ”

nomes de lugares e também de estudar suas transformações³¹” (tradução nossa), embora tal tarefa seja, muitas vezes, difícil e bastante árdua, já que a motivação que levou o denominador a nomear um determinado local encontra-se, com o passar dos anos, opaca.

Sobre esse tema discorre Seabra³²:

A manutenção ou o apagamento do significado de topônimos leva-nos a refletir sobre a organização informativa que os cerca. Sabemos que a referência não suscita apenas problemas de sistemática e classificação – as relações são muito mais complexas do que uma relação biunívoca entre palavra e referente – mas também questões históricas e culturais, uma vez que no universo dos nomes de lugares encontramos registros de um passado, de interesses e visão de mundo comuns de um determinado povo. Por isso julgamos que falar de referência em Onomástica implica falar em cultura, história e rede social.

De acordo com Ullmann (1964), todas as línguas contêm certas palavras arbitrárias ou opacas, sem qualquer conexão entre som e sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes. No primeiro caso, o som é verdadeiramente o eco de sentido: “o próprio referente é uma experiência acústica, mais ou menos rigorosamente imitada pela estrutura fonética da palavra”³³. No segundo, a carga semântica das palavras pode modificar-se com a variação das leis internas no sistema linguístico e com as noções próprias da realidade cultural que às palavras compete designar. Quanto às motivadas ressalte-se que a motivação se relaciona aos sons, a estrutura morfológica e semântica da palavra.

Desse modo, podemos afirmar que compreender e descrever a linguagem supõe não somente dar conta da competência do falante em geral, mas do uso concreto que o mesmo faz em determinadas situações comunicativas.

1.7. 1. Pesquisa toponímica

Como corpo disciplinar, o estudo toponímico foi iniciado na França, por volta de 1878. Teve como precursores August Longnon (1844-1911) que o inseriu pela primeira vez nos seus estudos realizados na École Pratique des Hautes-Études e no Collège de France. A obra *Les noms de lieu de la France*³⁴, de sua autoria, foi publicada pelos seus alunos em 1912 e é relevante fonte de estudos sobre o tema. Com a morte de Longnon, Albert Dauzat (1877-1955) retomou os estudos onomásticos, publicou *Chronique de toponymie* e, em 1938, organizou o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, que contou com a

³¹ ROSTAING, 1961, p.7 “rechercher la signification et l’origine des noms de lieux et aussi leurs transformations”

³² SEABRA, 2006, p. 1957.

³³ ULLMANN, 1964, p. 177.

³⁴Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=2iLxBp1TgboC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: abr. 2010.

participação de 21 países e teve como objetivo discussões práticas e metodológicas da toponímia. Dauzat escreveu importantes obras defendendo que

esta ciência [...] nos mostra como foi denominado, de acordo com a época e o meio as vilas e os povos, as propriedades e os campos, os rios e as montanhas. Em suma, nos permite compreender melhor a alma popular, suas tendências místicas ou realistas, seus definitivos meios de expressão.³⁵

A escola francesa foi, portanto, responsável pela sistematização da teoria toponímica.

Os seguidores de Dauzat criaram em 1960 a *Société Française d'Onomastique* (NRO) que visava a favorecer o avanço da ciência no campo dos estudos toponímicos e antroponímicos, coordenar os trabalhos de especialistas da área e construir um acervo dos nomes próprios de lugares e de pessoas da França. Assim a pesquisa foi ampliada e fortalecida. Em 1985 a *Commission Nationale de Toponymie* (CNT³⁶), constituída por estudiosos e especialistas da área, assim como o grupo anterior, foi fundada para colaborar com a manutenção dos trabalhos, a conservação e o desenvolvimento dos estudos toponímicos. O grupo atua ativamente propondo encontros, discussões e debates. Os seus integrantes mantêm fortes relações com estudiosos da França, Quebec e outras regiões.

Na Espanha, existem muitos estudos que tratam as regiões. Ramón Menéndez Pidal (1869-1968) filólogo, historiador, folclorista, estudioso do período medieval, criador da Escuela Filológica Española e fundador da *Revista de Filología Española* colaborou com os estudos toponímicos ao publicar a obra *Toponímia prerrománica hispana*, em 1953, e o artigo *Vocalismo en la toponímia ibérica*. Francisco Rodriguez Adrados contribui com os seus trabalhos *La toponímia y el problema de las Ursprachen*³⁷ (1969), *Topônimos griegos en Ibéria y Tartessos*³⁸ (2000). Outro estudioso dessa ciência foi o lexicógrafo Joan Coromines Vigneaux (1905 - 1997) que publicou *Onomasticon Cataloniae* (1994), uma recompilação etimológica de topônimos do âmbito do falante catalão, construída a partir de entrevistas orais, projeto único na Europa e se divide em oito volumes, sendo que o oitavo foi publicado após sua morte.

³⁵ DAUZAT, 1971, p. 9. “esta ciencia [...] nos enseña cómo se han designado, según las épocas y los medios las villas y los pueblos, las propiedades y los campos, los ríos y las montañas. En suma, nos permite comprender mejor el alma popular, sus tendencias místicas o realistas, sus medios de expresión en definitiva.”

³⁶ Disponível em http://www.cnig.gouv.fr/Front/docs/cms/plaquette-presentation-cnt_124043926114018400.pdf, Acesso em: abr. 2010.

³⁷ ADRADOS, 1969, p. 209-219.

³⁸ ADRADOS, 2000. v. 68, p. 1-18.

Há várias obras que relatam a toponímia das províncias espanholas, tais como as de Antonio Llorente: *Los topónimos españoles y su significado*, publicado em Salamanca em 1990; José Ramón Morala: *Objetivos y métodos en el estudio de la toponímia*³⁹, em Burgos, 1994; Maximiano Trapero: com *Para una teoría lingüística de la toponímia (estudio de toponímia canaria)*, em Las Palmas de Gran Canaria, 1995 e Javier Terrado com *Metodología de la investigación en toponímia*, em Lérida, 1999.

Na Inglaterra pode-se citar o interessante estudo *Place names and geography*⁴⁰ (1957), de Henry Clifford Darby (1909-1992), esse pesquisador afirma que

Devemos acentuar que a afinidade entre toponímia e geografia não é uma questão secundária. Um autor como Allen Mawer já alertou do perigo de uma aproximação exclusivamente filológica, e destacou a importância de ter um conhecimento direto tanto dos nomes como dos lugares. Ele mesmo escreveu que as conclusões do filólogo deve estar relacionada com a realidade topográfica seja através de mapas, de comprovações documentadas ou investigações específicas. É que, frequentemente, o conhecimento do território nos dá a chave dos significados dos nomes⁴¹,

Muitos estudos da área da geografia abarcam a toponímia. Há inúmeros trabalhos a respeito do tema. Na América do Sul, há vários projetos sendo desenvolvidos com o objetivo de coleta e estudo do topônimo. O Instituto de Investigações Linguísticas da Universidade de Costa Rica está com os projetos *A toponímia indígena de Costa Rica e Atlas Lngüístico-etnográfico de Costa Rica*, ambos idealizados por Miguel Angel Quesada Pacheco, também autor de *Diccionario Histórico de Costa Rica*⁴² (1995c) e *Pequeno Atlas Linguístico de Costa Rica*⁴³ (1992a), entre outros. Além de projetos, há teses como a de Josefa Luisa Buffa intitulada *Toponímia aborígen de Entre Ríos*⁴⁴ (1966). Obras como as do paraguaio Dionísio M. Gonzáles Torres: *Toponímia guarani y origen e história de pueblos en Paraguay*⁴⁵ (1995), do chileno Mário Bernales Lillo: *Toponímia de Valdivia* (1990) e do

³⁹ MORALA, 1994, p. 57-80.

⁴⁰ DARBY, 1957, p. 387-392.

⁴¹ Ibidem. p. 390-391 “Debemos subrayar que la afinidad entre toponimia y geografía no es una cuestión secundaria. Un autor como Allen Mawer ya alertó del peligro de una aproximación exclusivamente filológica, y destacó la importancia de tener un conocimiento directo tanto de los nombres como de los lugares. Él mismo escribió que las conclusiones del filólogo deben ser siempre puestas en relación con la realidad topográfica; sea a través de mapas, de comprobaciones en directo o de encuestas específicas. Y es que, frecuentemente, el conocimiento del territorio nos da las claves del significado de los nombres”

⁴² PACHECO, 1995c.

⁴³ PACHECO, XVIII, n.2, p. 85-189, 1992a.

⁴⁴ BUFFA, J. L. *Toponímia aborígen de Entre Ríos*. 1966. 201f Orientador: Clemente Hernando Balmori. Tese (Doutorado) Instituto de Filología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de la Plata, Buenos Aires. A obra foi publicada e tem como referência também BUFFA, J. L. *Toponímia aborígen de Entre Ríos*. 2ed. Entre Ríos: Editorial de Entre Ríos, 1999.

⁴⁵ GONZÁLES TORRES, 1995.

argentino Esteban Erize: *Toponímia Mapuche*⁴⁶ (1988) contribuem para a documentação dos nomes de origem indígena, porque envolvem ampla região dos respectivos países.

1.7.1.1. Pesquisas toponímicas no Brasil

No Brasil, os estudos de Toponímia iniciaram-se sob uma perspectiva etimológica de origem indígena tupi, com Theodoro Sampaio, Padre Lemos Barbosa e outros seguidores. Já Levy Cardoso dedicou-se ao estudo da toponímia brasílica amazônica. Nessa obra, *Toponímia Brasílica*, faz menção à descrição de Theodoro Sampaio, *O Tupi e a Geografia Nacional*,

pela criteriosa análise a que foram submetidos os vocábulos, pela profundidade dos conhecimentos tupis, pela seriedade de suas investigações, para cujo resultado não faltaram nem as leituras das crônicas antigas e das antigas relações de viagens, nem a consulta ao elemento histórico, a fim de descobrir a verdadeira grafia primitiva dos vocábulos, para a perfeita elucidação de seu sentido e a rigorosa determinação de sua etimologia.⁴⁷

No meio acadêmico, entre os precursores dos estudos toponímicos, encontram-se o Prof. Dr. Plínio Ayrosa Galvão, autor da obra *Estudos Tupinológicos*, de 1967, e o Prof. Dr. Carlos Drumond, com os livros *Notas gerais sobre a ocorrência da partícula tyb, do Tupi-Guarani*, na toponímia brasileira, tese de doutorado de 1944, e a *Contribuição do Bororô à toponímia brasileira*, 1965. Ambos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Orientada pelo professor Carlos Drumond, a Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP) defendeu, em 1980, a tese *A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos* publicada, em 1990, sob o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (Arquivo do Estado de São Paulo). No prefácio dessa obra, Drumond⁴⁸ relata que esse estudo é de primordial importância pela inexistência de qualquer trabalho semelhante no Brasil “Nenhum outro estudo de toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como este, seja do ponto de vista estrutural como científico.”

Desde essa época, Dick vem se dedicando, na Universidade de São Paulo, aos estudos toponímicos no Brasil, publicando artigos, participando de congressos e desenvolvendo projetos de iniciação científica e orientações em nível de mestrado e doutorado, coordenando grupos de pesquisa, disponibilizando novas linhas temáticas como a

⁴⁶ ERIZE, 1988.

⁴⁷ CARDOSO *apud* DICK, 1990, p. 4

⁴⁸ DICK, 1990a, Prefácio.

Toponímia urbana, de feição nitidamente interdisciplinar, e a Antroponímia, em suas modalidades técnicas, etno-sociais grupais e motivadoras.⁴⁹

Com a criação (1984) também pioneira e a efetivação (1989) de um curso de pós-graduação em estudos onomásticos (Toponímia e Antroponímia) visando à formação de um corpo próprio de pesquisadores, à semelhança do que ocorre em outras instituições européias e americanas⁵⁰, a Profa. Maria Vicentina pôde ampliar sua área de atuação, sendo responsável pela formação de várias gerações de toponimistas. O trabalho da professora Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é considerado como norteador e propulsor dos estudos toponímicos em todo Brasil. Como resultado do seu estudo teórico-metodológico, vários trabalhos de mestrado e doutorado já foram concluídos e outros estão em andamento, dentre eles o nosso.

Liderando o Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil, Dick criou um grupo de pesquisa, que abrange várias regiões brasileiras: ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, coordenado pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick; ATEMS – Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul, coordenado pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo; ATITO – Atlas Toponímico do Tocantins, coordenado pela Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade; ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

1.7.1.1.1. Projeto ATEMIG

O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, desde março de 2005, caracteriza-se como uma variante regional do Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil, e tem como objetivos específicos:

1. Constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes aos 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Cartografar os nomes dos acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais;

⁴⁹ Cf. DICK. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141994000300059&script=sci_arttext. Acesso em: mai. 2010.

⁵⁰ *idem*

6. Construir glossários toponímicos;
7. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado.⁵¹

Como primeira etapa dessa pesquisa, a equipe do Projeto realizou coleta toponímica em todas as cartas geográficas correspondentes aos 853 municípios mineiros. Em uma segunda etapa, catalogou e classificou todos esses nomes. Atualmente, esse banco de dados está sendo revisado, mas já vem contribuindo para as pesquisas toponímicas em realização no estado.

Orientados pela coordenadora do Projeto ATEMIG, Profa. Maria Cândida, três dissertações de mestrado foram defendidas, até o momento, dentro do âmbito desse Projeto, a saber: *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*, de Joara Maria de Campos Menezes (2009); *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*, de Letícia Rodrigues Guimarães Mendes (2009); *Língua e Cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*; de Mônica Emmanuelle Ferreira de Carvalho (2010). Outras dissertações, assim como teses de doutorado e iniciações científicas, encontram-se em andamento.

Há que se destacar, ainda, tendo como modelo norteador a teoria toponímica proposta por Dick, a pesquisa de doutorado da Profa. Maria Cândida intitulada *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas: a toponímia da Região do Carmo*, defendida em 2004, na UFMG (inérita). Mais recentemente, orientada pela Profa. Dick, a Profa. Maria Cândida realizou, como pesquisa de pós-doutoramento na FFLCH/USP, o trabalho *Fitotoponímia Mineira* (inérito).

Sobre a região do *Vale do Jequitinhonha*, área em que o município de Diamantina se encontra inserido, o Projeto ATEMIG vem realizando estudos diversos, alguns, já publicados e aqui listados:

- ✓ SEABRA, M. Cândida T. C. de. *Toponímia do Vale: Passado e Presente*. In: SOUZA, João Valdir A. de.; HENRIQUES, Márcio S. (orgs.). *Vale do Jequitinhonha: Formação histórica, populações e movimentos*. Belo Horizonte: UFMG/Proex, 2010. (pág. 83 a 96)
- ✓ SANTOS, Márcia M. D. SEABRA, M. Cândida T. C. de. *Motivação Toponímica da Comarca do Serro Frio: Estudo dos Registros Setecentistas e Oitocentistas em Mapas da Capitania de Minas Gerais*. In: Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de

⁵¹ SEABRA, 2006, v. 1, p. 1945-1952.

Cartografia histórica. Ouro Preto: Centro de Referência em Cartografia Histórica / UFMG, 10 a 13 de novembro de 2009.

- ✓ SEABRA, M. C. T. C. *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais - Brasil*. In: XV Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 2008, Montevideo. Libro de Resúmenes. Montevideo : Alfal, 2008. v. 1.
- ✓ MENDES, T. M.; SEABRA, M. C. T. C.. *Fitotoponímia de Diamantina: resultados parciais*. In: Abralín em cena, 2008, Campo Grande/MS. Anais: Abralín em cena. Campo Grande : Idéia, 2008.
- ✓ MENDES, T. M.; SEABRA, M. C. T. C. *Toponímia de Diamantina: lengua, cultura y memória*. In: ALFAL 2008, 2008, Montevideu - Uruguai. ALFAL 2008. Montevideu - Uruguai : ALFAL, 2008.
- ✓ ANTUNES, C. *A litotoponímia no Vale do Jequitinhonha*. In: ILEEL 2006. Uberlândia/MG. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_389.pdf>. Acesso em: abr. 2010.

No próximo capítulo, abordaremos aspectos sócio-histórico-culturais do município de Diamantina e da região do Vale do Jequitinhonha, necessários para realizar um estudo léxico-toponímico.



FOTO 3: Pedras retiradas do garimpo Cavalo Morto, em Extração

Fonte: Disponível em: <<http://www.jaster.20m.com/Museum/Other/BR-MG.html>>. Acesso em: 12 Mai. 2010.



Tudo é geografia, minério, minas, de muitos rios e ais. [...] Um rio traça seu perfil no mapa de Minas [...] O país é de pedra. O espinhaço se ergue [...] Chica da Silva [...] João Fernandes enlouquece diante dos diamantes [...] estamos entrando no Vale. O Pico do Itambé é nossa bússola. [...] Tejuco, Biriri, tropeiros, garimpeiros, marujos, caboclos [...] Vale de mil truques, espelhos, xiquexiques, goles cachaça, [...] chapadas, [...] lavras, [...] artesãos, [...] garimpeiros [...] teares [...] música do Jequitinhonha.

Ronald Claver

Capítulo 2 – Contexto sócio-histórico-cultural

Estudar a região onde se localiza o município de Diamantina é perceber um espaço marcado por práticas sociais e discursivas, onde vários fatores promoveram, desde o período colonial, uma rede de relações, que influenciaram o ato de nomeação desse território mineiro, refletindo aspectos sócio-históricos da conquista, dos costumes, da ocupação e da povoação regional.

Conhecida inicialmente como *Arraial do Tijuco* ou *Tejuco*, a cidade emancipou-se do município do Serro em 1831, passando a se chamar *Diamantina* por causa do grande volume de diamantes encontrados na região, pedras que eram extraídas em grandes quantidades pela Coroa portuguesa, desde o século XVIII, período em que ocupou lugar de destaque na economia mineira, devido à grande quantidade de riquezas minerais retiradas de suas águas e solo.

O município, cuja população estimada em 2004 era de 44.238 habitantes, localiza-se na Mesorregião do Jequitinhonha, estando a sede a 298 km de distância, por rodovia da capital mineira, Belo Horizonte. A cidade de Diamantina, considerada pela UNESCO Patrimônio Cultural da Humanidade, está situada a uma altitude de 1.280 m, emoldurada pela Serra dos Cristais, na região do Alto Rio Jequitinhonha.



MAPA 1 - Localização geográfica do município de Diamantina

Fonte: Disponível em: <http://www.desvendar.com/imagens/cidades/Diamantina/mapa_sp_diamantina.gif>.

2.1. PERÍODO PRÉ-DIAMANTÍFERO

Sabe-se que a região onde se localiza o município de Diamantina era habitada, outrora, por índios de várias tribos pertencentes ao tronco linguístico Makro-jê. Os Puris, moradores da região, tinham, segundo Spix e Martius⁵² “[...] o porte baixinho, o pardo-avermelhado da pele, o cabelo negro de carvão, solto e desgrenhado, o formato desagradável da cara larga, angulosa e os olhos pequenos, oblíquos [...] o andar de passos curtos, esquivos.”

Sobre esses povos, mais conhecidos como *botocudos*, ressalta José (1965, p. 32) que eles ocuparam várias áreas do território mineiro, dentre elas apontamos o espaço tijucano, conforme podemos visualizar no mapa a seguir:



MAPA 2 - Povos indígenas em Minas Gerais
Fonte: JOSÉ, 1956, p. 32.

Nesse registro, os panhames, pertencentes à família dos Botocudos, estão próximos à Diamantina. Os pojichás, segundo Vasconcelos⁵³, descendiam dos antigos tapuyas e viviam longe dos brancos – eram agigantados, robustos, destemidos, frecheiros, grandes corredores e extremamente ferozes. Os Botocudos nacnenuques, pojichás, gracnuns, quejaurins, machacalis,

⁵² SPIX e MARTIUS, apud SANTOS, 2004, p. 86.

⁵³ VASCONCELOS apud JOSÉ, 1965, p. 32.

maconis e malalis – povoadores de um e outro lado dos Rios Doce, Jequitinhonha e Mucuri – receberam esse nome de Marlière (francês que se dedicou, no Brasil, aos índios) porque esses gentios ornavam os “beiços” e as orelhas com rodela, os botoques, que eram feitos com madeira⁵⁴. Acrescenta o autor, “pouco ou nada se sabe a respeito da sua origem. Aceita-se como provável a tese de que o gentio botocudo provém do “Homem Lagossantense”.



FOTO 4 - Botocudos
Fonte: JOSÉ, 1965, p. 17.

Desses povos, comenta José (1965, p. 11) “as tribos mineiríndias, que povoaram as extensas regiões onde se localiza o Estado de Minas Gerais, pertenciam, com raras exceções, ao grupo gê ou tapuia [...]” o autor explica em nota de página o termo *gê* “Assim se chamavam pela numerosa ocorrência do fonema g nos vocabulários deles. Coube a Martius assinalar o fato e adotar a denominação *gê*.” Conceitua também o nome tapuia que segundo ele é de origem tupi e significa *bárbaro*.

Ainda nos dias de hoje, próximo às cachoeiras do município de Diamantina, pinturas rupestres, que registram aspectos da vida cotidiana dos primitivos habitantes dessa região, são encontradas pelos visitantes atentos e curiosos. Essas pinturas retratam imagens típicas da natureza desses índios, reforçando o espírito de caça do grupo que ali vivia.

⁵⁴ Cf. JOSÉ, 1945, p.16.



FOTO 5 - Pintura Rupestre no Parque do Biribiri
Fonte: Acervo pessoal

Com a chegada do homem branco, interessado, sobretudo, na extração aurífera, vão ocorrendo, paulatinamente, a dizimação e o afastamento desses nativos da região diamantinense. Enfatiza Oíliam José (1965, p.163)

O contato das tribos indígenas com os brancos foi [...] desastroso para elas como blocos humanos, pois, em menos de um século de miscigenação, deixaram de existir. [...] Dispersaram-se ou morreram os indígenas de Minas Gerais e os grupos por eles formados, mas não suas influências. Saint Hilaire [...] assinalava [...] essa verdade histórico-antropológica: “Já tive muitas vezes a ocasião de notar, que por toda parte onde existiram índios, os europeus, destruindo-os, adoptaram vários de seus costumes e lhes tomaram muitas palavras da língua.

2.1.1. Primeiros visitantes

A História registra os nomes de Francisco Bruzza de Spinosa, castelhano, e João de Azpilcueta Navarro, basco, como os primeiros homens brancos a adentrar, nos anos 1553 e 1554, cento e sessenta anos antes do povoamento do Arraial do Tijuco, o solo hoje conhecido como Jequitinhonha. Supostamente foram eles os primeiros a descobrir e explorar os rios Jequitinhonha, Pardo e Rio das Velhas. Nada encontraram em suas buscas; não povoaram a região, tampouco deram informações sobre algum outro grupo que ali vivesse que não fossem os indígenas. Informa Estebe Ormazabal⁵⁵

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.euskonews.com/0337zkb/kosmo33701es.html>>, no artigo João Aspícueta-Navarro (1522-1557).

Em 1553, o Rei D. João III ordenou ao Governador Geral Tomé de Souza que explorasse as fontes do rio **São Francisco**. Após ser informados de que os espanhóis haviam encontrado ouro e esmeraldas do outro lado das Tordesilhas, encomendaram a expedição ao castelhano **Francisco Bruzza/ Bruza/ Brueza de Espinosa/ Espinhosa** o **Spinosa** [...] O Governador Geral Tomé de Sousa solicitou a ajuda de um sacerdote ao Padre Manuel da Nóbrega, quem comunicou ao monarca português que o escolhido era o Padre João Azpilcueta Navarro.⁵⁶ (tradução nossa)

Sobre esses primeiros visitantes não existem muitas informações. A respeito de Navarro sabe-se que foi um jesuíta vindo do País Basco, no norte de Espanha, muito envolvido em sua missão de catequizar índios e tido como eficiente mediador entre a cultura do branco e a do índio. Era reconhecido por sua capacidade de interagir rapidamente com esses povos e obter deles certa admiração, o que é de singular importância já que, conforme Ormazabal, ele, Navarro, era falante de uma língua algo parecida com a indígena. A língua basca ou euskera, segundo o estudioso Luis Michelena⁵⁷, já era falada a cerca de 6000 a.C., e foi a única de todas as línguas pré-indo-europeias a resistir ao processo de aculturação linguística imposto pelo tronco indo-europeu. Ressalta Ormazabal⁵⁸

Estamos certos de que o primeiro basco que chegou ao Brasil foi João de Azpilcueta pelo seguinte: na primeira carta que enviou a Portugal o padre Nóbrega, diretor dos jesuítas, a poucos meses de sua chegada (abril de 1549), conta com perplexidade como Azpilcueta, a que chamavam Navarro pela dificuldade que encontravam ao pronunciar seu nome, tinha mais facilidade que qualquer outro para se comunicar com os índios, e pensava que podia ser devido a uma possível semelhança entre a língua basca (euskara) e o abanheenga ou língua tupi. Fruto desse esforço, não tardou em ganhar a confiança dos indígenas, muitos dos quais o consideravam uma espécie de caraíba ou pajé (“bruxo” ou sábio).⁵⁹ (tradução nossa)

⁵⁶ En 1553, el Rey D. João III ordenó al Gobernador General Tomé de Souza que explorara las fuentes del río **São Francisco**. Habiendo siendo informados de que los españoles habían encontrado oro y esmeraldas al otro lado del Tordesillas, encomendaron organizar la expedición al castellano **Francisco Bruzza/ Bruza/ Brueza de Espinosa/ Espinhosa** o **Spinosa** [...] El Gobernador General Tomé de Sousa solicitó la ayuda de un sacerdote al Padre Manuel da Nobrega, quien comunicó al monarca portugués que el elegido era el Padre João Azpilcueta Navarro.

⁵⁷ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_basca>.

⁵⁸ Disponível em <<http://www.euskonews.com/0337zkb/kosmo33701es.html>>.

⁵⁹ Tenemos la certeza de que el primer vasco que se marchó a Brasil fue João de Azpilcueta por lo siguiente: en la primera carta que enviara a Portugal el padre Nobrega, director de los jesuitas, a los pocos meses de su llegada (abril de 1549), cuenta con perplejidad cómo Azpilcueta, al que llamaban Navarro por lo difícil que les resultaba pronunciar su nombre, tenía más facilidad que ningún otro para comunicarse con los indios, y pensaba que podía ser debido a un posible parecido entre el euskara y el abanheenga o lengua tupi. Fruto de este esfuerzo, no tardó en ganarse la confianza de los indígenas, muchos de los cuales lo consideraban una especie de caraiba o pajé (“brujo” o sabio).

O primeiro documento oficial dessa visita, uma carta escrita em 24 de junho de 1555, registrou o contato entre os visitantes europeus e os nativos brasileiros. Escreve Navarro⁶⁰

No outro dia nos fomos e passamos muitos despovoados especialmente um de vinte e três jornadas por entre uns Índios que se chamam Tapuyas, que é uma geração de Índios bestiaes e feros; porque andam pelos bosques, como manadas de veados, nós, com os cabellos compridos como mulheres: a sua fala é mui Barbara e elles mui carniceiros; trazem flechas ervadas e dão cabo de um homem num momento [...]. Neste ermo passamos uma serra mui grande, que ocorre do norte para o meio dia e nella achamos rochas mui altas de pedra marmore. Desta serra nascem muitos rios caudaes: dois delles passamos que vão sahir ao mar entre Porto Seguro e Ilheos; chama-se um Rio Grande, e outro Rio das Orinas.”

Sobre a importância de tentar entender as línguas indígenas, disserta Max Muller⁶¹:

Para o selvagem, aquele que fala a sua língua é um seu parente, portanto, seu amigo.. Assim como para o selvagem aquele que fala a sua língua ele reputa de seu sangue, e como tal, seu amigo, assim também julga que é inimigo aquele que não a fala.

Essas palavras assinalam o motivo real pelo qual os jesuítas e outros estrangeiros tiveram interesse em aprender, estudar e ensinar o idioma dos nativos: precisavam fazer-se amigos, buscar aproximação e informação. Contudo, não se importaram em registrar, conservar ou valorizar a língua dos índios.

Destaca-se, também, entre os primeiros visitantes da região, o nome de Sebastião Fernandes Tourinho, descendente do primeiro donatário da capitania de Porto Seguro, Pêro de Campos Tourinho, que cruza a região em 1572 e é o primeiro a voltar com esmeraldas.

Em anos posteriores, outras expedições investiram no interior do Brasil, à procura de pedras preciosas e de ouro. Com os paulistas à frente das empreitadas exploratórias, a região de Minas Gerais passa a ser alvo de exploração contínua. Segundo Costa (2004, p. 41),

Durante o século XVI e em boa parte do século XVII os novos habitantes do Brasil limitaram-se à ocupação de sua costa, com efêmeras e episódicas incursões para o interior em busca de metais e pedras preciosas ou para o aprisionamento de índios. Apenas no último quartel dos Seiscentos verifica-se, por parte dos paulistas, um novo e constante rumo de suas expedições no centro-sul em direção ao sertão, ao desconhecido.

⁶⁰ NAVARRO apud JOSÉ, 1965, p. 48.

⁶¹ MAX MULLER apud CAPELLE, [s.d.], p. 187

2.2. PERÍODO DIAMANTÍFERO

Em 1729, a Coroa Portuguesa é comunicada, oficialmente, sobre a descoberta dos diamantes. Diante de tal fato, surgem os primeiros sinais efetivos de prosperidade para o Arraial do Tijuco.

2.2.1. Os paulistas e os estrangeiros

Conforme salientamos em 2.1.1., o Tijuco recebeu em seu território, nos séculos XVI e XVII alguns desbravadores. Esses movimentos em direção ao interior do Brasil aumentaram, sobremaneira, no século XVIII. Nesse período, intensificaram-se as Bandeiras, oriundas de São Vicente e, posteriormente, os grupos que integraram comissões científicas, a cargo do governo português. Entre esses últimos, destacam-se La Condamine, A.R. Ferreira, Spix e Martius, Castelneau, Agassiz, Orton, Brown. Todos esses investigadores contataram índios, uns pacificamente, outros não.

A Bandeira de Fernão Dias Pais, que esteve no local em 1673, contribuiu para a abertura dos chamados *caminhos gerais* para as Minas. Nessa empreitada, os bandeirantes contavam com a ajuda dos índios tupi, oriundos do litoral brasileiro. Segundo Capelle⁶²,

O movimento das **bandeiras**, agentes de civilização, está relacionado com os indígenas: uma das finalidades dos bandeirantes era capturar os índios para escravizá-los e, um dos resultados imediatos foi a mestiçagem racial (mamelucos) seguida da mestiçagem cultural, pelo intercâmbio de usos e costumes. Aliás, se bem que o tupi não tenha sido a língua oficial das bandeiras, como quer Teodoro Sampaio, ela foi no entanto responsável pela riqueza e propriedade dos numerosos topônimos descritivos da nossa geografia.

Orientados pelo Pico do Itambé, os exploradores seguiram até a confluência dos rios Pururuca – espécie de cascalho em língua tupi⁶³ – e o Rio Grande, encontrando ali o Tijuco, que significa em tupi lameiro.⁶⁴

Sabe-se que, no Tijuco, os desbravadores, sedentos de riquezas não se intimidavam diante dos perigos existentes nas matas, das fortes correntezas e dos precipícios. Eram determinados e usavam de intuição para alcançar seus objetivos. Nesse sentido, Santos (1976, p. 41) diz:

⁶² CAPELLE, 1980, p. 180.

⁶³ Idem, p. 1090.

⁶⁴ Cf. CUNHA, 1999, p. 289.

Eram homens ousados e intrépidos esses aventureiros que se embrenhavam pelos sertões das Minas em busca do ouro; de vontade firme, pertinaz, inabalável. Cegos pela ambição arrostavam os maiores perigos; não temiam o tempo [...] e mais que tudo o indômito e vingativo índio antropófago, que lhes devorava os prisioneiros, e disputava-lhes o terreno palmo a palmo em guerra renhida e encarniçada. [...] vinham em corpos separados, ou companhias armadas que se chamavam bandeiras. [...] Onde se achavam? Era preciso sabê-lo para não perderem o rumo. Mas não traziam bússola, não possuíam relógio, não conheciam as estrelas: e para quê? Olhavam para o Itambé, que se assoberbava sobranceiro no horizonte, com seu pico sempre coroado de vapores, como o cone gigantesco de um vulcão extinto perfurando as nuvens: era o farol granítico dos viajantes, era o centro de um círculo de sessenta léguas de diâmetro, que podiam resolver sem receio de se extraviarem. (Anexo 2)

Os brancos tiveram, no início, dificuldades em se estabelecer na região em estudo por causa da presença dos índios, com os quais lutaram e aprenderam suas estratégias de sobrevivência. Guerrearam, com vantagem, porque possuíam armas de fogo e venciam com facilidade os inimigos bravios que, por sua vez, em fuga, sofreram migrações sucessivas. Supõe-se que os bandeirantes se apropriaram de muitos dos costumes, da cultura e não menos dos nomes de lugares dados por eles. Explica Santos (1976, p. 42),

Já eram homens meio bárbaros, quase desprendidos da sociedade, falando a linguagem dos índios, adotando muitos dos seus costumes, seguindo muitas de suas crenças, admirando a sua vida e procurando imitá-los. Muitas serras, muitos rios, muitos lugares, que conhecemos com os nomes indígenas, foram batizados por eles.

Sobre a existência de qualquer vestígio linguístico em uma região cuja cultura foi dizimada, destaca Dick (1990b, p. 21),

Os fatos mencionados serão suficientes, por certo, para ilustrar a comparação entre as antigas expressões toponomásticas reveladoras, por vezes, como se disse, não apenas dos característicos típicos de uma região, firmados na nomenclatura, descritiva ou associativamente, como também das línguas porventura faladas no local, em épocas anteriores – e as espécies animais e vegetais fossilizadas.

Com a descoberta de diamantes, o *Arraial de Tijuco*, por volta de 1734, foi transformado em Centro Político Administrativo do Distrito de Diamantino, tornando-se exclusividade da Coroa Portuguesa. De acordo com Saint-Hilaire (2004, p. 13),

Submetido a uma administração particular, fechado não somente aos estrangeiros, mas ainda aos nacionais, o Distrito dos Diamantes forma como que um estado à parte, no meio do vasto Império do Brasil. Esse distrito, um dos mais elevados da Província de Minas, está encravado na comarca do Serro Frio. [...] Rochedos sobranceiros, altas montanhas, terrenos arenosos e estéreis, irrigados por um grande número de riachos [...], eis o que se nos apresenta no Distrito dos Diamantes; e é nesses lugares selvagens que a natureza se contenta em esconder a preciosa pedra que constitui para Portugal a fonte de tantas riquezas. [...] Por um decreto de 8 de fevereiro de 1730, os diamantes foram declarados propriedade real.

Para que o fisco fosse dinamizado, em 1739 foi estabelecido o Contrato, no qual apenas o contratador poderia explorar as jazidas diamantíferas, ampliando a exploração de garimpeiros que extraíam as mais belas e valiosas gemas. A intervenção da coroa na exploração dos diamantes ocorreu em 1771, com a criação de um código de leis destinado ao distrito denominado “Regimento Diamantino”. O livro ficou popularmente conhecido como “livro de capa verde”. O arraial acabou se transformando em “Estado dentro do Estado” e, em 1831, foi elevado à categoria de Vila. Sete anos mais tarde, assumia o nome de Diamantina. Os reflexos da atividade mineradora no município deixaram rastros expressivos na história, arte e arquitetura e na cultura em geral da cidade.

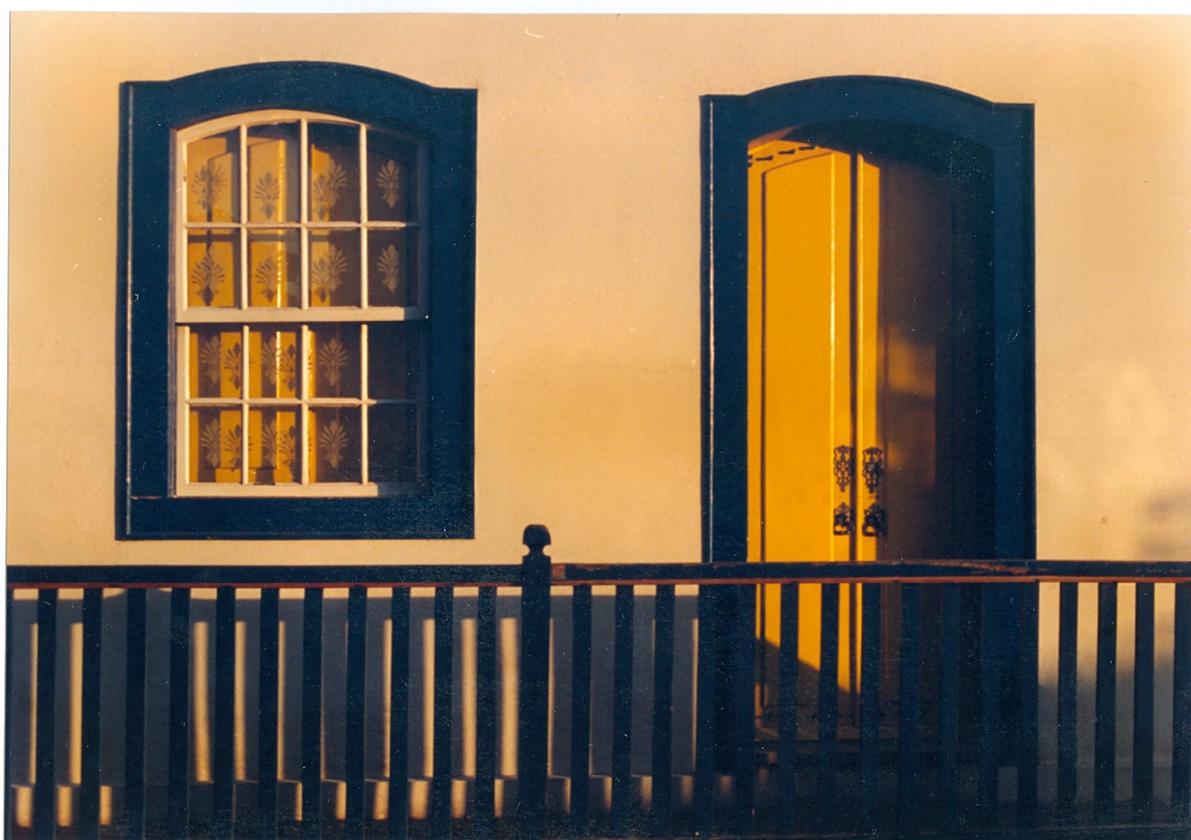


FOTO 6 – Sacada em Diamantina
Fonte: Geraldo dos Anjos

2.2.2. Os negros

Com a exploração diamantífera, um número bastante expressivo de negros passa a integrar a população emergente de Diamantina.

2.2.2.1. Escravos

A presença dos negros no Arraial do Tijuco se deu com a descoberta aurífera e permaneceu com o surgimento administrativo da Intendência dos Diamantes. A maioria dos escravos que chegavam ao lugarejo vinha da Bahia - o caminho que cruzavam detinha características semelhantes ao ambiente africano e, por isso, chegavam saudáveis. No Rio de Janeiro eram vendidos com preços menores, mas o percurso até a região diamantífera era nocivo a sua saúde e provocava, constantemente, sua morte. Instalados no Arraial do Tijuco, os africanos foram submetidos à escravidão e tiveram, ininterruptamente, papel fundamental na extração de diamantes e em outras atividades indispensáveis para o bom desenvolvimento da sociedade em expansão. Informa Saint-Hilaire (2004, p. 16) “todos os escravos ocupados nos diversos serviços⁶⁵ pertencem a particulares que os alugam à administração. Houve tempo em que seu número ascendeu a três mil.” Os contratadores tinham o número máximo de escravos para laborar no serviço, mas isso não era muito controlado. Afirma Machado Filho (1985, p. 18) que, tanto no primeiro, como nos subsequentes contratos, foi geral o abuso dos contratadores, sendo que alguns deles chegaram a empregar mais de 4000 escravos nos serviços.

De onde vinham? A origem exata desses escravos é duvidosa porque não foi possível contatar os documentos originais, mas sabe-se que pertenciam a etnias diferentes. No estudo de Nascimento (2003, p. 46), verificou-se no quadro de nacionalidade⁶⁶ de escravos na região de Diamantina parte das diferentes nações que chegaram ao espaço mineiro.

⁶⁵“ Os lugares, segundo Saint-Hilaire (2004, p. 16), onde se extraem diamantes chamam-se *serviços* [...] Os diferentes *serviços* são dotados de carpinteiros, serralheiros etc., do mesmo nível dos feitores e tendo sob suas ordens vários escravos”.

⁶⁶ IPHAN – 13ª Superintendência Regional / 16ª Sub-regional II. Biblioteca Antônio Torres/Arquivo Cartorial apud NASCIMENTO, 2003, p. 46

TABELA 1
NACIONALIDADES DOS ESCRAVOS EM DIAMANTINA

NAÇÕES AFRICANAS	NÚMERO DE ESCRAVOS	HOMENS	MULHERES
Angola	70	55	15
Baía	1	1	–
Bamba	1	1	–
Banguela	72	64	8
Benguela	30	29	1
Barba	2	2	–
Baré	1	–	1
Cabinda	20	15	5
Cabra	42	31	11
Cabunda	1	1	–
Cafance	1	1	–
Camundaí	1	1	–
Camundongo	2	2	–
Casange	22	22	–
Cobu	3	3	–
Coirono	1	1	–
Congo	64	56	8
Crioulo	235	134	101
Fapa	1	1	–
Gomé	1	1	–
Ganguela	34	32	2
Guisamão	1	1	–
Hambá	1	1	–
Lada	2	2	–
Male	13	13	–
Malede	1	1	–
Mandinga	1	1	–
Maqui	2	2	–
Meçumbe	1	1	–
Mestiço	2	2	–
Migumbe	1	1	–
Mina	46	35	11
Mina Ayone	1	1	–
Moçambique	10	7	3
Mocumbe	1	1	–
Mogambe	2	2	–
Mogumbe	3	3	–
Mongol	1	1	–
Monjolo	6	6	–
Moquembe	2	2	–
Mucumbe	1	1	–
Mugambe	1	1	–
Mulato	33	16	17
Muleque	2	2	–
Mumbeé	1	1	–
Mumbueiro	2	2	–
Nagô	31	29	2
Nagore	1	1	–
Pardo	18	9	9
Quimeixa	1	1	–
Rebolo	39	37	2
Renuto	1	1	–
Sabá	1	1	–
Sabará	1	1	–
Sabareu	1	1	–
Sam Thomé	2	1	1
Soborcé	1	–	1
Tambu	1	1	–
Tapa	6	6	–
Timba	1	1	–
Timbu	2	2	–
Topa	1	1	–
Xambó	1	1	–
S/nacionalidade	63	50	13
Total	914	702	212

Fonte: Nascimento (2003, p. 46)

Esse quadro registra 63 nações africanas identificadas através de inventários. Certamente as marcas culturais eram fatores que colaboravam com a permanência e sobrevivência da raça. Para Altuna⁶⁷ diante de tamanha aglomeração “de raças, sub-raças, clãs, tribos, ciclos culturais, línguas e dialetos, tem-se a impressão de que é impossível em África qualquer homogeneidade e que o parentesco primitivo se diluiu completamente.” Tantas diferenças interferiram também na língua. Que língua falavam? Qual foi a cultura predominante? Para Machado Filho (1985, p. 118) “nos primeiros tempos do arraial, os brancos representavam fraca minoria. Eram, por isso, forçados a aprender o linguajar bárbaro. E só lentamente é que a língua de cultura superior veio a primar, como é normal”. A língua dos escravos foi conservada através das cantigas, entendida como prática discursiva social e cultural e era conhecida pelos falantes no período em que esse autor fez seus registros, como língua de Angola, língua banguela e nagô. A respeito da aquisição da língua africana explana o autor:

feitores e vigias e donos de lavras precisavam aprender a língua banguela, para entender os escravos e os fiscalizar. E é de notar que esses, seguindo o impulso natural de que as gírias derivam, alteravam de propósito as palavras, ampliando-as ou encurtando-as.

Assim, criavam novos itens léxicos – mostrando o poder da língua, confundindo o feitor e, conscientemente ou não, provocando um movimento de resistência linguística.

2.2.2.2. Manifestações culturais

A presença de negros era percebida por suas manifestações sócio-culturais. Toda a região de Diamantina tinha lavra e aí havia os escravos. Minerar era a função primordial para a subsistência da Comarca. São João da Chapada, distrito de Diamantina, no auge da sua existência e produção, recebeu em massa os povos africanos. Afirmo Machado Filho⁶⁸ que o negro, com suas cantigas, tornou-se o dono das primeiras casas do arraial, influenciando fortemente na economia, costumes e credences. Sobre a forma como eram tratados, em viagem ao local, em 1817, Saint Hilaire (2004, p. 16) registra,

Cada semana os negros recebem para sua alimentação um quarto de alqueire de fubá, certa quantidade de feijão e um pouco de sal; a esses víveres junta-se ainda um pedaço de fumo de rolo. [...] Os negros comem três vezes por dia. Como dispõem de muito pouco tempo durante o dia, são eles obrigados a cozinhar seus alimentos à noite e às vezes não dispõem de outro combustível além de ervas secas. [...] Obrigados a estar continuamente dentro da água durante o tempo da lavagem do minério e consumindo alimentos pouco nutritivos, quase sempre frios e mal cozidos, tornam-se pela debilidade do tubo intestinal, morosos e apáticos. Além

⁶⁷ ALTUNA apud NASCIMENTO, 2003, p. 48.

⁶⁸ Ibidem, p. 15.

disso, correm frequentemente o risco de serem esmagados pelas pedras que se destacam das jazidas ou soterradas pelos desmoronamentos. Seu trabalho é contínuo e penoso. Sempre sob as vistas dos feitores eles não podem gozar um instante de repouso. Todavia quase todos preferem a extração dos diamantes ao serviço de seus donos. O dinheiro que eles conseguem pelo furto de diamantes e a esperança que nutrem de conseguir alforria [...] são, sem dúvida, as causas principais dessa preferência mas há ainda outras. Reunidos em grande número esses infelizes se divertem em seus trabalhos; cantam em coro canções de suas terras.

Os negros, que começavam a trabalhar antes mesmo do nascer do sol, mantiveram na rotina o costume da cantoria. Cantavam nos *serviços* cantigas especiais para todos os momentos do dia, da noite e da madrugada. Essas cantigas, conhecidas como *vissungos*, são conforme Queiroz⁶⁹ uma leitura nagô-iorubá dos cantos de tradição banto. Assinala Machado Filho⁷⁰

Das peculiaridades étnicas da população sanjoanense e do especial teor de vida deriva a grande importância das cantigas de negros entoadas nas lavras. [...] este canto de trabalho ainda hoje são chamados *vissungos*. Pelo geral, dividem-se em *boiado*, que é o solo, tirado pelo *mestre* sem acompanhamento nenhum, e o *dobrado*, que é a resposta dos outros em coro, às vezes com acompanhamento de ruídos feitos com os próprios instrumentos usados na tarefa. [...] alguns patrões não queriam saber das cantigas por causa do tempo que tomavam. Volta e meia, o pessoal saía dançando, batendo em ritmo imperioso, carumbés e almocafres.

Atualmente, no território diamantino, há várias manifestações culturais: a dança chula, a folia de reis, que acontece entre os dias 24 de dezembro a 6 de janeiro, a capoeira, a música instrumental com a Banda Musical Santa Cecília de São João da Chapada, entre outras que não foram registradas. Durante o trabalho de coleta foi possível fotografar a dança Chula. Muitos dos integrantes da comunidade afirmaram que a dança e as músicas foram ensinadas pelos seus antepassados escravagistas. O canto e a dança, essências para a expressão da cultura negra, estão presentes na rotina dessa comunidade. Na foto a seguir observa-se a dança chula que é realizada pelas mulheres. Os homens participam tocando os instrumentos e entoando as cantigas.



FOTO 7 - Dança Folclórica: Chula
Fonte: Acervo pessoal

⁶⁹ Suplemento literário: Cantos Afro-descendentes *Vissungos*. Belo Horizonte, outubro de 2008. Edição especial. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. p. 4

⁷⁰ MACHADO FILHO, p. 1985:65-66.

Os estudiosos são unânimes em afirmar que eles, os negros, no tempo da escravidão, ainda que em país estrangeiro e sob muita pressão, nunca deixaram de expressar os seus costumes. Acreditamos que, com isso, a manifestação linguística decorrente desses fatores foi preservada em alguns de seus elementos, principalmente em suas canções.

2.2.2.3. Práticas religiosas

Entre os negros, supersticiosos e adeptos às crendices, a religião era híbrida, marcada pelo paganismo e cristianismo, intensamente praticados. Eles herdaram de seus antepassados algumas práticas a saber: a dança aos deuses, cantoria, benzeções, batida de tambores, rituais de feitiçaria, bem diferentes das propostas pela religião católica. Exerciam as duas religiões, simultaneamente. Criavam nos sonhos e a eles davam significados segundo sua vivência. Nesse sentido, ressalta-se aqui o valor dado ao boi e às suas partes. Sobre esse tema referente ao totemismo do boi, registra Machado Filho (1985, p. 47)

Sonhar com um boi à distancia é diamante certo, mas demorado. Se ele aparece mais perto, mostra que o diamante não tarda. Sairá na primeira lavagem, se a pessoa luta com o boi durante o sonho. [...] as numerosas crendices ligadas ao boi, todas elas bantos, tem aqui força de sobrevivência totêmica. [...] chifres de boi enfiados nas cercas de roças e hortas, preservam-nas contra mau-olhado e coisa-feita. [...] chá de excremento bovino é um específico contra coqueluche e outros males. Queimar estrume de boi à porta ou dentro das casas imuniza-as contra a entrada de doenças ruins e feitiços. [...] o felizardo que possuir uma “pedra de bucho,” pequena bola consistente e esponjosa encontrada no “fato ” do boi, está munido de remédio eficaz contra qualquer dor. Basta colocá-la no lugar afetado e a dor desaparece.

A respeito da prática da feitiçaria, tão comum e temida pelos negros e brancos por sua ação prejudicial, informa esse autor, que ela pode ser dividida em “muamba”, coisa-feita, mandinga de que é vítima a pessoa ou os seus bens (o gado que morre, a roça que não dá, o serviço *salgado*, os negócios paralisados ou fracassados, etc.) sem que saiba qual o autor, salvo por suspeitas ou revelações do curandeiro; e “mandraca” espécie de poder superior, talvez hipnótico, que um indivíduo adquire, ou com o auxílio de orações fortes, “rezas brabas”, ou “tomando parte” com o capeta. Em Quartel⁷¹ havia muitos praticantes de mandraca, os mandraqueiros; continua o autor: “o mandraqueiro tem poderes diretos e sobrenaturais sobre as pessoas, objetos e até sobre elementos. [...] por meio de cerimonial adequado pode-se anular a ação do feiticeiro ou quebrar-lhe o encanto mágico.” Explica:

⁷¹ Vilarejo localizado no distrito de São João da Chapada em Diamantina

Basta que os interessados se reúnam, numa sexta-feira, em torno de um fogaréu alimentado com palhas de alho, folhas de guiné, fumo de corda bem ruim, etc., e para ali conduzam o feiticeiro, com quem aplicam um longo defumatório daquela fumaça de cheiro nauseabundo, quebrando-lhe, depois, nas costas, uma porção de ovos chocos e dando-lhe uma surra com “pau” de fumo. Consta que esse processo foi largamente empregado em Quartel, quando a maioria do povo resolveu acabar com os feiticeiros. Vivem ainda algumas negras velhas, outrora tidas como “caquis”, que dizem, foram a ele submetidas. (cf. p. 47)

O autor traz, ainda, informações de práticas feiticeiras que “salgam um serviço”, ou seja, torna improdutiva a terra explorada. O povo acreditava que o diamante poderia ser transformado em cristal, ouro em carvão e, somente após sete anos, retomariam a composição natural. Havia recurso para tirar o “sal”. Bastaria que, chegando junto ao prumo, o dono se despisse inteiramente, apanhasse um ramo verde sem olhar para trás e, tendo-o molhado n’água, fizesse aspersões, rodeando o serviço com os olhos fechados. Os cultos populares ganham força quando a comunidade os reconhece e pratica, mas, diante do catolicismo e da sua eficiente estratégia de persuasão, deliberada e organizada no contexto social, é quase impossível a continuidade dos ritos africanos nas espontâneas manifestações religiosas. As diferenças em conceber o Criador da humanidade e a forma com a qual se deve louvá-lo tornam-se, portanto, evidentes, abrindo espaço para o catolicismo.

A religião católica exerceu influência sobre os negros, que se preocuparam em testemunhar sua fé e, para isso, construíram, por volta de 1728, a primeira igreja de negros escravos. A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos possui uma única torre localizada ao lado da nave; ostenta bonito frontão rococó e é uma das mais antigas igrejas da cidade. Reformada em 1771, em 1779, recebeu na capela-mor a pintura de José Soares de Araújo e tem, no seu interior, quase todos os santos negros.



FOTO 8 - Igreja Nossa Senhora do Rosário
Fonte: Geraldo dos Anjos

A prática religiosa foi incrementada e valorizada por expressões folclóricas advindas de influências culturais vistas, por exemplo, na Festa do Divino e na Marujada, nos Caboclinhos e nas Pastorinhas. As Irmandades⁷² Religiosas de Diamantina do século XVIII exerciam forte poder na população e fortalecia as diferenças sociais consequentes da distinção de cor e presente no culto religioso. Veja a tabela que segue:

TABELA 2
IRMANDADES RELIGIOSAS

Irmandade Religiosa	Possível ano de fundação
Santíssimo Sacramento	1713
Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	1716
Nossa Senhora das Mercês (mulatos)	1735
Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (brancos)	1761
São Benedito	1761
Arquiconfraria de São Francisco (brancos)	1768

Os negros eram religiosos, e a devoção ao Pai Maior estava presente nos vissungos, sua cantoria. Retirados da obra de Machado Filho (1985, p. 73) são estas leituras do Pai-Nosso, dito *Pade-Nosso*, que revelam o sincretismo linguístico, ou seja, os elementos do português e do africano compartilham o mesmo espaço e religião. O canto é um pedido a Deus para que abençoe o serviço e a comida.

I

Solo: *Otê! Pade-Nosso cum Ave-Maria, securo câmera qui t'Angananzambê, aiô..*

Coro: *Aiô!.. T'Angananzambê, aiô!..*

Aiô!.. T'Angananzambê, aiô!..

É calunga qui tom'ossemá,

ê calunga qui tom'Anzambí, aiô!..

II

Ai! ai!ai!ai!

Pade-Nosso cum Ave-Maria,

qui tá Angananzambê-opungo.

Ei! dunduriê ê.

Os africanos, apesar de todos os obstáculos, conseguiram manter alguns de seus costumes. Os quilombos, localizados em locais protegidos e distantes da cultura dominante, teve papel importante na conservação de seus hábitos e crenças. Só em São João da Chapada o autor⁷³ cita seis quilombos: *Caiambolas*, *Maquemba*, um outro perto do córrego da *Formiga*, o quilombo de *Antônio Moange*, na Valvina, perto do morro do Macumba; um na

⁷² Disponível em: <<http://www.gentree.org.br/artigos/irm-mg.htm>>.

⁷³ MACHADO FILHO, 1985, p.56.

Madalena e outro nos terrenos da fazenda de *Bezerra*. Os vissungos são os que mais retiveram elementos reveladores da cultura trazida da África, e, entre esses elementos, os linguísticos.

2.2.2.4. Resistência linguística

Com as letras dos vissungos, foi possível perceber um processo de resistência linguística quando, na sua rotina entre os seus familiares e amigos, os negros que permaneciam na região de Diamantina, conservavam termos próprios da sua língua materna. Desse movimento de interação oral resultaram vocábulos dos campos lexicais: religião, folclore, sociogeográfico, culinária e étnico, fortalecendo, assim, o vínculo com a cultura dos seus antepassados. Os estudos linguísticos revelam que a língua, no seu dinamismo, constitui a memória e o testemunho de parte da trajetória de um povo. Em São João da Chapada, registraram-se traços da língua banto, herdados dos antigos quilombolas. Para Castro,⁷⁴

vissungos recolhidos por Aires da Mata Machado Filho em São João da Chapada e mais recentemente por Lúcia Nascimento⁷⁵ no município do Serro [...] trata de falares de base portuguesa lexicalizados por línguas do grupo banto [...] falado em Benguela, no Centro-Sul de Angola [...] a denominação *vissungo* corresponde ao substantivo umbundo *ovissungo*, plural de *ocisungo*, que significa louvores e ocorre geralmente na expressão *imba ovissungo*, cantar, louvar, exaltar (cf. Daniel, 2002, s/v.)⁷⁶ [...] à medida que a profundidade sincrônica revela uma antiguidade diacrônica, essa influência (do banto) torna-se mais evidente pelo grande número de palavras do banto completamente integrada ao sistema linguístico do português e de derivados portugueses formados de uma mesma raiz banto por meio de prefixos ou sufixos, tais como *nleeke*, menino, jovem, que derivou em *moleque*, e depois *amolecar*, *molequinho*, *molecote*. Em outros casos, o lexema banto chega a substituir completamente a palavra portuguesa equivalente, como *caçula* por *benjamim*, *corcunda* por *giba*, *moringa* por *bilha*, *marimbondo* por *vespa*, *cochilar* por *dormitar*, *bunda* por *traseiro*.

Diamantina e seu entorno manifestava a cultura negra! *Bambá*, *Cafundós*⁷⁷, *Candongá*⁷⁸, *Carimbo*⁷⁹, *Macaco*⁸⁰, *Maçorongo*⁸¹ são alguns exemplos da toponímia africana. Era comum o quilombo nas serras, em locais de pouco acesso. Hoje em dia, o maior grupo de negros se encontra em São João da Chapada e em Quartel do Indaiá.

⁷⁴ CASTRO, 2008, p.7.

⁷⁵ NASCIMENTO, 2003.

⁷⁶ DANIEL, 2002.

⁷⁷ Nomeia pasto.

⁷⁸ Nomeia serra e lugar denominado.

⁷⁹ Nomeia córrego.

⁸⁰ Nomeia povoado e córrego.

⁸¹ Nomeia serra.

2.2.2.5. Chica da Silva

Amante do Contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, o homem mais famoso e rico de Diamantina no século XVIII, Chica da Silva alimenta o mito da negra que vivia como rainha entre os brancos, ou seja, vivia conforme os padrões que a sociedade da época impunha – frequentava a elite e todas as irmandades brancas do Tijuco; foi mãe – teve 15 filhos, 13 com João Fernandes de Oliveira. Todos os filhos tiveram a melhor educação da época – os homens estudaram em Portugal, voltaram com o pai e receberam títulos de nobreza.

Na obra *Memórias do Distrito Diamantina*, Joaquim Felício dos Santos, primeiro escritor a narrar fatos sobre essa negra, relata⁸²

Dominadora no Tijuco, com a influência e poder do amante, fazia alarde de um luxo e grandeza, que deslumbravam as famílias mais ricas e importantes; quando por exemplo ia às igrejas – e então era aí a que se alardeavam grandezas – coberta de brilhantes e com uma magnificência real, acompanhavam-na doze mulatas esplêndidamente trajadas: o lugar mais distinto do templo era-lhe reservado. Quem pretendia um favor do Contratador a ela primeiramente devia dirigir-se na certeza de ser atendido, se conseguia granjear-lhe a proteção. Os grandes, os nobres, que vinham a Tijuco, os enfiados de sua fidalguia, não se dedignavam de render-lhe homenagem, curvavam-se a beijar a mão à amante de um vassalo do Rei. Tal é o poder do dinheiro! Esse vassalo era milionário, e em todos os tempos o ouro foi sempre o escolhido, em que se quebrou o orgulho da fidalguia.

Na fala do povo, Chica da Silva era uma escrava alforriada e sedutora. Sua fama de mandona, exigente e cruel corre, até hoje, por ruas e becos.

A casa que abrigou, em Diamantina, essa escrava, Francisca da Silva Oliveira, o contratador João Fernandes de Oliveira e seus filhos, no período entre 1763 e 1771, é hoje ponto de visitação e sede do Instituto do Patrim nio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.



FOTO 9 - Casa de Chica da Silva (1763 a 1771)

Fonte: Acervo pessoal

⁸² SANTOS, 1976, p.123.

2.2.3. O tropeiro, o garimpeiro, o faisgador

Em Diamantina a maioria das atividades, quase todas de caráter oficial, era exercida, no período diamantífero, pela Coroa Portuguesa; entre elas, destaca-se a de Contratador de Diamantes – ofício que deveria controlar entrada e saída de pessoas no Arraial do Tijuco, a conduta da população, a retirada de diamantes, a sua exploração, venda e exportação.

Havia, também, aqueles ofícios tidos como não-oficiais, destinados a atender as necessidades do momento. Dentre esses ofícios, destaca-se a atividade do tropeiro, figura marcante no contexto social, com sua tropa de burros – responsável por prover a população com alimentos, espécimes variados e notícias que eram trazidos e levados para várias cidades.

Outro ofício desse período, que merece destaque é o do garimpeiro. Vivendo do garimpo de ouro, o garimpeiro inseria-se em locais de pouco acesso ou, outras vezes, já explorados; trabalhava em grupo sob o comando de um “dono de serviço”, fazendo jus a uma parte do resultado alcançado com a apuração do Cascalho.⁸³ que tirava diamantes de lavras pouco conhecidas. Grande parte da população exercia essa atividade. Santos (1976, p. 79) descreve assim os garimpeiros desta época:

Garimpo era a mineração furtiva, clandestina do diamante, e o garimpeiro o que a exercia. [...] garimpeiro tornava-se muitas vezes aquele que obrigado a expatriar-se ou a passar uma vida de misérias, porque com a proibição da mineração se lhe tirava o único meio de subsistência, ia exercer uma indústria, a mineração clandestina, que julgava um direito seu, injustamente usurpado;era aquele que, condenado a degredo para o solo ardente africano, vendo sua família na miséria, por lhe terem sido confiscados todos os bens, por qualquer arte ou casualidade escapava à punição e ia homiziar-se nos profundos recônditos de nossas brenhas, de onde poderia talvez oferecer algum auxílio à família, que fora obrigado a abandonar, e ver ainda a pátria, filhos, parentes ou amigos, de quem já se despedira para sempre;era finalmente o audaz, intrépido e ambicioso aventureiro, que ia buscar fortuna nessa vida cheia de riscos, perigos e emoções. Não se confunda o garimpeiro com o bandido. Foragido, perseguido sempre em luta com a sociedade, o garimpeiro só vivia do trabalho do garimpo, trabalho na verdade proibido pela lei - e era o seu único crime -,mas, respeitava a vida os direitos, a propriedade de seus concidadãos.

Os garimpeiros mantinham sua atividade explorando os pontos mais escondidos e iam se estabelecendo na sociedade. Essa prática é, até hoje, muito comum na região. Atualmente a exploração de diamantes em Diamantina está proibida, mas os garimpeiros alegam que a prática manual – sem bombas ainda é permitida. Nos distritos ainda se encontra, com frequência, muitos garimpeiros em atividade.

Outro ofício bastante praticado desde o período em que a Coroa detinha o poder de toda a economia é a de faisgador. Assume essa função aquela pessoa que mantém a sua

⁸³ Disponível em: <<http://www.minasdehistoria.blog.br/wp-content/arquivos/2008/02/os-garimpeiros-da-ficcao-as-representacoes-literarias-mineiras-do-universo-do-garimpo-de-ouro-e-pedras-preciosas.pdf>>.

vida com a retirada de ouro, em pequenas quantidades ou até encontrar grande quantidade do produto. Vive daquilo que consegue angariar. É prática comum àqueles que retiram uma boa pepita abrirem comércio para venda de produtos para a comunidade. A vida do faiscador é em torno da exploração – um dia é alegria e outros, dificuldades – dificilmente se estabilizam financeiramente. O nome faiscador designa aquele que minera sozinho e para isso faz uso de instrumentos específicos tais como a bateia e o almocafre. Hoje em dia, não se faz muita diferença entre o ofício de faiscador e o de garimpeiro – as funções se misturam.

2.3. CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, abordamos aspectos sócio-histórico-culturais da região de Diamantina, necessários para que entendamos o “tecido cultural” que se construiu nessa parte do território mineiro, oriundo de processos históricos em que atuaram índios, brancos e negros, nesses últimos três séculos.

O próximo capítulo tratará dos procedimentos metodológicos.



FOTO 10: Canal do Mizael em Sopa
Fonte: Acervo pessoal



[...] Pois se algum dia ainda, alguém pensa ir ao “Campo dos Cristais”, passeia-se um pouco mais, até o “Jequitinhonha”. Resiste mais do que o bronze a “Cruz da Almas”, e atesta o sítio da “Acayaca”: Mil setecentos e onze! Rio Grande passa a Vau correndo do lado leste, romance que não termina, namorando o “Burgalhau”. Os campos de Diamantina cobertos de sempre-vivas, deslumbando nossas vistas transformam-se em novas minas. [...] Faz rasante em “Ybytyra”, vê as margens do “Ypiacica” nos esponsais “Cajuby” teve a última “Tabyra”. “Yeppipo” desata a lenda de “Cururupeba”, o bravo, pois a luta sabe a sangue com Portugal na tocaia. Numa rasante bem baixa tenta ouvir “Membyapára” quando em frente a “Grupiara” ressurgirá como um Templo! Foi o final dos Puris, nosso Índio, nossa gente, povo mais bravo brioso não existe não nos Brasis.

(MOURÃO *apud* SANTOS, 2004, p. 61.)

Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos

Neste capítulo explicitaremos os procedimentos metodológicos adotados durante a elaboração desta dissertação que enfoca a toponímia coletada no município de Diamantina; apresentaremos o local de análise, os objetivos e as hipóteses que nortearam a pesquisa bem como os critérios adotados para a constituição do corpus, a transcrição e o tratamento dos dados.

3.1. O LOCAL DA ANÁLISE

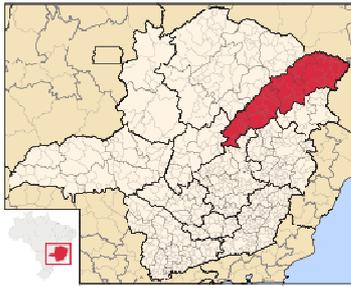
Incrustada no Vale do Jequitinhonha, umas das doze mesorregiões que integram o Estado de Minas Gerais, composta por 51 municípios, mais especificamente no Alto do Jequitinhonha, o município de Diamantina, conforme apresentamos no Capítulo 2, chamou a atenção dos colonizadores quando, nessa terra, descobriram-se os diamantes – a maior lavra de diamantes do mundo ocidental no século XVIII, aproximadamente, três milhões de quilates. Tal descoberta resultou em grandes riquezas para a região, principalmente, no período em que declinava o Ciclo do Ouro. O Ciclo do Diamante manteve, portanto, sua exuberância por mais tempo. Ainda em 1831, ano em que o arraial passou a se chamar *Vila Diamantina*, a extração e comércio de diamante originava grandes riquezas, abrigando a elite mais requintada de Minas Gerais, enquanto as cidades do ouro amarguravam a exaustão de suas jazidas.

No período em que estive no Brasil (1816-1822), em visita ao *Tijuco*, o botânico francês Saint-Hilaire assim registrou suas impressões da região:

Em toda província de Minas, encontrei homens dóceis, cheios de benevolência e hospitalidade; e os habitantes do Tijuco não possuem em grau inferior estas qualidades e nas primeiras classes da sociedade elas ainda são mais realçadas por uma urbanidade sem afetação e pelo estilo da boa companhia. Encontrei no tijuco mais ilustração que em todo o Brasil, mais gosto pela literatura e um amor mais vivo pela instrução. (in Rev. A. P. M., XX, 115)

Percebe-se que, desde o passado, a cultura foi um dos pilares da sociedade diamantinense, que preserva até hoje, em suas raízes, manifestações artísticas culturais, com traços sobreviventes da cultura indígena e da cultura negra.

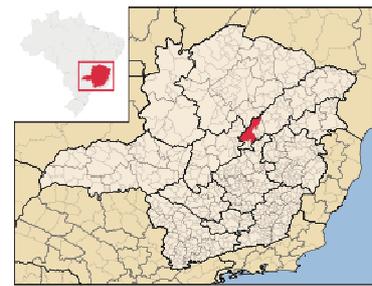
Em nosso estudo, conforme já apontamos na Introdução deste trabalho, destacamos o Vale do Jequitinhonha, o Alto Jequitinhonha, a microrregião onde se localiza o município de Diamantina.



Mapa 3 - Vale do Jequitinhonha



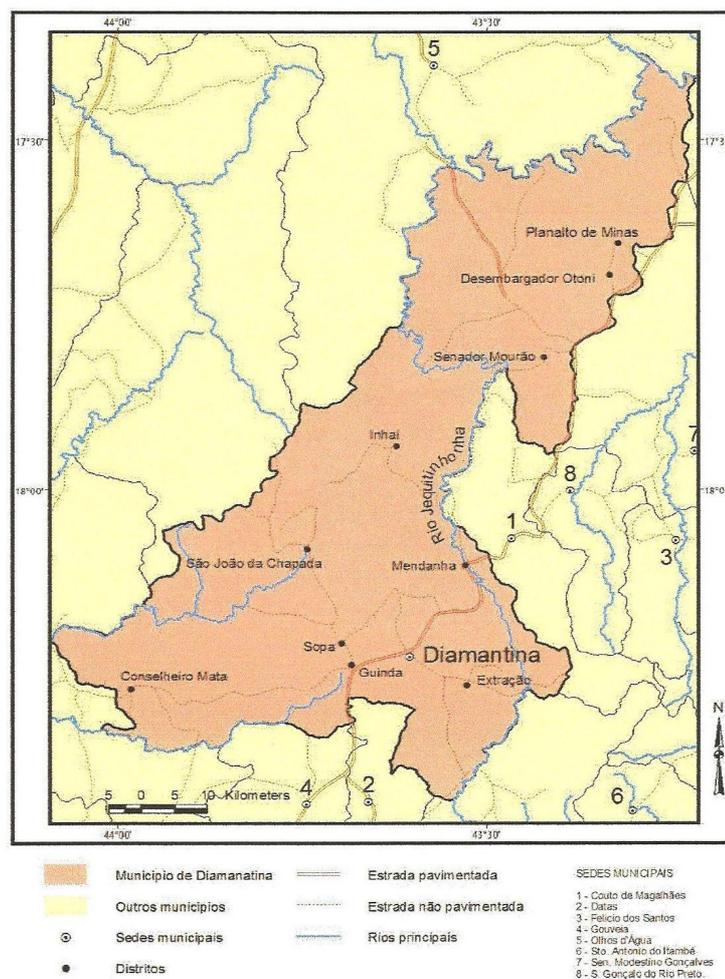
Mapa 4 - Alto do Jequitinhonha



Mapa 5- Diamantina

Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Jequitinhonha>. Acesso em abr. 2010

Voltamos nossa atenção para as áreas rurais, povoados e distritos diamantinos, esses últimos – Conselheiro Mata, Desembargador Otoni, Extração, Guinda, Inhaí, Mendanha, Planalto de Minas, São João da Chapada, Senador Mourão e Sopa –, apontados no mapa, mostrado a seguir:



MAPA 6 - Município de Diamantina

Fonte: Francisco de Abreu⁸⁴

⁸⁴ ABREU *apud* KELLY, 2006, p. 11.

3.2. OBJETIVOS E HIPÓTESES

No capítulo anterior, mostramos que vários fatores influenciaram, desde o período colonial, a cultura local do município de Diamantina. Cientes de que os locativos, mais especificamente, os nomes de lugares, integram-se a essa cultura local, guardando “memórias” de tempos pretéritos, uma vez que, a nomeação, conforme aponta Dick (1990, p. 29), *incede-se como atividade bastante significativa ao homem, complementar, muitas vezes, do perfeito entendimento da realidade circundante*, realizamos um estudo toponímico nessa região. Para atingir nosso propósito, tivemos como objetivos:

- Realizar pesquisa de campo no município de Diamantina;
- Transcrever as entrevistas gravadas nessa pesquisa de campo;
- Buscar, no Banco de Dados do Projeto ATEMIG⁸⁵, os topônimos do município de Diamantina, oriundos de Cartas Geográficas do IBGE – coletados e analisados por membros desse Projeto;
- Buscar e analisar, em Cartas Geográficas antigas, a toponímia dessa região;
- Constituir, assim, um *corpus* com todos os topônimos presentes em Cartas Geográficas, atuais e antigas, referentes ao município de Diamantina;
- Analisar a toponímia coletada nessas gravações orais;
- Catalogar os dados;
- Estudar a origem dos topônimos;
- Descrever sua estrutura morfológica;
- Levantar aspectos sócio-culturais da região estudada para auxílio à análise do *corpus*;
- Investigar casos de variação, mudança e retenção linguísticas – após análises sincrônicas e diacrônica, envolvendo dados de língua oral contemporânea, escrita contemporânea e escrita antiga;
- Construir um glossário da toponímia do município de Diamantina;

Acreditamos que, através da toponímia, pela manutenção de nomes de lugares, teremos registrados elementos étnicos, históricos, linguísticos e culturais dos habitantes que outrora viveram nessa região. Com isso, estaremos contribuindo para com o estudo sócio-histórico não só da língua portuguesa falada na região, mas, também, das línguas indígenas e africanas, cujos traços se traduzem bastante representativos no município em destaque.

⁸⁵ Inscrito na Câmara de Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

3.3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Nosso trabalho, que se insere na linha de variação e mudança, desenvolveu-se nos moldes da linguística laboviana. Partimos do presente, realizando análise toponímica sincrônica, fomos ao passado, em busca de dados pretéritos, presentes em fontes escritas – mapas e documentos – e, posteriormente, confrontamos as duas sincronias, dados presentes e pretéritos, realizando, portanto, análise diacrônica.

3.3.1. A coleta de dados orais

Com a finalidade de coletar topônimos comuns à comunidade diamantinense, fomos a campo e realizamos 22 entrevistas – na cidade de Diamantina e em seus distritos, a saber: Conselheiro Mata, Desembargador Otoni, Extração, Guinda, Inhaí, Mendanha, Planalto de Minas, São João da Chapada, Senador Mourão, Sopa; e, ainda, no lugarejo chamado Biribiri – nos anos de 2008 e 2009.

Preocupamo-nos em entrevistar de uma a quatro pessoas em cada localidade. Para essa tarefa, seguindo aconselhamento de Tarallo (1999, p. 27) que diz *procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade*, contamos com o acompanhamento de um morador do distrito de São João da Chapada. Isso facilitou o nosso trabalho e nos aproximou mais dos nossos informantes, já que as pessoas se sentiram mais à vontade.

Não partimos de um questionário previamente estabelecido, procurávamos, sempre quando possível, manter um diálogo informal, mas sempre visando a conhecer a toponímia local. Eram comuns questionamentos como: *Como se chama esse lugar? E aquela serra, qual é o seu nome? Conhece os rios da região? E esse povoado, o senhor sabe o porquê desse nome? Tem alguma fazenda por aqui? E garimpo, tem algum por aqui? O que significa esse nome?* Sabendo que a cultura da região ainda é marcada por garimpos e lavras, procurávamos nos orientar, em nossas conversas, por esses temas que valorizam a cultura local.

3.3.1.1. A escolha dos informantes

Os informantes selecionados se adequaram, parcialmente, aos critérios do *Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*⁸⁶, utilizados em vários trabalhos sobre a toponímia mineira, realizados na Faculdade de Letras da UFMG, dentre eles os de Seabra (2004), Menezes (2009), Carvalho (2010), segundo o qual o entrevistado deve:

- ter idade igual ou superior a 70 anos, independentemente de ser homem ou mulher;
- ter nascido e vivido a maior parte da vida na região que está sendo estudada;
- ser, preferencialmente, da zona rural;
- ter baixa ou nenhuma escolaridade.

Acredita-se que esses requisitos mantêm um perfil do entrevistado que revela um léxico bem próximo do vernacular.

Contamos com a colaboração de 37 informantes: Desses 11 não informaram seus dados e 26 se caracterizaram por apresentarem os seguintes traços:

- Quanto à escolaridade: 43,75% não completaram o ensino fundamental, 9,37% não têm escolaridade, ou seja, não chegaram a frequentar a escola, 3,12% possuem o ensino médio cursado no exército, 43,75% não informaram a escolaridade.
- Quanto à idade: 9,4% dos informantes tinham menos de 70 anos no ano das entrevistas, 21,87% estavam na faixa entre 70 e 80 anos, 28,12% tinham entre 80 e 90 anos, 3,12% estavam entre 90 e 100 anos, 37,5% não informaram a idade.
- Quanto ao sexo: 56,25% eram do sexo masculino e 43,75% do sexo feminino.
- Quanto à ocupação profissional: 34,37% eram garimpeiros, 12,5% donas de casa, 4,5% domésticas, 4,5% marceneiros, 4,5% coreógrafas, 4,5% auxiliares de serviços, 4,5% professoras e 4,5% bibliotecárias, 34,37% não informaram a profissão.

⁸⁶ Projeto que visava à descrição da língua contemporânea e caracterização do português rural de Minas Gerais com o objetivo de se identificarem fenômenos linguísticos que tivessem sido preservados em determinadas redes sociais. Realização: 2002 a 2006. Faculdade de Letras/UFMG.

Algumas entrevistas contaram com mais de um informante, por isso, na contagem geral, realizamos 22 entrevistas, distribuídas em locais diversos, abaixo arrolados:

5 em Diamantina (22,73 %), 2 em Curralinho (9,09%), 1 em Biribiri (4,5%), 1 em Sopa (4,5%), 4 em São João da Chapada (18,18%), 1 em Guinda (4,5%), 1 em Conselheiro Mata (4,5%), 1 em Planalto de Minas (4,5%), 2 em Desembargador Otoni (9,09%), 1 em Senador Mourão (4,5%), 1 em Mendanha (4,5%), 2 em Inhaí (9,09%).

3.3.1.2. As transcrições

As entrevistas, depois de gravadas, foram transcritas, seguindo as regras já estabelecidas pela equipes dos Projetos *Filologia Bandeirante*⁸⁷ e *Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais* -, seguidas pelos trabalhos realizados por Seabra (2004), Menezes (2009), Carvalho (2010). Não se trata de uma transcrição fonética, mas sim de uma transcrição ortográfica. Essas transcrições, digitadas, formatadas e enumeradas, encontram-se, no CD-Rom, anexo a este volume.

Procuramos, na medida do possível, observar as seguintes normas postuladas pelos dois Projetos acima citados, que são:

- a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- deve ser adequada aos fins;
- deve permitir a compreensão do significado do texto;
- deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica⁸⁸;
- deve facilitar ao leitor a criação de uma “imagem” do texto elaborado no plano da oralidade⁸⁹.

Sobre nossas transcrições, salientamos que:

1. Nem tudo será registrado, levando-se em consideração o que é categórico no dialeto, o alçamento das postônicas não será marcado como:

angico = angicu

2. Serão registrados:

a) alçamento das pretônicas:

Jiquitionha = Jequitionha

⁸⁷ Projeto interinstitucional (UFMG/USP/UFMT/UFGO) cujo objetivo inicial foi a coleta de dados lingüísticos da fala de pessoas idosas tendo como eixo a rota da bandeira de 1674 de Fernão Dias. O objetivo ulterior era o da identificação de arcaísmos em cotejo material do português medieval. Realização: 1998 a 2002. Faculdade de Letras / UFMG.

⁸⁸ FERREIRA NETO; RODRIGUES, 2000.

⁸⁹ *Ibidem*

b) redução dos ditongos [ow], [ey] e [ay] será grafada ortograficamente como pronunciada:

capuera = capoeira

riberão = ribeirão

passo, passô = passou

c) ausência do -r:

- no final dos verbos: *falá = falar*

- no meio dos nomes: *dento = dentro*

- no meio dos vocábulos: *pá = pra; pimeiro = primeiro*

d) ausência do -m final, desnasalização:

home = homem

e) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas:

alembirá = lembrar

f) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo:

ma' = mas

o'tro = outro

g) paragoge:

flore = flor

h) iotização grafando com i:

vermeio = vermelho

i) epêntese – acréscimo de vogal no interior da palavra:

adevogado = advogado

j) aglutinação, com apóstrofo:

dex'eu = deixa eu

d'eu = de eu

l) pronomes *ele, ela, eles, elas, eu, daquele, daquela, daqueles, daquelas, neles, nelas e você* serão grafados como realizados:

ocê = você

cê = você

ês = eles

és = elas

ê = ele

nês = neles

daquês = daqueles

daqués = daquelas

m) rotatização – transformação do l em r:

parmital = palmital

arto = alto

3. Indicações de:

- hesitação, pausas longas ou raciocínio perdido: serão indicados com o sinal de reticências [...];
- pausas curtas: serão marcadas com vírgula [,];
- sentenças declarativas ou conclusão de raciocínio: serão indicadas com o sinal de ponto final [.];
- sentenças com entonação de pergunta: serão indicadas com o sinal de interrogação [?];
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: [()];
- comentários: [(());
- sobreposição de fala: [{ }];
- discurso direto: [“ ”];
- ênfase: maiúsculas [por NADA];
- truncamento: barra [Deu/ dei aula];
- pausa na entrevista: tracejado contínuo [-----].

Após a realização da tarefa de transcrição das 22 entrevistas, selecionamos 407 topônimos diamantinenses que passaram a constituir nosso *corpus* oral.

3.3.2. Os dados escritos

Os dados escritos contemporâneos foram extraídos do banco de dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, em desenvolvimento na Faculdade de Letras da UFMG, desde março de 2005, coordenado pela Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Esse banco de dados, que vem sendo construído ao longo desses anos, abriga toda a coleta toponímica, realizada em cartas geográficas do IBGE, referente aos 853 municípios mineiros. Em 2006, integramos a esse Projeto como membro voluntário, ajudando a coletar a toponímia do município de Diamantina - cerca de 580 nomes de lugares. Lançamos mão, nessa pesquisa, dessa coleta toponímica, realizada em 6 cartas topográficas que registram toda a área geográfica desse município.

- 1) Carta Topográfica Diamantina - Folha: SE – 23 – Z – A – III. Carta do Brasil – Escala 1:100 000 / Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 2) Carta Topográfica Curimataí - Folha: SE – 23 – X – C – VI. Carta do Brasil – Escala 1:100 000 / Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 3) Carta Topográfica Carbonita - Folha: SE – 23 – X – D – IV. Carta do Brasil – Escala 1:100 000 / Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 4) Carta Topográfica Itacambira - Folha: SE – 23 – X – D – I. Carta do Brasil – Escala 1:100 000 / Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 5) Carta Topográfica Rio Vermelho - Folha: SE – 23 – Z – B – I. Carta do Brasil – Escala 1:100 000 / Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 6) Carta Topográfica de Corinto - Folha: SE – 23 – Z – A – II. Carta do Brasil – Escala 1:100 000 / Primeira edição, 1979. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.

Os dados da língua escrita que registram a forma pretérita dos topônimos foram retirados de cartas topográficas e mapas do século XVIII, XIX. Foram utilizadas as seguintes cartas:

- Mapa I - Distrito dos Diamantes - Mapa da demarcação da terra que produz diamantes - post 1729;
- Mapa II - Carta Topográfica das Terras entremeyas do sertão e destrito do Serro Frio com as novas minas dos diamantes - oferecida ao Eminentissimo Senhor Cardeal da Mota. Por Jozeph Rodrigues de Oliveyra, capitão mandante dos dragões daquelle Estado – 1731;
- Mapa III - Mapas Regionais [MAPA da região entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí]. (Região de Minas Novas, 16°. 30' - 18° S) Diogo Soares. ca. 1734/5⁹⁰;

⁹⁰Conforme Mendes (2009, p. 77) “ Os mapas feitos entre 1734 e 1735 fazem parte da primeira demarcação das terras diamantinas, que ficou a critérios de dois padres matemáticos, a saber, Diogo Soares e Domingos Capassi. Pelo trabalho deles, foi feito o mapeamento de grandes partes do interior do Brasil, e determinadas ainda as coordenadas geográficas de muitos lugares. Foi a base para o conhecimento topográfico do Brasil no século XVIII.”

- Mapa IV - Distrito dos Diamantes Carta Topográfica das Terras Diamantinas em que se descrevem todos os Rios, corgos e lugares mais notáveis que nella se contem. Para ver o ILLmo. Exmo. Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado - ca. 1770;
- Mapa V - Distrito dos Diamantes Mapa da Demarcação Diamantina – 1776;
- Mapa VI - Mapa da Comarca do Serro Frio - 1778 - Acervo Arquivo Histórico do Exército-RJ – José Joaquiim da Rocha Ofes anno 1778;
- Mapa VII - Distrito dos Diamantes – Mapa da demarcação Diamantina acrescentando [A]THE ORIO PARDO. Feito por Antônio Pinto de Miranda – 1784;
- Mapa VIII - Distrito dos Diamantes Demarçããm Diamantina. Com 18 legoas de comprimento, que fazem huma circunferencia de 51 Legoas - ca. 1787;
- Mapa IX - Capitania Planta Geral da Capitania de Minas Geraes - ca. 1800;
- Mapa X - Capitania - Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes – 1804;
- Mapa XI - Divisões Administrativas - Mappa da Freguesia da Villa do Principe que contem á Nordeste a Applicação do Rio Preto: no Centro a Demarcação Diamantina, encravada nesta, e em parte da Freguezia do Rio Vermelho ao Oriente; e a Sudeste o Território da Villa do Principe, Itambé, Rio do Peixe e Guanhês. Por C.L. Miranda em Tejuco. – 1820;
- Mapa X - Capitania Theil der neuen Karte der Capitania von Minas Geraes. Aufgenommen von W. von ESCHWEGE. – 1821;
- Mapa XI - Província Carta Chrographica da Provincia de Minas Geraes, coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antigos e das observações mais recentes de vários Engenheiros, por Ordem do ILLMO. e EXMO. Sr. Doutor Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, Presidente desta Província. Por Frederico Wagner. Ouro Preto. – 1855.

Além dessas cartas, lançamos mão de documentos, pesquisados na cidade de Diamantina, nos seguintes locais: Biblioteca Antônio Torres, Biblioteca Professor Reinhardt Pflug – localizada na Casa da Glória. Em Belo Horizonte, consultamos documentos no Arquivo Público Mineiro e no Instituto de Geociências Aplicadas – IGA.

3.3.3. Fichas lexicográficas

Para catalogação dos dados levantados em nossos *corpora*, baseamo-nos na ficha lexicográfica proposta por Dick (1990a), adaptada por Seabra (2004) e Mendes (2009). Essa ficha, sugerida por Dick (1990a), é vista como um conjunto sistematizado de informações que

tem por finalidade a análise e a classificação do topônimo. Para nossos objetivos, adaptamos nossa própria ficha desse modelo.

Cada um dos topônimos integrantes de nosso *corpus* oral foi catalogado e classificado segundo essa tabela, modelo da ficha toponímica, preenchida por nós, mostrada a seguir:

Ocorrências Toponímicas em Diamantina

Número de topônimos coletados 407 (sem as variantes)

Legenda: AG: Acidente geográfico

IBGE: 1(Carta de Diamantina), 2(Carta de Curimatã), 3(Carta de Carbonita), 4(Carta de Itacambira), 5(Carta de Rio Vermelho), 6(Carta de Corinto)

Oral: E = Entrevista + N°. de ocorrência de topônimo = EN:N

N°:	REGISTRO ORAL		REGISTRO ESCRITO					Localização / Município: Diamantina		Taxonomia
	AG:	Topônimo	Estrutura Morfológica	IBGE	Séc. XIX	Séc. XVIII	Origem			
1	LD ou Povoado	Abadia E18:1; 19:1 Ebadia E18:2	Nf [Ssing]		Abadia (1820) f.da.		Românico (Português<Latim) <i>abbatia</i>		Hierotopônimo	
2	Rio, LD	Acaba Mundo E1:2- E6:2-E7:1 Caba Mundo E7:5	NCm [VERB+Ssing]		Acaba Mundo (1855, 1862, 1873)		Românico (Português<Latim) <i>capit + mândas</i>		Dirematotopônimo	
3	LD	Acaiaça E3:1	Nm [Ssing]				Indígena (Tupi) <i>akata ka</i>		Fitotopônimo	
4	LD, Serra do, Pasto do, Pás(x)to	Açogue E15:6	Nm [Ssing]	Açogue (1977:1)			Árabe <i>as-âq</i>		Sociotopônimo	
5	LD, córrego	Água Verde E19:2	NCF [Ssing+AD]sin g]	Água Verde (1977:3) C	Águas Verdes (1820) f.		Românico (Português<Latim) <i>água virdis</i>		Hidrotopônimo	
6	LD, Serra das	Agulha E19:1 Agulia E15:1-E19:1	Nf [Ssing]	Agulha (1977:1) Agulhas (1977:1) Serra das			Românico (Português<Latim) <i>acutilla</i>		Morfotopônimo	
7	Rio, Pasto	Alberto Mota E3:2	NCm [Ssing+Ssing]				Germanico + Românico (Português) <i>Albrecht + Mota</i>		Antropotopônimo	
8	LD, Rio	Angico E1:1	Nm [Ssing]	Angicos (1977:1) LD		Anjicos (1778) Angicos (1788)	Origem controversa		Fitotopônimo	
9	Curral	Antônio E6:1	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>Antonius</i>		Antropotopônimo	

Cada topônimo coletado em nossas entrevistas foi catalogado segundo a estrutura mostrada na página anterior. Para a compreensão de cada item da ficha lexicográfica, composta de nove colunas, seguem alguns esclarecimentos, da coluna esquerda para a direita:

As três primeiras colunas e as duas últimas referem-se aos dados coletados em entrevistas orais. A quarta, a quinta e a sexta coluna referem-se a dados escritos, coletados em cartas geográficas.

- N° - COLUNA NUMÉRICA: além de enumerar, tem como função registrar o número total de topônimos, na quantificação total.
- AG – ACIDENTE GEOGRÁFICO: trata-se da natureza semântica da denominação, ou seja, o vínculo entre o nome e o lugar. Divide-se em humanos e físicos. Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como cidade, distrito, povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, pontes⁹¹.
- TOPÔNIMO: registra o nome de lugar e suas variações fonéticas, coletados em entrevistas orais.
- ESTRUTURA MORFOLÓGICA: indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas, seguindo modelo de Seabra (2004). Adotamos:

1. Para nomes simples:

- a) Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Angico*
- b) Nm [Spl] = Nome masculino [Substantivo plural]: *Cocais*.
- c) Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Inhacica*.
- d) Nf [Spl] = Nome feminino [Substantivo plural]: *Barreras*.

2. Para nomes compostos:

2.1. Masculinos:

- a) NCm [Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Jão Perera*.
- b) NCm [Ssing + ADJsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Rio Grande*.

⁹¹ Cf. SEABRA, 2004.

- c) NCm [ADJsing+Ssing] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *São Sebastião*.
- d) NCm [Qv+Ssing+Spl] = Nome Composto masculino [Qualificativo + Prenome ou Apelido de família + Sobrenome]: *Senadô Modestino Gonçalves*.
- e) NCm [Qv + Ssing] = Nome Composto masculino [Qualificativo⁹² + prenome ou apelido de família]: *Dão João*.
- f) NCm [VERB + Ssing] = Nome Composto masculino [Verbo + Substantivo singular]: *Acaba Mundo*.
- g) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Cruzero do Cula*.
- h) NCm [ADJsing + Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Santo Antônio do Itambé*.
- i) NCm [Ssing+Spl] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo plural]: *Olimpo Martins*.
- j) NCm [NUMsing + Spl] = Nome Composto masculino [Número singular + Substantivo Plural]: *Quatro Vinténs*.
- k) NCm [Ssing + {Prep + Apl + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo singular}]: *Arraiá dos Forro*.
- l) NCm [Ssing + {Prep + Apl + Spl}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo plural}]: *Caminho dos Escravos*.
- m) NCm [Sing + Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular + Substantivo singular]: *Antônio Augusto Neves*.
- n) NCm [ADV + {Prep + Pron + Ssing}] = Nome Composto masculino [Adverbio + {Preposição + Pronome + Substantivo singular}]: *Campo d' o´tra banda*.
- o) NCm [ADV + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto masculino [Advérbio + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Campo de Cima*.

⁹² Utilizou-se, neste estudo, a nomenclatura proposta por PRADO MENDES (2000: 86) que optou pela designação *Qualificativo* (Qv) para se referir, em seu trabalho, a títulos honoríficos.

p) NCm [ADV + ADJsing] = Nome Composto masculino [Advérbio + Adjetivo singular]: *Campo Alegre*.

q) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Spl}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo plural}]: *Planalto de Minas*.

r) NCm [Ssing + NUMsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Número singular]: *Número Um*.

s) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Sing + Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Olho d' Água da Pedra*.

t) NCm [ADJsing + Spl] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo plural]: *Sinhô Amintas*.

u) NCm [NUMpl + Ssing] = Nome Composto masculino [Número plural + Substantivo singular]: *Três Corgo*.

2.2. Femininos:

a) NCf [Ssing + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Inhacica Pequena*.

b) NCf [ADJsing + Ssing] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Boa Vista*.

c) NCf [NUMpl + Spl] = Nome Composto feminino [Número plural + Substantivo plural]: *Duas Pontes*.

d) NCf [Ssing + {Prep + Asing + ADJsing + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Adjetivo singular + Substantivo singular}]: *Lapa do bom Jesus*.

e) NCf [Ssing + Ssing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Don' Ana*.

f) NCf [Spl + Ssing] = Nome Composto feminino [Substantivo plural + Substantivo singular]: *Mercês Diamantina*.

g) NCf [Ssing + {Prep + Asing + Spl}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Preposição + Artigo singular + Substantivo plural]: *Tapera de Mercedes*.

- h) NCf [Ssing + {Prep + Apl + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Preposição + Artigo singular + Substantivo singular]: *Cruz das Pedra*.
- i) NCf [Ssing + {Prep + Apl + Spl}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo plural}]: *Destilaria dos Diamantes*.
- j) NCf [Ssing + Spl] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Substantivo plural]: *Maria Nunes*.
- k) NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing + Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular + Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Capoeira de Zé da Chica*.
- l) NCf [ADV + VERB] = Nome Composto feminino [Advérbio + Verbo]: *Sempre Viva*.

No caso do topônimo analisado ser classificado como antropotopônimo – classificação dada ao “nome de lugar” constituído a partir de designativos pessoais – classificamos:

- 1) *Prenome* para nome da pessoa;
 - 2) *Apelido de família* para sobrenome;
 - 3) *Alcunha* para apelido, podendo ser depreciativo ou não;
 - 4) *Hipocorístico* para tratamento familiar carinhoso.
- REGISTRO ESCRITO: apresenta a ocorrência de formas toponímicas, em cartas geográficas referentes aos séculos XIX e XVIII, objetivando recuperar o *continuum* histórico do nome, como em: *Diamantina < Tijuco < Arraial do Tijuco*.
 - ORIGEM: buscamos obter a etimologia dos nomes. Para essa classificação, baseamos em Seabra (2004):
- a) Origem *portuguesa*: estão inseridos nessa origem os nomes oriundos de Portugal, pertencentes à língua portuguesa, que se mantiveram com a mesma significação em território brasileiro.
 - b) Origem *africana*: segundo Câmara Jr. (1985, p. 44) “*são essencialmente empréstimos lexicais com adaptação à fonologia e à morfologia portuguesa.*” Consideramos africanismos os topônimos cuja origem remetem ao continente africano, como os topônimos *Makemba, Bamba*.
 - c) Origem *indígena*: seguimos Bueno (1998), Cunha (1978) e Gregório [s.d.].

- d) Origem *híbrida*: quando o vocábulo é composto de elementos que provêm de línguas diversas.
- e) *Estrangeirismo*: segundo Câmara Jr. (op.cit: 111) são “*empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia*”.
- f) *n/e*: Quando não foram encontradas informações suficientes para esclarecer a sua origem, adotou-se a abreviatura *n/e* (não encontrado).

Para obter as informações quanto à origem, consultamos as seguintes obras:

- *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha;
- *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira;
- *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha;
- *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro;
- *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Rosário Farani Mansur Guérios;
- *Vocabulário tupi-guarani português*, de Francisco da Silveira Bueno;
- *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*, de Waldemar de Almeida Barbosa;
- TAXIONOMIA: nesse campo, registra-se a classificação toponímica, de acordo com as taxes propostas por Dick (1990b), explicitadas em 3.3.3.1.

3.3.3.1. As taxionomias toponímicas

Os estudos sobre toponímia referentes ao projeto ATEMIG, mais específico os de Seabra (2004), Menezes (2009), Mendes (2009), Carvalho (2010), seguem o modelo taxionômico elaborado por Dick (1990b). Nesse modelo, adotam-se taxes que classificam o nome de lugar, tendo em vista motivações relacionadas ao homem e ao seu ambiente físico, social e cultural.

Essa autora distribui em 27 taxes a classificação dos topônimos, dividindo-os em taxionomia de natureza física, constituída de 11 classes e taxionomia de natureza antropocultural, que engloba 16 classes.

Em nossa coleta, encontramos 24 taxes, 189 de natureza física e 202 de natureza antropocultural, a saber:

3.3.3.1.1. Taxionomias de natureza física

- Astrotopônimos - refere-se a topônimos, cujos nomes remetem a corpos celestes, com ou sem luz própria: *Istrela*
- Cromotopônimos - topônimo relacionado à cor como, por exemplo, *Pardão*.
- Dimensiotopônimos - é quando o topônimo se reveste do sentido de extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade: *Corgo Largo*.
- Fitotopônimos - são os topônimos relacionados a plantas, por exemplo, *Acaiaca*.
- Geomorfotopônimos - refere ao relevo, seja no sentido de elevações ou depressões, permite que se observem etapas sucessivas do povoamento brasileiro: *Buracão*.
- Hidrotopônimos - relaciona-se aos cursos de água. Exemplos: *Bica da Coã*.
- Litotopônimos - topônimos de índole mineral como *Burgalhau*, explica Cândida (2004) “se se encontram revestidos de caráter sociocultural para a história do país, alinham-se entre os sociotopônimos”.
- Meteorotopônimos - remete a ideia de fenômenos produzidos na atmosfera terrestre, entre eles, pode-se citar *Dilúvio*.
- Morfotopônimos - Relativo aos topônimos cujo sentido lembra as formas geométricas, tais como: *Morro Redondo*.
- Zootopônimos – Relacionado a animais, como *Carrapatinho*.

3.3.3.1.2. Taxionomia de natureza antropocultural

- Animotopônimos - recebe essa classificação quando a motivação toponímica abrange áreas do psiquismo humano, indo além do meio físico. Tais nomes são: *Paciência*.
- Antropotopônimos - são os nomes de lugares constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, ou pelo conjunto onomástico completo. Caracterizam-se, principalmente, por nomear acidentes geográficos, evidenciando a noção de posse: *Raimundo Xisto*.

- Axiotopônimos - quando o antropotopônimo vem acrescido de um título, como *Senadô Mourão*.
- Corotopônimos - são os topônimos relativos a nomes de cidade, a países: Arábia.
- Dirrematopônimo - são sintagmas toponímicos, expressões cristalizadas, ou seja, sintagmas semantizados: *Mãe Mina*.
- Ecotopônimos - inserem-se nessa categoria, os nomes relativos à habitação em geral como *Tapera de Mercedi*.
- Ergotopônimos - referem-se a elementos da cultura material do homem. Nessa categoria estão somente os nomes que não deixaram transparentes a sua motivação: *Bateia*.
- Etnotopônimos - são os topônimos relativos a grupos étnicos, tribos isoladas ou não: *Gentio*.
- Hierotopônimos – está relacionado a nomes sagrados de diferentes crenças, locais de culto, membros religiosos, associações religiosas e datas relativas a esses fatos: *Salvador da Cruz*. Apresenta duas subdivisões: hagiotopônimos e mitotopônimos.
- Hagiotopônimos: inserem-se nessa categoria os topônimos referentes aos nomes de santos e santas da religião católica romana: *Santo Antônio do Itambé*.
- Mitotopônimos: topônimos referentes ou que recordam entidades mitológicas: *Fada*.
- Hodotopônimos: topônimos relativos aos caminhos, ao que liga, ou melhor, às vias de comunicação rural e urbana: *Ponte Pedra*.
- Numerotopônimos: Topônimos relativos a adjetivos e numerais: *Quatro Vinténs*.
- Poliotopônimos: Referem-se às taxas relacionadas aos aglomerados populacionais, tais como vilas, cidades, aldeias, povoados, etc.: *Serra do Rio Vila Rica*.
- Sociotopônimos: Referem-se às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de reunião de um grupo como *praça, largo*, etc. DICK inclui entre eles também as ocorrências relativas a *catas, lavras, garimpo*: *Cata do Teleço*.

- Somatopônimos: topônimos dotados de caráter metafórico e que têm seus nomes interpretados como designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou do animal, tais como *Olho de Sapo*.

3.3.4. Macro e microestrutura do glossário

Um dos objetivos de nossa pesquisa é a elaboração de glossário, tendo como lema ou entrada o topônimo coletado em entrevista oral. Para a estruturação e montagem dessa etapa de nosso trabalho, assim como Mendes (2009), tomamos como base Haensch et al. (1982), e Casares Sanchez (1995).

Para a elaboração de glossários ou dicionários, Haensch *et al.* (1982, p. 396) postulam que:

Há quatro critérios que determinam de maneira decisiva a seleção de entradas de um dicionário ou glossário, etc. A três, poderíamos chamar de fatores “externos”: sua finalidade, (descritiva, normativa, etc), o grupo de usuários ao qual se destina, (especialistas, tradutores, universitários, público culto, etcétera) e sua extensão. O quarto, de índole “interna”, é o método de seleção de unidades léxicas segundo princípios linguísticos, mas sempre de acordo com os outros três critérios⁹³.

No nosso trabalho, objetivamos, com o glossário, possibilitar a pesquisa a outros estudiosos da toponímia, interessados em dados linguísticos, formas presentes e pretéritas, localização dos nomes e verificação de acidentes geográficos.

Como entrada, listamos todos os termos registrados em nosso *corpus* oral, eliminando as repetições. Como esses nomes contemplam diferentes taxes toponímicas, optamos por organizar nosso glossário pelo métodos semasiológico e onomasiológico. É uma organização que, segundo Baldinger (*apud* HAENSCH *et al.*, 1982, p.344), justifica-se, porque se trabalha com a forma e com o conceito.

⁹³ Hay cuatro criterios que determinan de manera decisiva la selección de entradas de un diccionario, glossário, etc. A tres de ellos los podríamos llamar “externos”: su finalidad (descriptiva, normativa, etc.), el grupo de usuarios al que va destinado (especialistas, tradutores, alumnos de bachillerato, público culto, etcétera) y su extensión. El cuarto, de índole “interna”, es el método de selección de unidades léxicas según principios lingüísticos, pero siempre de acuerdo com los otros três criterios.

3.3.4.1. A macroestrutura

Seguindo, pois, os métodos semasiológico e onomasiológico, ordenamos as entradas em ordem alfabética, totalizando 407 verbetes. Posteriormente, agrupamos os topônimos em taxes, de acordo com sua motivação, ou seja, pelo método onomasiológico. Em nossa abordagem, essa agrupação onomasiológica corresponde às taxes propostas por Dick (1990a), divididas por meio de topônimos de natureza física e antropocultural e, em cada taxe, ordenadas por meio da ordem alfabética. Em Haensch *et al.* (1982, p.165) temos que “a idéia fundamental da agrupação onomasiológica é a de levar em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto desde o ponto de vista da língua como o das coisas”⁹⁴. No caso dos trabalhos lexicográficos, postula o autor, é preferível apresentar e estudar o vocabulário por meio de divisões, pois assim os vocábulos e termos correspondentes aparecem inter-relacionados.

3.3.4.2. A microestrutura

À microestrutura do glossário resultante de nossas pesquisas corresponde o método semasiológico, que ordena as entradas por significantes. Para a construção das definições e forma dos verbetes, seguimos o modelo usado por Seabra (2009)⁹⁵ e Mendes (2009)⁹⁶, adaptado para este trabalho, abaixo apresentado:

FORMA DO VERBETE

TOPÔNIMO – Estrutura morfológica • *origem* • Taxionomia • Definição • Nomeia → Município/Distrito – *acidente geográfico* . • *abonação retirada da transcrição das entrevistas*. (Identificação da entrevista (E:) e linha onde se encontra o trecho: (L:)) • Registros orais e/ou escritos quando encontrados.

Nessa proposta, utilizamos de informações já apresentadas nas fichas lexicográficas nos campos *Topônimo*, *Estrutura morfológica*, *Origem*, *Taxionomia* e *Acidente geográfico*. Inserimos a *Definição* para cada termo e, no campo *Outros registros* se encontram as formas pretéritas do nome, encontradas em mapas dos séculos XVIII a XIX. No campo *Nomeia*, podem-se verificar os locais em que houve a ocorrência do nome e se são nomeados com essa forma acidentes semelhantes ou diferentes. No que se refere à entrada dos verbetes,

⁹⁴ La Idea fundamental dela agrupación onomasiológica es la de tener em cuenta las asociaciones que existen entre contenidos, tanto desde el punto de vista de la lengua como desde el de las cosas.

⁹⁵ Fitotoponímia Mineira.

⁹⁶ MENDES, 2009.

optamos por colocá-la em caixa-alta e utilizarmos letra minúscula. Abaixo, segue um exemplo completo da forma do verbete, retirado de nosso glossário:

CAETÉ-MIRIM– NCm [Ssing+ADJsing] • *indígena (tupi) kaa'e'te + mi'rĩ* • Fitotopônimo. • Designação comum de diversas ervas nativas do Brasil. • Nomeia → Distrito de Inhaí – córrego, rio. • [...] *os rios que nós temos aqui próximo é o rio **Caeté-Mirim**, que ocês pássaro por ele, acho que ele tá nesse povoado, no segundo povoado que cês pássaro.* (E.21, L.58). • Registro escrito: Caeté Merim (1731), Cayte-Merim (1734/5), Caetemerim (1770) Sumidouro do Rio Caeté Merim (1776), Caete Meri (1778), Caeté Merim (1784), Caythemerim, Caithemeri, Cartemeri (1787) Ponte de, Cabeceiras de Cartemeri (1787), Caetémerim (1804), Caite mirim (1800), Caeté Merim (1820), Caetemirim (1855), Caeté Mirim (1862). • Registro oral: Caeté-Merim, Cate-Merim.

Alguns dos topônimos encontrados e registrados nas fichas lexicográficas foram omitidos do glossário pelo fato de não ser possível construir para eles uma definição, já que não encontramos sua significação. Foi o caso de *Calumbi, Camu Camu, Coã, Cruz do Cula, Cula, Cundinho, Decamão, Grisorte, Jequitinhonha, Jequitionha Branco, Jiquitionha Preto, Lavus, Luizcarro Makemba, Mandirinha, Marimbero, Mechera, Morro do Calumbi, Queraçá, Regralito e Ticó*.

Também é importante ressaltar que tivemos registros em que, para um mesmo topônimo, houve, ora a presença, ora a ausência das preposições *de, do, da*, como em *Pasto Açogue* e *Pasto do Açogue*. Nesses casos, optamos por registrar, na quantificação total, uma forma, por se referirem a um único pasto; de igual maneira nos verbetes do glossário foi inserida a forma comum *Açogue*, pois não tratamos, na presente pesquisa, as distinções semânticas para os dois registros.

Nos próximos capítulos, seguem a apresentação, a análise e a descrição dos dados.



FOTO 11: Instituto Casa da Glória da UFMG

Fonte: Disponível em: <<http://www.diamantina.mg.gov.br/110/11025015.asp>>. Acesso em: mai. 2010.



*Vi semana santa e reza
Menina! Vi Diamantina
Eu vi Rosa na janela
Vi Olímpia, vi Sinhá*

*Eu vi folia de reis
Eu vi sabiá cantar*

*Vi Chica da Silva, eu vi
Vi Chico Rei lá no morro
Rebelião pra viver
Vi liberdade brilhar (...)*

(Rubinho do Vale)

Capítulo 4 – Apresentação e análise dos dados

Conforme já apresentado, nossos dados orais foram coletados em entrevistas realizadas no município de Diamantina. Ao todo selecionamos 407 topônimos para descrição e análise linguística, apresentados em fichas lexicográficas, nas páginas seguintes.



FOTO 12: Vista do centro de Diamantina
Fonte: www.ufmg.br/.../diamantina_Eber_Faioli.jpg. Acesso em: mai. 2010

Ocorrências Toponímicas em Diamantina

Número de topônimos coletados 407 (sem as variantes)

Legenda: AG: Acidente geográfico

IBGE :1(Carta de Diamantina), 2(Carta de Curimatai), 3(Carta de Carbonita), 4(Carta de Itacambira), 5(Carta de Rio Vermelho), 6(Carta de Corinto)

Oral : E = Entrevista + N°. Entrevista + N°. de ocorrência de topônimo = EN:N

REGISTRO ORAL		REGISTRO ESCRITO						Localização / Município: Diamantina	
N°:	AG:	Topônimo	Estrutura Morfológica	IBGE	Séc. XIX	Séc. XVIII	Origem	Taxionomia	
1	LD ou Povoado	Abadia E18:1; 19:1 Ebadia E18:2	Nf [Ssing]		Abadia (1820)f.da.		Românico (Português<Latim) <i>abbatia</i>	Hierotopônimo	
2	Rio, LD	Acaba Mundo E1:2-NCm E6:2-E7:1 Caba Mundo E7:5	[VERB+Ssing]		Acaba Mundo (1855, 1862, 1873)		Românico (Português<Latim) <i>capit + mundus</i>	Dirrematopônimo	
3	LD	Acaiaça E3:1	Nm [Ssing]				Indígena (Tupi) <i>akaita ka</i>	Fitotopônimo	
4	LD, Serra do, Pasto do, Pás(x)to	Açogue E15:6	Nm [Ssing]	Açougue (1977:1)			Árabe <i>as-ôq</i>	Sociotopônimo	
5	LD, córrego	Água Verde E19:2	Ncf [Ssing+ADJsing]	Água Verde (1977:3) C	Ágoas Verdes (1820)f.		Românico (Português<Latim) <i>água viridis</i>	Hidrotopônimo	
6	LD, Serra das	Agulha E19:1 Agulia E15:1-E19:1	Nf [Ssing]	Agulha (1977:1) Agulhas (1977:1) Serra das			Românico (Português<Latim) <i>acitcula</i>	Morfotopônimo	
7	Rio, Pasto	Alberto Mota E3:2	NCm [Ssing+Ssing]				Germânico + Românico (Português) <i>Albrecht + Mota</i>	Antropotopônimo	
8	LD, Rio	Angico E1:1	Nm [Ssing]	Angicos (1977:1)LD		Anjicos (1778) Angicos (1788)	Origem controversa	Fitotopônimo	

9 Curral	Antônio E6:1	Nm [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>Antonius</i>	Antropotopônimo
10 LD	Antônio Augusto Neves E3:1	NCm [Ssing+Ssing+Ssing]						Românico (Português<Latim + Português) <i>Antonius + Augustus + Neves</i>	Antropotopônimo
11 LD, Reberão do	Amendoim E5:1-E17:1	Nm [Ssing]						Indígena (Tupi) <i>manu'ui</i>	Fitotopônimo
12 Ponte da	Amizade E21:3	Nf [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>amicitatem</i>	Animotopônimo
13 Corgo da, Ri da, Serra da	Arábia E10:3-E10:1	Nf [Ssing]	Arábia (1977:1)					Árabe <i>'arabiya</i>	Corotopônimo
14 Rio	Araçaí E19:3	Nm [Ssing]					Arassuahi (1820) Rio e f. Arassuahi (1821) grande (1734/5) R. Araçaí Arasuai (1788) R.º	Indígena (Tupi) Ara+açoi-y "Saint Hilaire diz também, referindo-se a etimologia de Arassuái (...) que a palavra é uma corruptela de ouro- só-ai, alusiva essa expressão à existência de ouro nas areias do rio desse nome.." (GREGÓRIO, S/D, P. 439)	Hidrotopônimo
15 Corgo dos	Arraiaí dos Forro E20:3 Raiá dos Forro E20:3	NCm [Ssing+ {Prep+Ap}+Ssin g}]						Origem controversa + Românico (Francês) <i>arraiaí + forro < feurre</i>	Sociotopônimo
16 LD	Arraiaí do Tijuco E5:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]						Origem controversa + Indígena (Tupi) <i>arraiaí + tijuco < tu'juka</i>	Sociotopônimo
17 LD, Largo do	Areão E20:2	Nm [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>areão < arēna < arēal</i>	Litotopônimo

18	Corgo da	Areia E16:1	Nf [Ssing]	Areia (1977:1) Rib/LD Areias (1977:3) C	Area (1821) R.m	R.am. da Area (1729) Ribeirão da Area (1770) R. da Areia, Ribeirão da Arêa, Riacho d. Area (1776) Area (1784) Ribeirão da Area (1787) Ribeiro da Area da chapada.	Românico (Português<Latim) <i>arêna</i>	Litotopônimo
19	LD	Arturo E10:1	Nm [Ssing]				Origem controvertida	Antropotopônimo
20	LD	Armintas E3:2	Nm [Spl]				Grego <i>Amyntas</i>	Antropotopônimo
21	Fazenda do	Armintom E15:1	Nm [Ssing]				Inglês <i>Hamilton</i>	Antropotopônimo
22	Serra das	Ave E10:2	Nf [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>avis -is</i>	Zootopônimo
23	LD	Bairro da Serra E4:3	NCm [Ssing+ {Prep+Asing+S sing}]				Árabe + Românico (Português<Latim) <i>barri + sêrra-ae</i>	Sociotopônimo
24	Córrego	Bambá E9:4	Nm [Ssing]				Africano (Quimbundo) <i>mbamba</i>	Fitotopônimo
25	Serra do	Barão E4:1	Nm [Ssing]				Germanico <i>baro</i>	Axiotopônimo
26	LD	Barbada E19:1	Nf [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>barba-ae</i>	Animotopônimo
27	LD	Barra E19:3	Nf [Ssing]	Barra (1977:3) C, F	Barra (1820)f.	Barra (1787) córrego da. Barra do Nuno (1787) córrego da.	Pré-românico <i>Barra</i>	Geomorfotopônimo
28	LD	Barrage E7:3	Nf [Ssing]				Pré-românico <i>Barro</i>	Ergotopônimo
29	LD	Barrirão E18:7	Nm [Ssing]	Barrirão (1977:3) LD			Base pré-românica <i>Barro</i> + sufixo português <i>-ão</i>	Geomorfotopônimo
30	LD	Barreras E21:1-E22:1	Nf [Spl]	Barreira (1977:3) Serra, Serra da	Barreiras (1821)		Base pré-românica <i>Barro</i> + sufixo românico <i>-eira</i>	Geomorfotopônimo
31	Lavra, LD	Barro E10:2	Nm [Ssing]	Barro (1977:2) C, F			Base pré-românica <i>Barro</i> + sufixo românico <i>-eiro</i>	Litotopônimo

32 Serra	Barririm E16:3	Nm [Ssing]	Barreirinho (1977:3)LD				Pre-românico <i>Barro</i> + diminutivo português -inho	Litotopônimo
33 Lavra do, Rio, Córrego	Barro E10:4-E11:1	Nm [Ssing]	Barros (1977:3)LD			Barros (1776) R.	Pre-românico <i>barro</i>	Litotopônimo
34 LD	Barro Quebrado E16:1	NCm [Ssing+ADJsing]					Pre-românico + Românico (Português<Latim) <i>barro</i> + <i>crepãre</i>	Litotopônimo
35 LD	Barro Vermei' E16:2	NCm [Ssing+ADJsing]	Barro Vermelho (1977:3)LD				Pre-românico + Românico (Português<Latim) <i>barro</i> + <i>vermiculus</i>	Litotopônimo
36 Rio, LD, Corgo	Batatal E15:1 Batata E15:1	Nm [Ssing]	Batatal (1977:1) Rib, F,	Batatal (1800) Rio	Batatal (1770, 1776, 1784, 1787) corgo. Batatal (1787) Corgo do Batatal Gopiary.		Românico (Castelhano) <i>batata</i>	Fitotopônimo
37 Reberão do	Batea E17:1	Nf [Ssing]					Origem controversa	Ergotopônimo
38 LD	Baxadão E16:4	Nm [Ssing]	Baixadão (1977:4) LD				Românico (Português < Latim) <i>Bassiare</i> + aumentativo português -ão	Geomorfotopônimo
39 LD	Begônia E1:3-E10:3	Nf [Ssing]	Begônia (1977:1,3,4) C, LD				Românico (Francês) <i>begônia</i>	Fitotopônimo
40 Serra	Beco do Morro E15:2	NCm {Prep+Asing+Ssing}					Origem controversa	Hodotopônimo
41 Bica	Bica da Coã	NCf {Prep+Asing+Ssing}					Românico (Português<Latim) + Origem controversa <i>beccus</i>	Hidrotopônimo
42 LD, Rio e Serra do E8	Biribiri E1:2-E3:6-E8:2-E9:2-E10:3-E21:1 Bibiri (LD) E10:1 Bribiri E10:1 Brumbiri E10:1	Nm [Ssing]	Biribiri (1977:1) vila ou povoado		Biriri (1770) B. do (barra) Bribiri (1776, 1784) R Berberi (1787)			Dimensiotopônimo
43 roça	Bixiga E22:1	Nf [Ssing]	Bexiga (1977:2) C	Bexiga (1820)f.			Românico (Português<Latim) <i>vessica</i>	Somatotopônimo

44	Fazenda, Corgo da, Povoado, Lavra	LD, E4:2-E5:1-E7:3-E9:1-E19:1E21:1-E22:2	Boa Vista E4:2-E5:1-E7:3-E9:1-E19:1E21:1-E22:2	Boa Vista (1977:2,3) LD, C, F	Boa vista (1804)	Boa Vista (1788)	Românico (Português<Latim) <i>bôna + vîdêre</i>	Animotopônimo
45	LD	Bocaiúva E5:1	Bocaiúva E5:1	Nf [Ssing]			Indígena (Tupi) <i>bocayúva</i>	Fitotopônimo
46	Serra	Boi Pintado E15:2	Boi Pintado E15:2	NCm [Ssing+ADJsing]			Românico (Português<Latim) <i>bóvem + pinctâre</i>	Zootopônimo
47	LD	Boquerão E22:2	Boquerão E22:2	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>búccam</i>	Geomorfotopônimo
48	LD	Borge E10:1	Borge E10:1	Nm [Ssing]			Românico (Francês) Bourges	Antropotopônimo
49	Pasto	Braquiara E16:1	Braquiara do Draquiara do Brejo E16:1	Brejo NCf {Prep+Asing+Sing}			origem controversa	Fitotopônimo
50	Sítio do	Brejo E16:1	Brejo E16:1	Nm [Ssing]			Origem controversa	Litotopônimo
51	LD	Brejo Grande E19:2	Brejo Grande E19:2	NCm [Ssing+ADJsing]		Brejo Grande (1778)	Origem controversa + Românico (Português<Latim) <i>brejo + grandis</i>	Litotopônimo
52	Rio, Lavra	Brumadinho E9:3	Brumadinho E9:3	Nm [Ssing]		Brumadinhos (1729) Brumadinho (1770, 1784)	Românico (Português<Latim) <i>Bruma</i>	Geomorfotopônimo
53	LD	Bruna E15:1	Bruna E15:1	Nf [Ssing]		Brauna (1776)	Românico (Italiano) <i>Bruna</i>	Antropotopônimo
54	Fazenda do	Buraco E22:4	Buraco E21:3-E22:1-E22:4	Nm [Ssing]	Buraco (1977:2)	Buraco (1770, 1776, 1787) C. do. Buraco (1784)	Origem controversa	Geomorfotopônimo
55	LD, Corgo do	Buracão E19:4	Buracão E19:4	Nm [Ssing]	Buracão (1977:1,5)		Origem incerta <i>buraco</i> + aumentativo português + -ão	Geomorfotopônimo
56	Rio	Burgalhau E2:1-E3:1	Burgalhau E2:1-E3:1	Nm [Ssing]			n/e	Litotopônimo
57	LD, rio, córrego	Buriti E9:1-E15:1-E15	Buriti E9:1-E15:1-E15	Nm [Ssing]	Buriti (1977:1,2,3) C, F	Buritis (1734/5) Buritil (1770)C do Buretiz (1778)	Indígena (Tupi) <i>buritiy < miri'ti</i>	Fitotopônimo
58	Corgo do, Ri do	Burro E11:2-E10:2	Burro E11:2-E10:2	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>burrus</i>	Zootopônimo

59	Povoado	Cachamorr ^o E22:1 Cachamorra E22:4	Nf [Ssing]	Cachamorra (1977:2)LD		Cachaporra (1776, 1784) Rio Chaporra (1787) corgo do.	Origem desconhecida	Ergotopônimo
60	LD, Corgo da	Cachuera E19:5-E19:2	Nf [Ssing]	Cachoeira (1977:1,2, 3) F, C, LD	Cachoeira (1800) Cachoeira (1820)f. Rio Cachoeira (1821)	Caxoeirinha (1788)	Românico (Português<Latim) <i>cachão</i> < <i>cocitō-ōnis</i>	Hidrotopônimo
61	Rio, Córrego, Fazenda do	Caeté-Mirim E5:1- E21:3-E22:1 Caeté-Merim E10:11- E23:1 Caté Merim E13:1	NCm [Ssing+AD]sing Rio, C	Caeté-Mirim (1977:1,2)	Caetémerim (1804) Caite mirim (1800) Caeté Merim (1820) Caetemirim (1855) Caeté Mirim (1862)	Caeté Merim, (1731) Cayte-Merim (1734/5) Caetemerim (1770) Sumidouro do Rio Caeté Merim (1776) Caete Meri (1778) Caeté Merim (1784) Caythemerim, Cathemerim, Cartemeri (1787) Ponte de, Cabeceiras do R. C. de Cartemeri (1787) Cabeceiras de.	Indígena (Tupi) <i>kaae'ie + mi'ri</i>	Fitotopônimo
62	Pasto, Lavra	Cafundó E12:1	Nm [Ssing]	Cafundó (1977:1,5) C, F		Cafundós (1729) Cafundo (1734/5) C Cafundó (1776, 1784) Cafundós (1787) corgo	Africano (Quimbundo) <i>(ka)mfundu</i>	Animotopônimo
63	Corgo	Caldeirão E10:3	Nm [Ssing]	Caldeirão(1977:1)Rib		Caldeirão (1770) C. do	Românico (Português<Latim) <i>caldus</i>	Geomorfotopônimo
64	Rio dos, Chácara dos, Lavra	Caldeirões E9:8	Nm [Spl]		Caldeirões (1821)	Caldeiroens (1787) corgo	Românico (Português<Latim) <i>caldus</i>	Geomorfotopônimo
65	LD, Corgo	Serra, Califórnia E9:3	Nf [Ssing]				n/e	Corotopônimo
66	LD	Calumbi E16:1	Nm [Ssing]	Calumbi (1977:1, 3) C, F	Calumbis (1820)f.		n/e	Fitotopônimo
67	LD	Camarinha E16:9	Nf [Ssing]	Camarinha (1977:3) C, LD			Românico (Português<Latim) <i>camêra</i>	Sociotopônimo
68	LD	Caminho dos escravos	NCm [Ssing+ {Prep+ ApI+Sp}]				Românico (Português<Latim) <i>camminus + sclavus</i>	Hodotopônimo

69	LD	Campina E19:4	Nf [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>campus</i>	Fitotopónimo
70	LD	Campinas E19:4	Nf [Spl]						Românico (Português<Latim) <i>campus</i>	Fitotopónimo
71	LD	Campo Alegre E9:1	NCm [ADV+ADJsing]	Campo Alegre (1977:1) F	Campo Alegre (1820)	Campo Alegre (1734/5)			Românico (Português<Latim) <i>campus</i> + <i>alêoris</i>	Fitotopónimo
72	Serra	Campo de Baixo E15:1	NCm [ADV+ {Prep+ Asing+Ssing}]						Românico (Português<Latim) <i>campus</i> + <i>bassus</i>	Fitotopónimo
73	Serra	Campo de Cima E15:1	NCm [ADV+ {Prep+Asing+S sing}]						Românico (Português<Latim) + Grego <i>campus</i> + <i>kyma</i>	Fitotopónimo
74	Serra	Campo d' O'tra Banda E15:1	NCm [ADV+ {Prep+ Asing+Pron+ SsingSsing}]						Românico (Português<Latim) + gótico <i>campus</i> + <i>alter</i> + <i>bandwa</i>	Fitotopónimo
75	Povoado	Camu-Camu E21:3	NCm [Ssing+Ssing]	Camu-Camu (1977:1)					n/e	n/e
76	Garimpo	Canal Califórnia E9:2	NCm [Ssing+Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>canãlis</i> + <i>californium</i>	Ergotopónimo?
77	Garimpo	Canal do Mizaél E9:3	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]						Românico (Português<Latim) + Hebraico <i>canãlis</i> + <i>Mishael</i>	Ergotopónimo
78	LD, Corgo do	Canavial E19:2	Nm [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>canna</i>	Fitotopónimo
79	Serra do, LD	Candonga E15:3	Nm [Ssing]	Candonga (1977:1)					Africano (Quimbundo) <i>kabonga</i>	Animotopónimo
80	LD	Canjica E19:3	Nf [Ssing]		Cangica (1821)	Cangica (1770) c. do/da Cangica, Cangicas (1770, 1784, 1787)			Africano (Banto) <i>canjica</i>	Fitotopónimo
81	Pasto	Canto da Serra E15:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]						Românico (Português<Latim) <i>cantus</i> + <i>serrãrre</i>	Animotopónimo

82	Córrego, Fazenda	Capão Grosso E19:5	NCm [Ssing+ADJssing]	Capão Grosso(1977:3)Rib, F	Capão Grosso (1804) Capão Grosso (1820) Fazenda Rio Capão Grosso Capão Grosso (1821) Capao Grosso (1849, 1873)	Capão Grosso (1778) Capam (1787) corgo do.	Indígena (Tupi) + Românico (Português<Latim) <i>kaa'paū + grössus</i>	Fitotopônimo
83	LD	Capelinha E18:1-E19:1	Nf [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>cappëlla</i>	Hierotopônimo
84	Córrego do	Capetinha E21:1	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>capa</i>	Hierotopônimo
85	LD, Campo	Capimpub' E19:2 Capimpuba E21:4-E22:2 Capimpubo E19:1	Nm [Ssing]	Capimpuba (1977:1)			Indígena (Tupi) <i>ka'pii + puça</i>	Fitotopônimo
86	LD	Capoeira do E9:1	Ncf {Ssing+ Prep+Asing+ Ssing}				Indígena (Tupi) + Grego <i>ko'pyera + Kállistos</i>	Fitotopônimo
87	LD	Capoeira de Zé da Chica E9:1	Ncf {Ssing+ Prep+Asing+S sing+Prep+Asin g+Ssing}				Indígena (Tupi) + Hebraico + Românico (Português<Latim) <i>ko'pyera + Iosseph + hip. de Franciscus Chico</i>	Fitotopônimo
88	Serra, Córrego, Córrego de e LD	Capuerão E16:6-E17:3- E18:1-E19:2	Nm [Ssing]				Indígena (Tupi) <i>ko'pyera</i>	Fitotopônimo
89	Córrego do	Carimbo E1:1	Nm [Ssing]	Carimbo (1977:1)		Carimbos (1784)	Africana (Quimbundo) <i>ka'rimu</i>	Ergotopônimo
90	LD	Carmo E6:1	Nm [Ssing]				Hebraico <i>Karnel</i>	Hierotopônimo
91	Córrego	Carrapato E5:2	Nm [Ssing]	Carrapato (1977:1)		Carapato (1770, 1776) C do. Carrapato (1784, 1787)	Origem incerta	Zootopônimo
92	Córrego	Carrapatinho E5:1	Nm [Ssing]				Origem incerta	Zootopônimo
93	LD	Carrasco E10:10	Nm [Ssing]				Pré-românico <i>carrasca</i>	Animotopônimo
94	LD	Carrascão E10:1	Nm [Ssing]				Pré-românico <i>carrasca</i>	Animotopônimo

95 LD	Casa da Fazenda E10:1	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]					Românico (Português<Latim) <i>casa + facēnda</i>	Ecctopônimo
96 Campo dos	Casado E13:1 Casado E13:4	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>casa</i>	Animotopônimo
97 Garimpo	Cata do Teleço E15:1	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]					Românico (Português<Latim) + Grego <i>captāre + Telesphóros</i>	Sociotopônimo
98 LD	Catadim E6:2	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>captāre</i> + diminutivo português -inho	Sociotopônimo
99 LD	Cativo E12:3	Nm [Ssing]	Cativo (1977:3)LD				Românico (Português<Latim) <i>captivāre</i>	Animotopônimo
100 LD	Cavaca Pardo E4:1	NCm [Ssing+ADJsing]					Românico (Português<Latim) <i>cava + < pardus</i>	Ergotopônimo
101 Serra	Cavalim E8:2	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>caballus</i>	Zootopônimo
102 Córrego	Cavalo E14:1	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>caballus</i>	Zootopônimo
103 Garimpo, LD	Cavalo Morto E6:3-E7:3	NCm [Ssing+ADJsing]	Cavalo Morto (1977:1) F				Românico (Português<Latim) caballus + <i>mōrtuus</i>	Zootopônimo
104 Fazenda	Cavera E19:1	Nf [Ssing]	Caveira (1734/5, 1770) C. do, P. da				Românico (Português<Latim) <i>calvāria</i>	Somatotopônimo
105 LD	Cavirinha E19:6	Nf [Ssing]	Caveirinha (1977:3)S				Românico (Português<Latim) <i>calvāria</i>	Somatotopônimo
106 Corgo do	Caxão E21:6	Nm [Ssing]	Caixão (1977:1)				Origem incerta	Ergotopônimo

107 LD	Chapada E12:1	Nf [Ssing]	Chapada (1977:3) C Chapada (1821, 1873)	Chapada (1800, 1804) Chapada (1820), Arraial Freguesia Destacamento Chapada (1855)	Chapada (1734/5) Chapada (1778) Chapada (1787), Array de, Chapada (1788)	Geomorfotopónimo
108 LD	Chapadão E19:2	Nm [Ssing]				Geomorfotopónimo
109	Fazenda do Chico Chaves E9:1	NCm [Ssing+Sp]				Antropotopónimo
110	Fazenda Chifre Quebrado E10:2	NCm [Ssing+ADJsing]				Dirrematopónimo
111 LD	Coã E20:4	Nf [Ssing]				Zootopónimo
112 LD	Cocais E21:1	Nm [Sp]			Cocais (1770) Cabeceiras do Rio dos Cocais pequeno, Cocais grande (1776) Coques (1787) corgo dos.	Fitotopónimo
113 LD	Coimbra E19:1	Nm [Ssing]				Corotopónimo
114 LD e córrego	Colônia E9:3	Nf [Ssing]	Colônia (1977:1)			Sociotopónimo
115 LD	Coluna E7:2	Nf [Ssing]				Ergotopónimo
116 LD	Conselho E15:1	Nm [Ssing]				Axiotopónimo
117 Distrito	Conselho E10:2-E15:4	Mata NCm [Qv+Ssing]	Conselho Mata (1977:1) vila ou povoado			Axiotopónimo
118 LD	Consolação E4:1	Nf [Ssing]				Hierotopónimo

119	LD, Fazenda da	Contage E15:3-E16:1-E18:2 Contagem E16:1	Nf [Ssing]	Contagem (1977:1) Serra	Contage (1734/5) LD (1770) Riacho do Contage do Rebello (1776) LD. Contagem do Cabello (1784) LD. Contagem do Ret. (1787) corgo da.	Românico (Francês) <i>Comptage</i>	Sociotopônimo
120	LD	Contenda E10:1	Nf [Ssing]	Contenda (1977:2) C		Românico (Português<Latim) <i>contentiō-ōnis</i>	Sociotopônimo
121	Serra, de/do	Serra Coquero E12:2-E15:1	Nm [Ssing]	Coqueiro (1977:1,2,3) C do		Origem controversa	Fitotopônimo
122	LD	Coquero do Buriti E15:2	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Origem controversa + Indígena (Tupi) <i>mĩrĩ'ĩ</i>	Fitotopônimo
123	Corgo da	Coruja E22:1	Nf [Ssing]			Origem obscura	Zootopônimo
124	Morro do	Criminoso E18:1 Quiminoso E:18:1	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>Criminōsus</i>	Animotopônimo
125	LD, Mata dos	Críolo E7:1	Nm [Ssing]			origem incerta	Antropotopônimo
126	LD	Cristal E15:1	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>Crystallum</i>	Litotopônimo
127	Cachoeira, Serra dos e LD	Cristais E1:1-E8:1-E9:1	Nm [Spl]	Cristais (1977:1) C, Serra dos	Cristaes (1770, 1776) C dos. Cristais (1784) Christtaes (1787) corgo dos.	Românico (Português<Latim) <i>Crystallum</i>	Litotopônimo
128	Sítio	Cruz das Pedra E21:3	NCf [Ssing+ {Prep+ Apl+Ssing}]			Românico (Português<Latim) <i>crux crūcis + petra-ae</i>	Hierotopônimo
129	LD	Cruz do Acaiaca E3:1	NCf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Românico (Português<Latim) + Indígena (Tupi) <i>crux crūcis + akaja ka</i>	Hierotopônimo

130	LD		Cruz do Cula E5:1	NCf {Prep+ Asing+Ssing}						Românico (Português<Latim) + n/e <i>crux crūcis</i> + <i>Cula</i>	Hierotópônimo
131	LD		Cruz do Jirmia E16:1	NCf {Prep+ Asing+Ssing}						Românico (Português<Latim) + Hebraico <i>crux crūcis</i> + <i>Lirmeiahu</i>	Hierotópônimo
132	Serra		Cruzerim E15:1	Nm [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>crux crūcis</i>	Hierotópônimo
133	LD, Morro do		Cruzero E18:2-E21:2	Nm [Ssing]	Cruzeiro (1977:1) F					Românico (Português<Latim) <i>crux crūcis</i>	Hierotópônimo
134	Morro do, Serra do		Cula E5:1-E9:1	Nm [Ssing]						n/e	n/e
135	Lavrado do		Cundinho E9:1	Nm [Ssing]						n/e	n/e
136	Arto dos		Curral E15:1	Nm [Ssing]						Origem controversa	Sociotópônimo
137	LD		Curral Grande E13:1	NCm [Ssing+ADJsing]						Origem controversa + Românico (Português<Latim) <i>grandis</i>	Sociotópônimo
138	Distrito		Curralim E7:6 E1:1-E6:9-	Nm [Ssing]	Curralim (1977:1) C	Curralinho (1804)	Corralinho, Corra linho (1734/5) LD Carralinho (1770) C. do. Curralinho (1778, 1784) Corralinho (1787), corgo do. Curralinho (1788)			Origem controversa	Sociotópônimo
139	LD		Curumataí E10:1	Nm [Ssing]		Curumatahi (1800) Curumatai (1804) Corimatai (1820)f. Rio. Curumatahi (1821) Curumatahi (1862) Curumatahy (1873)	Coromataý (1734/5) R Curumatai (1778) Cormatai (1788) Passagem de.			Indígena (Tupi) <i>Curumatai</i>	Hierotópônimo
140	Fazenda		Cutia E15:1	Nf [Ssing]						Indígena (Tupi) <i>aku'iti</i>	Zootópônimo
141	LD, Corgo		Dacamão E13:4 Decamão E13:2	Nm [Ssing]	Dê-cá a mão (1977:1) C					n/e	Dirrematotópônimo

142	Garimpo e LD	Damáσιο E9:1	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>Damásius</i>	Antropotopónimo
143	Córrego	Dão João E18:1	NCm [Qv+Ssing]					Românico (Português<Latim) + Hebraico <i>Donum-i + Lehoanan</i>	Axiotopónimo
144	Distrito	Desimbargadô E18:1, E19:1 Desimbargadô E18:5 Desimbargadô E16:1- E19:1	Nm [Qv+Ssing] Otoni	Desembargador (1977:3) Distrito	Otoni			Românico (Português<Latim) <i>Imbarricäre + Ottone</i>	Axiotopónimo
145	Fazenda	Destilaria dos Diamantes E19:2	NCf {Prep+ -Apl+Spl}					Românico (Português<Latim) <i>destilläre + dtamas – antis</i>	Sociotopónimo
146	Município	Diamantina E5:4-E6:7- E7:1-E8:2-E12:4-E14:3- E15:11-E16:4-E18:4- E19:4-E20:4-E4:6-E8:2- E10:8-E21:5	Nf [Ssing]			Diamantina (1849, 1855, 1862, 1873)		Românico (Português<Latim) <i>Diamante + sufixo latino -ina</i>	Litotopónimo
147	Gruta	Dilúvio E4:1	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>diluuium</i>	Meteorotopónimo
148	LD, Pasto	Dirceu Mota E1:2	NCm [Ssing+Ssing]					Grego + Românico (Português) < <i>Dirkaios + Mota</i>	Antropotopónimo
149	LD	Disbarranco E22:2 Desbarranco E22:1	Nm [Ssing]	Desbarranque (1977:2) C				Pré-românico Prefixo românico + base pré-românica <i>Dis + barranco</i>	Geomorfotopónimo
150	Rio	Doce E9:1	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>dilicis</i>	Animotopónimo
151	Serra	Dois Irmão E15:1	NCm [NUMpl+Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>duo + germánus</i>	Númerotopónimo
152	Córrego	Dois Tostão E10:2	NCm [NUMpl+Ssing]					Românico (Português<Latim + Francês) <i>duo + teston</i>	Númerotopónimo

153	Campo da Dona E21:1	Nf [Ssing]	Campo da Dona (1977:1) C, LD	Dona (1770) C. da. Dona (1784) Dona (1787) corgo do campo da.	Românico (Português<Latim) < <i>dōmināre</i>	Axiotopônimo
154	Serra da Don' Ana E7:2	Ncf [Ssing+Ssing]			Românico (Português<Latim) + Hebraico <i>dōmīnāre</i> + <i>hanah</i>	Axiotopônimo
155	Pasto Draquiara E16:1 Braquiara E16:1	Nf [Ssing]			n/e	Fitotopônimo
156	Pasto Draquiara E16:2	Nm [Ssing]			n/e	Fitotopônimo
157	Pasto Draquiaria E16:1	Nf [Ssing]			n/e	Fitotopônimo
158	LD Duas Barras E19:1	Ncf [NUMpl+SpI]	Duas Barras (1804)	duas Barras (1770) c. das Duas Barras (1788)	Românico (Português<Latim) + pré-românico <i>duo</i> + <i>barra</i>	Numerotopônimo
159	Córrego Duas Pontes E8:1	Ncf [NUMpl+SpI]	Duas Pontes (1977:1) C, F	Duas Pontes (1820)f.	Românico (Português<Latim) < <i>duo</i> + <i>pōns pontis</i>	Numerotopônimo
160	Fazenda Duda E11:1	Nf [Ssing]	Duda (1977:1) C, LD		n/e	Antropotopônimo
161	Morro do Espinho E10:1	Nm [Ssing]		Espinho (1821) R.m Espinho (1862)	Românico (Português<Latim) <i>spīnus-ūs</i>	Fitotopônimo
162	LD Expedito E10:1	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>Expeditus</i>	Antropotopônimo
163	Cachoeira das Fada E15:1	Nf [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>fāta</i>	Mitotopônimo
164	Corgo do Faustim E22:3	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>faustus</i>	Antropotopônimo
165	Ri da Fazenda E10:3	Nf [Ssing]	Fazenda (1977:1,5)		Românico (Português<Latim) <i>fācēnda</i>	Sociotopônimo
166	LD, Pedra Ferro de Ingomá E9:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Românico (Português<Latim) + Africano (quimbundo) <i>ferrum -i</i> + <i>ngoma</i>	Ergotopônimo

167	Serra da	Felizarda E9:2	Nf [Ssing]	Felizarda (1977:1)				Românico (Português<Latim) <i>Feliz</i>	Animotopônimo
168	LD, Fazenda da	Forquilha E10:1-E15:2 Forquilha E15:1	Nf [Ssing]	Forquilha (1977:4) C	Forquilha (1800, 1804, 1820, 1821)	Forquilha (1776) Fraquilha (1778) Forquilha (1787) honde feixa a demarcação R. Parauna.	Românico (Português<Latim) <i>fírca</i>	Ergotopônimo	
169	Morro do, LD	Furado E18:2	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>forãre</i>	Morfotopônimo	
170	Serra do, Vertente do, LD	Gaio E10:5-E10:2	Nm [Ssing]	Galho (1977:1) Serra do		Gaia (1778)	Românico (Português<Latim) <i>galleus</i>	Geomorfotopônimo	
171	LD	Galheiros E5:1	Nm [Spl]	Galheiro (1977:1) Serra do, LD	Galheiro (1800, 1804, 1821)	Galheiro (1776) Serra do. Galheiro Gouvea (1778) Galheiro (1784) serra de. Galheiro (1788)	Românico (Português<Latim) <i>galleus</i>	Zootopônimo	
172	Distrito	Galinhero E16:2-E18:10	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>gallina</i>	Zootopônimo	
173	LD	Gambá E10:1	Nm [Ssing]				Indígena (Tupi) <i>guá-mbá</i>	Zootopônimo	
174	Serra, Serra da	Gangorra E16:3-E18:1	Nf [Ssing]	Gangorra (1977:3) F	Gangorra (1862)		Origem incerta	Ergotopônimo	
175	Pasto do	Gentio E15:1	Nm [Ssing]	Gentio (1977:1) F			Românico (Português<Latim) <i>genetivu</i>	Etnotopônimo	
176	Rio, Corgo	Grande E2:1-E3:1-E4:2-E5:1-E6:1-E19:1	Nm [Ssing]			Grande (1778) R.	Românico (Português<Latim) <i>grandis</i>	Dimensiotopônimo	
177	Morro, Morro do, Grota	Grilo E18:5	Nm [Ssing]	Grilo (1977:3) C, LD			Românico (Português<Latim) <i>Grillus</i>	Zootopônimo	
178	Ribeirão do, LD	Grisorte E17:2 Grisort*E17:1	Nm [Ssing]				n/e	n/e	
179	Córrego	Guará E20:5	Nm [Ssing]	Guará (1977:1) C			Indígena (Tupi) <i>üa'ra</i>	Zootopônimo	
180	LD, Serra, Serra do e Corgo	Guarda-Mor E12:1	NCm [Ssing+Ssing]	Guarda-Mor (1977:1) C		Guarda (1734/5) LD	Românico (Português<Latim) <i>Guardãre + Maior</i>	Axiotopônimo	

181	LD, Rio do Distrito, Córrego do	Guinda E1:2-E3:3-E9:5-E14:2-E14:1-E21:2	Nm [Ssing]	Guinda (1977:1) Rib		Guinda (1770, 1776) C. da	Românico (Francês) <i>guinder</i>	Ergotopônimo
182	LD	Guiné E10:2	Nm [Ssing]	Guiné (1977:1) Córrego do, Serra da			Africano <i>Guiné</i>	Corotopônimo
183	LD	Gutiérrez E19:1	Nm [Ssing]				Românico (Espanhol +Latim) <i>Gutierre</i>	Antropotopônimo
184	LD	Ilha E18:5	Nf [Ssing]				Românico (Catalão) <i>illa</i>	Geomorfotopônimo
185	Quartel d', LD	Indaiá E9:1-E13:1	Nm [Ssing]		Andaia (1820) Arraial Freguesia Andaia (1821)		Indígena (Tupi) <i>ima'ia</i>	Fitotopônimo
186	Ribeirão do, Reberão do, Garimpo	Inferno E1:1-E6:2-E7:1	Nm [Ssing]	Inferno (1977:1) Rib	Inferno (1820) Rib. do.	Inferno (1729) Ribeirão do. Emferno (1731) P. do Ribeirão. Inferno (1770) R.am:Riberam do. Inferno (1770) Inferno (1776, 1784) Cabeceiras do Ribeirão do. Inferno (1787) Vertentes que formão o Ribeirão do.	Românico (Português<Latim) <i>infernus</i>	Animotopônimo
187	Fazenda do	Ingenho E21:3	Nm [Ssing]			Ingenho (1731) LD Engen.o. (1734/5)	Românico (Português<Latim) <i>ingênium</i>	Sociotopônimo
188	LD, Serra do, Corgo, fazenda,	Inhacica E19:8	Nf [Ssing]		Inhacica (1800, 1804) Inha(x ou n)ca (1820)f. Inharica (1821) Inhacica (1849, 1855, 1862)	Inhacica (1776, 1778, 1788)	Indígena (Tupi) <i>Ynhá-ycica</i>	Fitotopônimo
189	Corgo	Inhacica Grande E19:2	Nf [Ssing+AD]sing		Inhacica Grande (1820)	Inhacica grande (1770)R. Inhacica Grande (1784)	Indígena (Tupi) + Românico (Português<Latim) <i>Ynhá-ycica + grandis</i>	Fitotopônimo

190 LD	Inhacica Pequena E19:2	NCm [Ssing+AD]sing]	Inhacica (1977:2) C	Pequeno	Inhancica (1820)	Pequeno (1820)	Inhachica (1770)C	pequeno	Indígena (Tupi) + Românico (Português<Latim) <i>Ynhã-ycica + pitinnu</i>	Fitotopônimo
191 Rio do Distrito	Inhai E5:1-E10:7-E12:1-E19:2-E21:4-E22:1	Nm [Ssing]	Inhai Distrito (1977:1,2)R,ib,	Inhahi (1800) Inhai (1804) Inhay Destacamento Inhahi (1821)	Inhahi (1800) Inhai (1804) Inhay Destacamento Inhahi (1821)	(1820)	Myinhahy+meri (1729) Inhay, Inhay Grande, Inhay Pequeno (1734/5), Inhay (1776) Inhai (1778) Inhay (1784) LD Inhay (1787) corgo do. Inhay (1787) Arrayal do.		Indígena (Tupi) <i>Y-nhã</i>	Hydrotopônimo
192 Fazenda do	Intendente Câmara E9:1	NCm [Qv+Ssing]							Românico (Francês) + Grego <i>intendant + kamára</i>	Axiotopônimo
193 LD	Iscarro E10:1	Nm [Ssing]							Românico (Português<Latima) <i>screare</i>	Animotopônimo
194 LD	Ispinhaço de Minas E9:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Spl}]							Românico (Português<Latim + Francês) <i>spina + mine</i>	Geomorfotopônimo
195 Povoado	Istrela E16:1	Nf [Ssing]							Românico (Português<Latim) <i>stella -ae</i>	Astrotopônimo
196 Serra	Itambé E10:1	Nm [Ssing]		Itambé (1800)			Itambé (1731) Morro de. Itambé (1776) Serra do. Itambé da Villa (1778)		Indígena (Tupi) <i>ita' me</i>	Litotopônimo
197 Serra	Itambé do Serro E10:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]							Indígena (Tupi) +Românico (Português<Latim) <i>itá -aimbé + cirru</i>	Litotopônimo
198 Distrito	Ixtração E6:3-E7:3	Nf [Ssing]							Românico (Português<Latim) <i>extrahere</i>	Sociotopônimo
199 LD	Ixtrema E16:1	Nf [Ssing]	Extrema (1977:3)R,ib, LD Extrema (1977:2,3) F, LD	Extrema (1804, 1821) Extrema (1855) R.	Extrema (1778) Ertrema (1788)				Românico (Português<Latim) <i>stremo</i>	Dimensiotopônimo

200	Chácara	Jadir Orlandi E2:2	NCm [Ssing+Ssing]						Românico (Português<Latim) + italiano <i>Jáder + Orlando</i>	Antropotopônimo
201	Rio	Jatobá E15:1	Nm [Ssing]	Jatobá (1977:3) Lago do, Jatobá (1821, 1862) LD					Românico (Português<Latim) <i>ietai'ua</i>	Fitotopônimo
202	Corgo do	Jão Borco E10:3	NCm [Ssing+Ssing]						Hebraico + Românico (Catalão) <i>Lehohanan + Bosco < bosque < bosc</i>	Antropotopônimo
203	Córrego, Reberão de	Jão Perera E17:2	NCm [Ssing+Ssing]						Hebraico + Românico (Português<Latim) <i>Lehohanan + Pirum-ĩ</i>	Antropotopônimo
204	LD	Japonês (Pasto da Pindaíba) E15:1	da Nm [Ssing]						n/e	Etnotopônimo
205	LD, Rio, Ri	Jequitinhonha E3:2- E5:4-E8:1-E9:1 Jiquitinhonha E9:7- E17:2-E18:1 Jiquitinhonha E7:5-E15:2- E17:2-E19:1-E20:1- E21:5-E22:1 Jiq[]tionha E7:2 Jequitinhonha E19:1- E21:3-E22:1	Nm [Ssing]	Jequitinhonha (1977:1) Rio	Juaqueitinhonha (1800) Rio Giquireitinhonha (1804) Giquireitinhonha (1820) Jequitinhonha (1821) Gequitinhonha (1862) Rio Gequitinhonha (1873)	Jequitinhonha (1729) Jaiquitinhana (1731) R. Giquito. do Mato, Giquireitinhonha do Campo (1734/5) Jaquitinhonha, Jaquitinhonha do Campo (1770), p. do, R. da Gequitinhonha (1776) Rio. Jaquetinhonha R°. Rio Gequitinhonha, Gequitinhonha do Campo (1784) Guequitinhonha (1787) A ponte da. Giquireitinhonha (1787) R. Jequitinhonha (1788) R°.		n/e	n/e	
206	Serra do	Jiqui E9:1	Nm [Ssing]	Jequi (1977:1) C do					Indígena (Tupi) < <i>jeke'ĩ</i>	Ergotopônimo

207 LD	Jiquitionha Preto E6:2	NCm [Ssing+ADJsing]	Jequitinhonha (1977:5) Rib	Preto			n/e + Românico (Português<Latim) <i>Jiquitionha + prettus</i>	n/e
208 LD	Jiquitionha Branco E6:2	NCm [Ssing+ADJsing]					N/e + Germânico <i>Jiquitionha + blanck</i>	n/e
209 Corgo da	Jisuína E10:4	Nf [Ssing]					Românico (Italiano) <i>Gesuína</i>	Anropotopônimo
210 Fazenda	João Miguel E15:1	NCm [Ssing+Ssing]					Hebraico <i>Lehohanan + Mikha</i>	Anropotopônimo
211 Lajeado da	Lagoa da Canga E15:1	NCf {Prep+Asing+Ssing}					Românico (Português<Latim) + Céltico <i>lácus + cambíca</i>	Hidrotopônimo
212 LD	Lagoa de Lino E16:1	NCm {Prep+Asing+Ssing}					Românico (Português<Latim) + Grego <i>lácus + línos</i>	Hidrotopônimo
213 Lajeado da	Lagoa Grande E16:2	NCf [Ssing+ADJsing]	Lagoa Grande (1977:3) C, LD				Românico (Português<Latim) <i>lácus + grandis</i>	Hidrotopônimo
214 Rio	Lagoa Seca E19:6	NCf [Ssing+ADJsing]					Românico (Português<Latim + Italiano) <i>lácus + < secca</i>	Hidrotopônimo
215 LD, Garimpo	Laje E10:2-E12:9 Laj E12:1	Nf [Ssing]	Laje, Lajes (1977:1)			Lageas (1729) Lages (1734/5, 1770, 1776) C. das. Lage (1784) Corgo da. Lage (1787) Corgo da.	Origem controversa	Litotopônimo
216 LD, Fazenda	Lamarão E10:2-E22:3	Nm [Ssing]	Lamarão (1977:2) C				Românico (Português<Latim) <i>lama + aumentativo português -ão</i>	Litotopônimo
217 LD, Pedra	Lapa do Bom Jesus E19:1	NCm {Prep+Asing+ADJsing+Ssing}					Românico (Português<Latim) <i>lapa + bõnus bõna</i>	Geomorfotopônimo
218 LD, Corgo	Largo E6:2-E20:2	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>largus</i>	Dimensiotopônimo

219	LD	Largo Passa Quatro E9:1	NCm [Ssing+Ssing+ NUMsing]						Românico (Português<Latim) <i>largus + passāre + quattior</i>	Dimensiotopônimo
220	Garimpo, LD	Lavrados E9:1 Lavrado E9:1	Nm [Spl]						Românico (Português<Latim) <i>laborativus</i>	Geomorfotopônimo
221	LD, Corgo da, Garimpo	Lavrinha E18:4-E19:3	Nf [Ssing]	Lavrinha (1977:1) Lavrinhas (1977:3)LD	Lavrinhas (1800) Lavrinha (1804) Lavrinhas (1849)				Românico (Português<Latim) <i>laborare</i>	Sociotopônimo
222	Fazenda dos	Lavus E19:1	Nm [Spl]						n/e	n/e
223	LD	Limera E22:1	Nf [Ssing]						Árabe <i>līmā</i>	Fitotopônimo
224	Fazenda	Leitão E19:1	Nm [Ssing]	Leitão (1977:2) C do, F do					Românico (Português<Latim) <i>lacto -ōnis</i>	Zootopônimo
225	LD, Campo	Limpo E19:1-E22:2 Limpos E19:1	Nm [Ssing]	Limpo (1977:3) C Córrego Limpo (1977:3)LD					Românico (Português<Latim) <i>limpidus</i>	Animotopônimo
226	Córrego	Luizcarro E10:2	Nm [Ssing]						n/e	Antropotopônimo
227	Povoado, Corgo dos	Macaco E10:5-E10:4 Macacos E10:2	Nm [Ssing]	Macacos (1977:2,3) Rib, C dos	Macacos (1821) C.	Macacos (1734/5, 1770) Macaco (1784) Serra do, Macacos (1787)corgo			Africano (banto) <i>makaaku</i>	Zootopônimo
228	Corgo, Povoado, LD	Macaquim E10:6	Nm [Ssing]						Africano (banto) <i>makaaku</i>	Zootopônimo
230	Serra, Serra da, LD	Mãe Mina E9:2-E14:3	NCf [Ssing+Ssing]						Românico (Português<Latim + francês <i>mater -tris + mine</i>	Dirrematopônimo
231	Serra	Makemba E13:3	Nm [Ssing]						Africano (Banto) <i>maquemba</i>	n/e
232	LD	Mandapuçá E15:3 Mandapuxá E15:3	Nm [Ssing]						Indígena (Tupi) < <i>manapuçá</i> < <i>mandapussá</i>	Fitotopônimo
233	LD	Mandirinha E3:1	Nf [Ssing]						n/e	n/e
234	LD	Manhana E22:3	Nf [Ssing]						Românico (Castellano<Latim) <i>mañana</i>	Meteorotopônimo

235	LD, Rio	Manso E19:4	E6:1-E18:1-	Nm [AD]sing]			Manso (1800) Manço (1804, 1821) R. Manso (1862) Rio Manso (1873)	Manso (1770, 1776) R. R.º Manso (1778, 1784) Manço (1787) Manço (1788) R.º.	Românico (Português<Latim) <i>mansus</i>	Animotopônimo
236	Fazenda	Manu E22:1		Nm [Ssing]					Português<Hebraico <i>Manuel < Emanuel</i>	Antropotopônimo
237	Povoado	Mão Torta E16:3		NCf [Ssing+AD]sing]					Românico (Português<Latim) <i>mānus + tortu</i>	Dirrematopônimo
238	Capão	Maravilha E1:2		Nf [Ssing]				Maravilha (1787) corgo do.	Românico (Português<Latim) <i>mirabilia</i>	Fitotopônimo
239	LD	Marco E15:2		Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>Marcus</i>	Ergotopônimo
240	Povoado	Maria Nunes E20:1-E21:3	E19:2-	NCf [Ssing+Spl]		Maria Nunes (1977:1) vila ou povoado			Hebraico + Românico (Português) <i>Miryám + Nínez</i>	Antropotopônimo
241	Córrego do, LD, Rio, Ri	Marimbeiro E19:8-E21:3	E19:1-	Nm [Ssing]		Marimbeiro (1977:1) S	Marimbeiro (1862, 1873)		n/e	Antropotopônimo
242	Córrego	Marzangana E1:2		Nf [Ssing]		Maçangana (1977:1) C			n/e	Ergotopônimo
243	LD	Massa E9:2		Nf [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>massa</i>	Liotopônimo
244	LD	Mechera E13:2		Nf [Ssing]					n/e	n/e
245	Córrego Distrito, do, Serra do, LD	Mendanha E4:1-E5:4-E7:1-E9:1-E19:2-E20:3-E21:4	E1:2-E3:1-	Nf [Ssing]		Mendanha (1977:1) C, vila ou povoado	Mendanha (1821, 1849, 1855, 1873), 1862, do.	Mendanha (1770, 1776) C	Africano (Banto) <i>menganha</i>	Sociotopônimo
246	LD, Serra da	Mercês E19:2		Nf [Spl]					Românico (Português<Latim) <i>mērcēs -ēdis</i>	Antropotopônimo
247	LD	Mercês Diamantina E5:1		NCf [Spl+Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>mērcēs -ēdis + diamante</i> + <i>sufixo grego -ina</i>	Antropotopônimo
248	LD	Milho Verde E1:1		NCm [Ssing+AD]sing]		Milho Verde (1820) Arraial Freguesia e Destacamento Milho Verde (1873)	Verde Milho (1731) e Milho Verde (1776, 1784, 1787) LD		Românico (Português<Latim) <i>mīlhum + vīrādis</i>	Fitotopônimo

249	Garimpo	Minas Serrinha	Ncf [Sp+Ssing]						Céltico + Românico (Português<Latim) <i>mina</i> + <i>serra</i> + <i>diminutivo</i> <i>português -inha</i>	Sociotopônimo
250	LD	Mizael E9:2	Nm [Ssing]						Hebraico <i>Mishael</i>	Antropotopônimo
251	Serra das	Moça E22:2	Nf [Ssing]					Mosa (1787) Corgo da Serra dos.	Origem incerta	Antropotopônimo
252	LD	Moçorongo E9:3 Muçurungo E13:1	Nm [Ssing]		Mocorongo (1977:1)C, S				Africano (Banto) <i>muçurungar</i>	Zootopônimo
253	Tabulero do, LD	Monjão E15:2	Nm [Ssing]						Africano (Banto) <i>monjolo</i>	Ergotopônimo
254	LD	Monte de Extração E4:1	Nf [Ssing]						Românico (Português < Latim) <i>extrahère</i>	Geomorfotopônimo
255	Fazenda dos, Fazenda	Monteiro E22:1 Monteros E21:1	Nm [Ssing]		Montero (1977:2) C				Românico (Português<Latim) <i>Monteiro</i>	Antropotopônimo
256	LD	Morrão E17:3	Nm [Ssing]						Origem obscura <i>morro</i> + aumentativo português -ão	Geomorfotopônimo
257	Povoado, Garimpo	Morrim E10:4 Morrinhos E10:1	Nm [Ssing]		Morrinho (1977:2,3) C			Murinhos (1729) CC Morrinhos (1770) Morinhos (1776) Morrinhos (1778) Morrinhos (1787) corgo dos.	Origem incerta <i>morro</i> + diminutivo português - inho	Geomorfotopônimo
258	Pontá do LD	Morro do Calumbi E16:1	NCm {Prep+ Asing+Ssing}]						Origem incerta + Indígena (Tupi) <i>morro</i> + <i>caá-r-umby</i>	Geomorfotopônimo
259	Serra do	Morro do Chapéu E21:2-E22:1	NCm {Prep+ Asing+Ssing}]						Origem incerta + Românico (Francês) <i>morro</i> + <i>chapel</i>	Geomorfotopônimo
260	Fazenda Pasto	Morro do Cula E9:2	NCm {Prep+ Asing+Ssing}]						Origem incerta + n/e <i>morro</i> + <i>Cula</i>	Geomorfotopônimo
261	Serra	Morro do Marco E15:1	NCm {Prep+ Asing+Ssing}]						Origem incerta + Românico <i>morro</i> + <i>marca</i>	Geomorfotopônimo

262 Serra	Morro do O'ro E22:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]					Origem incerta + Românico (Português<Latim) <i>morro + aurum -ī</i>	Geomorfotopónimo
263 Serra, Lavra	Mugongo E14:1 Mungongu E14:2	Nm [Ssing]					Africano (banto) <i>mungongo</i>	Animotopónimo
264 Garimpo, LD	Mumbuca E6:3 Mubuca E6:2	Nf [Ssing]	Mumbuca (1977:5) C				Indígena (Tupi) <i>mu 'ɲuka</i>	Zootopónimo
265 LD	Mumbucaquinha E6:1	Nf [Ssing]					Indígena (Tupi) <i>mu 'ɲuka</i>	Zootopónimo
266 S(x)erra do	Muriçoca E15:1	Nf [Ssing]					Indígena (Tupi) <i>muri soka</i>	Zootopónimo
267 LD, Pedra	Número Um E9:1	NCm [Ssing + NUMsing]					Românico (Português<Latim) <i>numerus + unus</i>	Numerotopónimo
268 Sítio, LD	Olaria E12:1	Nf [Ssing]				Olaria (1734/5)	Românico (Português<Latim) <i>olla -ae</i>	Sociotopónimo
269 LD	Olimpo Martins E6:1	NCm [Ssing+Sp]				Martins (1821)	Grego + Românico (Português<Latim) <i>O'lympos + Martinici</i>	Antropotopónimo
270 LD, Fazenda, Ponta dos	Olho d'Água E15:2 Olhos d'Água E15:1 Zói d'Água E16:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]	Olho d'Água (1977:3) C			Olhos d'água (1821)	Românico (Português<Latim) <i>oculus -ī + aqua + petra</i> <i>-ae</i>	Hidrotopónimo
271 LD	Olho d'Água da Pedra E19:1	NCm [Ssing+ {Prep+Asing+S sing+Prep+Asin g+Ssing}]					Românico (Português<Latim) <i>oculus -ī + aqua + petra</i> <i>-ae</i>	Hidrotopónimo
272 Conglomerado, LD	Olho de Sapo E9:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]					Românico (Português<Latim) + etimologia obscura <i>oculus -ī</i>	Somatotopónimo
273 Córrego do	Ouro E1:2	Nm [Ssing]	Ouro (1977:1)			C. do O. (1729) O°. (1770), Ribeirão do Ouro (1778) O°. (1787) Corgo do	Românico (Português<Latim) <i>aurum -ī</i>	Litotopónimo
274 LD	Paciência E3:1	Nf [Ssing]				Paciência (1770) Pacien (cia) (1784) Paciência (1787) corgo.	Românico (Português<Latim) <i>pátientia</i>	Animotopónimo
275 Garimpo	Painera E10:2	Nf [Ssing]}					Maliala <i>panni</i>	Fitotopónimo

276	Povoado	Paió E12:1-E21:1 Paiol E21:1	Nm [Ssing]	Paiol (1977:1)	Paiol (1820)f.	Payor (1734/5)	Românico (Catalão) <i>pallol</i>	Sociotopônimo
277	Rio da	Palha E5:1	Nf [Ssing]	Palha (1977:1)			Românico (Português<Latim) <i>paléa -ae</i>	Fitotopônimo
278	LD	Pão de Santo Antônio E4:2	NCm [Ssing+Prep+ Asing+Ssing+Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>pānis -e + Sanctus + Antonius</i>	Ergotopônimo
279	LD	Paraná E21:2	Nf [Ssing]		Paranna (1821)		Indígena (tupi) <i>pará -nã</i>	Corotopônimo
280	Ri	Pardão E1:1	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>pardus</i>	Cromotopônimo
281	Ri	Pardim E1:1	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>pardus</i>	Cromotopônimo
282	Rio, Ri	Pardo E10:2- E15:1 Paldo E11:3	Nm [Ssing]	Pardo (1977:1)Rio	Pardo (1800) Pardo (1855, 1862) R.	Pardo (1729) R Pardo (1734/5) Pardo (1770, 1778, 1788)	Românico (Português<Latim) <i>pardus</i>	Cromotopônimo
283	Ri	Pard' Grande E15:2	NCm [Ssing+AD]sing]	Pardo Grande (1977:1)Rio	Pardo Grande (1800, 1804, 1821, 1862) Rio	Pardo Grande (1770, 1776) R. Cabeceiras do Rio Pardo Grande (1778) Pallagem do Rio. Parde Grande (1784) R. Pardo Grde (1787) Cabeceira do R. Pardo Grande (1787) Rio	Românico (Português<Latim) <i>pardus + grandis</i>	Cromotopônimo
284	Ri	Pard' Piqueno E15:2 Pardo Piqueno E15:1	NCm [Ssing+AD]sing]	Pardo Pequeno (1977:1)Rio	Pardo Pequeno (1820) Rio	Pardo Piqueno (1734/5) Pardo Pequeno (1770) Pardo Pequeno (1784) R Pardo peq. (1787) cabeceiras do R. Pardo Pequeno (1787) Rio	Românico (Português<Latim) <i>pardus + pequeno</i>	Cromotopônimo
285	Corgo	Parmitá E20:1	Nm [Ssing]	Palmital (1977:1) C, S	Palmital (1821)	Palmital (1734/5, 1770, 1776, 1784, 1787) corgo do.	Românico (Português<Latim) <i>palma -ae</i>	Fitotopônimo

286 LD, Mato do	Parmito E10:2		Nm [Ssing]	Palmito (1977:1) C			Românico (Português<Latim) <i>palma -ae</i>	Fitotopônimo
287 Serra do	Pasmá E9:1		Nm [Ssing]	Pasmar (1977:1) Serra do			Românico (Português<Latim) <i>pasmus</i>	Animotopônimo
288 LD	Passa Treis E15:2		NCm [VERB + NUMsing]				Românico (Português<Latim) <i>pássus + trēs</i>	Dirrematotopônimo
289 Serra do	Pasto E7:1		Nm [Ssing]			Pasto (1734/5) C. do	Românico (Português<Latim) <i>pastus -ūs</i>	Sociotopônimo
290 LD	Pataca E2:2		Nf [Ssing]				Românico (Provençal) <i>patac</i>	Ergotopônimo
291 LD, Serra	Pau de Araçá E15:2		NCm [Ssing+ {Prep+ Asing} +Ssing]				Românico (Português<Latim)+ Indígena (Tupi) <i>pālus -ī + ara'sa</i>	Fitotopônimo
292 LD	Pau de Fruta E14:3		NCm [Ssing+ {Prep+ Asing} +Ssing]	Pau de Fruta Pé (1977:1) C			Românico (Português<Latim) <i>Pālus -ī + frūctus</i>	Fitotopônimo
293 Cachoera	Paulo Afonso E9:2		NCm [Ssing+Ssing]				Românico (Português<Latim) + Germânico <i>Paulus + Alfons</i>	Antropotopônimo
294 LD, Fazenda	Pé do Morro E18:4		NCm [Ssing+ {Prep+ Asing} +Ssing]	Pé do Morro (1800, 1804) Pé do Morro (1820)f. Pé do Morro (1821)	Pé do Morro (1778, 1788)		Românico (Português<Latim) + Origem incerta <i>pés pēdis</i>	Somatotopônimo
295 Barra do	Pecado E9:1		Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>peccātum</i>	Animotopônimo
296 Corgo do	Pecadim E9:2 Pecadinho E9:1		Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>peccātum</i>	Animotopônimo
297 Reberão das, Rio das, Ri das	Pedra E9:1-E14:2 Pedras E9:1-E14:2		Nf [Ssing]	Pedras (1977:1)Ribeirão Pedras (1821) R. das. das	Pedras (1729, 1731, 1770, 1776, 1778) Pedras (1784) Cabeceira do Rio das P. Pedras (1787) Rio das.		Românico (Português<Latim) <i>petra -ae</i>	Litotopônimo

298	LD	Pedra do Cavalinho E9:2	Ncf [Ssing+ {Prep+Asing+S sing}]						Românico (Português<Latim) <i>Caballus + diminutivo português - inho</i>	Litopônimo
299	Ri das	Pedra do Guinda E14:1	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]						Românico (Português<Latim+ Francês) <i>petra -ae + guinder</i>	Litotopônimo
300	Serra, Pedra	LD, Pedra Redonda E10:4	Ncf [Ssing+ AD]sing]						Românico (Português<Latim) <i>petra -ae + rétindus</i>	Litotopônimo
300	Ri das	Pedra da Sopa E9:1	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]						Românico (Português<Latim + Francês) <i>petra -ae + soupe</i>	Litotopônimo
301	LD	Pedra Minina E7:1	Ncf [Ssing+Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>petra -ae + menia</i>	Litotopônimo
302	Serra	Pelada E22:1	Nf [Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>pillus</i>	Animotopônimo
303	Pasto, LD	Peroba E12:2	Nf [Ssing]						Indígena (Tupi) <i>ipe roya</i>	Fitotopônimo
304	LD	Pico do Itambé E9:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Itambé (1820) Morro do. Destacamento. Itambé (1821) serra do.			Românico (Português<Latim) + Indígena (Tupi) <i>piccare + ita me</i>	Geomorfotopônimo
305	Pasto da, Corgo do,	Pindaíba E15:1-E19:8	Nm [Ssing]			Pindaíba (1977:1,2) C		Pindaibas (1770, 1776) C das. Pindahiba (1784) Pindahibas (1787) Corgo.	Indígena (Tupi) <i>pina iya</i>	Fitotopônimo
306	LD	Pindaibal E19:1	Nm [Ssing]						Indígena (Tupi) <i>pina iya</i>	Fitotopônimo
307	Capão Povoado, do	dos, Pinheiro Rio E21:2 Pinheiro E10:4	E1:1-E10:1- Nm [Ssing]			Pinheiro (1820) Rio Pinheiro (1776) Rio Pinheiro (1787)			Românico (Português<Latim) <i>pīnus -ī</i>	Fitotopônimo

308	LD	Pinheiros E9:1	Nm [Spl]	Pinheiros (1977:1) Rib dos, LD			Românico (Português<Latim) <i>pīnus -ī</i>	Fitotópónimo
309	Fazenda dos	Piolho E21:2	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>Pedūcūlus</i>	Zootópónimo
310	LD	Planalto E16:3-E18:5-E19:1 Planalto E18:1	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>plānus</i>	Geomorfotópónimo
311	Distrito	Planalto de Minas E16:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Asing+Spl}]	Planalto de Minas (1977:3) Distrito			Românico (Português<Latim) + Céltico <i>plānus + mina</i>	Geomorfotópónimo
312	Vargem das	Pombas E10:1	Nm [Spl]			Pombas (1787) corgo das.	Românico (Português<Latim) <i>paltimba -ae</i>	Zootópónimo
313	Pasto da	Ponte Pedra E15:1	NCf [Ssing+Ssing]	Ponte de Pedra (1977:1) C, S			Românico (Português<Latim) <i>pōns pontis + petra -ae</i>	Hodotópónimo
314	Sítio	Ponte Queimada E10:2	NCf [Ssing+ADJsing]	Ponte Queimada (1977:1,2,3) F,S, LD			Românico (Português<Latim) <i>pōns pontis + cremāre</i>	Hodotópónimo
315	Córrego da	Povoação E1:1	Nf [Ssing]	Povoação (1977:1) C			Românico (Português<Latim) <i>pōpūlare</i>	Sociotópónimo
316	Corgo da	Praia E7:1	Nf [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>plagia</i>	Geomorfotópónimo
317	Garimpo, Garimpo da	Praia E12:3	Nf [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>plagia</i>	Geomorfotópónimo
318	LD, Rio da	Prata E2:3-E5:3	Nf [Ssing]	Prata (1977:1)			Românico (Português<Latim) <i>platta</i>	Litotópónimo
319	LD	Prego E19:1	Nm [Ssing]				Românico (Português<Latim) <i>pllicāre</i>	Ergotópónimo
320	Rio	Preto E5:1-E7:1-E22:1	Nm [Ssing]	Preto (1800,1804) Preto (1873) Preto (1734/5) R. R. Preto (1778, 1788)			Românico (Português<Latim) <i>pretus</i>	Cromotópónimo

321	LD	Puba E21:3	Nf [Ssing]						Indígena (Tupi) <i>puba</i>	Animotopônimo
322	Rio	Pururuca E4:5	Nf [Ssing]						Indígena (Tupi) <i>poro'roka</i>	Fitotopônimo
323	Povoado	Quarté E10:15-E13:3-E15:3 Quartel E10:1-E13:2-E15:1-E21:1 Quartéis E10:4-E15:2	Nm [Ssing]	Quartéis (1977:1)C dos, LD, vila ou Povoado					Românico (Catalão) <i>quarter</i>	Sociotopônimo
324	LD	Quarté do Indaiá E10:1 Quarté de Indaiá E13:1	NCm [Ssing+ {Prep+Asing+ Ssing}]		Quartel (1804, 1821) Antigo Quartel (1862)				Românico (Catalão) + Indígena <i>quarter + andá-yá</i>	Sociotopônimo
325	LD	Quarté Merim E13:1	NCm [Ssing+Ssing]						Românico (Catalão) + Indígena (tupi) <i>quarter + mi'rĩ</i>	Sociotopônimo
326	Rio, LD	Quatro Viténs E2:3	NCm [NUMsing+Spl]	Quatro-Viténs (1977:1) C					Românico (Português<Latim) <i>quatũior + viginũivĩrĩ –õrum</i>	Numerotopônimo
327	Povoado	Quebra-Pé E16:3-E21:8-E22:1	Nm [VERB+Ssing]	Quebra-Pé (1977:1)LD					Românico (Português<Latim) <i>crepãre + pes pêdis</i>	Dirrematopônimo
328	LD	Queraçá E15:1	Nm [Ssing]						n/e	n/e
329	LD	Quiabero E12:3	Nm [Ssing]						Africano (Banto) <i>quiabo < kyambo</i>	Fitotopônimo
330	Serra do	Quilombo E14:3-E14:1	Nm [Ssing]	Quilombo (1977:1,2,3) C, S					Africano (Banto) <i>Kilombo</i>	Sociotopônimo
331	Buquerão	Raimundo Xisto E15:2	NCm [Ssing+Ssing]						Românico (Italiano) + Grego <i>Raimondo + Xystós</i>	Antropotopônimo
332	Serra	Ranca Rabo E15:1	NCm [VERB+Ssing]						Origem controversa + Românico (Português<Latim) <i>rãpum -ĩ</i>	Dirrematopônimo
333	LD	Reberão E19:2	Nm [Ssing]					Ribeirão (1821)	Românico (Português<Latim) <i>rãpa</i>	Hidrotopônimo
334	Córrego, Povoado	Reberãozim E16:4	Nm [Ssing]	Ribeirãozinho (1977:3) C					Românico (Português<Latim) <i>rãpa</i>	Hidrotopônimo

335	Morro	Redondo E10:1-E15:2	Nm [Ssing]	Redonda (1977:1) Serra				Românico (Português<Latim) <i>rētūndus</i>	Morfotopônimo
336	LD	Regalito E10:3	Nm [Ssing]	Regalito (1977:1) C				n/e	n/e
337	LD	Retiro E19:1 Ritiro E19:1	Nm [Ssing]	Retiro (1977:1,3, 4) F do, C, Lago do, LD				Origem desconhecida	Sociotopônimo
338	Fazenda	Riacho das Vara E15:1	NCm [Ssing+ {Prep+ Ap +Ssing}]					Românico (Português<Latim) <i>rīvus -ī + vāra</i>	Hidrotopônimo
339	Pasto, Fazenda e Serra	Riacho Fundo E15:6	NCm [Ssing+ADJsing]		Valle Fundo (1821) Riacho Fundo (1821) R. Fundo (1849)			Românico (Português<Latim) <i>rīvus -ī + fundus</i>	Hidrotopônimo
340	Corgo do, Serra do	Rio Grande E3:2-E3:1	NCm [Ssing+ADJsing]				Grande (1788) R°.	Românico (Português<Latim) <i>rīvus -ī + grandis</i>	Hidrotopônimo
341	Campo do	Ri Paldo E11:1	NCm [Ssing+Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>rīvus -ī + pardus</i>	Hidrotopônimo
342	Corgo	Rio Preto E18:6-E19:2	NCm [Ssing+ADJsing]					Românico (Português<Latim) <i>rīvus + pretius</i>	Hidrotopônimo
343	LD	Rodiadô E15:1 Rodeadô E15:1	Nm [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>Rhodium</i>	Sociotopônimo
344	LD	Saborosa E18:3	Nf [Ssing]					Românico (Português<Latim) <i>Sápōrōsus</i>	Animotopônimo
345	Gruta, Serra do	Salit' E7:1 Salite E6:1 Salitre E7:1	Nm [Ssing]	Salitre (1977:1)				Românico (Castelhano) <i>Salitre</i>	Litotopônimo
346	LD	Salvador da Cruz E6:1	NCm [ADJsing+ {Prep+Asing+S}					Românico (Português<Latim) <i>Salvātiō -ōnis + cruz</i>	Hierotopônimo
347	Campo do, LD, Lavras	Sampaio E11:3 Sampaí' E12:3 S(x)ampaio E15:1	Nm [Ssing]	Campo Sampaio (1977:1)LD				Românico (Português<Latim) <i>Sanctus Pelagijs</i>	Antropotopônimo
348	LD	Santa Cruz E12:4	NCf [ADJsing+Ssing]	Santa Cruz (1977:4) C, S. Cruz (1800) LD			S. Cruz (1770) C. de. S. Cruz (1778) Crus (1788) S.	Românico (Português<Latim) +Português <i>Sanctus + cruz</i>	Hierotopônimo

349	Serra	Santa Colônia E20:2	NCf [AD]sing+Ssing]						Românico (Português<Latim) <i>Sanctus + colônia</i>	Animotopônimo
350	Serra de	Santana E21:4	Nf [Ssing]	Santana (1977:2) Serra de					Românico (Português<Latim) <i>Sant'ana</i>	Hierotopônimo
351	LD	Santana da Divisa E16:1	NCf {Prep+ Asing+Ssing}						Românico (Português + Português<Latim)) <i>Sant'ana + Divisare</i>	Hierotopônimo
352	LD	Santo Antônio E19:1	NCm [AD]sing+Ssing]	Santo Antônio (1977:1,2) Serra de F, C, LD	Sto. Antonio (1820)f. Sto. Antonio (1821)	S. Antônio (1770) C de S. Antonio4(1776) Sto. Antonio (1784) S. Antonio, Sto. Antônio (1787) Corgo de. S. Antonio (1788) R°.		Românico (Português<Latim) <i>Sanctus + Antonius</i>	Hagiotopônimo	
353	LD	Santo Antônio do Itambé E7:1-E7:1	NCm [AD]sing+Ssing +{ Prep+Asing+ Ssing}]		S. Antonio (1821) Serra de.			Românico (Português<Latim) + Indígena (tupi) <i>Sanctus + Antonius + ita 'me</i>	Hagiotopônimo	
354	LD	Santo Pastel E5:1	NCm [AD]sing+ Ssing]					Românico (Português<Latim + Francês) <i>sanctus + pastel</i>	Animotopônimo	
355	Povoado	Sã Bento E12:1 São Bento E12:1	NCm [AD]sing+ Ssing]	São Bento (1977:1) Serra, LD	S. Bento (1821)			Românico (Português<Latim + Francês) <i>Sanctus + Bêito</i>	Hagiotopônimo	
356	Campo de, Reberão	São Domingo E17:2-E19:3-E21:2	NCm [AD]sing+ Ssing]	São Domingo (1977:3) Rib	S. Domingos (1821) LD, R.m de.	S. Dom.os. (1778) Domingos (1788) S.		Românico (Português<Latim) <i>Sanctus + Dominicus</i>	Hagiotopônimo	
357	Rio, Pasto, LD	São Francisco E9:6-E12:1 Sã Francisc' E12:1	NCm [AD]sing+ Ssing]		S. Franc° (1729) C. So. Fran o. (1731) S. Franc° (1770) Francisco (1784) S. Francisco (1787) Rio de.			Românico (Português<Latim) <i>Sanctus + Franciscus</i>	Hagiotopônimo	

358 LD, Corgo	São João E18:1	NCm [AD]sing+ Ssing]	São João (1977:1) Rib	S'João (1729, 1734/5, 1770) C, R. de, C. de S. João (1787) corgo de.	Românico (Português<Latim) + Hebraico <i>Sanctus</i> + <i>Lehohanan</i>	Hagiotopônimo
359 Distrito	São João da Chapada E4:2 São João E10:4 São João E4:1-E10:2 São João da Chapada E9:4- E12:1-E21:4 São João E9:1-E11:1- E21:1	NCm [AD]sing+ Ssing+{ Prep+Asing+ Ssing}]	São João da Chapada (1977:1) distrito	R. S. João (1778)	Românico (Português<Latim) + Hebraico + Origem desconhecida <i>Sanctus</i> + <i>Lehohanan</i>	Hagiotopônimo
360 LD	São José E19:1 São José E19:1	NCm [AD]sing+Ssing]	São José (1977:1.3) C, F		Românico (Português<Latim) + Hebraico <i>Sanctus</i> + <i>Losseph</i>	Hagiotopônimo
361 LD	São Miguel do Jequitinhonha E5:1	NCm [AD]sing+ Ssing+{ Prep+Asing+Ssing}]	São Miguel (1977:1) C		Românico (Português<Latim) + Hebraico + n/e <i>Sanctus</i> + <i>Mikha</i> + n/e	Hagiotopônimo
362 LD, Campina de São Sebastião E19:7		NCm [AD]sing+ Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>Sanctus</i> + <i>Sebastianus</i>	Hagiotopônimo
363 Garimpo	Sapé E12:7	Nm [Ssing]	Sapé (1977:2) C		Indígena (Tupi) <i>iasa pe</i>	Fitotopônimo
364 LD	Sempre Viva	NCf [ADV+VERB]			Românico (Português<Latim) <i>semper</i> + <i>vivere</i>	Dirrematopônimo
365 Distrito	Senadô Modestino Gonçalves E5:1	NCm [Qv+Ssing+Ssing+ Spl]			Românico (Português<Latim) senator -ōris + <i>Modestus</i> + Gonçalves	Axiotopônimo
366 Distrito	Senadô Morão E19:2 Senadô E18:4	NCm [Qv+Ssing]	Senador Mourão (1977:1) Distrito		Românico (Português<Latim) <i>Sênator -ōris</i> + <i>Mourão</i>	Axiotopônimo

367 Rio	Sentinela E1:1-E8:1	Nf [Ssing]	Sentinela (1977:1) C	Sentinela (1770, 1776) C da. Sentinela Cabeceiras da.	Românico (Italiano) <i>sentinella</i>	Sociotopónimo
368 LD	Serra Azul E7:1	NCf [Ssing+ADJsing]			Românico (Português<Latim) + <i>Persa serrāre + lüzward</i>	Geomorfotopónimo
369 Pasto de	Seu Mota E1:1	NCm [ADJsing+Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>Axiônimo português Seu + Mota</i>	Antropotopónimo
370 Pasto do	Sinhô Amintas E3:1	NCm [ADJsing+Spl]			Românico (Português<Latim) + n/e <i>Sênior</i>	Antropotopónimo
371 LD, Serra e Corgo	Lavra, Serrinha E10:4 Serrinha E6:1-E7:1	Nf [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>serra</i>	Geomorfotopónimo
372 Rio da, LD, da	Ri Sopa E1:2-E4:1-E8:3 E14:1-E15:2-E21:2	Nf [Ssing]	Sopa (1977:1) Distrito		Românico (Francês) <i>soupe</i>	Litotopónimo
373 LD	Tabúa E22:1 Tabu E22:1	Nf [Ssing]	Tabua (1804)	Tabûs (1778)	Africano (Yorubá) <i>tábú</i>	Morfotopónimo
374 Fazenda de	Tadeu Rocha E18:2	NCm [Ssing+Ssing]			Siriaco + Românico (Francês) <i>Tadeu + Roche</i>	Antropotopónimo
375 Córrego	Tamanduá E10:1	Nm [Ssing]		Tamandóá (1787) Corgo do	Indígena (Tupi) <i>tamanú a</i>	Zootopónimo
376 Serra	Tapera de Mercedes E15:1 Tapera de Mer(x)és E15:1	NCf [Ssing+ {Prep+ Mer(x)és Asing+Spl}]	Tapera (1804)	Tapera (1778, 1788)	Indígena (Tupi) + Românico (Português<Latim) <i>tape'ra + mercês -ēdis</i>	Ecotopónimo
377 LD	Tejucana E18:3 Tijucana E19:1	Nf [Ssing]			Indígena (Tupi) <i>tu'juka</i>	Sociotopónimo
378 Cachoera de, do	Telécio E15:3 Teleço E15:2	Nm [Ssing]	Telécio (1977:1) C do Telésforo (1977:1) Serra do		Grego <i>Telesphoros</i>	Antropotopónimo
379 Corgo da	Tenda E6:1-E7:4	Nf [Ssing]	Tenda (1977:1) S da		n/e	Ergotopónimo

380 LD, Canal da	Terra Alta E9:1	NCf [Ssing+ADJsing]							Românico (Português<Latim) <i>têrra + altus</i>	Geomorfotopónimo
381 LD	Ticó E18:2	Nm [Ssing]							n/e	n/e
382 Serra do	Tigre E9:4	Nm [Ssing]		Tigre (1977:1) C do, Serra do					Românico (Português<Latim) <i>tigris -is</i>	Zootopónimo
383 Rio, Corgo	Tijuco E1:2-E2:2-E3:2-E14:1	Nm [Ssing]		Tijuco (1977:1) C		Tejuco (1800) Tijuco (1804) Tejuco (1820) Arraial Freguesia Destacamento Tejuco (1821)			Indígena (Tupi) <i>Tu'júka</i>	Litotopónimo
384 Córrego da	Toca E2:1	Nf [Ssing]		Toca (1977:1)					Indígena (Tupi) <i>oca</i>	Geomorfotopónimo
385 Pasto do, LD	Tombadô E15:2	Nm [Ssing]		Tombador (1977:1) S					n/e	Geomorfotopónimo
386 Serra	Treis Corgo E15:4 Três Corgo E19:1	NCm [NUMpl+Ssing]							Românico (Português<Latim) <i>três + corrugus</i>	Numerotopónimo
387 LD, Serra ou Alto	Tromba D'Anta E9:2-E14:2	NCf {Prep+Asing+Ssing}		Tromba d'Anta (1977:1) C, Serra					Românico (Italiano) + Africano <i>trombetta + lamt</i>	Geomorfotopónimo
388 Serra da, LD	Tucaia E15:3	Nf [Ssing]		Tocaiós (1804)					Indígena (Tupi) <i>to'kaia</i>	Animotopónimo
389 LD	Tumazinho E21:2	Nm [Ssing]							Grego Thomás	Antropotopónimo
390 LD	Tumê E19:4	Nm [Ssing]		Tomé (1977:3) LD					Aramaico <i>To'ma</i>	Antropotopónimo
391 Rio e Corgo	Última Fonte E6:2	NCm [NUMsing+Ssing]							Românico (Português<Latim) <i>ultimus + fons -is</i>	Numerotopónimo
392 Serra do	Urubu E10:2	Nm [Ssing]							Indígena (Tupi) <i>uru'yu</i>	Zootopónimo
393 Fazenda, régo	Valus E19:5	Nm [Spl]							Românico (Português<Latim) <i>vallus -i</i>	Geomorfotopóni mo
394 Corgo do	Vaquejadô E16:1-E18:8	Nm [Ssing]							Românico (Português<Latim) <i>vaca</i>	Sociotopónimo
395 LD	Vareda E16:2	Nf [Ssing]							Românico (Português<Latim) <i>verêda</i>	Hodotopónimo

396 LD, Corgo das E22:1 (Varge E22:1)	Povoado, Varge das E22:1	E10:1-E21:1- Vargem E10:1-E22:1 Varge E22:4 Vagem E22:2	E10:1-E21:1- Nf [Ssing]	Vargem (1977:1) C da Vargens (1977:2) C das	Várgeas (1770) C. das	Origem osbcura	Geomorfotopónimo
397 Pasto	Vargem do E15:1	Cuelho Ncf {Prep+ Asing+Ssing}	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Origem osbcura + Românico (Português<Latim) <i>cunçũlus -i</i>	Geomorfotopónimo
398 LD	Varge do Pau	E19:4	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Origem osbcura + Românico (Português<Latim) <i>pãlus -ī</i>	Geomorfotopónimo
399 Pasto	Vargem da Rema	E15:1	Ncf [Ssing+ {Prep+ Asing+Ssing}]			Origem osbcura + Românico (Português<Latim) <i>rẽmus -ī</i>	Geomorfotopónimo
400 Corgo dos, Serra do	Veado	E12:1-E22:3	Nm [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>venãtus -is</i>	Zootopónimo
401 Rio das, Riacho das	Velhas	E3:1 Vea E15:1	Nf [Spl]	Velhas (1977:2) C das	Rº. das Velhas (1778) Vellas (1788) Rº. das.	Românico (Português<Latim) <i>vetũlus</i>	Antropotopónimo
402 Campo	Verde	E19:1	Nm [Ssing]		Verde (1729, 1734/5, 1778) Morro, Rio Verde (1788) Rº.	Românico (Português<Latim) <i>virũdis</i>	Cromotopónimo
403 Serra da	Vigia	E14:3	Nf [Ssing]			Românico (Português<Latim) <i>vigilãre</i>	Animotopónimo
404 Serra do, Rio	Vila Rica	E6:3-E7:2	NCm [Ssing+ADJsing]			Românico (Português<Latim) + Gótico <i>vĩlla + reiks</i>	Poliotopónimo
405 LD	Vila Sabiã	E4:1	NCm [Ssing+Ssing]			Românico (Português<Latim) + Indígena (Tupi) <i>vĩlla + saji 'a</i>	Poliotopónimo
406 Fazenda do	Zé Paranã	E20:2	NCm [Ssing+Ssing]			Hebraico + Indígena (Tupi) <i>Losseph + Parã-nã</i>	Antropotopónimo

407	Garimpo, LD, Zé Pedro E6:3 Mina do	NCm [Ssing+Ssing]	Zé Pedro (1977:1) Grota de/Represa			Hebraico + Românico (Português<Latim) <i>Losseph + Petrus</i>	Antropotopônimo
-----	---------------------------------------	----------------------	---------------------------------------	--	--	---	-----------------



*As tardes tuas todas elas são um encanto
Deste bendito recanto, onde eu me ufano de viver
As noites tuas, quando a própria natureza
Cai nos braços da tristeza
São repletas de harmonia
Nas próprias águas, que despendem das cascatas
Bailam em coro de serenatas Transbordando poesia
Cidade velha, centenária, extraordinária
Tua história é um cofre cheio de honrosas tradições
Pelo passado, o teu presente e a tua sorte
Bem merece que te chamem a princesa cá do norte
Quando a noite vem caindo no horizonte
Lá na serra, lá no monte O cruzeiro se ilumina
E como símbolo de fé da nossa gente
Ele abençoa docemente Os filhos teus, ó Diamantina.*

(Hermes P. Leão e Genaro Cruz)

Capítulo 5 – Análise quantitativa e discussão dos resultados

Como demonstrado no capítulo 4, o nosso *corpus* está constituído de 407 topônimos retirados das entrevistas orais e submetido a uma análise orientada pelas hipóteses mencionadas no *Capítulo 3* deste estudo. Após classificação morfológica, etimológica, taxionômica e levantamento de registros antigos dos topônimos encontrados em cartas geográficas, passemos à análise qualitativa e quantitativa do conjunto dos dados.

Pretende-se, neste capítulo, identificar, comparar e discutir os resultados alcançados por meio de 04 gráficos que trazem os valores numéricos e percentuais, acreditando-se fornecer informações mais concretas de cunho linguístico-histórico-cultural.

5.1. Quanto à taxionomia

Os dados analisados fornecerão informações relacionadas à natureza, às taxionomias registradas na região, à origem, à forma e ao gênero.

5.1.1. Natureza dos topônimos

Entre os objetivos apresentados está o de seguir a classificação taxionômica dos topônimos dos acidentes físico-geográficos, conforme modelo adotado por Dick (1990a, p.31-34). Para Dick os topônimos podem ser de natureza física ou antropocultural. Na análise realizada, predomina o segundo grupo, como se pode verificar: de um total de 407 topônimos, 201 são de natureza antropocultural, perfazendo 49% do total dos nomes. Tomando-se como referência a natureza física soma 192 topônimos que representam 47% do total de dados coletados conforme o gráfico 1, apresentado a seguir.

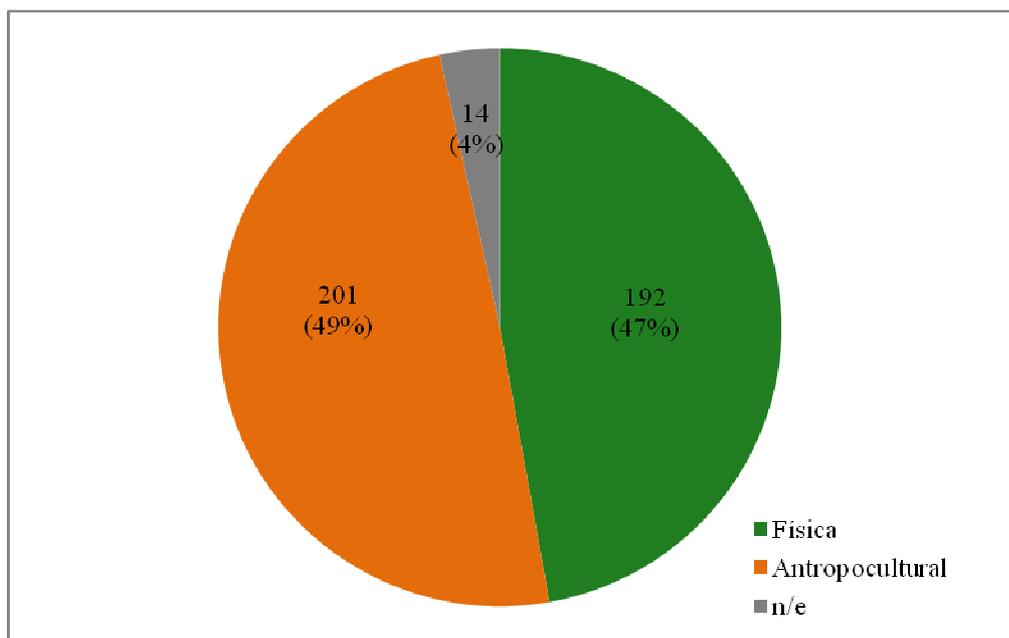


GRÁFICO 1 – Identificação numérica e percentual dos topônimos em relação à natureza física e antropocultural

Da soma total 14 topônimos não foram classificados porque não encontramos o seu registro nos dicionários consultados. São eles: *Camu-camu*, *Cula*, *Cundinho*, *Grisorte*, *Jequitionha*, *Jiquitionha Branco*, *Jiquitionha Preto*, *Lavus*, *Makemba*, *Mandirinha*, *Mechera*, *Queraçá*, *Regralito* e *Ticó*.

A recorrência e análise de cada taxionomia serão apresentadas no item a seguir, pois, a apresentação desses gráficos estabelece apenas a produtividade de cada categoria separadamente.

5.1.2. Taxionomias registradas na região

5.1.2.1. Toponímia Antropocultural

Como visto anteriormente a análise do gráfico 01 mostrou a predominância de topônimos de natureza antropocultural. Da relação proposta por Dick (1990a, p. 32-34) encontramos em nosso *corpus* 14 das 16 taxes sugeridas: *Animotopônimo*, *Antropotopônimo*, *Axiotopônimo*, *Corotopônimo*, *Dirrematopônimo*, *Ecotopônimo*, *Ergotopônimo*, *Enotopônimo*, *Hierotopônimo*: *Hagiotopônimo* e *Mitotopônimo*, *Hodotopônimo*, *Numerotopônimo*, *Poliotopônimo*, *Sociotopônimo*, *Somatotopônimo*. Não encontramos em nossa pesquisa topônimos pertencentes às classes: *Cronotopônimo* e *Historiotopônimo* (Cf. tópico 3.3.3.1.).

A antropotoponímia fornece um número bastante expressivo na região, somando 42 ocorrências, totalizando 21,3% conforme mostra o gráfico 2.

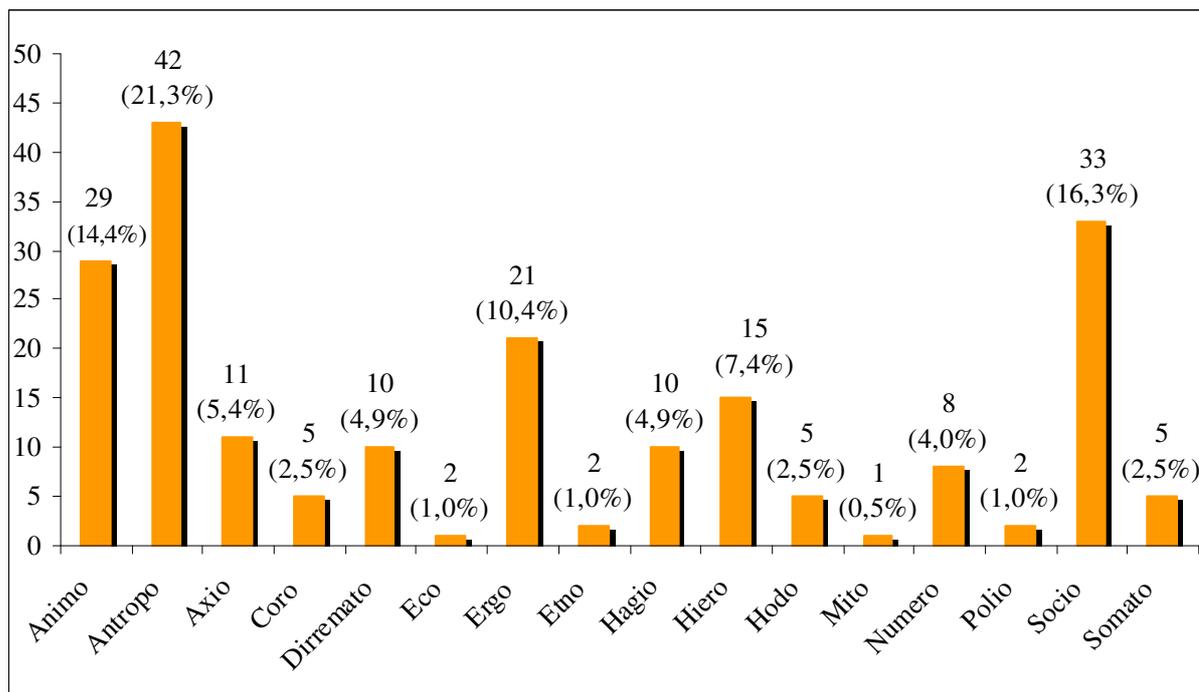


GRÁFICO 2 – Identificação numérica e percentual dos topônimos em relação a sua taxionomia antropocultural.

Os 33 sociotopônimos encontrados aparecem em segundo lugar, totalizando 16,3% das ocorrências. Em terceiro lugar estão os animotopônimos com 29 ocorrências, ou seja, 14,4%. Na sequência estão os ergotopônimos com 21 ocorrências representando 10,4% do todo. Em quinto lugar estão os hierotopônimos com 15 ocorrências e percentual de 7,4%. Em sexto lugar aparecem os axiotopônimos com 11 ocorrências ou 5,4%. Em sétimo lugar estão os hagiotopônimos e os dirrematotopônimos com 10 ocorrências cada um ou 4,9%. Os numerotopônimos ocupam o oitavo lugar com 8 ocorrências ou 4%. Ocupam o nono lugar, os corotopônimos, os hodotopônimos e os somatotopônimos com 5 ocorrências cada e percentual de 2,5%. Em décimo lugar estão os ecotopônimos, os etnotopônimos e os poliotopônimos com 2 ocorrências cada ou 1% da soma total. Em décimo primeiro lugar aparecem os mitotopônimos com uma ocorrência e percentual de 0,5%.

5.1.2.1.1 Extração mineral e aglomeração humana na região

A localização de Diamantina na Serra do Espinhaço, sítio geológico formado por rochas metassedimentares de natureza conglomerática e Galho do Miguel propiciou a ocorrência de diamantes. Do seu surgimento, em 1729, até os dias atuais foram extraídos cerca de 40% do total dessa gema produzida no Brasil. A extração mineral tem sido realizada ininterruptamente, de forma rudimentar, sendo essa atividade ainda um meio de subsistência para a população local.

A predominância do antropotopônimo revela a atuação do homem no local marcada pela busca do crescimento econômico e a necessidade do trabalho em equipe, e aí os sociotopônimos apareceram. Os animotopônimos caracterizam os elementos inerentes à cultura humana. E os diamantes e todo o seu arsenal de exploração fazem parte dessa cultura.

Os diamantes dessa região ficam incrustados em rochas do tipo Conglomerado Sopa Brumadinho conhecidas, simplesmente, por Sopa. Esse tipo de formação geológica foi descoberta em 1850. A origem desse nome é bastante controvertida, havendo diversas concepções a respeito da mesma, segundo Chaves & Filho⁹⁷

Uma delas tem como base o fato de que a rocha, após seu desmonte hidráulico, quando acumulada nas “catas” abertas pelos garimpeiros costuma efervescer, ou “ferver”, na linguagem local, como uma sopa. Outra hipótese é a de que, em algumas áreas a matriz do conglomerado é muito micácea, sendo, por sua cor verde, inicialmente confundida como talcosa por geólogos sul-africanos que atuaram em Diamantina na década de 1920. Como tal matriz era escorregadia, esses geólogos chamaram tal rocha de *soapstone* ou simplificada *soap* (sabão), que foi adaptado pelo linguajar garimpeiro para sopa. Uma terceira versão, mais simplista, acredita que o termo tem sua origem no aspecto caótico e variado apresentado pelos seixos do conglomerado, que quando cortado pode assemelhar-se a uma sopa de muitos ingredientes.

Há lavras em vários distritos. Ressaltaremos aqui os mais visados. Em São João da Chapada, onde apareceram os primeiros diamantes, a 25 km a noroeste de Diamantina se localizam as lavras do Duro, do Barro (33), Sapé (363), Cafundó (62), Campo Sampaio (347), Laje (215), Painera (275) e Prainha (317). Desses nomes somente o primeiro não apareceu em nossas entrevistas.

A 10 km a oeste de Diamantina está Sopa-Guinda, onde se vê enormes sítios de conglomerados Sopa. As mais conhecidas lavras são Boa Vista (44), Brumadinho (52), Caldeirões (64), Califórnia (65), Canal do Mizael (77), Cavalo Morto (103), Cundinho (135), Damásio (142), Lavrados (220), Lavrinha (221) e Mugongo (263). Tem a lavra Diamante Vermelho, única dessa região que não foi registrada. Nessa localidade há vários locais

⁹⁷ Chaves & Filho. Disponível em: <<http://ig.unb.br/sigep/sitio036/sitio036.pdf>>. Acesso em: mai. 2010.

abandonados pelos garimpeiros, resquícios de rios, marcas de erosões, profundas marcas deixadas pelo garimpo e vários exemplares da rocha “Sopa-Brumadinho”. No anexo deste trabalho há um pequeno vídeo feito na lavra Canal do Mizael documentando o estado em que se encontra o local. A foto a seguir foi tirada em um dos inúmeros garimpos abandonados.

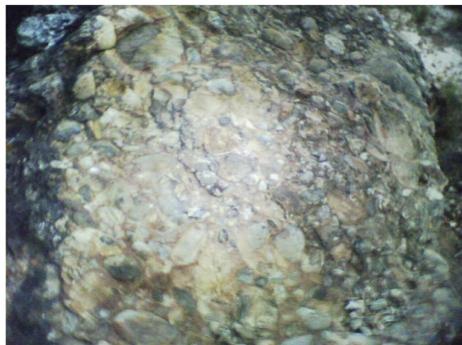


FOTO 13: Conglomerado Sopa Brumadinho
Fonte: Acervo pessoal



FOTO 14: Sopa
Fonte: Acervo pessoal

Extração, a 15 km a leste, popularmente conhecido por Curralinho, famoso pelo diamante de 64,4 ct encontrado em 1954, tem as lavras Laje (215), Ribeirão do Inferno (186), Boa Vista (44), Serrinha (371), Cavalo Morto (103), Zé Pedro (407), Catadim (98) e Mumbuca (264).

Na figura a seguir, observamos a localização de algumas das lavras aqui citadas.

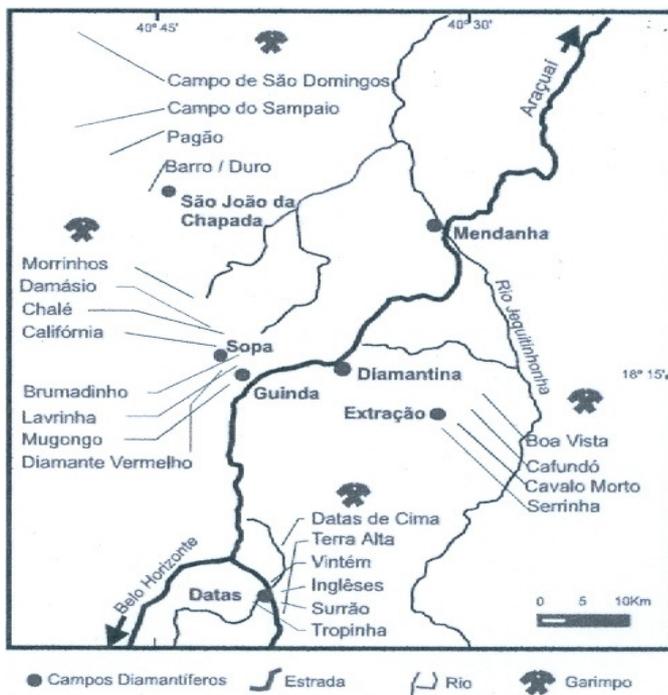


FIGURA 2: locais onde está localizado o Conglomerado Sopa
Fonte: CHAVES;SVISERO, 1993.

5.1.2.2. Toponímia Física

Quanto aos topônimos de natureza física registramos 47% da soma total. Dick (1990a, p. 31) apresenta 11 taxionomias das quais 10 foram encontradas em nossos dados. A taxa que não apareceu foi a referente aos cardinotopônimos. A quantificação numérica e percentual dos topônimos estudados estão no gráfico 3, explicado a seguir.

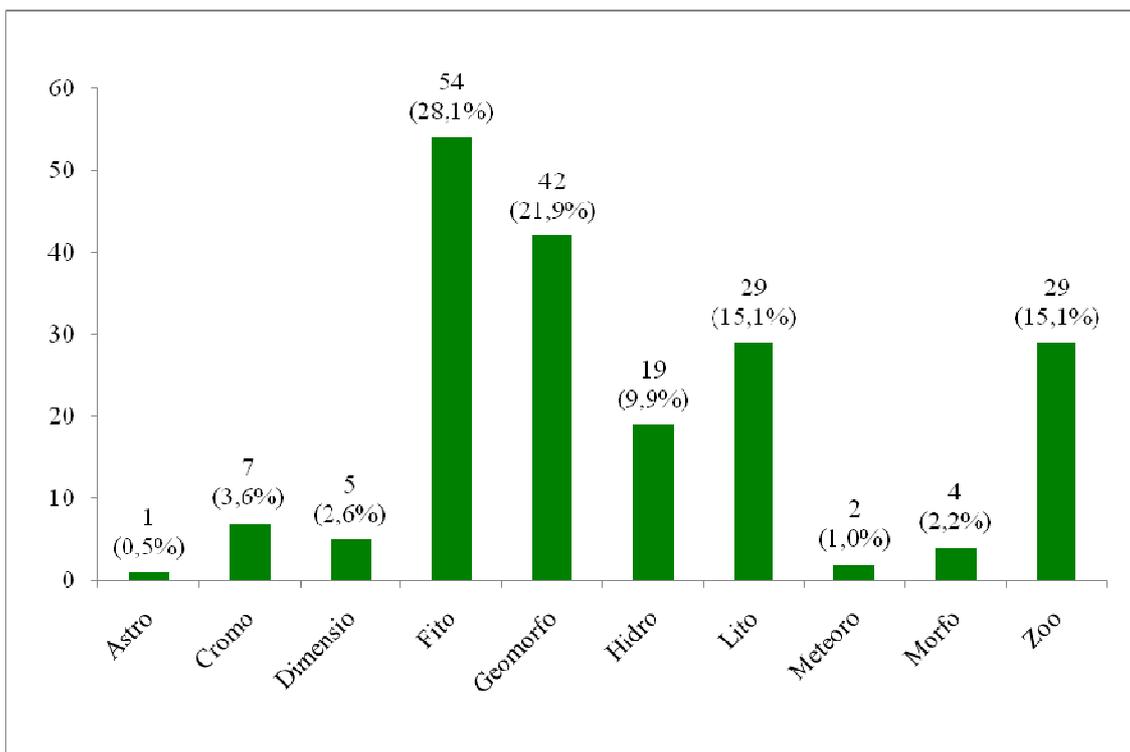


GRÁFICO 3 – Relação numérica e percentual dos topônimos de natureza física.

Em primeiro lugar temos os fitotopônimos com 54 ocorrências gerando um percentual de 28,1%. Em segundo os geomorfotopônimos com 42 ocorrências ou 21,9%. Em terceiro lugar os zootopônimos com 29 ocorrências ou 15,1%. Em quarto estão os litotopônimos com 29 ocorrências ou 15,1%. Em quinto aparecem os Hidrotopônimos, 19 ocorrências ou 9,9%. Em sexto os cromotopônimos com 7 ocorrências ou 3,6%. Em sétimo lugar estão os dimensiotopônimos com 5 ocorrências ou 2,6%. No oitavo lugar os morfotopônimos aparecem com 4 ocorrências ou 2,2%. Em nono, surgem os meteorotopônimos com 2 ocorrências ou 1,0% e em décimo lugar está o astrotopônimo com uma ocorrência e percentual de 0,5%.

Sobre a análise das taxionomias física e antropocultural observamos que o fitotopônimo ocupou o primeiro lugar, com 54 ocorrências, seguido de geomorfotopônimo e antropotopônimo, com 42 ocorrências cada um. Eles também apareceram em outros trabalhos sobre a toponímia de Minas Gerais. Carvalho (2010) em seu estudo sobre a região de Montes

Claros registrou a ocorrência de 34 fitotopônimos em primeiro lugar e os geomorfotopônimos e antropotopônimos, com 27 ocorrências cada, dividindo o segundo lugar. Menezes (2009), ao estudar a região de Pitangui, Pompéu e Papagaios, também observou os fitotopônimos em primeiro lugar de ocorrência e os geomorfotopônimos em segundo. Mendes (2009), em seu trabalho sobre a Hidronímia da região do Rio das Velhas, também constatou a fitotoponímia como predominante em seu *corpus*. Já Seabra (2004), ao estudar a toponímia na Região do Carmo – área muito disputada pelo homem no século XVIII – constatou a predominância de antropotopônimos em seu trabalho.

A fitotoponímia evidencia componentes vegetais relevantes que identificam o espaço geográfico. Segundo Dick (1990a, p.31), na sua teoria terminológica, essa taxa se classifica como “topônimos de natureza física, aqueles de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade e em conjunto da mesma espécie”. Em Diamantina, segundo a Carta de Carbonita⁹⁸, há o lugar denominado Arroz e, na Carta de Diamantina encontramos o córrego Arrozal. Entende-se como *Lugar Denominado* espaço de convivência. A autora segue com a definição de fitotopônimo afirmando que o mesmo pode ser “de espécies diferentes”, como serra *Mato Virgem* e córrego *Pindaíba*. E, ainda, “de formações não espontâneas individuais e em conjunto” tais como córrego Palmito e córrego Palmital. Importante lembrar que os topônimos são referências de eventos sociais que traz à tona a memória de um grupo e das características desse grupo.

O primeiro grupo a se formar no local, como mostrado no capítulo 2, foi o indígena. A predominância da fitotoponímia, seguida pela geomorfotoponímia e zootoponímia abre espaço para refletirmos sobre o ato de nomear e motivação inspirada nos elementos inerentes ao ambiente. Os topônimos indígenas que apareceram na nossa análise nomeiam plantas como *Acaiaca*, *Amendoim*, *Buriti*, *Peroba*, *Pindaíba*, nomeiam as formas, como por exemplo, *Toca* e animais como *Gambá*, *Guará*, *Tamanduá*, *Urubu*.

Alguns topônimos apresentaram variação. O topônimo Inhaí teve como primeira grafia mynhahy-mery coletado na Carta Topográfica de 1731⁹⁹. Durante as entrevistas, realizadas em Diamantina e distritos, nenhum falante citou tal nome. Observamos que na carta de 1784¹⁰⁰ aparece a forma corrompida Inhaý, em 1787 aparece “Corgo do

⁹⁸ CARTA TOPOGRÁFICA das Terras entremeyas do sertão e destrito do SERRO FRIO com as novas minas dos diamantes. Offerecida ao Eminentissimo SENHOR CARDEAL DA MOTA. Por Jozeph Rodrigues de Oliveyra, capitão mandante dos dragões daquele Estado – 1731.

⁹⁹ DISTRITO DOS DIAMANTES MAPA DA DEMARCAÇÃO DIAMANTINA ACRESCENTANDO [A]THE ORIO PARDO. Feito por Antônio Pinto de Miranda – 1784.

¹⁰⁰ Distrito dos Diamantes Demarçããm Diamantina. Com 18 legoas de cumprimento, que fazem huma circunferencia de 51 Legoas - ca. 1787.

Inhahy” e “Arrayal do Inhahy”, retomando o *h*. Em 1800 registrou-se Inhahi, trocando o *y* pelo *i*. Em 1804 aparece grafada como é conhecida hoje pelos falantes da comunidade “Inhai”. Em 1820¹⁰¹ observou-se “Inhay”. Em 1821¹⁰² a ocorrência “Inhahi” retoma o *h* e o *i*. Para Mattos e Silva (1991)¹⁰³

Nada ou quase nada se perde tudo se transforma e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com frequência, nos faz. Para umas perplexidades que a variação sincrônica levanta, um rápido olhar sobre a história passada esclarece.

Com a toponímia é possível observar o passado, recuperar formas antigas e estudar o presente acompanhando o movimento linguístico do signo toponímico.

5.2. Origem dos topônimos

Quanto à origem dos nomes a região investigada apresenta 182 ocorrências, cerca de 44% de nomes cuja origem é português < latim, exemplos: *Agulha, Amizade, Barbada*. Essa predominância se justifica pelo processo de formação linguística que o Brasil se submeteu após a colonização portuguesa. Além desses topônimos, destacamos:

- 10 dos topônimos do *corpus* são de base pré-românica – Exemplo: *Barra, Desbarranque*.
- 03 dos topônimos são de base catalana – Exemplo: *Ilha, Paio*.
- 04 dos topônimos são de base castelhana – Exemplo: *Mañana, Batatal*.
- 05 dos topônimos são de origem francesa – Exemplo: *Borges, Begônia*.
- 04 dos topônimos são de origem italiana – Exemplo: *Bruna, Jisuína*.
- 01 dos topônimos é de origem provençal – Exemplo: *Pataca*
- 67 topônimos são de origem não românica:
 - ✓ 01 céltico – Exemplo: *Coimbra*.
 - ✓ 04 gregos – Exemplo: *Armintas*.
 - ✓ 04 hebraicos – Exemplo: *Mizael*.
 - ✓ 01 germânico – Exemplo: *Barão*.
 - ✓ 03 árabicos – Exemplo: *Arábia*.

¹⁰¹ DIVISÕES ADMINISTRATIVAS Mappa da Freguesia da Villa do Principe que contem á Nordeste a Applicação do Rio Preto: no Centro a Demarcação Diamantina, encravada nesta, e em parte da Freguezia do Rio Vermelho ao Oriente; e a Ssueste o Território da Villa do Principe, Itambé, Rio do Peixe e Guanhões. Por C.L. Miranda em Tejuco. – 1820.

¹⁰² CAPITANIA Theil der neuen Karte der Capitania von Minas Geraes. Aufgenommen von W. von ESCHWEGE. – 1821.

¹⁰³ MATTOS E SILVA, 1991, p. 13-14.

- ✓ 01 aramaico – Exemplo: *Tumé*.
- ✓ 01 inglês – Exemplo: *Arminton*.
- ✓ 01 malaio – Exemplo: *Painera*.
- ✓ 35 indígenas – Exemplos: *Buriti, Inhaí, Inhacica, Jequitionha, Tijuco*.
- ✓ 16 africanos – Exemplos: *Candongá, Makemba*.
- 83 dos topônimos apresentaram formação híbrida:
 - ✓ 01 céltico + românico – Exemplo: *Minas Serrinha*.
 - ✓ 02 pré-românico + românico – Exemplo: *Barro Vermei'*.
 - ✓ 01 românico + pré-românico – Exemplo: *Duas Barras*.
 - ✓ 01 românico + hebraico + origem incerta – Exemplo: *São João da Chapada*.
 - ✓ 01 românico + hebraico + não encontrado – Exemplo: *São Miguel do Jequitinhonha*.
 - ✓ 01 árabe + românico – Exemplo: *Bairro da Serra*.
 - ✓ 02 românico + céltico – Exemplo: *Lagoa da Canga*.
 - ✓ 06 românico + hebraico – Exemplo: *Canal do Mizael*.
 - ✓ 02 românico + gótico – Exemplo: *Campo d' o'tra banda*.
 - ✓ 05 românico + grego – Exemplo: *Raimundo Xisto*.
 - ✓ 01 românico + persa – Exemplo: *Serra Azul*.
 - ✓ 11 românico + românico – Exemplo: *Santo Pastel*.
 - ✓ 01 românico + germânico – Exemplo: *Paulo Afonso*.
 - ✓ 02 românico + africano – Exemplo: *Tromba d' Anta*.
 - ✓ 07 românico + indígena – Exemplo: *Quarté do Indaiá*.
 - ✓ 04 românico + origem incerta – Exemplo: *Olho de Sapo*.
 - ✓ 02 românico + não encontrado – Exemplo: *Cruz do Cula*.
 - ✓ 01 siríaco + românico – Exemplo: *Tadeu Rocha*.
 - ✓ 04 hebraico + românico – Exemplo: *Zé Pedro*.
 - ✓ 01 hebraico + indígena – Exemplo: *Zé Paraná*.
 - ✓ 01 germânico + românico – Exemplo: *Alberto Mota*
 - ✓ 02 grego + românico – Exemplo: *Olimpo Martins*.
 - ✓ 01 indígena + grego – Exemplo: *Capoeira do Calixto*.
 - ✓ 05 indígena + românico – Exemplo: *Itambé do Serro*.
 - ✓ 01 indígena + hebraico + românico – Exemplo: *Capoeira de Zé da Chica*.
 - ✓ 10 origem incerta + românica – Exemplo: *Vargem da Rema*.
 - ✓ 01 origem incerta + não encontrado – Exemplo: *Morro do Cula*

- ✓ 03 origem incerta + indígena – Exemplo: *Arraial do Tijuco*.
- ✓ 01 não encontrado + origem incerta: *Draquiara do Brejo*.
- ✓ 01 não encontrado + românico: *Jequitinhonha Preto*.
- ✓ 01 não encontrado + germânico: *Jequitinhonha Branco*.
- 27 topônimos não foram classificados, pois possuíam origem controvertida, desconhecida ou incerta. Exemplos: *Angico, Bateia, Cachamorra*.
- 23 topônimos não foram encontrados nos dicionários pesquisados. Exemplos: *Calumbi, Coã, Camu-Camu, Grisorte*.

5.2.1 Quantificação total

Africano: 16

Árabe: 3

Aramaico: 1

Castelhano: 4

Catalão: 3

Céltico: 1

Italiano: 4

Francês: 5

Inglês: 1

Germânico: 1

Grego: 4

Hebraico: 4

Híbrida: 83

Indígena: 35

Malaio: 1

Não encontrados: 23

Origem incerta: 27

Português < Latim: 180

Pré-românica: 10

Provençal: 1

A seguir apresentaremos a descrição pormenorizada sobre a origem dos topônimos estudados neste trabalho.

1. Topônimos de origem pré-românica

- Barra [“origem pré-romana. Relacionam-se neste verbete uma série de vocábulos etimologicamente correlacionados.” (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Barrage [barr- + -age {base pré-românica + sufixo francês} (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Barrerão [barr- + -erão {base pré-românica + sufixo português -ão} (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Barreras [barr- + -eras {base pré-românica + sufixo românico -eira} (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Barrero [barr- + -ero {base pré-românica + sufixo românico -eiro} (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Barririm [barr-+ -irim {base pré-românica + sufixo português -inho} (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Barro [“origem pré-romana. Relacionam-se neste verbete uma série de vocábulos etimologicamente correlacionados.” (CUNHA, 1987, p. 100)]
- Carrasco < *carrasca*
- Carrascão < *carrasca*
- Desbarranque [-des + barranco {prefixo românico -des + base pré-românica} (Novo Aurélio - Século XXI, versão 3.0)]

2. Topônimos de origem românica

2.1 Português < *Latim*

- Abadia <¹⁰⁴ *abbatīa*
- Acaba mundo < *capūt + mūndus*
- Água verde < *āqua + viride*
- Agulha < *acūcula*
- Antônio < *Antonius*
- Antônio Augusto Neves < *Antonius + Augustus + Neves*

¹⁰⁴ O sinal < significa “origina-se de”

- Amizade < *amicitatem*
- Areão < *arēal*
- Areia < *arēna*
- Ave < *avis*
- Barbada < *barba-ae*
- Baxadão < *bassiare* + *aumentativo português -ão*
- Bixiga < *vessica*
- Boa Vista < *bōna* + *vidēre*
- Boi pintado < *bōvem* + *pīnctāre*
- Boquerão < *būccam*
- Brumadinho < *bruma*
- Burro ~burro < *burrus*
- Cachuera < *coctiō-ōnis*
- Caldeirão < *caldus*
- Caldeirões < *caldus*
- Camarinha < *camēra*
- Caminho dos escravos < *cammīnus* + *sclavus*
- Campina < *campus*
- Campinas < *campus*
- Campo Alegre < *campus* + *alēcris*
- Campo de Baixo < *campus* + *bassus*
- Canal Califórnia < *canālis* + *californium*
- Canavial < *canna*
- Canto da Serra < *cantus* + *serrārre*
- Capelinha < *cappēlla*
- Capetinha < *capa*
- Casa da Fazenda < *casa* + *facēnda*
- Casado < *casa*
- Catadim < *captāre* + *diminutivo português -inho*
- Cativo < *captivāre*
- Cavaca Pardo < *cava* + *pardus*
- Cavalim < *caballus* + *diminutivo português -inho*
- Cavalo < *caballus*
- Cavalo Morto < *caballus* + *mōrtūus*

- Cavera < *calvāria*
- Cavinha < *calvāria*
- Colônia < *colōnus*
- Coluna < *columna*
- Conselheiro < *consiliāre*
- Consolação < *consolatione*
- Contenda < *contentiō-ōnis*
- Criminoso ~ quiminoso < *crīminōsus*
- Cristal < *crystallum*
- Cristais < *crystallum*
- Cruz das Pedra < *crux crūcis + petra-ae*
- Cruzeiro < *crux crūcis*
- Cruzero < *crux crūcis*
- Damásio < *Damasus*
- Destilaria dos Diamantes < *destillāre + diamas -antis*
- Desimbargadô Otoni < *Imbarricāre + Ottone*
- Diamantina < *diamante + sufixo latino -ina*
- Dilúvio < *diluuūm*
- Doce < *dūlcis*
- Dois Irmão < *duo + germānus*
- Dona < *dōmīnāre*
- Duas Pontes < *duo + pōns pontis*
- Espinho < *spīnus-ūs*
- Expedito < *Expeditus*
- Fada < *fāta*
- Faustim < *Faustim*
- Fazenda < *facēnda*
- Forquilha < *fūrca*
- Furado < *forāre*
- Gaio < *galleus*
- Galheiros < *galleus*
- Galinheiro < *gallina*
- Gentio < *genetivu*
- Grande < *grandis*

- Grilo < *grillus*
- Guarda-Mor < *guardāre*
- Inferno < *infernus*
- Ingenho < *ingēñium*
- Iscarro < *screare*
- Istrela < *stēlla –ae*
- Extração < *extrahēre*
- Extrema < *Stremo*
- Jatobá < *ietai’ua*
- Lagoa Grande < *lācus + grandis*
- Lamarão < *lama + aumentativo português -ão*
- Lapa do Bom Jesus < *lapa + bōnus bōna*
- Largo < *largus*
- Largo Passa Quatro < *largus + passāre + quattuor*
- Lavrados < *laboratīvus*
- Lavrinha < *laborare + diminutivo português -inha*
- Leitão < *lacto –ōnis*
- Limpo < *limpīdus*
- Manso < *mansus*
- Mão Torta < *mānus + tortu*
- Maravilha < *mirabilīa*
- Marco < *Marcus*
- Massa < *Massa*
- Mercês < *Mērcēs –ēdis*
- Mercês Diamantina < *Mērcēs –ēdis + diamante + sufixo grego -ina*
- Monte de Extração < *Monte + Extractione*
- Milho Verde < *mīlīum + vīrīdis*
- Monteiros < *Monteiro*
- Número Um < *numērus + ūnus*
- Olaria < *ōlla –ae*
- Olho d’Água < *ōcūlus -ī + āqua*
- Olho d’Água da Pedra < *ōcūlus -ī + āqua + petra –ae*
- Ouro < *aurum – ī*
- Paciência < *pātīentīa*

- Palha < *palĕa* –ae
- Pão de Santo Antônio < *pānis* –e + *sanctus* + *Antonius*
- Pardão < *pardus*
- Pardim < *pardus*
- Pardo < *pardus*
- Pard’ Grande < *pardus* + *grandis*
- Pard’ Piqueno < *pardus* + *pequeno*
- Parmitá < *palma* –ae
- Parmito < *palma* –ae
- Pasmá < *pasmus*
- Passa Treis < *pāssus* + *trēs*
- Pasto < *pastus* –ūs
- Pau de Fruta < *pālus* –ī + *frūctus*
- Pecado < *peccāttum*
- Pecadim < *peccāttum* + *diminutivo português -inho*
- Pedra < *petra* –ae
- Pedra do Cavalinho < *petra* –ae + *caballus*
- Pedra Minina < *petra* –ae + *menīa*
- Pedra Redonda < *petra* –ae + *rētūndus*
- Pelada < *pĭllus*
- Pinheiro < *pīnus* –ī
- Pinheiros < *pīnus* –ī
- Piolho < *pedūcŭlus*
- Planalto < *plānus*
- Pombas < *palŭmba* –ae
- Ponte Pedra < *pōns pontis* + *petra* –ae
- Ponte Queimada < *pōns pontis* + *cremāre*
- Povoação < *pōpŭlāre*
- Praia < *plagia*
- Prainha < *plagia*
- Prata < *platta*
- Prego < *plīcāre*
- Preto < *prettus*
- Quatro Viténs < *quattŭor* + *vīgintīvīrī* –ōrum

- Quebra-Pé < *crepāre* + *pes pēdis*
- Reberão < *rīpa*
- Reberãozim < *rīpa*
- Redondo < *rētūndus*
- Riacho das Vara < *rīvus -ī* + *vāra*
- Riacho Fundo < *rīvus -ī* + *fundus*
- Rio Grande < *rīvus -ī* + *grandis*
- Ri Paldo < *rīvus -ī* + *pardus*
- Rio Preto < *rīvus* + *prettus*
- Rodiadô < *rhodium*
- Saborosa < *sāpōrōsus*
- Salvador da Cruz < *salvātīō -ōnis*
- Sampaio < *Sanctus Pelagius*
- Santa Cruz < *Sanctus* + *Cruz*
- Santa Colônia < *sanctus* + < *colōñia*
- Santana < *Sant'ana*
- Santana da Divisa < *Sant'ana* + *Divisare*
- Santo Antônio < *Sanctus* + *Antonius*
- São Domingo < *Sanctus* + *Dominicus*
- São Francisco < *Sanctus* + *Franciscus*
- São Sebastião < *Sanctus* + *Sebastianus*
- Sempre Viva < *Sempe* + *Vivere*
- Senadô Modestino Gonçalves < *Sēnātor -ōris* + *Modestus* + *Gonçálvez*
- Senadô Morão < *Sēnātor -ōris* + *Mourão*
- Seu Mota < *Forma apocopada de Senhor Seu* + *Mota*
- Sirrinha < *serra* + *diminutivo português -inha*
- Tenda < *tenta*
- Terra Alta < *tērra* + *altus*
- Tigre < *tigris -is*
- Treis Corgo < *trēs* + *corrugus*
- Valus < *vallus -ī*
- Vaquejadô < *vaca*
- Vareda < *verēda*
- Veado < *vēnātus -ūs*

- Veia < *vētūlus*
- Verde < *vīrīdis*
- Vigia < *vigīlāre*
- Última Fonte < *ultīmus* + *fons* –*tis*

2.2 Catalão

- Ilha < *illa*
- Paió < *pallol*
- Quarté < *quarter*

2.3 Castelhana

- Batatal < *batata*
- Gutiérrez < *Gutierre*
- Manhã < *mañana*
- Salitre < *salitre*

2.4 Francês

- Begônia < *begônia*
- Borge < *Bourges*
- Contagem < *comptage*
- Sopa < *soupe*
- Guinda < *Guinder*

2.5 Italiano

- Bruna < *Bruna*
- Duda < *Eduardo*
- Jisuína < *Gesuína*
- Sentinela < *sentinella*

2.6 Provençal

- Pataca < *pataca*

3. Topônimos de origem não românica

3.1 Céltico

- Coimbra < *conimbriga*

3.2 Grego

- Amintas < *Amyntas*
- Cocais < *kókkos*

- Telécio < *Telesphóros*
- Tumazinho < *Tomás*

3.3 Hebraico

- Carmo < *karmel*
- João Miguel < *Lehohanan + Mikka*
- Manu < *Manuel* < *Emanuel*
- Mizael < *Mishael*

3.4 Germânico

- Barão < *Baro*

3.5 Arábico

- Açogue < *as-ōq*
- Arábia < *`arabîya*
- Limerá < *līmā*

3.6 Aramaico

- Tumé < *To'ma*

3.7 Inglês

- Armintom < *Hamilton*

3.8 Malaio

- Painera < *panni*

4. Topônimos de origem indígena

4.1 Tupi

- Acaiaca < *akaia'ka*
- Amendoim < *manu'ui*
- Araçuaí < *ara + açoi + y*
- Biribiri < *biribiri*
- Bocaiúva < *bocayúva*
- Buriti < *burity* < *mĩri'ti*
- Caeté-Merim < *kaae'te + mi'rĩ*
- Capimpuba < *ka'pii + puça*
- Capuerão < *ko'puera*
- Curumataí < *curumataí*
- Cutia < *aku'ti*
- Gambá < *guá-mbá*

- Guará < *ua'ra*
- Indaiá < *ima'ia*
- Inhacica < *inhã*
- Inhaí < *inhã*
- Itambé < *ita'me*
- Jiqui < *ieke'i*
- Mandapuçá < *manapuçá* < *mandupussá*
- Muriçoca < *muri'soka*
- Mumbuca < *mu'uka*
- Mubuquinha < *mu'uka* + *diminutivo português -inha*
- Paraná < *pará-nã*
- Peroba < *ipe'rouça*
- Pindaíba < *pina'ũa*
- Pindaibal < *pina'ũa*
- Puba < *puba*
- Pururuca < *poro'roka*
- Sapé < *iasa'pe*
- Tamanduá < *tamanu'a*
- Tejucana < *tu'juka*
- Tijuco < *tu'juka*
- Toca < *oca*
- Tucaia < *to'kaja*
- Urubu < *uru'çu*

5. Topônimos de origem africana

- Bambá < *mbamba* (*quimbundo*)
- Cafundó < *(ka)mfundu* (*quimbundo*)
- Candonga < *kabonga* (*quimbundo*)
- Canjica < *canjica* (*banto*)
- Carimbo < *ka'rimu* (*quimbundo*)
- Guiné < *guiné*
- Macaco < *makaaku* (*banto*)
- Macaquim < *makaaku* (*banto*)
- Makemba < *Maquemba* (*banto*)

- Mendanha < *menganha* (*banto*)
- Moçorongo < *muçurungar* (*banto*)
- Monjolão < *monjolo* (*banto*)
- Mugongo < *mungongo* (*banto*)
- Quiabero < *quiabo* < *Kyambo* (*banto*)
- Quilombo < *kilombo* (*banto*)
- Tabúa < *tàbú* (*yorubá*)

6. Topônimos de origem incerta:

- Angico
- Arturo
- Bateia
- Beco do Morro
- Brejo
- Buraco
- Buracão
- Cachamorra
- Califórnia
- Carrapato
- Carrapatinho
- Caxão
- Chapada
- Chapadão
- Coquero
- Coruja
- Criolo
- Curral
- Curralim
- Gangorra
- Laje
- Moça
- Morrão
- Morrim
- Retiro

- Tabúa
- Vage

7. Topônimos de origem híbrida:

7.1. Céltico + Românico

- Minas Sirrinha = *mina* (céltico) + *serra* (português<latim) + *diminutivo -inha*

7.2. Pré-românico + Românico

- Barro quebrado = *barro* (pré-românico) + *crepāre* (latim)
- Barro Vermei' = *barro* (pré-românico) + *věrmicŭlus* (latim)

7.3. Românico + Pre-românico

- Duas Barras = *duo* (latim) + *barra* (pré-românico)

7.4. Românico + Hebraico + Origem incerta

- São João da Chapada = *Sanctus* (latim) + *Lehohanan* (hebraico) + *Chapada* (origem incerta)

7.5. Românico + Hebraico + Não encontrado

- São Miguel do Jequitinhonha = *Sanctus* (latim) + *Mikha* (hebraico) + *Jequitinhonha* (n/e)

7.6. Árabe + Românico

- Bairro da Serra = *barri* (árabe) + *serra -ae* (latim)

7.7. Românico + Céltico

- Lagoa da Canga = *lăcus* (latim) + *cambĭca* (céltico)
- Planalto de Minas = *plănus* (latim) + *mina* (céltico)

7.8. Românico + Hebraico

- Canal do Mizael = *Canălis* (latim) + *Mishael* (hebraico)
- Cruz do Jirimia = *crux crŭcis* (português) + *Lirmeiahu* (hebraico)
- Dão João = *Donum-i* (latim) + *Lehohanan* (hebraico)
- Don'Ana = *Dŏmĭnāre* (português) + *Hanah* (hebraico)
- São João = *Sanctus* (latim) + *Lehohanan* (hebraico)
- São José = *Sanctus* (latim) + *Iosseph* (hebraico)

7.9. Românico + Gótico

- Vila Rica = *Vĭlla* (português) + *Reiks* (gótico)
- Campo d' o'tra banda = *campus* + *alter* (latim) + *bandwa* (gótico)

7.10. Românico + Grego

- Campo de Cima = *campus* (latim) + *kyma* (grego)
- Cata do Teleço = *captāre* (latim) + *Telesphóros* (grego)
- Intendente Câmara = *Intendant* (francês) + *Kamára* (grego)
- Lagoa de Lino = *lăcus* (Latim) + *Línos* (grego)
- Raimundo Xisto = *Raimondo* (italiano) + *Xystós* (grego)

7.11. Românico + Persa

- Serra Azul = *Serrāre* (latim) + *lăžwārd* (persa)

7.12. Românico + Românico

- Chico Chaves = *Chico* (espanhol) + *Chávias* (português)
- Chifre quebrado = *chifle* (castelhano) + *crepāre*
- Dois Tostão = *duo* (português) + *teston* (francês)
- Ispinhaço de Minas = *spīna* (português) + *mine* (francês)
- Jadir Orlandi = *Jáder* (português) + *Orlando* (italiano)
- Lagoa Seca = *lăcus* (latim) + *secca* (italiano)
- Mãe Mina = *Mater -tris* (latim) + *Mine* (francês)
- Pedra do Guinda = *petra -ae* (latim) + *Guinder* (francês)
- Pedra da Sopa = *petra -ae* (latim) + *soupe* (francês)
- Santo Pastel = *Sanctus* (latim) + *pastel* (francês)
- São Bento = *Sanctus* (latim) + *Bêeito* (francês)

7.13. Românico + Germânico

- Paulo Afonso = *Paulus* (latim) + *Alfons* (germânico)

7.14. Românico + Africano

- Ferro de Ingomá = *ferrum -i* (latim) + *ngoma* (quimbundo)
- Tromba d'Anta = *trombétta* (italiano) + *lamt* (africano)

7.15. Românico + Indígena

- Cruz do Acaiaca = *crux crūcis* (português) + *akaja'ka* (tupi)
- Pau de Araçá = *pālus -ī* (latim) + *ara'sa* (tupi)
- Pico do Itambé = *piccare* (latim) + *Ita'me* (tupi)
- Quarté do Indaiá = *quarter* (catalão) + *andá -yá* (tupi)
- Quarté Merim = *quarter* (catalão) + *mi'rĩ* (tupi)
- Santo Antônio do Itambé = *Sanctus* + *Antonius* (latim) + *Ita'me* (tupi)
- Vila Sabiá = *vīlla* (latim) + *sauĩ'a* (indígena)

7.16. Românico + Origem incerta

- Bica da Coã = *beccu* (latim) + *coã* (origem incerta)

- Conselheiro Mata = *Consiliāre* (português) + *Mata* (origem incerta)
- Olho de Sapo = *ōcūlus -ī* (latim) + *sapo* (origem incerta)
- Pé do Morro = *pēs pēdis* (latim) + *morro* (origem incerta)

7.17. Românico + Não encontrado

- Cruz do Cula = *crux crūcis* (português) + *Cula* (origem incerta)
- Sinhô Armintas = *Sēñior* + *Armintas* (n/e)

7.18. Siríaco + Românico

- Tadeu Rocha = *Tadeu* (Siríaco) + *Roche* (francês)

7.19. Hebraico + Românico

- Jão Borco = *Lehohanan* (hebraico) + *Bosco* (português)
- Zé Pedro = Zé hipocorístico de José *Iosseph* (hebraico) + *Petrus* (latim)
- Jão Perera = *Lehohanan* (hebraico) + *Pirum-ī* (latim)
- Maria Nunes = *Miryám* (hebraico) + *Núnez* (português)

7.20. Hebraico + Indígena

- Zé Paraná = Zé hipocorístico de José *Iosseph* (hebraico) + *Pará-nã* (tupi)

7.21. Germânico + Românico

- Alberto Mota = *Albrecht* (germânico) + *Mota* (português)

7.22. Grego + Românico

- Dirceu Mota = *Dirkaios* (grego) + *Mota* (português)
- Olimpo Martins = *O'lympos* (grego) + *Martinici* (latim)

7.23. Indígena + Grego

- Capoeira do Calixto = *ko'puera* (tupi) + *Kállistos* (grego)

7.24. Indígena + Românico

- Capão Grosso = *kaa'paū* (tupi) + *grössus* (latim)
- Inhacica Grande = *inha* (tupi) + *grandis* (português)
- Inhacica Pequena = *inha* (tupi) + *pitinnu* (latim)
- Itambé do Serro = *Ita'me* (tupi) + *Cirru* (latim)
- Tapera de Mercedes = *tape'ra* (tupi) + *Mērcēs -ēdis* (latim)

7.25. Indígena + Hebraico + Românico

- Capoeira de Zé da Chica = *ko'puera* (tupi) + hipocorístico de José *Iosseph* (hebraico) Zé + hipocorístico de *Franciscus* (latim) Chico

7.26. Origem incerta + Românico:

- Arraiá dos Forro = *arraial* (origem incerta) + *forro* < *feurre* (francês)
- Brejo Grande = *brejo* (origem incerta) + *grandis* (português)

- Curral Grande = *curral* (origem incerta) + *grandis* (português)
- Morro do Chapéu = *morro* (origem incerta) + *chapel* (francês)
- Morro do Marco = *morro* (origem incerta) + *marca* (português)
- Morro do O'ro = *morro* (origem incerta) + *aurum -ī* (latim)
- Ranca Rabo = *ranca* (origem incerta) + *rāpum -ī* (latim)
- Vargem do Cuelho = *vargem* (origem incerta) + *cunīcūlus -i* (latim)
- Varge do Pau = *varge* (origem incerta) + *pālus -ī* (latim)
- Vargem da Rema = *vargem* (origem incerta) + *rēmus -ī* (latim)

7.28. Origem incerta + Não encontrado

- Morro do Cula = *morro* (origem incerta) + *Cula* (n/e)

7.29. Origem incerta + Indígena

- Arraial do Tijuco = *arraial* (origem incerta) + *Tijuco* < *tu'juka* (tupi)
- Coquero do Buriti = *coquero* (origem incerta) + *mīrī'tī* (tupi)
- Morro do Calumbi = *morro* (origem incerta) + *caá-r-umby* (Calumbi)

7.30. Não encontrado + Origem incerta

- Braquiara do brejo = *Braquiara* (n/e) + *brejo* (Origem incerta)

7.31. Não encontrado + Românico

- Jiquitionha Preto = *jiquitionha* (n/e) + *prettus* (latim)

7.32. Não encontrado + Germânico

- Jiquitionha Branco = *jiquitionha* (n/e) + *blanck* (germânico)

8. Não encontrados / não classificados

- Burgalhau
- Calumbi
- Camu-Camu
- Coã
- Cula
- Cundinho
- Dacamão
- Draquiara ~ Braquiara
- Draquiarão ~ Braquiarão
- Draquiarinha ~ Braquiarinha
- Grisorte
- Japonês

- Jiquitionha
- Lavus
- Luizcarro
- Mandirinha
- Marimbero
- Marzangana
- Mechera
- Queraçá
- Regralito
- Ticó
- Tombadô



FOTO 15: Garimpo

Fonte: Disponível em: http://www.asminasgerais.com.br/arquivos//115/arq_676.jpg.

5.3. Forma e gênero dos topônimos

Quanto ao gênero dos topônimos, conforme pode ser visto, a seguir, no gráfico 4, em que são mostrados dados numéricos e percentuais do total dos nomes analisados, houve a predominância dos nomes masculinos com 271 ocorrências, entre formas simples e compostas, o que representa um percentual de 67% da soma total. Os nomes femininos somam 136 ocorrências o que equivale a 33% dessa contabilidade.

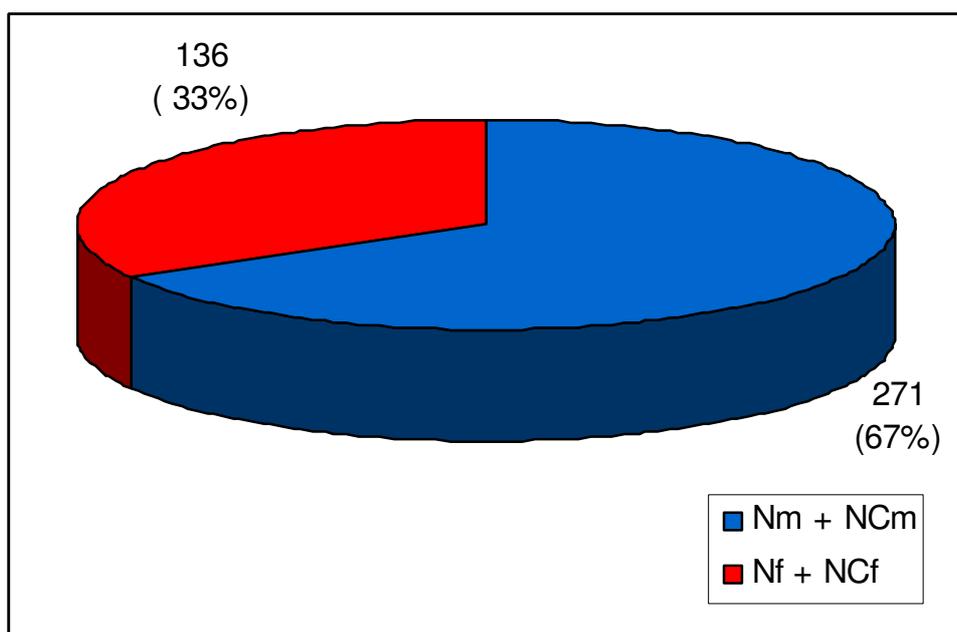


GRÁFICO 4: Gênero dos topônimos

Dentre os topônimos do gênero masculino encontramos 154 ocorrências simples e no singular estruturado Nm [Ssing], 10 ocorrências no plural com o formato Nm [Spl]. Entre os nomes compostos temos as seguintes classificações morfológicas:

- 18 ocorrências NCm [Ssing+Ssing]
- 01 ocorrência NCm [Ssing+Ssing+Ssing]
- 02 ocorrências NCm [Ssing+Spl]
- 01 ocorrência NCm [ADJsing+Spl]
- 01 ocorrência NCm [Qv+Ssing+Ssing+Spl]
- 04 ocorrências NCm [VERB+Ssing]
- 19 ocorrências NCm [Ssing+ADJsing]
- 02 ocorrências NCm [ADV+ADJsing]
- 02 ocorrências NCm [ADV+{Prep+Asing+Ssing}]

23 ocorrências NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}]
 02 ocorrências NCm [Ssing+{Prep+Asing+Spl}]
 02 ocorrências NCm [Ssing+{Prep+Apl+Ssing}]
 01 ocorrência NCm [Ssing+{Prep+Apl+Spl}]
 01 ocorrência NCm [ADV+{Prep+Asing+Pron+Ssing+Ssing}]
 05 ocorrências NCm [ADJsing+Ssing+{Prep+Asing+Ssing}]
 01 ocorrência NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing+Prep+Asing+Ssing}]
 04 ocorrência NCm [Qv+Ssing]
 01 ocorrência NCm [Ssing+NUMsing]
 01 ocorrência NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing+Ssing}]
 01 ocorrência NCm [VERB+NUMsing]
 01 ocorrência NCm [NUMsing+Spl]
 03 ocorrências NCm [NUMpl+Ssing]
 10 ocorrências NCm [ADJsing+Ssing]
 01 ocorrência NCm [NUMsing+Ssing]

Já os nomes femininos apresentam 91 ocorrências na forma de Nf [Ssing] e 04 na forma de Nf [Spl]. Em um número menor com 41 ocorrências, os nomes compostos femininos distribuem-se nas estruturas:

03 ocorrências NCf [Ssing+Ssing]
 01 ocorrência NCf [Ssing+Spl]
 02 ocorrências NCf [Spl+Ssing]
 09 ocorrências NCf [Ssing+ADJsing]
 03 ocorrência NCf [ADJsing+Ssing]
 14 ocorrências NCf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}]
 01 ocorrência NCf [Ssing+{Prep+Asing+Spl}]
 02 ocorrência NCf [Ssing+{Prep+Apl+Ssing}]
 01 ocorrência NCf [Ssing+Ssing+NUMsing]
 01 ocorrência NCf [NUMsing+Ssing]
 01 ocorrência NCf [Ssing+NUMsing]
 02 ocorrências NCf [NUMpl+Spl]
 01 ocorrência NCf [ADV+VERB]

5.4. Quanto aos processos de formação dos topônimos

O processo de formação dos topônimos é o mesmo que sucede a qualquer palavra, ou seja, revela propriedade morfológica, sintática e semântica. Entre os processos que originam os topônimos destacamos o de derivação, composição e hibridismo que discutiremos a seguir.

5.4.1. Derivação

A derivação se constrói com a adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base ou radical para a formação de uma palavra. Afirma Seabra (2004, p. 312) “combinando o princípio da derivação sufixal, a língua portuguesa pode criar com maior facilidade substantivos novos com base em adjetivos ou nos próprios substantivos, constituindo uma fonte quase inesgotável de inovação lexical”.

A respeito desse processo convém destacar os 06 nomes terminados em *-ado(a)*. São eles *Barbada*, derivado do topônimo luso *Barba*, *Barbada* é um topônimo brasileiro, formado pelo processo de derivação sufixal; *Casado* é particípio do verbo *casar*; *Chapada* é a forma substantivada de *Chapado*. *Furado*, particípio do verbo *furar*. Derivado do topônimo luso *lavra*, *Lavrado* é considerado também um topônimo brasileiro. *Pelada* é forma substantivada do adjetivo *pelado*.

Salientamos, também, os substantivos terminados em -ero, -era, -eiro, -eros e -eira, são 13 ocorrências, a saber: *Barreras*, *Barrero*, *Capoeira*, *Cavera*, *Coquero*, *Coquero do Buriti*, *Cruzeiro do Cula*, *Cruzero*, *Galheiros*, *Galinheiro*, *Painera*, *Pinheiro*, *Quiabero*; em -ã/ -ão/ -ões, obtivemos 18 ocorrências: *Areão*, *Barão*, *Barrerão*, *Baxadão*, *Buracão*, *Caldeirão*, *Caldeirões*, *Capão*, *Capuerão*, *Caxão*, *Chapadão*, *Draquiarão*, *Ixtração*, *Monjolão*, *Morrão*, *Pardão*, *Povoação*, *Reberão*. Registramos também 08 ocorrências de formação de palavras por meio do sufixo -al, -á, *Arraial*, *Batatal*, *Canavial*, *Cristal*, *Curral*, *Curral Grande*, *Parmitá*, *Pindaibal*.

5.4.1.1. O caso do -inho

O diminutivo -inho (-im, -inha, -inhos) apresentou-se, também, bastante significativo, com 22 ocorrências: *Barririm*, *Brumadinho*, *Capelinha*, *Carrapatinho*, *Catadim*, *Cavalinho*, *Cavirinha*, *Cruzerim*, *Cundinho*, *Faustim*, *Lavrinha*, *Macaquim*, *Mandirinha*, *Morrim*, *Morrinhos*, *Mubuquinha*, *Pardim*, *Pecadim*, *Prainha*, *Reberãozim*, *Sirrinha*,

Tumazinho. Ressalta-se que o diminutivo é próprio do falar mineiro, caracteriza a identidade linguística de Minas Gerais. Seabra (2004) em seu estudo toponímico na região do Carmo encontrou 06 ocorrências; Menezes (2009), em seu trabalho sobre a toponímia na região de Pitangui, Pompéu e Papagaios, registrou também 06 ocorrências, já Carvalho (2010) em sua pesquisa toponímica em Montes Claros registrou 09 ocorrências.

O uso do aumentativo e do diminutivo sugere explicitar a dimensão do lugar nomeado como, por exemplo, o topônimo *Morro*, *Morrão* e *Morrinho*.

5.4.2. Composição

Esse processo se faz com a junção de duas ou mais classes de palavras e visa dar ênfase ao núcleo da formação. Encontramos as seguintes formas:

- a) Substantivo + adjetivo: Com número mais expressivo temos 26 ocorrências, destaque-se as 06 composições fitotoponímicas *Caeté-Mirim*, *Campo Alegre*, *Capão Grosso*, *Inhacica Grande*, *Inhacica Pequena*, *Milho Verde*; Na sequência estão as 05 composições litotoponímicas *Barro Quebrado*, *Barro Vermel'*, *Brejo Grande*, *Pedra Minina*, *Pedra Redonda*, 04 composições hidrotoponímicas *Água Verde*, *Lagoa Grande*, *Lagoa Seca*, *Rio Preto*, 02 composições zootoponímicas *Boi Pintado*, *Cavalo Morto*, 02 composições dirrematotoponímicas *Chifre Quebrado*, *Mão Torta*, 02 composições de taxes não classificadas/não encontradas *Jiquitionha Preto*, *Jiquitionha Branco*, 02 composições cromotoponímicas *Pard'Grande*, *Pard' Piqueno*, 01 composição sociotoponímica *Curral Grande* e 02 composições geomorfotoponímicas *Serra Azul* e *Terra Alta*.
- b) Adjetivo + substantivo: Nesta formação registram-se 16 composições: 14 hagi-topônimos *Salvador da Cruz*, *Santa Cruz*, *Santa Colônia*, *Santana da Divisa*, *Santo Antônio*, *Santo Antônio do Itambé*, *São Bento*, *São Domingo*, *São Francisco*, *São João*, *São João da Chapada*, *São José*, *São Miguel do Jequitinhonha*, *São Sebastião* e 02 animotopônimos *Santo Pastel* e *Boa Vista*.
- c) Verbo + substantivo: A forma verbal, utilizada para formar esses vocábulos, é comumente a 3ª pessoa do presente do singular, do modo indicativo ou do imperativo. *Acaba Mundo* = expressão lexical cristalizada, de formação luso. *Ranca Rabo* = expressão lexical cristalizada, de formação híbrida.
- d) Substantivo + de + substantivo: Também registramos este tipo de composição, em que um substantivo está subordinado a outro. Entre os 39 exemplos que se seguem,

predominam nitidamente os nomes de natureza física: *Arraia dos Forro, Arraial do Tijuco, Bairro da Serra, Beco do Morro, Bica da Coã, Caminho dos Escravos, Campo de Baixo, Campo de Cima, Canto da Serra, Casa da Fazenda, Coquero do Buriti, Cruz das Pedra, Cruz do Acaiaca, Cruzeiro do Cula, Destilaria dos diamantes, Draquiara do Brejo, Ferro de Ingomá, Ispinhaço de Minas, Itambé do Serro, Lagoa da Canga, Monte de Extração, Morro do Calumbi, Morro do Chapéu, Morro do Cula, Morro do Marco, Morro d' O'ro, Olho d' Água, Olho de Sapo, Pau de Araçá, Pau de Fruta, Pedra da Sopa, Pedra do Cavalinho, Pico do Itambé, Planalto de Minas, Quarté do Indaiá, Riacho das Vara, Tapera de Mercedes, Tromba D'Anta, Vargem do Cuelho, Varde do Pau, Vargem da Rema.*

- e) Substantivo + substantivo: das 23 ocorrências, 17 são antropotopônimos *Alberto Mota, Antônio Augusto, Chico Chaves, Conselheiro Mata, Dão João, Dirceu Mota, Don' Ana, Jão Borco, Jão Perera, Mãe Mina, Maria Nunes, Mercês Diamantina, Paulo Afonso, Seu Mota, Tadeu Rocha, Zé Paraná e Zé Pedro*, 05 são numerotopônimos *Dois Irmão, Dois Tostão, Duas Barras, Duas Pontes, Quatro Viténs* e 01 dirrematotopônimo *Passa três*.

5.4.3. Nomes expressos por frases

As expressões substantivas da língua são comuns em qualquer região. As encontradas neste estudo são constituídas por frases do tipo verbo (no imperativo) + nome (no acusativo), como as apresentadas no item c *Acaba Mundo e Ranca Rabo*. Citamos também as categorias de larga escala de composição *Lapa do Bom Jesus, Campo d' o'tra banda, Largo Passa Quatro, Olho d'Agua da Pedra, Pão de Santo Antonio, São João da Chapada*.

5.4.4. Híbridismo

Na seção que trata da origem dos topônimos mostramos que há 83 formações híbridas. As construções variaram muito. Obteve-se 01 céltico + românico – Exemplo: *Minas Serrinha*. 02 pré-românico + românico – Exemplo: *Barro Vermei'*. 01 românico + pré-românico – Exemplo: *Duas Barras*. 01 românico + hebraico + origem incerta – Exemplo: *São João da Chapada*. 01 românico + hebraico + não encontrado – Exemplo: *São Miguel do Jequitinhonha*. 01 árabe + românico – Exemplo: *Bairro da Serra*. 02 românico + céltico – Exemplo: *Lagoa da Canga*. 06 românico + hebraico – Exemplo: *Canal do Mizael*. 02 românico + gótico – Exemplo: *Campo d' o'tra banda*. 05 românico + grego – Exemplo:

Raimundo Xisto. 01 românico + persa – Exemplo: *Serra Azul*. 11 românico + românico – Exemplo: *Santo Pastel*. 01 românico + árabe – Exemplo: *Raial dos Forros*. 01 românico + germânico – Exemplo: *Paulo Afonso*. 02 românico + africano – Exemplo: *Tromba d' Anta*. 07 românico + indígena – Exemplo: *Quarté do Indaiá*. 03 românico + origem incerta – Exemplo: *Olho de Sapo*. 03 românico + não encontrado – Exemplo: *Cruz do Cula*. 01 siríaco + românico – Exemplo: *Tadeu Rocha*. 04 hebraico + românico – Exemplo: *Zé Pedro*. 01 hebraico + indígena – Exemplo: *Zé Paraná*. 01 germânico + românico – Exemplo: *Alberto Mota*. 02 grego + românico – Exemplo: *Olimpo Martins*. 01 indígena + grego – Exemplo: *Capoeira do Calixto*. 05 indígena + românico – Exemplo: *Itambé do Serro*. 01 indígena + hebraico + românico – Exemplo: *Capoeira de Zé da Chica*. 09 origem incerta + românica – Exemplo: *Vargem da Rema*. 01 origem incerta + não encontrado – Exemplo: *Morro do Cula*. 03 origem incerta + indígena – Exemplo: *Arraial do Tijuco*. 01 não encontrado + origem incerta: *Draquiara do Brejo*. 01 não encontrado + românico: *Jequitinhonha Preto*. 01 não encontrado + germânico: *Jequitinhonha Branco*.

5.5. Referentes geográficos

5.5.1. Natureza

Os 40 referentes geográficos que compõem nossos dados dividem-se em físicos e antropoculturais conforme tabela 4. Desses 19 são de natureza física e 21 de natureza antropocultural.

TABELA 4
REFERENTES GEOGRÁFICOS

Referentes geográficos de natureza física	Referentes geográficos de natureza antropocultural
Alto ~ arto	Arraial ~ raiá
Bica	Beco do
Buquerão	Capela, Capelinha
Capão, Capão dos	Chácara dos
Campina	Curral
Campo, campo de	Distrito
Conglomerado	Estrada
Córrego~corgo, córrego de, corgos do	Fazenda do

Gruta, Grota	Garimpo
Lajeado do	Igreja
Mato do, Mata do	Largo do
Monte	Lavra
Morro	Lavrado do
Pedra, Pedra do	Lugar denominado ¹⁰⁵
Reberão do	Mina
Rio ~ ri, ri da, ri do	Pasto
Serra, Serra do, Serra das	Ponte da
Tabuleiro	Povoado
Vertente	Quartel ~ Quarté
	Roça
	Sítio, Sítio do

5.5.2. Origem

Quanto à origem dos referentes geográficos físicos, identificamos a predominância da origem portuguesa: são 15 nomes portugueses (latim) a saber: Alto ~ arto < *altu*, Bica < *beccu*, Buqueirão < *bucca* + *sufixo -eiro* + *-ão*, Campina < *campu* + *sufixo -ina*, Campo < *campu*, Conglomerado < *conglomerare*, Córrego ~ corgo < *corrugu*, Mato < *matta*, Monte < *monte*, Pedra < *petra*, Reberão < *riba* + *sufixo -eira* + *-ão*, Rio < *rivu*, Serra < *serra*, Tabulero < *tabula* + *sufixo -eiro*, Vertente < *vertente*; 01 nome de origem indígena (tupi) Capão < *caapuã*; 01 nome de origem italiana Gruta / Grota < *grotta* e 02 de origem incerta Lajeado e Morro.

A respeito dos referentes geográficos antropoculturais, apresentamos 21 ocorrências entre as quais 14 de origem portuguesa (latim) Arraia ~ raiá < *real*, Beco < *via* + *sufixo -eco*, Capela < *cappella*, Distrito < *districtu*, Estrada < *Strata*, Igreja < *ecclesia*, Largo < *largu*, Lavra < *laborare*, Lavrado < *laborare*, Lugar denominado < *locale* + *denominare*, Pasto < *pastu*, Ponte < *ponte*, Povoado < *populu*, Roça < *ruptus*; 01 indígena (quíchua) Chácara < *chacra*, 01 de origem espanhola Fazenda < *facienda*, 01 de origem francesa Garimpo < *grimper*, 01 de origem celta Mina < *mine*, 01 de origem catalana Quartel ~ quarté < *quarter* e 02 de origem controvertida Curral, Sítio.

¹⁰⁵ O termo Lugar denominado é usado pelo Instituto de Geociências Aplicadas - IGA para especificar lugares onde há fluxo humano podendo ser ponto de encontro, local de trabalho ou lazer.

5.5.3. Forma e gênero

Nos 19 referentes geográficos físicos analisados, o gênero masculino predomina: são 13 ocorrências, já os nomes femininos somam 06 ocorrências. Entre os nomes, masculinos e femininos, todos têm formas simples. Alguns, além da forma simples apresentam a construção composta NCm [Ssing + {Prep+Asing}] *Campo de, Córrego do, Ribeirão do, Ri do*, 01 NCf [Ssing + {Prep+Asing}] *Pedra do*, 01 NCm [Ssing+{Prep+Apl}] *Capão dos*, 01 NCm [Spl+{Prep+Asing}] *Corgos do*, 01 NCf [Ssing+{Prep+Apl}] *Serra das*.

Os 21 referentes geográficos antropoculturais se dividem em 12 ocorrências masculinas e 09 femininas. 13 apresentam formas simples e os outros 07 se subdividem nas formas compostas NCf [Ssing+{Prep+Apl}] *Chácara dos*, NCm [Ssing+{Prep+Asing}] *Largo do, Sítio do, Lavrado do*, NCm [Ssing+Ssing] *Lugar Denominado*, NCf [Ssing+{Prep+Asing}] *Fazenda do, Ponte da*.

5.5.4. Sufixo -ão

Os referentes geográficos físicos assim como os outros topônimos pesquisados admitem o grau aumentativo, acrescentando-se à forma normal o sufixo *-ão*. Em nossos dados, há três casos de topônimos formados pela derivação sufixal *-ão*: *Capuerão, Carrascão e Caxão*. Tanto no primeiro caso quanto no segundo o aumentativo utilizado pelo nomeador parece ter o objetivo de reforçar a dimensão do lugar.

5.6. VARIAÇÃO E MUDANÇA TOPONÍMICA

Considerando o dinamismo da língua quaisquer signos linguísticos assim como os nomes de lugares estão sujeitos a manutenção, variação e mudança ao longo do tempo, já que língua e sociedade encontram-se sempre em construção. Para Seabra (2008a, p.1957):

No universo onomástico de uma determinada região, há nomes de lugares que são referencialmente identificáveis por pessoas que fazem parte de redes sociais afins. Isso ocorre porque tais nomes podem ser facilmente reconhecíveis pela cultura local, permanecendo registrados na memória dos membros daquela comunidade – são os chamados arquivos permanentes. Outras vezes, percebe-se, na mesma comunidade uma impermeabilidade em muitos de seus topônimos – tratam-se dos arquivos opacos.

Com o objetivo de investigar o reconhecimento desse nome e o que ele pode representar na memória da comunidade que buscamos identificar a variação, mudança e/ou retenção linguísticas. A tabela, a seguir, resume os dados toponímicos coletados, apresentando, na coluna da esquerda, os topônimos observados nas entrevistas orais, que sofreram alteração e, na coluna da direita, a forma escrita nos documentos antigos expostos no item 3.3.2. Para esta tabela

optamos pela análise baseada nos mapas do século XVIII e XIX. A partir da exposição desses dados serão observados os fenômenos de variação e mudança na toponímia em questão. As informações apresentadas nessa tabela constam das fichas taxonômicas, mas aqui se encontram sistematizadas entre formas presente e pretérita.

TABELA 5
QUADRO COMPARATIVO DE TOPÔNIMOS

Topônimo atual (língua oral contemporânea)	Topônimo registrado na língua escrita (Mapas)
Acaba Mundo ~ Caba Mundo	Acaba Mundo (1855, 1862, 1873).
Água Verde	Ágoas Verdes (1820).
Angico	Anjicos (1778), Angicos (1788).
Araçuaí	Arassuahi (1820), Arassuahy grande (1821), Arasuahy (1731), Arassuadi, Arassuay grande, Arassuay pequeno (1734/5), Araçuaí Arasuái (1788).
Corgo da Areia	Riberam da Area (1729), Ribeirão da Area (1770), R. da Areya, Ribeirão da Arêa, Riacho d. Area (1776), Area (1784), Ribeirão da Area (1787).
Barra	Barras (1787), Barra do Nuno (1787).
Barreras	Barreiras (1821)
Barro	Barros (1776)
Batatal ~ Batatá	Batatal (1770, 1776, 1784, 1787)
Bixiga	Bexiga (1820)
Buriti	Buriti (1804), Boriti (1820), Buriti (1821), Buretiz (1778), Buritis (1734/5), Buritil (1770).
Caeté-Mirim ~ Caeté-Merim ~ Caté-Merim	Caeté Mirim (1862), Caetemirim (1855), Caeté Merim (1820), Caetémerim (1804), Caite mirim (1800), Caythemerim, Caithemeri, Cartemeri (1787)Caeté Merim (1784), Caete Meri (1778 , Caeté Merim (1776), Caetemerim (1770), Cayte-Merim (1734/5), Caetté Merim (1731).
Cachamorr' ~ Cachamorra	Cachaporra (1776, 1784), Chaporra (1787).
Cachuera	Caxoeira (1800), Caxoeira (1820), Caxoeira (1821)
Cafundó	Cafundós (1729), Cafundo (1734/5), Cafundó (1776, 1784), Cafundós (1787)
Caldeirões	Caldeiroens (1787)
Calumbi	Calumbis (1820)
Carimbo	Carimbos (1784)
Cavera	Caveira (1734/5, 1770)
Chapada	Chapada (1800, 1804), Chapada (1820) Arraial Freguesia e Destacamento Chapada (1855), Chapada (1734/5) Chapada (1778), Chapada (1787), Array de. Chapada (1788).
Cocais	Cocaes (1770) Cabeceiras do Rio dos Cocais pequeno, Cocais grande (1776), Coquaes (1787).
Contage ~ Contagem	Contage (1734/5, 1770) Riacho do Contage do Rebello (1776), Contagem do Cabello (1784) LD. Contagem do Ret. (1787).
Cristais	Cristaes (1770, 1776), Cristais (1784), Christtaes (1787).
Currallim	Curralinho (1804), Corralinho, Corra linho (1734/5), Carralinho (1770), Curralinho (1778, 1784), Corralinho (1787), corgo do Curralinho (1788).
Curumataí	Curmatatahi (1800), Curimataí (1804), Corimatai (1820), Curimatahi (1821), Curimatahi (1862), Curimatahy (1873),

	Coromataý (1734/5), Curmatai (1778), Cormatai (1788).
Forquilha ~ Furquilha	Forquilha (1800, 1804, 1820, 1821), Forquilha (1787), Fraquilha (1778), Forquilha (1776).
Gaio	Gaia (1778)
Galheiros	Galheiro (1800, 1804, 1821), Galheiro (1776) Serra do Galheiro Gouvea (1778), Galheiro (1784) serra de Galheiro (1788).
Guarda-Mor	Guarda (1734/5).
Indaiá	Andaia (1820), Arraial Freguesia Andaia (1821).
Ingenho	Ingenho (1731), Engen ^o . (1734/5)
Inhacica	Inhacica (1800, 1804), Inha(x ou n)cica (1820) ¹⁰⁶ , Inharica (1821) Inhacica (1776, 1778, 1788, 1849, 1855, 1862).
Inhacica Grande	Inhancica Grande (1820), Inhachica Grande (1770), Inhacica Grande (1784).
Inhacica Pequena	Inhancica Pequeno (1820), Inhachica Pequeno (1770)
Inhaí	Inhahi (1800), Inhai (1804), Inhay (1820) Destacamento Inhahi (1821), Inhay (1776), Inhay, Inhay Grande, Inhay Pequeno (1734/5), Myinhahy+meri, (1729).
Ixtrema	Estrema (1804, 1821, 1855), Estrema (1778), Ertrema (1788)
Jequitinhonha ~ Jiquitinhonha ~ Jiquitionha Jiq'tionha ~ Jequitionha	Juaquetinhonha (1800), Giquitinhonha (1804), Giquitinhonha (1820), Jequetinhonha (1821), Gequetinhonha (1862), Gequitinhonha (1873), Jequetinhonha (1788), Giquitinhonha (1787), Guequitinhonha (1787), Gequitinhonha do Campo, Gequitinhonha, Jaquetinhonha (1784), Gequitinhonha (1776), Jaquitinhonha, Jaquitinhonha do Campo (1770), Giquito. do Mato, Giquitinhonha do Campo (1734/5), Jatiquinhana (1731), Jequitinhonha (1729).
Laje ~ laj'	Lageas (1729), Lages (1734/5, 1770, 1776), Lage (1784), Lage (1787)
Lavrinha	Lavrinhas (1849), Lavrinha (1804), Lavrinhas (1800), Lavrinha (1778, 1788).
Macaco ~ Macacos	Macacos (1821, 1734/5, 1770), Macaco (1784).
Manso	Manso (1873, 1862), Manço (1804, 1821), Manso (1800, 1770, 1776, 1778, 1784, 1787), Manço (1788).
Marimbeiro ~ Marimbero ~ Marimero	Marimbeiro (1862, 1873).
Milho Verde	Milho Verde (1820), Verde Milho (1731), Milho Verde (1776, 1784, 1787).
Morrin ~ Morrinhos	Morrinhos (1787, 1778), Morinhos (1776), Murinhos (1729), Morrinhos (1770).
Mumbuca ~ Mubuca	Mombuca (1734/5)
Olho d'Água ~ Olhos d'Água ~ Zói d'Água	Olhos d'Água
Paiol ~ Paió	Paiol (1820), Payor (1734/5).
Paraná	Paranná (1821)
Parmitá	Palmito (1821, 1787, 1784, 1776, 1770, 1734/5)
Pindaíba	Pindaíbas (1862, 1820), Pindahibas (1787), Pindaíbas (1776, 1770), Pindahiba (1784)
Riacho Fundo	Riacho Fundo (1821, 1787), Riacho Fundo (1778), Riacho Fundo (1770)
Tabua ~ Tabu	Tabua (1804) e Tabûs (1778)
Tamanduá	Tamandoá (1787)
Tijuco	Tejuco (1800), Tijuco (1804), Tejuco (1820) Arraial Freguesia e Destacamento Tejuco (1821), Tijuco (1729, 1731), Tojuco (1734/5), Tejuco (1778, 1784, 1787, 1788)
Tombadô	Tombados (1821)
Tromba D'Anta	Anta (1804), Trombadanta (1770).

¹⁰⁶ O nome pode ser Inhancica ou Inhaxica, com *n* ou *x*. A palavra está pouco legível na carta pesquisada.

Tucaia	Tocaiós (1804), Tucaió (1778), Tocayo (1788).
Varge ~ Vargem ~ Vage ~ Vagem	Várgeas (1770)
Velhas ~ Vea	Velhas (1800), Vellas (1788), Velhas (1778).

Conforme os dados das Tabelas 3 (p. 87-120) e 5 (p. 155-157) o *corpus* desta pesquisa confirma uma das hipóteses a respeito da toponímia registrada a partir das entrevistas orais. Dos 407 topônimos presentes em nosso corpus, 220 não foram localizados em registros escritos. Com relação à variação, mudança e retenção linguística, observou-se que 108 topônimos apresentaram algum tipo de variação. Em 08 topônimos, detectou-se mudança, ou seja, desaparecimento total de formações linguísticas.

5.6.1. Sobre a variação de topônimos

Os topônimos, como parte integrante da língua oral e escrita usada em certa comunidade, sofrem as variações decorrentes da prática linguística. Essas variações costumam ser de ordem analógica, fonética, morfossintática, lexical e, ainda, ocorrer nas chamadas reduções ou elipses¹⁰⁷.

Os 59 topônimos elencados na Tabela 5 se subclassificam em várias taxas tais como animotopônimo, com 2 ocorrências, antropotopônimo, com 2 ocorrências, axiotopônimo, com 01 ocorrência, corotopônimo, com 01 ocorrência, dimensiotopônimo, com 01 ocorrência, dirrematotopônimo, com 1 ocorrência, ergotopônimo, com 3 ocorrências, fitotopônimo, com 13 ocorrências, geomorfotopônimo, com 08 ocorrências, hidrotopônimo, com 06 ocorrências, litotopônimo, com 05 ocorrências, morfotopônimo, com 01 ocorrência, sociotopônimo, com 5 ocorrências, somatotopônimo, com 2 ocorrências e zootopônimo, com 05 ocorrências. Contando, como já foi mostrado anteriormente, com um grande número de fitotopônimos que assim como as outras taxas não são imunes às transformações, pode-se arrolar, na região estudada, topônimos que sofreram alterações, influenciados pela língua falada ou pela perda da referência denominativa. Neste estudo a análise dos nomes apresentados nas tabelas 3 e 5 revelou casos de variação:

I. Fonética

¹⁰⁷ Sobre a elipse em topônimos, afirma DAUZAT (1926: 59) “*Il n’est pas nécessaire que ce composé soit encore compris: il suffit qu’un de ses éléments, généralement le premier, ait pris une place prépondérante pour qu’il suffise à évoquer le lieu à lui Seul.[...]*” E exemplifica: “*Lutetia Parisiorum, civitas de Parisiis, puis Parisiis, Paris.*”

a) Os metaplasmos de subtração e de adição, que ocorrem quando um ou mais fonemas desaparecem ou são acrescentados no vocábulo, foram verificados em alguns dados.

1. Aférese ou perda de um ou mais fonemas do início da palavra: *Caba Mundo* < *Acaba Mundo*, *Ranca Rabo* < *Arranca Rabo*.

2. Apócope ou desaparecimento de uma ou mais fonemas no final do vocábulo: *Angico* < *Angicos*, *Barro* < *Barros*, *Cafundó* < *Cafundós*, *Calumbi* < *Calumbis*, *Contage* < *Contagem*, *Currálim* < *Curráliminho*, *Galheiro* < *Galheiros*, *Olho d' Água* < *Olhos d' Água*, *Palmitá* < *Palmtal*.

2. Síncope ou queda de um ou mais fonemas do interior do vocábulo: *Barreras* < *Barreiras*, *Cachuera* < *Caxoeira*, *Cavera* < *Caveira*.

3. Paragoge, caso de metaplasmo em que há adição de fonema: *Guarda-Mor* < *Guarda*.

4. Epêntese, acréscimo de fonema no interior do vocábulo: *Quiminoso* < *criminoso*.

b) Iotização, mudança da palatal para a semivogal: *Agulia* < *Agulha*, *Barro Vermeio* < *Barro Vermelho*.

c) Rotatização, mudança do L para o R: *Parmitá* < *Palmtal*, *Parmito* < *Palmito*.

d) Degeneração: *Quatro Viténs* < *Quatroviteins*, *Tromba d'Anta* < *Trombadanta*

e) Elevação ou abaixamento da vogal pretónica ou postónica: *Bixiga* < *Bexiga*, *Buriti* < *Boriti*, *Caeté-Merim* < *Caeté Mirim*, *Ingenho* < *Engenho*, *Ixtrema* < *Estrema* ~ *Ertrema*, *Furquilha* ~ *Forquilha* < *Forquilha*, *Reberão* < *Riberão*, *Tijuco* < *Tejuco*.

II. Gráfica

a) Alteração gráfica: *Água Verde* < *Ágoas Verdes*, *Angico* < *Anjicos*, *Araçuaí* < *Arassuahy* ~ *Arassuahy*, *Cachamorra* < *Cachaporra*, *Jequitinhonha* < *Gequitinhonha* ~ *Gequetinhonha* ~ *Jequetinhonha* ~ *Juaquetinhonha* ~ *GiQuitinhonha* ~ *GiQuitinhonha* ~ *Jequetinhonha*, *Zói d' Água* ~ *Olhos d' Água* < *Olhos d' Ágoa*, *Manso* < *Manço*, *Mumbuca* < *Mombuca*.

III. Morfossintática

a) Algumas expressões perderam a preposição *de* – indicativo de elemento onomástico – de referência ou origem. É o caso de topônimos como *Corgo Batatal* < *Corgo do Batatal*

b) Ausência da marca de plural: *Água Verde* < *Ágoas Verdes*, *Lavrinha* < *Lavrinhas*, *Tucaia* < *Tocaiós*, .

III. Lexical

a) A oscilação no emprego de um ou outro topônimo ocorreu, com mais frequência nos nomes dos distritos porque a comunidade ainda reconhece e divulga o nome anterior, são eles

Curralinho ~ Extração, Mercês ~ Senador Modestino Gonçalves; Chapada ~ São João da Chapada, Campinas ~ Senador Mourão, Varas ~ Conselheiro Mata.

IV. Redução ou elipse

a) Redução do nome ou elipse refere-se aos nomes compostos, quando o falante julga suficiente adotar somente um dos elementos da composição. Exemplos: *Chapada < Arraial Freguesia e Destacamento Chapada, Milho Verde < Arraial Freguesia e Destacamento, Quarté < Quartel dos Soldados.*

Dentre as 108 variações detectadas na análise, 60 são de ordem fonética, 16 são ortográficas, 10 sofrem variação morfossintática, 11 são lexicais e 11 estão entre os casos de redução ou elipse.

5.6.2. Sobre a mudança toponímica

A mudança de nome de lugar, segundo Dauzat (1926: 45) pode ser espontânea e sistemática. A mudança espontânea se dá na língua após invasões ou conquistas de um território. Já a mudança sistemática independe de conquistas, evoca em geral o nome de um soberano ou autoridades de uma região e é imposta com o objetivo de homenagear alguém.

Diamantina guarda em seu registro a mudança dos nomes dos seus distritos que ocorreu nos anos 1920, 1923, 1943 e 1962. Os dados indicativos de mudança apontam 06 ocorrências de mudança espontânea com substituição parcial dos itens léxicos e 8 ocorrências de mudança sistemática.

I. Mudança espontânea

a) Por substituição parcial dos itens léxicos

1. Ri Pard' Grande < Pallagem do Rio Pardo Grande < Cabeceira do Rio Pardo Grande
2. Ri Pard' Pequeno < Cabeceiras do Rio Pardo Pequeno
3. Pico do Itambé < Morro do Destacamento Itambé
4. Quarté < Quartel dos Soldados
5. Riacho Fundo < Vale Fundo
6. Corgo da Areia < Ribeiro da Area da Chapada < Ribeirão da Area < Riacho da Area.

II. Mudança sistemática

1. Diamantina < Arraial do Tijuco
2. São João da Chapada < Chapada
3. Conselheiro Mata < Varas
4. Extração < Curralinho
5. Senador Mourão < Campinas < Pindaíbas
6. Senador Modestino Gonçalves < Mercês de Diamantina
7. Desembargador Otoni < Galinheiro
8. Planalto de Minas < Contagem



FOTO 14: Diamantes retirados em Duas Barras
Fonte: Disponível em: <<http://zzidoro.blogspot.com>>. Acesso em: mai. 2010.

Após quantificação e análise dos dados passemos ao *Capítulo 6*, no qual apresentamos o glossário.



*(...)Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como poderei viver
Como poderei viver
Sem a tua, sem a tua,
Sem a tua companhia (...)*

(Milton Nascimento)

Capítulo 6 - Glossário

6.1. Apresentação dos verbetes pela forma Semasiológica

Este glossário está constituído de 384 verbetes, cada um deles estruturados com a entrada, que é o nome do acidente, em seguida sua classificação morfológica, sua origem e sua classificação taxionômica. Para cada acidente foi criada uma definição, e, na sequência, é possível conhecer a que tipo de acidente esse nome corresponde: se córrego, serra, fazenda, garimpo e, ainda em qual localidade esse nome aparece já que englobamos Diamantina e seus distritos. Por último, como fechamento do verbe, os registros e os anos em que foram encontrados nos mapas pretéritos e atuais cada nome pesquisado. Não constam da listagem os 23 nomes não classificados ou não encontrados: *Calumbi, Camu-camu, Coã, Cruz do Cula, Cula, Cundinho, Dacamão, Grisorte, Jequitinhonha, Jequitinhonha Branco, Jequitinhonha Preto, Lavus, Luizcarro, Makemba, Mandirinha, Marimbero, Marzangana, Mechera, Morro do Calumbi, Morro do Cula, Queraçá, Regralito, Ticó.*

Abaixo o Glossário, composto por verbetes de A a Z, de acordo com os registros feitos.

A

ABADIA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Hierotopônimo. • Residência de religiosos, mosteiro. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – povoado, fazenda e lugar denominado. • [...] *é num é longe não, lá na **Ebadia**, já viu falano na **Ebadia**?* (E. 18, L. 10). • Registro escrito: Abadia (1820) • Registro oral (variante): Ebadia.

ACABA MUNDO – NCm [VERB + Ssing] • *português < latim+latim* • Dirrematotopônimo. • Expressão que identifica uma região distante do centro urbano e/ou comercial. • Nomeia → Distrito de Extração – povoado, rio e ponte. • [...] *é por aqui, a gente passa pelo **Acaba mundo** e vai prá lá, né?* (E. 1, L. 237). • Registro escrito: Caba Mundo, Acaba mundo (1855), Acaba mundo (1862), Acaba mundo (1873). • Registro oral: Caba Mundo

ACAIACA – Nm [Ssing] • *indígena (Tupi) akaia'ka* • Fitotopônimo. • Árvore da família das terebintáceas. • Nomeia → Município de Diamantina – região do Rio Grande – lugar. • [...] *Acaiaca é o nome de uma tribo aqui.* (E.3, l. 256) // *Agora essa tribo tinha uma... eu não sei...uma índia... algo sobre uma índia... eu não entendo bem não... ou falar assim [...]* (E. 3, L. 258).

AÇOUGUE – Nm [Ssing] • *português < árabe* • Sociotopônimo. • Local onde é feito o armazenamento e a venda de carnes vermelhas e brancas. • Nomeia → Distrito de Conselheiro

Mata – lugar, serra e pasto. • [...] **Açogue**, ali na Serra do **Açogue** tem a cachoeira das Fada, tem ali a cachoeira das Fada, agora tem a cachoeira de Telécio. (E. 15, L. 68).

ÁGUA VERDE – Ncf [Ssing + ADJssing] • *português < latim* • Hidrotopônimo. • Água de coloração esverdeada • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar, fazenda e córrego. • [...] *é Corgo da Cachuera, o Água Verde, agora pra cá tem corgo Capão Grosso, né?* (E. 19, L. 131). • Registro escrito: Ágoas Verdes (1820).

AGULHA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Morfotopônimo. • Lascas de minerais finas e pontiagudas • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar e serra. • *A Serra das Agulia antigamente tinha um garimpo lá com a agulia, (que ês vende ela) são agulia de garimpo.* (E. 19, L. 51 e 53). • Registro oral: Agulia

ALBERTO MOTA – NCm [Ssing + Ssing] • *português < germânico + português < latim* • Antropotopônimo. • Nome próprio. • Nomeia → Município de Diamantina – rio e pasto • *É, perto do rio... tem pasto, é só pasto Alberto Mota* (E. 3, L. 95).

ANGICO – Nf [Ssing] • *português < origem controvertida* • Fitotopônimo. • Árvore do gênero piptadenia, originária da América tropical, cuja madeira é de boa aceitação no mercado. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar e rio. • [...] *de nome eu não sei direito não, mas tem o rio do Angico, tem o rio da Sopa...* (E.1, L.10) • Registro escrito: Angicos (1788), Anjicos (1778).

ANTÔNIO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo. • Nome próprio. • Nomeia → Distrito de Extração – curral. • [...] *não, num tinha não, era assim, tinha o curral lá embaxo que era de [...] de[...] Antonio.* (E.6, L. 263).

ANTÔNIO AUGUSTO NEVES – NCm [Ssing + Ssing + Ssing] • *português < latim* • antropotopônimo. • Nome próprio. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *tinha o seu Armintas, era fazendeiro, tinha pasto esse pasto todo aqui era dele, Armintas e tinha aqui o Antônio Augusto Neves, ali onde tinha o menininho era dele essa terrada toda era dele...Aqui tudo era pasto, não tinha nada, depois de 50 que foi nascendo a cidade nova.* (E. 3, L. 105).

AMENDOIM – Nm [Ssing] • *Indígena (tupi) manu'ui* • Fitotopônimo. • Planta herbácea da família das leguminosas, fruto dessa planta. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar e ribeirão. • [...] *mudaram pra prestar homenagem a uma pessoa que eles nem cunhicia... O João tinha uma fazenda aí perto, chama Amendoim.* (E.5, L. 73).

AMIZADE – Nf [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo. • Simpatia, carinho e estima por alguém. • Nomeia → Distrito de Inhaí – ponte. • [...] *aquela ponte lá é ponte da Amizade, o foi da época, foi João Antunes que fez [...].* (E.21, L.9).

ARÁBIA – Nf [Ssing] • *português < árabe* • Corotopônimo. • País localizado no sul da Ásia, entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – córrego, rio e serra. • [...] *do Jão Borco, e tem o Corgo da Arábia...e tem o Corgo do Burro que eu te informei que acharam o burro morto [...].* (E.10, L.284).

ARAÇUAÍ – Nm [Ssing] • *indígena ara+açoi+y* • Hidrotopônimo. • Possível expressão criada por índios para indicar a presença de araras grandes no rio. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão –rio, lugar e cidade. • *Meu pai chegou a ir em Araçuaí de tropa, de cavalo, cê cunhece? É aí pra baxo.* (E.19, L.365). • Registro escrito: Arasuahy (1734), Arassuadi, Arassuay grande e pequeno (1734/5), Araçuaí, Arasuai (1788), Arassuahi (1820), Arassuahy grande (1821).

ARRAIÁ DOS FORROS – NCm [Ssing+{Prep+Apl+Ssing}] • *português < origem controversa + francês* • Sociotopônimo. • Possível acampamento de negros alforriados. • Nomeia → Distrito de Mendanha – córrego. • [...] *é Arraiá dos Forro porque depois que passava o corgo subia um ia pra saí lá na Maria Nunes nesse lugá, né? Então o lugá que ês passava assim ês chamava de Arraiá dos Forro .* (E.20, L.20).

ARRAIAL DO TIJUCO – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português* < *origem controversa* + *tupi* (*tu'juka*) • Sociotopônimo. • Nome anterior de Diamantina. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego. • *Aqui era o antigo Arraial do Tijuco.* (E.20, L.20).

AREÃO – Nm [Ssing] • *português* < *latim* • Litotopônimo. • Areia grossa, de cor parda, misturada com terra e cascalho. • Nomeia → Distrito de Mendanha – lugar, largo. • [...] *de primero os carro vinha, discia aqui pur cima, passava no fundo do Areão e sartava esse corgo, depois fizeram uma ponte lá na descida do o'tro corgo lá.* (E.20, L.9).

AREIA – Nf [Ssing] • *português* < *latim* • Litotopônimo. • Substância mineral, encontrada geralmente em grânulos, decorrente de erosões rochosas. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – córrego. • [...] *é, Barririm, cá mais i riba chama corgo da Areia, onde minha irmã mora.* (E.16, L. 251) • Registro escrito: Area (1729), Ribeirão da Area (1770), R. da Areya, Ribeirão da Área, Riacho da Area (1776), Area (1784), Riberaõ da Area (1787), Ribeiro da Area da Chapada, Área (1821).

ARTURO – Nm [Ssing] • *português* < *origem controversa* • Antropotopônimo. • Nome proveniente de Artur que, segundo Guérios (1994, p. 63), significa “o que tem os cabelos eriçados ou vigilante da Ursa ou pedra”. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *no Arturo ele é chamado corgo da Arábia e na cabicera tem outro [,] o corgo da Jisuína* (E.10, L. 422).

ARMINTAS – Nm [Ssing] • *português* < *grego* • Antropotopônimo. • Nome grego que significa, segundo Guérios (1981, p.56), “o resistente, o defensor”. • Nomeia → Município de Diamantina – pasto. • *Armintas e tinha aqui o Antônio Augusto Neves, ali onde tinha o menininho era dele essa terrada toda era dele... Aqui tudo era pastão, não tinha nada, depois de 50 que foi nascendo acidade nova.* (E.3, L. 105).

ARMINTOM – Nm [Ssing] • *português* < *inglês* • Antropotopônimo. • Sobrenome inglês, conforme Guérios (1981, p.139), “aldeia fortificada ou aldeia da montanha”. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – fazenda. • [...] *tem a fazenda do Armintom aqui que... num sei o nome, a Fazenda Riacho das Vara [...] aquela ali.* (E.15, L. 216).

AVE – Nf [Ssing] • *português* < *latim* • Zootopônimo. • Denominação comum a pássaro • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – serra. • [...] *tem Ponte Queimada e bem lá embaxo tem serra das Ave.* (E.10, L. 743).

B

BAIRRO DA SERRA – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português* < *árabe* + *português* < *latim* • Sociotopônimo. • Povoado, lugarejo ou localidade próximo a uma cadeia de montanhas. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *Bairro da Serra que cê tá veno aí!* (E.4, L. 180).

BAMBÁ – Nm [Ssing] • *português* < *africano* (*do quimbundo mbamba*) • Fitotopônimo. • Erva espinhosa conforme Balbach¹⁰⁸ ([s.d.], p. 110) de folhas verde-amareladas e fruto aderente ao cálice, pálido e marcado com traços verde-escuros, quando maduro é amarelo ou vermelho. Contém uma massa branca [...] muito doce, usada para tirar manchas da pele e na urticária. • Nomeia → Distrito de Sopa – córrego. • [...] *e o outro chama do Bambá [...] não sei o que significa... prá nós aqui tem uma flor, uma árvore que dá folhas verde e flor branca ês fala que chama Bambá, mas isso a gente num tem, como é que a gente diz, cientificamente [...].* (E.9, L. 267).

¹⁰⁸ BALBACH, A. *As plantas curam*. Itaquaquecetuba: EDEL, S/D.

BARÃO – Nm [Ssing] • *português* < *germânico* • Axiotopônimo. • Título de nobreza concedido ao homem notável pelo seu valor, posição e riqueza. • Nomeia → Município de Diamantina – fazenda. • [...] *só lembro da serra do Barão, lugar que a gente ia pá fazê passei', tem o' tras serra aí... já passou muito tempo que eu não sei, não lembro mais como chamava, que tá povoano muito, muito povoado na serra, ixtendeno pra serra toda, de baixo da serra* (E.4, L. 176).

BARBADA – Nf [Ssing] • *português* < *latim* • Animotopônimo. • Relaciona-se com qualquer competição e sua vitória. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *chama Limpos, tem um lugá que chama Barbada* [...]. (E.19, L. 707).

BARRA – Nf [Ssing] • *português* < *pré-românico* • Geomorfopônimo. • Desembocadura, foz ou encontro de rios ou mares. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *tem até uma fazenda até, ali ao lado de Buracão, que eu tô falano, nasce um córrego, lá em baixo ele da barra com outro, né? Vira um só, cujo o nome chama Barra até* [...]. (E.19, L. 134). • Registro escrito: Barras (1787), Barra do Nuno (1787), Barra (1820).

BARRAGE – Nf [Ssing] • *português* < *pré-românico* (*barro*) + *sufixo português -agem* • Ergotopônimo. • Obstrução construída para impedir o fluxo natural de rios e córregos, represando-os. • Nomeia → Distrito de Curralinho – lugar. • *aquele corgo ali antigamente, agora que mudaro o nome porque pôs Barrage, né? num tinha aquela barrage nova, ali chamava Corgo da Tenda*. (E.7, L. 432).

BARRERÃO – Nm [Ssing] • *português* < *pré-românico* (*barro*) + *sufixos portuguesas -agem + -ão* • Geomorfotopônimo. • Nos estudos geomorfológicos, a Formação Barreiras constitui parte do sítio geológico do Vale do Jequitinhonha, é possível que o morro conhecido como Barrerão seja da Formação Barreiras. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – morro. • [...] *porque lá era um povoaduzim, el'foi comprano tudo, quase que lá... é tudo del' agora, é onde que era o Barrerão*. (E.18, L. 136).

BARRERAS – Nf [Spl] • *português* < *pré-românico* (*barro*) + *sufixo português -eira* • Geomorfotopônimo. • Tipo de formação geológica de morros, rochas e falésias que integram a paisagem por onde passaram ou passam águas marinhas. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar. • [...] *porque era onde tinha uma bica, aonde o povo todo panhava a água, lavava vasia. Lavava a ropa, tudo era nesse corgo que ia, a rede de água [...] lá chama Barreras [...] Barreras tem uma fazenda* [...]. (E.22, L. 158).

BARRERO – Nf [Ssing] • *português* < *pré-românico* (*barro*) + *sufixo português -eiro* • Litotopônimo. • Solo úmido e resvaladiço, local onde há mistura de terra e água. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, lavra. • [...] *perto de (?) casa mermo é tanto nome que tem... de ro... ês fala qu' é uns nome diferente.. tem lavra [...] Tem Barrero, que é perto de Macaquim* [...]. (E.10, L. 197).

BARRIRIM – Nm [Ssing] • *português* < *pré-românico* (*barro*) + *diminutivo português -inho* • Litotopônimo. • Formação geológica de pequeno porte. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Serra. • *Ali chama Barririm cá mais i riba chama Corgo da Areia, onde minha irmã mora [...] não! Barririm é dessa grota prá lá, tem uma grota ali, ó lá a antena, de lá cê vê até o Capuerão*. (E.16, L. 249).

BARRO – Nm [Ssing] • *português* < *pré-românico* (*barro*) • Litotopônimo • Terra muito úmida que forma barreiros. Substância úmida e argilosa típica de lavras em uso. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego, rio, lavra. • Informante 1: *Aí chama é Barro... ((risos)) Corgo do São Jão não, [...].* (E.10, L.663) // Informante 3: *mas lá pra baxo é Corgo do São Jão... O Barro é pin... esse lavrado todo aí é Barro* [...]. (E.10, L. 664)

BARRO QUEBRADO – NCm [Ssing+ADJsing] • *português* < *pré-românico* (*barro*) + *português* < *latim* • Litotopônimo. • Barro de textura de fácil esfarelamento. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar. • [...] *é um pirigo disgramado [...] como é que eu vô fazê? ["O sinhô deve, precisa comunicá a prefeitura"] [(falando dos lugares)] Planalto, aqui mais imboxo*

Vareda, *Quebra-Pé, Barro Vermei', Barro Quebrado, Ixtrema { depois Baxadão [...].* (E.16 , L. 235).

BARRO VERMEI' – NCm [Ssing+ADJsing] • *português < pré-românico (barro) + português < latim* • Litotopônimo. • Barro que adquire coloração mais escura devido à composição da terra. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar. • [...] *chama Barro Vermei' ele tá pra lá, trabaiano lá, na roça, sofreno, lá é formado Draquiarão, tem os dois Draquiara [...].* (E.16 , L. 176).

BATATAL – Nm [Ssing] • *português < espanhol + sufixo português -al* • Fitotopônimo. • Nome dado à plantação do tubérculo comestível “batata”. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, córrego, rio. • [...] *agora dentro desse aí [...] o Ri Pardo lá do Batatá pra cima... lugá que chama Bruna [...] daí pra cima eu num sei (?) Até lá eu sei o afluente, o rio... o Buriti entra no Ri Pardo Piqueno e tem aqui o Batatal que nasce logo ali perto da cabeceira do nosso ri aqui, nós temo o nosso ri aqui que chama Riacho das Veas [...].* (E.15, L.9). • Registro escrito: Batatal (1770, 1776, 1784, 1787), corgo Batatal (1787), Rio Batatal (1800). • Registro oral: Batatá.

BATEIA – Nf [Ssing] • *português < origem controversa* • Ergotopônimo • Instrumento usado para lavagem do ouro e diamantes. Gamela. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – ribeirão. • [...] *lá onde morei tem o Reberão do Amendoim, tem o reberão, o reberão do Bateia, tem o ((trote de cavalo, o informante cumprimenta o peão que passa)) que tem ali ond'nós morô é João Perera, Reberão de João Perera, tudo tem cachoera [...]* (E.17, L.31).

BAXADÃO – Nm [Ssing] • *português < latim baixar + sufixo -ada + aumentativo -ão* • Geomorfotopônimo • Planície localizada entre as montanhas • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar. • [...] *cês pega essa linha aqui e vai direto ao Baxadão.* (E.16, L.128).

BEGÔNIA – Nf [Ssing] • *português < francês* • Fitotopônimo. • Planta da família das begoniáceas, conhecida pela beleza das suas flores e folhas. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego, lugar. • *Chuva! Muita chuva, então a gente ispera o ri inchê, a inchente vem e rebenta e a gente tem que saí, teve uma época que aconteceu isso comigo né? É! Agora otro dia eu fui mais um colega meu foi lá no... no... na tal de Begônia, onde passa muitos desses rios... ingrachado... tem um que chama Córrego do Ouro lá na Begônia [...].* (E.1, L.63).

BECO DO MORRO – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + origem controversa* • Hodotopônimo. • Local estreito, de difícil acesso. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *tem Beco do Morro e Tapera de Mercedes.* (E.15, L.336).

BICA DA COÃ – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + origem controversa* • Hidrotopônimo. • Fonte de água pura e potável visitada pela ave Coã. • Nomeia → Distrito de Mendanha – lugar, bica. • [...] *a gente sobe toda vida, passa uma estrada estreitinha, né? De um lado e de o'tro até chegá lá nessa bica, então todo mundo busca água de bebê lá [...] e água potável panha lá, nós do lado de cá todo mundo ia lá [...] é:é chama lá a Bica da Coã.* (E.20, L.191).

BIRIBIRI – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) biribiri* • Dimensiotopônimo • Dimensão formada entre montanhas com aparência semelhante ao de um buraco fundo. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar, rio, serra. • [...] *Biribiri [...] Por que esse nome? Não sei [,] Biribiri? Não sei [,] você sabe que nunca me interessei por isso? Biribiri porque Biribiri [...].* (E.3, L.77). • Registro escrito: Biriri (1770), Barra do Bribiri(1776, 1784), Rio Berberi (1787). • Registro oral: Biribiri ~ Bibiri ~ Bribiri ~ Brimbiri.

BIXIGA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Somatotopônimo. • Reservatório situado na parte inferior do abdome que recebe a urina vinda dos ureteres, lançando-a na uretra. • Nomeia → Município de Inhaí – lugar, roça. • [...] *Bixiga [...] porque lá não tem água, então chama Bixiga já tinha o nome.* (E.22, L.189)

BOA VISTA – Ncf [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo. • Refere-se a locais em que se tem uma vista privilegiadas da redondezas. • Nomeia → Município de Diamantina – fazenda, corgo, lavra, povoado. • [...] *Aí perto nesse chamado Gruta Dilúvio [,], otra hora cá pu*

lado da **Boa Vista** pra cá... Uns lugares aí, já fomo também em **Boa Vista** com as minina, inclusive de cantoria que também cantava. (E.4, L.143). • Registro escrito: Boa Vista (1788, 1804).

BOCAIUVA – Nf [Ssing] • *indígena (tupi) bocayúva* • Fitotopônimo. • Árvore da família das Palmeiras de fruto doce. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • *Nessa região aí, do Mendanha [...] tem mineração[...] ocê deve ter vindo por aí, né? Passou por Mendanha, ponto do Mendanha, passou por **Bocaiúva**? Você veio por onde? Belo Horizonte? Por dentro?* (E.5, L.76).

BOI PINTADO – NCm [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Zootopônimo. • Alusão ao folclore. Boi feito para brincar nas festas folclóricas. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *Ponte Pedra, Pau de Araçá, (Salva Despesa), Três Corgo, **Boi Pintado, Boi Pintado**... é... Vargem,... vai Campo de Cima, Campo de Baxo, (Campo d’ó’tra Banda), Coquero, Cruzeiro, Tapera de Merxês.* (E.15, L.324).

BOQUERÃO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo. • Ruptura, abertura ou garganta na serra onde corre o rio. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar. • *Boqueirão também é um lugar.* (E.22, L.146).

BORGE – Nm [Ssing] • *português < francês* • Antropotopônimo. • Sobrenome português. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • *É uma que tem uma lapa lá em cima, ela chama lapa do **Borge**.* (E.10, L.811).

BRAQUIARA – Nf [Ssing] • *português < n/e* • Fitotopônimo • Capim vigoroso da família Decumbens, Brachiaria ou Brachiarinha. Usado no pasto e produção de feno. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Pasto. • [...] *chama Barro Vermei’ ele tá pra lá, trabaiano lá, na roça, sofreno, lá é formado Draquiarão, tem os dois **Draquiara**.* (E.16, L.176). • Registro oral: Draquiara.

BRAQUIARA DO BREJO– NCf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < n/e + origem controversa* • Fitotopônimo • Capim vigoroso e agressivo, localizado em ambiente aquoso. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Pasto. • [...] ***Braquiara do Brejo** ninguém tem só eu, todo mundo tá pegano (?)(barulho de moto).* (E.16, L.169) // ***Draquiara do Brejo** se quisé i lá oiá, ninguém tem.* (E.16, L.169) • Registro oral: Draquiara.

BRAQUIARÃO – Nf [Ssing] • *português < n/e* • Fitotopônimo • Tipo de capim da família Brachiaria. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Pasto. • [...] *tem o **Draquiarão**, e o Draquiarinha, esse é pequeno, lá é do campo [...].* (E.16, L.183). • Registro oral: Draquiarão.

BRAQUIARINHA – Nf [Ssing] • *português < n/e* • Fitotopônimo • Tipo de capim da família braquiara. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Pasto. • [...] *e o **Draquiarinha**, esse é pequeno, lá é do campo [...].* (E.16, L.183). • Registro oral: Draquiarinha.

BREJO – Nm [Ssing] • *português < origem controversa* • Litotopônimo. • Lugar úmido, próximo às nascentes e olhos d’ água. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – sítio. • *o meu mesm’ ali, o meu tem (qu’eu declaro todo ano) o meu sitiozim chama sítio **Brejo**.* (E.16, L.164).

BREJO GRANDE – NCm [Ssing+ADJsing] • *português < origem controversa + português < latim* • Litotopônimo. • Grande terreno pantanoso, encharcado. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • *o lugá chama Varge do Pau, Valo, **Brejo Grande**.* (E.19, L.470). • Outro registro: Brejo Grande (1778).

BRUMADINHO – Nm [Ssing] • *português < Latim* • Geomorfotopônimo. • Conglomerado ou tipo de rocha de onde são retirados os diamantes. • Nomeia → Distrito de Sopa – rio, lavra. • [...] *e ali também tem o coglomerado. Aí quan[do] você vei você passô mais uma vertente dispois que você passa do Guinda aquilo ali chama **Brumadim**.* (E.09, L.175).

BRUNA – Nf [Ssing] • *português < italiano* • Antropotopônimo • Nome italiano que significa luzente ou brilhante. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *lá do Batatá pra cima [,] lugá que chama **Bruna** [...].* (E.15, L.9). • Registro escrito: Braúna (1776).

BURACO – Nm [Ssing] • *português < origem controversa* • Geomorfotopônimo • Cova, vala, toca. • Nomeia → Distrito de Inhaí – fazenda. • [...] *que a gente conhece é fazenda do Buraco* (E.21, L.73). • Registro escrito: Buraco (1770, 1776, 1787), Corgo do Buraco (1784).

BURACÃO – Nm [Ssing] • *português < origem controversa + sufixo português -ão* • Geomorfotopônimo • Toca, cova, vala de grande extensão. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar, córrego. • [...] *chama Buracão o lugá, é um buracão mesmo* [...]. (E.19, L.35). • Registro escrito: Buraco (1770, 1776, 1787), Corgo do Buraco (1784).

BURGALHAU – Nm [Ssing] • *português < n/e* • Litotopônimo. • Seixos ou cascalhos. • Nomeia → Município de Diamantina – Rio. • [...] *começou no Burgalhau*. (E.3, L.54).

BURITI – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) burity < miri'ti* • Fitotopônimo • Palmeira de fruto amarelo. Fruto dessa palmeira. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, rio, córrego. • [...] *tem o Buriti, num sei se ainda tem, o Buriti, Dois Irmão tem dois morro igualzim, Três Corgos, que tem três corgo*. (E.15, L.349). • Registro escrito: Buritis (1734/5), Buritil (1770), Córrego do Buretiz (1778), Buriti (1804), Boriti (1820), Buriti (1821).

BURRO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Zootopônimo • Mamífero também conhecido como jumento, jegue. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – córrego, rio. • [...] *uai [,] o que [,] era a antiga estrada de carr' que discia numa serra, né? Chama ri do Burro*. (E.10, L.24). • Registro oral: Borro.

C

CACHAMORRA – Nf [Ssing] • *português < origem controvertida* • Ergotopônimo • O mesmo que cachaporra, cacete. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Povoado. • [...] *youê conversou com um senhor que é de Cachamorra quando eu cheguei*. (E.22, L.130). • Registro escrito: Cachaporra (1776, 1784), Rio Chaporra (1787). • Registro oral: Cachamorr'.

CACHUERA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Hidrotopônimo • Queda d' água. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Córrego, lugar. • [...] *é corgo da Cachuera, o Água Verde, agora pra cá tem corgo Capão Grosso, né?* (E.19, L.131). • Registro escrito: Caxoeirinha (1788), Caxoeira (1800), Caxoeira (1820), Caxoeira (1821).

CAETÉ-MIRIM – NCm [Ssing+ADJsing] • *indígena (tupi) kaa'e'te + mi'rĩ* • Fitotopônimo. • Designação comum de diversas ervas nativas do Brasil. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Córrego, rio. • [...] *os rios que nós temos aqui próximo é o rio Caeté-Mirim, que ocês pássaro por ele, acho que ele tá nesse povoado, no segundo povoado que cês pássaro*. (E.21, L.58). • Registro escrito: Caeté Merim (1731), Cayte-Merim (1734/5), Caetemerim (1770) Sumidouro do Rio Caeté Merim (1776), Caete Meri (1778), Caeté Merim (1784), Caythemerim, Caithemeri, Cartemeri (1787) Ponte de, Cabeceiras de Cartemeri (1787), Caetémerim (1804), Caite mirim (1800), Caeté Merim (1820), Caetemirim (1855), Caeté Mirim (1862). • Registro oral: Caeté-Merim, Cate-Merim.

CAFUNDÓ – Nm [Ssing] • *português < africanismo (Quimbundo) (ka)mfundu* • Animotopônimo • Lugar distante e de difícil acesso. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Lavra, pasto. • [...] *Cafundó, lugá que chama São Francisco, tem um lugá lá que tinha muita maderá*. (E.12, L.138). • Registro escrito: Cafundós (1729), Cafundo (1734/5), Cafundó (1776, 1784), corgo Cafundós (1787).

CALDEIRÃO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Escavação nas rochas, feita pelas águas, na qual se encontra ouro e diamante. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego. • *Caldeirão é quase entrano lá na Sopa.* (E.10, L.607). • Registro escrito: Caldeirão (1770).

CALDEIRÕES – Nm [Spl] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • O mesmo que Caldeirão. • Nomeia → Distrito de Sopa – Córrego. • [...] *é o nome Caldeirões é porque pelo que a água passá na pedra forma umas panela nela [...].* (E.9, L.223). • Registro escrito: Caldeiros (1787).

CALIFÓRNIA – Nf [Ssing] • *português < inglês* • Corotopônimo • Fonte de riquezas. • Nomeia → Distrito de Sopa – Lavra, lugar. • [...] *onde é que tá o Califórnia? [...] É onde nós conversamo com aquela senhora..* (E.9, L.727-729).

CAMARINHA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Esconderijo • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar. • [...] *Camarinha, tá veno ali detrás lá, ali chama Camarinha, tudo tem nome [...].* (E.16, L.112).

CAMINHO DOS ESCRAVO – NCm [Ssing + {Prep+Apl+Ssing}] • *português < latim* • Hodotopônimo • Passagem, estrada ou rota por onde os escravos transitavam ou trabalhavam. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar, estrada • [...] *Tivemo em Datas, lá na região, aqui a gente fica num vai [...] vai [...] vai [...]. São João da Chapada, né? A gente organizô, aqui prá cá também, no Caminho dos Escravo, nos organizamos.* (E.4, L.153).

CAMPINA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Campo extenso, pouco acidentado. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *cê vai em vários lugares, aí vamo supor de gente que morô aqui, o povo que cunheceu aqui vô é pra Campina, inda fala Campina, é poca gente.* (E.19, L.29).

CAMPINAS – Nf [Spl] • *português < latim* • Fitotopônimo • O mesmo que campina. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *aqui ieu sei o nome desses trem aí tudo, essa serra aí é Campinas mesmo, né?.* (E.19, L.55).

CAMPO ALEGRE – NCm [ADV+ADJsing] • *português < latim* • Fitotopônimo. • Extensão de terra sem mata com poucas árvores, ambiente agradável. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *Eu falei com ele que sô Juão conhece muita história aí por esse lado aí do Sô Juão, Buriti, Campo Alegre [...].* (E.9, L.518). • Registro escrito: Campo Alegre (1734, 1820).

CAMPO DE BAXO – NCm [ADV+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Fitotopônimo. • Extensão de terra sem mata com poucas árvores, posicionado geograficamente em uma região mais baixa. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *Ponte Pedra, Pau de Araçá, (Salva Despesa), Treis Corgo, Boi Pintado, Boi Pintado[,] é [...] Vargem [,] vai Campo de Cima, Campo de Baxo, Campo d'ó'tra Banda, Coquero, Cruzerim, Tapera de Merxês[...].* (E.15, L.324).

CAMPO DE CIMA – NCm [ADV+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + grego* • Fitotopônimo. • Extensão de terra sem mata com poucas árvores, posicionado geograficamente em uma região mais alta. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *Ponte Pedra, Pau de Araçá, (Salva Despesa), Treis Corgo, Boi Pintado, Boi Pintado[,] é [...] Vargem[,] vai Campo de Cima, Campo de Baxo, Campo d'ó'tra Banda, Coquero, Cruzerim, Tapera de Merxês [...].* (E.15, L.324).

CAMPO D' O'TRA BANDA – NCm [ADV+{Prep+Asing+Pron+Ssing+Ssing}] • *português < latim + origem incerta* • Fitotopônimo • Extensão de terra sem mata com poucas árvores, próximo a outro campo. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Serra. • [...] *Ponte Pedra,*

*Pau de Araçá, (Salva Despesa), Três Corgo, Boi Pintado, Boi Pintado[,] é [...] Vargem[,] vai Campo de Cima, Campo de Baxo, **Campo d’o’tra Banda**, Coquero, Cruzeiroim, Tapera de Merxês* (E.15, L.324).

CANAL CALIFÓRNIA – NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim* • Ergotopônimo • Excavação feita para a extração mineral por companhia inglesa. • Nomeia → Distrito de Sopa – garimpo. • *Ali é o Canal Califórnia*. (E.9, L.401).

CANAL DO MIZAEI – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + hebraico* • Ergotopônimo • Local de exploração mineral. • Nomeia → Distrito de Sopa – garimpo. • [...] *e aqui é o Mizael, o Canal do Mizael* (E.9, L.719).

CANAVIAL – Nm [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Plantação de canas, lugar que crescem canas. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar, povoado. • [...] *cai[,] nele cai[,] o corgo Lavrinha, cai o Capimpub’ cai o corgo do Canavial, cai nesse lugá, que eu num tô sabeno o nome dele aqui [...]*. (E.19, L.601).

CANDONGA – Nm [Ssing] • *português < africano (quimbundo) Kabonga* • Animotopônimo • Fuxico, contrabando • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra, lugar • [...] *Candonga significa que o povo fala aqui é fuxico, né?* (E.15, L.63).

CANJICA – Nf [Ssing] • *português < africano (banto)* • Fitotopônimo • Papa feita com milho branco. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *é, perto de Rio Manso [,] Tumé tá mais pra cá, mas tudo é pertim um lugá do o’tro, Canjica e Tumé tão os dois no mesmo lugá*. (E.19, L.721).

CANTO DA SERRA – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Animotopônimo • Lugar visitado com frequência. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – pasto. • [...] *Vai... vai... no Alto dos Curral, tem aqui a Pasto da Pindaíba que é hoje Japonês, tem ali o Riacho Fundo, Vargem da Rema, é pasto, Vargem do Cuelho, (Canto) da Serra [...]*. (E.15, L.103).

CAPÃO GROSSO – NCm [Ssing+ADJsing] • *indígena (tupi) kaa’paũ + português < latim* • Fitotopônimo • Moita de mato. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – corgo, fazenda. • [...] *é Corgo da Cachuera, o Água Verde, agora pra cá tem corgo Capão Grosso, né?* (E.19, L.132). • Registro escrito: Capão Grosso (1778) Capam (1787), Capão Grosso (1804, 1820, 1821, 1849, 1873).

CAPELINHA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Hierotopônimo • Diminutivo de capela. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – Lugar. • [...] *pai é de Capelinha* (E.18, L.68).

CAPETINHA – Nm [Ssing] • *português < latim* • Hierotopônimo • Diminutivo de capeta. Criança traquinas. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Córrego. • [...] *pra lá pro o’tro lado do córrego chama (Córrego do Capetinha), esse córrego ele desce aí, las nas (barrera) ele desce, esse córrego aí chama Córrego do Capetinha, é porque era onde tinha uma bica, aonde o povo todo panhava a água, lavava vasia. Lavava a ropa, tudo era nesse corgo que ia, a rede de água [...]* (E.21, L.156).

CAPIMPUBA – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) ka’pii + puça* • Fitotopônimo • Espécie de mato • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Córrego. • [...] *num sei, lá ês pusero esse nome Capimpubo nasce uma aguinha ali, vai desceno, vai cresceno, lá em baxo cai o’tro corgo nele, cai o Corgo Lavrinha, cai o Corgo da Boa Vista, cai... nele cai... o corgo Lavrinha, cai o Capimpub’cai o Corgo do Canavial, cai nesse lugá, que eu num tô sabeno o nome dele aqui, lá em baxo ele junta ês da o nome de Reberão e em baxo dá o nome de São Domingo [...]* (E.19, L.599).

CAPOEIRA DO CALIXTO – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *indígena (tupi) ko'puera + português < grego* • Fitotopônimo • Mato ralo, matagal em propriedade privada. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] **Capoeira de Calixto** é mato, tem o nome de capoeira, aqueles mato ralo assim na[,] é um matagalzim [...]. (E.9, L.744).

CAPOEIRA DE ZÉ DA CHICA – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing+Prep+Asing+Ssing}] • *indígena (tupi) ko'puera + português < hebraico* • Fitotopônimo • Mato ralo, matagal. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] **Capoeira de Zé de Chica** [...] *filho da dona Chica*. (E.9, L.756-758).

CAPUERÃO – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) ko'puera + aumentativo português -ão*. • Fitotopônimo • O mesmo que capoeira. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – serra, córrego, lugar. • [...] **Capuerão** é ali por detrás, sobe ali ó, ali chama Camarinha aquele buraco lá, tá veno, num tá? (E.16, L.107).

CARIMBO – Nm [Ssing] • *português < africano (quimbundo) ka'rimu*. • Ergotopônimo • Instrumento de metal ou madeira usado para marcar seres vivos ou inanimados. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego. • [...] *é! Córrego do Carimbo*. (E.1, L.251). • Registro escrito: Carimbos (1784).

CARMO – Nm [Ssing] • *português < hebraico*. • Hagiopônimo • Prenome de caráter religioso, que remete à Nossa Senhora do Carmo. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar, igreja. • [...] *Aonde tem uma igreja em Diamantina, a Igreja do Carmo*. (E.1, L.491).

CARRAPATO – Nm [Ssing] • *português < origem incerta*. • Zootopônimo • Ectoparasita de vertebrados terrestres. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego. • [...] *A quase todo distrito... quando dá muito carrapato às vezes os moradores põe Carrapato, nome de Carrapato, quando um lugar menor, passa ser vizinho põe Carrapatinho*.. (E.5, L.102). • Registro histórico: Carrapato (1821).

CARRAPATINHO – Nm [Ssing] • *português < origem incerta*. • Zootopônimo • Diminutivo de carrapatinho. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego. • [...] *A quase todo distrito... quando dá muito carrapato às vezes os moradores põe Carrapato, nome de Carrapato, quando um lugar menor, passa ser vizinho põe Carrapatinho*.. (E.5, L.102).

CARRASCO – Nm [Ssing] • *português < pré-românico*. • Animotopônimo • Mesmo que algoz. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *Uai as serra lá[,] [...]lá é que vai lá pro Carrasco, Carrascão é a Serra do Gaio, até lá de Diamantina você vê um pedacim do pico dela* [...]. (E.10, L.62).

CARRASCÃO – Nm [Ssing] • *português < pré-românico + sufixo português -ão*. • Animotopônimo • Mesmo que carrasco. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *Uai as serra lá... (barulho) Tem a Serra que já é lá do[...] lá é que vai lá pro Carrasco, Carrascão, é a Serra do Gaio, até lá de Diamantina você vê um pedacim do pico dela* [...]. (E.10, L.62).

CASA DA FAZENDA – NCF [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Ecotopônimo • O mesmo que sítio. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • *Era fazenda, Casa da Fazenda, era uma casa tão descontrolada...podia ser uma casa muito boa [,] mas [,] diz que ele preocupava era só com o gado* [...]. (E.10, L.222).

CASADO – Nm [Ssing] • *português < latim*. • Animotopônimo • O mesmo que unido. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – campo. • *Pedrelina morô ali no Campo dos Casado* [...]. (E.13, L.13).

CATA DO TELEÇO – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português* < *latim* + *Grego*. • Sociotopônimo • Lavra, garimpo, lugar de extração mineral (cristais, diamantes ou ouro). • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – garimpo. • *Ele tinha uma (cata) de cristal aí em 1945 trabaiano sozim, lá num tinha muié, num tinha fi, num tinha família, era istrangero, trabaiano (?) ficô morano e chama Cata do Teleço depois el'foi pra Sopa, garimpá lá [...].* (E.15, L.76).

CATADIM – Nm [Ssing] • *português* < *latim* + *diminutivo -inho*. • Sociotopônimo • O mesmo que cata, lavra, garimpo. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *nisso o pessoal tava tirano muito diamante lá e ês preguntaro o pessoal daqui, o pessoal de fora: ah! como é que é lá o silviço docês? Ah! lá é só catá diamante, ficô co[m] nome de Catadim [...].* (E.6, L.590).

CATIVO – Nm [Ssing] • *português* < *latim*. • Animotopônimo • Local onde era castigado o escravo fujão. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *Cativo, ô moço se você achá o buraco é justamente cirtinho o jeito d' pessoa aonde ês marrava, levava a corda assim, ó... jogava a corda e pegava no o't[r]o ponto assim[,] agora eu[,] [“ocê prá corrê agora[,]”] pega as duas ponta dela e inrolava nas mão [...].* (E.12, L.320).

CAVACA PARDO – Ncm [Ssing+ADJsing] • *português* < *latim*. • Ergotopônimo • Local onde se reuniam os militares. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *agora fora disso também nós fizemo um passei' muito bom com as pastorinha também... chama Cavaca parda(), era um ambiente lá dos militares, intão nós fizemo esse passei' lá também, muito bom, fora disso a gente dá uns passeim aí por fora, já tivemo em Belo Horizonte [...].* (E.4, L.137).

CAVALINHO – Nm [Ssing] • *português* < *latim*. • Zootopônimo • Nomeia serra com o formato de um cavalo. • Nomeia → Município de Diamantina (Biribiri) – serra, pedra. • [...] *é/é ali do lado é Cavalim.* (E.8, L.83). • Registro oral: Cavalim.

CAVALO – Nm [Ssing] • *português* < *latim*. • Zootopônimo • Mamífero da família perissodáctilo. • Nomeia → Distrito de Guinda – córrego. • (córrego) do **Cavalo**, Córrego do Guinda. (E.14, L.66).

CAVALO MORTO – Ncm [Ssing+ADJsing] • *português* < *latim*. • Zootopônimo • Mamífero da família perissodáctilo sem vida. • Nomeia → Distrito de Extração – garimpo, lugar. • [...] *e tem uma o'tra também que eles trata de... eu não sei se (o seu Francian) de Cavalo Morto, tinha companhia lá também [...].* (E.6, L.34).

CAVERA – Nf [Ssing] • *português* < *latim*. • Somatotopônimo • Esqueleto da cabeça. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – fazenda. • [...] *tem o'tra fazenda qu'eu num sei o nome... também tem Cavera, nome até esquisito, né? [...].* (E.19, L.258). • Registro escrito: Caveira (1734/5), Córrego do Caveira, Pasto da Caveira (1770).

CAVIRINHA – Nf [Ssing] • *português* < *latim* + *diminutivo -inha*. • Somatotopônimo • O mesmo que caveira. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – fazenda, lugar. • [...] *Cavirinha, num sei, desde que me intendo por gente chama Cavirinha [...].* (E.19, L.79). • Registro escrito: Caveira (1734/5), Córrego do Caveira, Pasto da Caveira (1770).

CAXÃO – Nm [Ssing] • *português* < *origem incerta*. • Ergotopônimo • Mesa de trabalho do garimpeiro ou do faiscador. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Córrego. • [...] *Corgo do Caxão fica, fica justamente nesse povoado, Corgo do Caxão é lá onde mora P. [...].* (E.21, L.124).

CHAPADA – Nf [Ssing] • *português* < *origem incerta*. • Geomorfotopônimo • Planície, com pouca ou nenhuma vegetação. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *criada aqui na Chapada[,] é [,] esse home é que sabe de trem merm' tudo quanto há dos antigo el'sabe, ele dá (?) daqui. [...].* (E.12, L.266).

CHAPADÃO – Nf [Ssing] • *português* < *origem incerta + aumentativo português -ão*. • Geomorfotopônimo • O mesmo que Chapada. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *tem Lagoa Seca, tem Lagoa Seca, tem Agulia, Chapadão, lá tem um monte de nome demais. (?) daqui. [...].* (E.19, L.222).

CHICO CHAVES – NCm [Ssing+Spl] • *português* < *espanhol (hipocorístico de Francisco) + latim*. • Antropotopônimo • O nome Francisco, segundo Guérios (1981, p. 91) por influência dos negros africanos recebeu como hipocorístico Chico ou Xico. Chaves é sobrenome português. • Nomeia → Distrito de Sopa – fazenda. • [...] *Fazenda do Chico Chaves Ele mora em Diamantina[,] se você quiser ir lá[,] é só falar com ele lá e ele dá ordem pro porteiro lá. [...].* (E.9, L.623).

CHIFRE QUEBRADO – NCm [Ssing+ADJsing] • *português* < *latim*. • Dirrematopônimo • Apêndice duro e recurvo, localizada na cabeça de alguns animais machos, rompido. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Fazenda. • Informante 2: *Tem uma aqui na frente, eu nem sei o nome da fazendinha ali cê sabe?* Informante 3: **Chifre Quebrado**. (E.10, L.691).

COCAIS – Nm [Spl] • *português* < *Grego*. • Fitotopônimo • Coqueiral. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Lugar. • [...] *depois de Cocais vem Quebrá-Pé, né? Quebra-Pé, Tumazinho, antes de Quebra-Pé, Tumazinho. [...].* (E.21, L.112). • Registro escrito: Cocaes (1770), Cabeceiras do Rio dos Cocais Pequeno, Cocais Grande (1776), Corgo dos Coquaes (1787).

COIMBRA – Nm [Ssing] • *português* < *grego*. • Fitotopônimo • Sobrenome português que, segundo Guérios (1981, p. 94) significa fortaleza ou castelo. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Lugar. • [...] *Capelinha, () Turmalina, Itamarandiba... Mercês... isso tudo aí era Diamantina, depois () Campo Verde, Sete Lagoas... ia pr'aqueles lado lá, mas com tropa. () chegou em Diamantina e não conseguiu vendê o tocim que ele levô, né? Viu que o toicim inda tava bom, foi pra Coimbra.* (E.19, L.362). • Registro escrito: Cocaes (1770), Cabeceiras do Rio dos Cocais Pequeno, Cocais Grande (1776), Corgo dos Coquaes (1787).

COLÔNIA – Nf [Ssing] • *português* < *latim*. • Sociotopônimo • Região ou território controlado por um estado dominador e povoado por emigrantes e povos nativos. • Nomeia → Distrito de Sopa – Lugar, córrego. • [...] *chama Córrego da Colônia que aonde era, cuja a berada desse córrego morava os colonos que trabalhava na fazenda.* (E.9, L.261).

COLUNA – Nf [Ssing] • *português* < *latim*. • Ergotopônimo • Estrutura que dá sustentação a outra estrutura. • Nomeia → Distrito de Extração – Lugar. • [...] *bem pra lá de Rio V[er]melho de.. que vê eu levei um gado na fazenda lá, perto de Coluna, aí tem a fazenda a gente desce longe pra ir em Pedra Minina, pois é... Pedra Minina acho que cai aí na, tem estrada de carro que sai no Mendanha.* (E.7, L.151).

CONSELHEIRO – Nm [Ssing] • *português* < *latim*. • Axiotopônimo • Membro de um conselho. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Lugar. • [...] *povoado é aqui, Conselheiro e fora daqui é Rudiadô, né?* (E.15, L.112).

CONSELHEIRO MATA – Nm [Qv+Ssing] • *português* < *latim*. • Axiotopônimo • Conselheiro com sobrenome português. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *tinha um home em Diamantina muito importante Conselheiro, Conxelhoro dava conselho a todo mundo e ele era bom conselheiro e ele era da família Mata Machado Conselheiro Mata, antão foi esse { nome aqui.* (E.15, L.187).

CONSOLAÇÃO – Nf [Ssing] • *português* < *latim*. • Hierotopônimo • Ato ou efeito de consolar, pessoa que consola. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar, capela. • [...] *É! Antes eu já fazia, né com aquelas pissoa voluntária, também a benefício da construção de uma capela, com*

o nome de **Capela da Consolação**, a gente trabalhô muito mesmo, ganhava dinheiro bom mesmo para ajudá, o dinheiro era reservado e entregue ao vigário. (E.4, L.72).

CONTAGEM – Nf [Ssing] • *português < francês*. • Sociotopônimo • Ato ou operação de contar. Nomeia lugar nos distritos de Planalto de Minas e de Conselheiro Mata. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar, fazenda. • [...] *aqui antigamente, é no princípio chamava fazenda da Contagem, é do meu avô, { foi pussiano num pagô imposto o povo era bobo, então tomô de nós prá nós herdero sobrô poco, tem documento lá no Foro iscrito com letra de pena moiada no/na (caneta)*. (E.16, L.50). • Registro escrito: Contage (1734/5, 1770), Riacho do Contage do Rebello (1776), Contagem do Cabello (1784), Contagem do Retiro (1787). • Registro oral: Contage.

CONTENDA – Nf [Ssing] • *português < espanhol*. • Sociotopônimo • Debate, disputa para conseguir algo. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] **Contenda** (?) *tem casa lá* [...] (E.10, L.206).

COQUERO – Nm [Ssing] • *português < origem incerta*. • Fitotopônimo • Espécie de palmeira que tem como fruto o coco. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, serra. • [...] *agora tem Serra dos Veado, Serra de Coquero é a mesma serra é que ela tem dois nome é que ela tem dois pedaço*. (E.12, L.70).

COQUERO DO BURITI – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem incerta + indígena (tupi) mĩri'ũ*. • Fitotopônimo • Espécie de palmeira que tem como fruto buriti, fruto comestível, doce e de tonalidade amarela. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *a mesma serra, Coquero do Buriti*. (E.15, L.338).

CORUJA – Nf [Ssing] • *português < origem incerta*. • Zootopônimo • Ave da espécie estrigiforme de hábitos noturnos. • Nomeia → Distrito de Inhaí – córrego. • [...] *eu num sei por que tem esse nome o corgo da Coruja*. (E.22, L.213).

CRIMINOSO – Nm [Ssing] • *português < latim*. • Animotopônimo • Aquele que pratica crimes, delinquente, réu. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – morro. • [...] *Morro do Grilo, Morro do... vem cá T. pra ajudá a lembrá, qu'eu isqueço. Lembro mas num... Morro do Grilo, morro do Quiminoso*. (E.18, L.28). • Registro oral: Quiminoso.

CRIOLO – Nm [Ssing] • *origem incerta*. • Dirrematotopônimo • Negro. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *é bonita merm', e agora vai carro, vai tudo lá agora, tem um ônibus aí que faz a lotação aqui que vem aí três vezes por semana que ele fica é lá, pra lá de Caba Mundo ainda lá na mata dos crioulo que ele vai* [...] (E.7, L.174).

CRISTAL – Nm [Ssing] • *português < latim*. • Litotopônimo • Mineral composto por quartzo, podendo ser transparente ou fosco, incolor ou de tonalidades rosada, amarelada, vermelha, etc.. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *eu criei minha vida rodano, fora daqui eu fiquei sete ano, mas eu vivia aqui, de 15 em 15 dias eu vinha aqui (?) fui administrá fazenda, lá foi patrão meu, cá no Cristal, sabe qual foi o cunhecimento que ele tomô de mim? [...] El' (?) essa fazenda com dinheiro que passô na nossa mão, ele tirava cristal amarelo, citrine [...] lá dava ele de duas cô, amarelo da cô da flô de algodão e vermelho da cô de fogo* [...]. (E.15, L.389-393-400).

CRISTAIS – Nm [Spl] • *português < latim*. • Litotopônimo • Plural de cristal. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar, serra, cachoeira. • [...] *Aquela serra ali? [...] Serra dos Cristais*. (E.9, L.435-438). • Registro escrito: Cristaes (1770, 1776), Córrego dos Cristais (1784), Christtaes (1787).

CRUZ DAS PEDRA – Ncf [Ssing+{Prep+Apl+Ssing}] • *português < latim*. • Hierotopônimo • Objeto localizado entre pedras, no alto da serra, que se apresenta como duas hastes que se cortam perpendicularmente; simboliza o cristianismo e faz alusão à morte de Cristo no madeiro. • Nomeia → Distrito de Inhaí – sítio. • [...] *acho que é da Cruz das Pedra* [...]. (E.21, L.80).

CRUZ DO ACAIACA – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + indígena (tupi) akaja'ka*. • Hierotopônimo • Cruz situada em local onde, segundo a lenda da origem dos diamantes, tinha a árvore da família terebintáceas, conhecida como Acaiaca. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *Agora essa tribo tinha uma... eu não sei...uma índia... algo sobre uma índia... eu não entendo bem não... ou falar assim... Ali perto do Bom Jesus tinha uma cruz, ali acho que foi essa índia que morreu ali... porquê que foi mesmo... Só sei que lá, Cruz do Acaiaca... tem a cruz... [...].* (E.3, L.258).

CRUZ DO JIRIMIA – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + hebraico*. • Hierotopônimo • Cruz situada na divisa de fazenda de propriedade de Jeremias, nome hebraico que significa, segundo Guérios (1981, p.151), “Javé é exaltado”. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar. • [...] *é uma fazenda... ela pega a fazenda pega naquel' pontá lá no morro do Calumbi é explicado no documento Pontá do Morro do Calumbi, Lajead' da Lagoa Grande, que uma lagoa que tem aqui em baxo prá lá ali, meu sobrinho mora lá, Lajead' da Lagoa Grande, Lagoa de (Lino), Lajeado da Lagoa da Canga que tem aqui, Pontá dos Zói d'Água que aquel' lag' lá, de lá passa Cuz do Jirimia, tudo no documento.* (E.16, L.58). • Registro escrito: Cuz do Jirimia.

CRUZERIM – Nm [Ssing] • *português < latim* • Hierotopônimo • Forma diminutiva de cruz. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Serra. • [...] *Ponte Pedra, Pau de Araçá, (Salva Despesa), Treis Corgo, Boi Pintado, Boi Pintado... é... Vargem,... vai Campo de Cima, Campo de Baxo, (Campo d'ó'tra Banda), Coquero, Cruzerim, Tapera de Merxês.* (E.15, L.325-438).

CRUZERO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Hierotopônimo • Local que possui ou é marcado por uma cruz. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Serra. • [...] *isso é... quando eu nasci já existia essas serra aí Morro do Chapéu, Serra de Santana, Morro do Cruzeiro.* (E.21, L.49).

CURRAL – Nm [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Local onde se ajunta o gado, ou se reúne as vacas para a ordenha. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Alto, serra. • [...] *do Gentil, tem Pasto do Tombadô, né? Arto dos Curral, que ino lá naquela serra.* (E.15, L.97).

CURRAL GRANDE – Ncm [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Local de extensão maior onde se ajunta o gado, ou se reúne as vacas para a ordenha. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Lugar. • [...] *Curral Grande é na Laje um buraco... um buraco... um buraco [...] lugá que surrava a negrada.* (E.13, L.312-314).

CURRALIM – Nm [Ssing] • *português < latim + diminutivo -inho* • Sociotopônimo • Pequeno curral. • Nomeia → Distrito de Extração – Distrito, lugar. • [...] *é, Curralim porque a gente acostumô, né?* (E.7, L.314). • Registro escrito: Corralinho, Corra linho (1734/5), Carralinho (1770), Córrego do Curralinho (1788). Registro oral: Curralinho, Curralim.

CURUMATAÍ – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) curimatá+y* • Hidrotopônimo • Rio dos curimatãs, peixe de água doce. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Lugar. • [...] *bem pra cima das Lajes, Lamarão já é virando para Curumataí.* (E.10, L.122). • Registro escrito: Rio Coromataí (1734/5), Curmatai (1778), Passagem de Cormatai (1788), Curmatatahi (1800), Curimataí (1804), Fazenda, Rio Corimatai (1820), Curimatahi (1821), Curimatahi (1862), Curimatahy (1873).

CUTIA – Nf [Ssing] • *indígena (tupi) aku'ti* • Zootopônimo • Mamífero do gênero dasyprocta. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – fazenda. • [...] *Olhos D'Água dava a fazenda Cutia onde os dois rios junta.* (E.15, L.410).

D

DAMÁSIO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Nome derivado da forma latina *Damasus* que, conforme Guérios (1981, 99) significa domador, vencedor. • Nomeia → Distrito de Sopa – Garimpo, lugar. • [...] *e lá:a chama Damásio. Do o'tro lado também foro ingleses. E tem a Boa Vista que já é do o'tro lado de Diamantina.* (E.9, L.409).

DÃO JÃO – NCm [Qv+Ssing] • *português < latim + hebraico* • Axiotopônimo • O qualificativo “Dom” é usado no Brasil para o tratamento aos dignatários da igreja católica. João é nome hebraico, significa, segundo Guérios (1981, p. 151), “cheio de graças”. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – Córrego. • [...] *acho que é Dão João que esse corgo daqui chama.* (E.18, L.263).

DESEMBARGADOR OTONI – NCm [Qv+Ssing] • *português < latim* • Axiotopônimo • Juiz do Tribunal de Justiça ou Apelação cujo sobrenome é Otoni. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – Distrito, lugar. • [...] *Desimbargadô Otoni.[...] é por causa do/do... é que agora num sei! Com certeza el'fez alguma coisa pra aqui, né?* (E.18, L.328-329).

DESTILARIA DOS DIAMANTES – Ncf [Ssing+{Prep+Apl+Ssing}] • *português < latim* • Sociotopônimo • Usina de álcool. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Fazenda, lugar. • [...] *é fazenda, né? (pusero otro nome lá, mas é faxenda, calcário eles pusero o nome de fazenda, né? aqui na frente mudaro o nome que tinha pra Destilaria dos Diamante.* (E.19, L.154).

DIAMANTINA – Nf [Ssing] • *português < latim + sufixo ina* • Litotopônimo • Nome derivado da forma latina *Diamante*, significa, segundo Guérios (1981, 103) indomável, duro. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Município, lugar. • [...] *tropero era aquele que comprava rapadura, feijão, toicinho, ele levava pra Diamantina, né? Diamantina que era chefe disso aí tudo, ele levava pra lá, né?* (E.19, L.357).

DILÚVIO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Meteorotopônimo • Muita chuva, inundação. • Nomeia → Município de Diamantina – Gruta. • [...] *Aí perto, nesse chamado gruta Dilúvio (), otra hora cá pu lado da Boa Vista, pra cá... Uns lugares aí, já fomo também em Boa Vista com as minina, inclusive de cantoria que também cantava [...]* (E.4, L.142).

DIRCEU MOTA – NCm [Ssing+Ssing] • *português < grego + português < latim* • Antropotopônimo • Dirceu, segundo Guérios (1981, p.103), é adjetival masculino de Dirce, nome de uma ninfa. Já Mota, para esse autor (1981, p. 181) significa “conjunto de muros, torres, fossas ou cavas que defendiam ou aformoseavam uma casa de campo”. • Nomeia → Município de Diamantina – Lugar, pasto. • Informante1: *É porque, você sabe aonde é o pasto do seu Mota?* Pesquisadora: *Pasto do seu Mota?* Informante: *o de Dirceu Mota.* (E.1, L.93).

DESBARRANCO – Nm [Ssing] • *português < pré-romano* • Geomorfotopônimo • Excavação profunda. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Lugar. • [...] *Disbarranco, cê vai tê Tumazim, essa parte aí [...]* (E.22, L.150).

DOCE – Nm [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Que não é salgado. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *E você olha um pico de serra que tem lá chamado Pico do Itambé, que a gente inxerça daqui as águas que corre pra lá, já vai para orio Doce [...]* (E.9, L.303).

DOIS IRMÃO – NCm [NUMpl+Ssing] • *português < latim* • Numerotopônimo • Região onde há dois morros iguais. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *tem o Buriti, num sei se ainda tem, o Buriti, Dois Irmão tem dois morro igualzim, Três Corgos, que tem três corgo, { é Pau de Araçá porque tinha o pau de araçá [...]* (E.15, L.349).

DOIS TOSTÃO – NCm [NUMpl+Ssing] • *português < latim + francês* • Numerotopônimo • Moeda antiga do Brasil, um tostão era o mesmo que cem réis. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] Informante 1: [...] *Isso aí eu num sei. Só alguma geração de lá pode explicar.* Informante 2: *Dois Tostão esse é difícil, né?* (E.10, L.55).

DONA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Axiotopônimo • O qualificativo “Dona” é bastante utilizada no Brasil e representa o tratamento respeitoso atribuído a mulheres casadas ou mais velhas. • Nomeia → Distrito de Inhaí – campo. • [...] *é! Campo da Dona, Pinheiro, Biribiri até sair em Diamantina.* (E.21, L.108).

DONA ANA – Ncf [Ssing+Ssing] • *português < latim + Hebraico* • Axiotopônimo • O qualificativo “Dona” é bastante utilizada no Brasil e representa o tratamento respeitoso atribuído a mulheres casadas ou mais velhas. Ana, nome hebraico, significa, segundo Guérios (1994, p. 65), graça. • Nomeia → Distrito de Extração – serra. • [...] *eu num sei porque... lá... já viveu... meu pai trabalhava lá novo, el’ falav’ isso... lá chamava Serra da Don’Ana. Por ca’sa que que é eu num sei não, co[m] poco morô argum moradô lá... alguma Dona que chamava Don’Ana, né?.* (E.7, L.216).

DUAS BARRAS – Ncf [NUMpl+Spl] • *português < latim + pré-românico* • Numerotopônimo • Duas formações de banco de areia e sedimentos trazidos pelas águas. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Lugar. • [...] *tem Água Verde que vai lá, tem Duas Barras, () tem o’tro que chama Inhacica Grande, Inhacica Pequena, quer dizê tudo ês bota um nome, (os nome que ês pusero, né?) um agoa um corgo menor, Inhacica Pequena, o o’tro o corgo maior, Inhacica Grande, um lugá muito bonito, né? () danado!* (E.19, L.267). • Registro escrito: Duas Barras (1770), Córrego das Duas Barras (1788).

DUAS PONTES – Ncf [NUMpl+Spl] • *português < latim* • Numerotopônimo • Córrego com duas passagens, estruturas feitas em metal ou madeira. • Nomeia → Município de Diamantina (Biribiri) – Córrego. • Pesquisadora: Algum córrego? Informante: *Duas pontes.* (E.8, L.107-108). • Registro escrito: Fazenda Duas Pontes (1820)

DUDUCA – Nf [Ssing] • *português < italiano* • Antropotopônimo • Hipocorísico de Eduardo. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Fazenda. • Pesquisadora: Algum córrego? Informante: *Duduca.* (E.11, L. 133).

E

ESPINHO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Parte rígida localizada no caule ou folha de algumas plantas que em contato com seres vivos podem provocar coceira ou irritação. •

Nomeia → Distrito de São João da Chapada – morro. • *Tem Morro do Espinho, tem muito Espinho.* (E.10, L. 207). • Registro escrito: Espinho (1862, 1821)

EXPEDITO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Nome derivado da forma latina *Expeditus*. Significa, para Guérios (1994, p.159), pronto, disposto. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – morro. • *Lá perto do Expedito, deve ter um carrasco lá.* (E.10, L. 210).

F

FADA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Mitotopônimo • Personalidade mítica. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – morro. • *Açogue, ali na Serra do Açogue tem a Cachoera das Fada, tem ali a Cachoera das Fada, agora tem a Cachoera de Telécio.* (E.15, L. 68).

FAUSTIM – Nm [Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Nome derivado da forma *Faustinus*, diminutivo de *Faustus*, que significa, conforme Guérios (1994, p. 153), “faustoso, feliz, venturoso, ditoso. • Nomeia → Distrito de Inhaí – córrego. • [...] tem o **Corgo do Faustim** (), mas esse corgo tem o nome porque lá morô um (homenzim) que chamava Faustim então a gente até pra num confundi diz **Corgo do Faustim**. (E.22, L. 214).

FAZENDA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Estabelecimento rural destinado à lavoura ou à criação de animais. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – rio. • *Agora lá em baixo onde tem a ponte de que... que entra...na comunidade de Macacos, chama é Ri da Fazenda porque tinha u'a fazenda, a fazenda... a fazenda era até... morava lá... era até o avô da minha mãe.* (E.10, L. 31).

FERRO DE INGOMÁ – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Ergotopônimo • Instrumento com base de metal usado para passar ou engomar roupas. • Nomeia → Distrito de Sopa – Pedra. Lugar. • *Tem a Pedra número Um, essa Pedra do Cavalinho, tem o Ferro de Ingomá, mas essa os pedradores já quebraro, quebraro.* (E.9, L. 599).

FILIZARDA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Muito alegre, feliz, contente • Nomeia → Distrito de Sopa – Serra. • [...] *tem a Serra da Filizarda que tem nome, Serra do Maçorongó [...].* (E.9, L. 452).

FORQUILHA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Ergotopônimo • Pequeno forcado de três pontas. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Fazenda, lugar. • *Tromba D'Anta, o Ri Pard' Piquen' nasce ali, então o Ri Pard' Grande nasce lá no Campo S(X)ampaio e o Ri Pard' Piquen' nasce aqui na Tromba d'Anta, e o Ri Pard' Grande corre por lá e o piqueno corre por ali e vão incontrá lá imbaxo desceno de (?) por ês fazê isso aqui é o nome, Fazenda da Furquilha..* (E.15, L. 2). • Registro escrito: Forquilha (1776), Fraquilha (1778), Forquilha (1787, 1800, 1804, 1820, 1821). • Registro oral: Furquilha.

FURADO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Morfotopônimo • Que possui furo, buraco ou rasgo. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – morro, lugar. • [...] *Morro do Criminoso, Morro do Grilo, cê também num tá lembrano ((risos)) que tem tanto morro, Morro do Furado [...].* (E.18, L. 141).

G

GAIO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Formação rochosa “Galho do Miguel”. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – serra, vertente, lugar. • [...] *vai lá pro Carrasco, Carrascão é a Serra do Gaio, até lá de Diamantina você vê um pedacim do pico dela.* [...]. (E.10, L. 63). • Registro histórico: Gaia (1778).

GALHEIROS – Nm [Spl] • *português < latim* • Zootopônimo • Veado de chifres grandes. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *É! Galheiros é por causa do veado, né? É o Veado Galheiros, aquele que tem os chifres na cabeça, então tem a região deles.* [...]. (E.5, L. 108). • Registro histórico: Serra do Galheiro (1776), Galheiro Gouvea (1778), Serra de Galheiro (1784), Galheiro (1788, 1800, 1804, 1821).

GALINHEIRO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Zootopônimo • Lugar destinado a alojar galinhas. Nome anterior do distrito Desembargador Otoni • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar. • [...] *ficô esse nome de Galinheiro e Planarto lá chamava é Contage* [...]. (E.18, L. 321).

GAMBÁ – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) guá-mbá* • Zootopônimo • Mamífero do gênero didelphis. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *Tem na região lá... é até apertado, a serra de um lado e outro chama Gambá e inda ixisti.* [...]. (E.10, L. 349).

GANGORRA – Nf [Ssing] • *português < origem incerta* • Ergotopônimo • Engenho que serve para socar arroz. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – serra, alto. • [...] *o Arto da Gangorra daqui vê a antena lá, de lá cês vê o Capuerão tá atrás daquela serra se subi lá i riba vê [...].* (E.16, L. 103) // [...] *o povo conta mas isso eu num acredito não, num tinha esse negócio que era de i pra cidade, né? A gangorra, ês tinha a gangorra que era de socá arroz, café... e o povo conta que a gangorra cantava assim: de dia e noite o sinhô num dá discans', noite e dia o sinhô num dá descanso ((risos)) eu sei que era mintira, a gangorra é é duas (roda) de pilão, né? por causa da água... batia no pilão subia e a o t[r]a discia essa eu já vi mas num foi lá também não.* (E.18, L. 174).

GENTIO – Nm [Ssing] • *português < espanhol* • Etnotopônimo • Nome dado, no Brasil, a povos indígenas e africanos. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *era propriedade [,] da Forquilha, ficê demorano dimais tomô posse, os possero tomô posse, tomô conta, desses[,] possero eu tomei posse de 5 e agora o ano passado eu vendi, nesse Marco aqui de uns tempo aí eu vendi pra ês, o Marco, tem aqui imbaxo pasto da Ponte Pedra, pasto do Gentio.* [...]. (E.15, L.91).

GRANDE – Nm [Ssing] • *português < latim* • Dimensiotopônimo • Relativo `a extensão e volume. • Nomeia → Município de Diamantina – rio, córrego, serra. • [...] *Ah! Foi muito bom, a gente vai até no certo ponto que eles trabalhava mesmo, né? Minerava, tudo muito bom, muito especial [,] Num tem (curcuito) circuito de sombra, um lugá onde a gente possa ficar, num tem um [curcuito]circuito de passeio pá demora não, lá tem até na semana santa eles faz via sacra, saino [,] num sei aonde, só sei que eles faz [,] um ambiente muito bom[,] pra quem gosta [...]* Hoje a gente cunhece o que não acabo [...] *é o rio Grande, Pururuca, Prata, Rio da Prata, tem um otro corgo mas não sei mas aonde e otros, otros mais... mas o que a gente sabe diritinho é esses daí é Rio Grande, Pururuca e Prata onde as pessoa ia lavá ropa, tem um certo lugá, que já jogaro intulho, tão atrapalhamo tudo, tão acabano com tudo, vai acabá mesmo! Do jeito que a*

gente tá veno como o mundo lá vai, vai longe, não. [...]. (E.4, L.159). • Registro escrito: Rio Grande (1778).

GRILO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Zootopônimo • Inseto ortóptero e grilóideo. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – morro, grotta. • [...] *Morro do Grilo, Morro do... vem cá T. pra ajudá a lembrá, qu'eu isqueço. Lembro mas num* [...]. (E.18, L.28).

GUARÁ – Nm [Ssing] • *indígena (ua'ra)* • Zootopônimo • Ave de penas vermelhas frequentadoras da foz. Mamífero canídeo, lobo. • Nomeia → Distrito de Mendanha – córrego. • [...] *quando a água da Coã tava poca, o corgo pra lavá ropa as veze tava sujo, né? Os home trabaiano, né? Sujava a água, né? Ia lavá ropa lá no Guará* [...]. (E.20, L.230).

GUARDA-MOR – NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim* • Axiotopônimo • Patente militar. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – córrego, serra, lugar. • [...] *são os nomes que tem... cada lugarejo tem (), tem as casas, é Paiol, é Guarda-Mor, Quebra-Pé* [...]. (E.12, L.122). • Registro escrito: Guarda (1734/5)

GUINDA – Nm [Ssing] • *português < francês* • Ergotopônimo • Instrumento para levantar peso ou corda desse instrumento. Sobrenome de escravo • Nomeia → Distrito de Guinda – Distrito, córrego, serra, lugar. • [...] *é o tal João Guinda, Manel Guinda, tinha o apilido de Guinda, não, tinha o sobrinome de Guinda, então Guinda é sobrinome de um iscravo!* [...]. (E.14, L.47). • Registro escrito: Guinda (1770, 1776).

GUINÉ – Nm [Ssing] • *português < africano guiné* • Corotopônimo • Nome que designa países da África (Guiné Conacri, Guiné Bissau e Guiné Equatorial) • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *Guiné é aqui.* [...]. (E.10, L.329).

GUTIÉRREZ – Nm [Ssing] • *português < espanhol* • Antropotopônimo • Sobrenome espanhol, significa, segundo Guérios (1981, p. 137), pouco ou pequeno. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *é igual acampamento, né? Aqui é Gutierrez, [...] muita casa boa* [...]. (E.19, L.447).

I

ILHA – Nf [Ssing] • *português < catalão* • Geomorfotopônimo • Espaço de terra isolado • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar. • Informante 1: *muita gente achava que lá tinha tesoro, viu? Vinha muita gente aí procurá tesoro no/lá tinha o Cruzeiro, esse Cruzeiro num sei se tá de pé não, vinha muita gente procurá tisoro, deu muito, era muito rico tinha muito ouro a Ilha* [...] *a Ilha tinha igreja, tinha sobrado, tinha o povo que morava lá* [...] Informante 2: *é lá na Ilha tinha até poco tempo a igrejinha* [...] Pesquisadora: *é uma ilha mesmo no meio do rio? Informante 2: não! É o nome, chama Ilha que eles pusero.* [...]. (E.18, L.155-164) .

INDAIÁ – Nm [Ssing] • *indígena ima'ia* • Fitotopônimo • Palmeira da subfamília cocomícea de frutos grandes ou pequenos que vive em sociedade compacta. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar. • [...] *O Quartel de Indaiá, Indaiá é por causa dos coco, né?* [...]. (E.13, L.53). • Registro escrito: Andaia (1820), Arraial Freguesia Andaia (1821).

INFERNO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Sofrimento, martírio. • Nomeia → Distrito de Extração – ribeirão, garimpo. • [...] *bah! Ai eu num sei, né? Da ida/da idade da iscravatura... lá chama Reberão do Inferno mas num sei porque foi não, viu?* [...]. (E.7, L.9). • Registro escrito: Ribeirão do Inferno (1729), Emferno (1731), Riberam do Inferno (1770), Inferno (1776, 1784) Cabeceiras do Ribeirão do Inferno (1787), Ribeirão do Inferno (1820).

INGENHO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Máquina, instrumento ou aparelho usado para facilitar um serviço. • Nomeia → Distrito de Inhaí – fazenda, lugar. • [...] *aqui antes já teve () chama a Fazenda do Ingenho justamente porque já teve, num é do meu tempo, mas já existia um ingenho aonde eles, eles tiravam pedras, minérios, né?* (E.21, L.147). • Registro escrito: Ingenho (1731), Engenho (1734/5)

INHACICA – Nf [Ssing] • *indígena (tupi) Ynhā-yca* • Fitotopônimo • Planta do gênero das acácias. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – fazenda, lugar, serra, córrego. • [...] *o nome é Fazenda Inhacica que lá tem... lá passa o Jiquitionha, lá tem diversos corgo, tem Água Verde que vai lá, tem Duas Barras, () tem o'tro que chama Inhacica Grande, Inhacica Pequena, quer dizê tudo ês bota um nome, (os nome que ês pusero, né?) um agoa um corgo menor, Inhacica Pequena, o o'tro o corgo maior, Inhacica Grande [...]*. (E.19, L.266). • Registro escrito: Inhacica (1776, 1778, 1788), Inhacica (1800, 1804), Inha(x ou n)cica (1820), Inharica (1821), Inhacica (1849, 1855, 1862).

INHACICA GRANDE– Ncf [Ssing+ADJsing] • *indígena (tupi) Ynhā-yca + português < latim* • Fitotopônimo • Nome dado ao córrego de proporção maior que o córrego Inhacica. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – córrego. • [...] *o nome é Fazenda Inhacica que lá tem... lá passa o Jiquitionha, lá tem diversos corgo, tem Água Verde que vai lá, tem Duas Barras, () tem o'tro que chama Inhacica Grande, Inhacica Pequena, quer dizê tudo ês bota um nome, (os nome que ês pusero, né?) um agoa um corgo menor, Inhacica Pequena, o o'tro o corgo maior, Inhacica Grande [...]*. (E.19, L.266). • Registro escrito: Inhacica Grande (1820).

INHACICA PEQUENA– Ncf [Ssing+ADJsing] • *indígena (tupi) Ynhā-yca + português < latim* • Fitotopônimo • Nome dado ao córrego de proporção menor que o córrego Inhacica. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – córrego. • [...] *o nome é Fazenda Inhacica que lá tem... lá passa o Jiquitionha, lá tem diversos corgo, tem Água Verde que vai lá, tem Duas Barras, () tem o'tro que chama Inhacica Grande, Inhacica Pequena, quer dizê tudo ês bota um nome, (os nome que ês pusero, né?) um agoa um corgo menor, Inhacica Pequena, o o'tro o corgo maior, Inhacica Grande [...]* (E.19, L.266). • Registro escrito: Inhacica Pequena (1820), Córrego Inhacica Pequena (1770).

INHAÍ– Nm [Ssing] • *indígena (tupi) inhā* • Hidrotopônimo • Água que corre. • Nomeia → Distrito de Inhaí – Distrito, rio. • [...] *ué desde que eu nasci já existia esse nome Inhaí, eles dizem que é nome indígena, né? Significa... Água ruim, alguma coisa por aí ou água boa, água viva [...]*. (E.21, L.21). • Registro escrito: Myinhahy+meri (1729), Inhay, Inhaí Grande, Inhaí Pequeno (1734/5), Inhaí (1776), Inhai (1778), Inhaí (1784), corgo do Inhahy (1787) Arrayal do Inhahy (1787), Inhahi (1800), Inhai (1804), Inhay (1820) Destacamento Inhahi (1821).

INTENDENTE CÂMARA– Ncm [Qv+Ssing] • *português < francês + grego* • Axiotopônimo • Pessoa responsável pelos encargos financeiros e administração dos mesmos cujo sobrenome é Câmara. • Nomeia → Distrito de Sopa – Fazenda. • *Que agora já lavraro e onde você extraiu não coloca mais. Então ficou/ chama Rio dos Caldeirões e aqui tem... aqui inda tem as ruínas da/da Fazenda do Intendente Câmara chama Chácara dos Caldeirões [...]*. (E.9, L.234).

ISCARRO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Substância ou matéria expelida. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Lugar. • *O'tro o Iscarro é subindo dos Quarté cá pra São João [...]*. (E.10, L.51).

ISPINHAÇO DE MINAS – Ncm [Ssing+{Prep+Asing+Spl}] • *português < latim + francês* • Geomorfotopônimo • Cordilheira ou cadeia montanhosa que se estende pelos estados da Bahia e Minas Gerais. • Nomeia → Distrito de Sopa – Lugar. • [...] *aí é outra coisa, no período da chuva você num consegue atravessá ele não porque é uma corredera muito forte, né? Porque aqui é ((tosse)) Espinhaço de Minas, essa região aqui [...]*. (E.9, L.281).

ISTRELA – Nf [Ssing] • *português < latim* • Astrotopônimo • Astro luminoso. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Povoado. • [...] *Depois mais imboxo, bem baxo tem um povoadozim que chama Istrela já caino... nesse lugar, lá tem iscola [...]*. (E.16, L30).

ITAMBÉ – Nm [Ssing] • *indígena itá-aimbé* • Litotopônimo • Pedra pontiaguda. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Serra, pico. • [...] *e você olha um pico de serra que tem lá, chamado **Pico do Itambé** que a gente inxerga daqui as águas que corre pra lá já vai para o Rio Doce.* [...]. (E.10, L. 303).

ITAMBÉ DO SERRO – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *indígena itá-aimbé + português < latim* • Litotopônimo • Pedra pontiaguda localizada em região próxima a Diamantina. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Serra. • [...] *só a do **Itambé** que a gente vê... **Itambé do Serro*** [...]. (E.10, L. 682).

IXTRAÇÃO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Local onde é feita a retirada de pedras, ouro ou minério. Denomina distrito de Diamantina • Nomeia → Distrito de Curralinho – Serra. • [...] *mas o nome mesmo daqui... é que ficô Curralim por muitos anos, num sabe? E depois já passou para **Ixtração*** [...]. (E.6, L. 177).

IXTREMA– Nm [Ssing] • *português < latim* • Dimensiotopônimo • Situado em uma extremidade ou ponto afastado • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Lugar. • [...] *é um pirigo disgramado (?) como é que eu vô fazê? O sinhô deve, precisa comunicá a prefeitura... ((falando dos lugares)) Planalto, aqui mais imbaxo Vareda, Quebra-Pé, Barro Vermei', Barro Quebrado, **Ixtrema** { depois Baxadão* [...]. (E.16, L. 235).

J

JADIR ORLANDI – NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim + italiano* • Antropotopônimo • Nome de pessoa • Nomeia → Município de Diamantina – Chácara. • [...] Informante1: *Eu trabaivava (?) numa chácara lá... Pesquisadora: Tinha nome a chácara? Informante 1: Tinha o nome do dono da chácara...[...] **Jadir Orlandi*** [...]. (E.2, L.25-29).

JATOBÁ – Nm [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Árvore da família das leguminosas • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Rio. • [...] *o rio Jiquitionha tá distante o mais perto chama **Jatobá*** [...]. (E.15, L.208).

JÃO BORCO – NCm [Ssing+Ssing] • *português < hebraico + catalão* • Antropotopônimo • Nome de pessoa • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego. • [...] *tem os corgo, né? Num dexa de tê nome não... Corgo dos Macaco, tem...**Corgo do Jão Borco*** [...]. (E.10, L.279).

JÃO PERERA – NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Nome de pessoa • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – Córrego, ribeirão. • [...] *lá onde morei tem o Reberão do Amendoim, tem o reberão, o Reberão do Bateia, tem o ((trote de cavalo, o informante cumprimenta o peão que passa)) que tem ali ond'nós morô é Jão Perera, **Reberão de Jão Perera**, tudo tem cachaera* [...]. (E.17, L.31).

JAPONÊS – Nm [Ssing] • *português < n/e* • Etnotopônimo • Que nasceu no Japão. Nome atual de Pasto da Pindaíba. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Lugar. • [...] *tem aqui o Pasto da Pindaíba que é hoje **Japonês**, tem ali o Riacho Fundo, Vargem da Rema, é pasto, Vargem do Cuelho* [...]. (E.15, L.102).

JIQUI – Nm [Ssing] • *indígena (tupi) ijeke'i* • Ergotopônimo • Armadilha usada na pesca para apanhar peixes. • Nomeia → Distrito de Sopa – Serra. • *Então você vai ver coisas mesmo... lá é que tem serras mesmo. Tem Serra do Pasmarr, **Serra do Jiqui**, tem a Serra do Tigre, a gente inxerga daqui.* [...]. (E.9, L.464).

JISUÍNA – Nf [Ssing] • *português < italiano* • Antropotopônimo • Nome derivado de Jesus. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego. • *No Arturo ele é chamado Corgo da Arábia e na cabicera tem outro... o Corgo da Jisuína.* [...]. (E.10, L.424).

JOÃO MIGUEL – Ncf [Ssing+Ssing] • *português < hebraico* • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – Fazenda. • [...] *tem aqui João Miguel, num sei que nome que tem (?) depois de Monjolo tem (?) passô a pertencê Monjolo, num pertence a Conselheiro Mata, né? intão é isso aí.* (E.15, L.213).

L

LAGOA DA CANGA – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < românico + céltico* • Hidrotopônimo • Pequeno lago pantanoso ou não. Canga é instrumento de madeira do arado ou carro de boi usado para prender as cabeças dos bois • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Lajeado. • [...] *Lagoa de (Lino), Lajeado da Lagoa da Canga que tem aqui, Pontá dos Zói d'Água que aquel' lag' lá, de lá passa Cuz do Jirimia, tudo no documento.* (E.16, L.61).

LAGOA DE LINO – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + grego* • Hidrotopônimo • Pequeno lago pantanoso ou não pertencente à propriedade privada. Canga é instrumento de madeira do arado ou carro de boi usado para prender as cabeças dos bois • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Lugar. • [...] *Lagoa de Lino, Lajeado da Lagoa da Canga que tem aqui, Pontá dos Zói d'Água que aquel' lag' lá, de lá passa Cuz do Jirimia, tudo no documento.* (E.16, L.61).

LAGOA GRANDE – Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Hidrotopônimo • Lago de proporções maiores que o comum. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – Lajeado. • [...] *é uma fazenda... ela pega a fazenda pega naquel' pontá lá no morro do Calumbi é explicado no documento, Pontá do Morro do Calumbi, Lajead' da Lagoa Grande, que uma lagoa que tem aqui em baxo prá lá ali, meu sobrinho mora lá, Lajead' da Lagoa Grande.* (E.16, L.58).

LAGOA SECA – Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Hidrotopônimo • Pequeno lago cujas águas baixaram ou sofreram a ação da seca. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Rio. • *E a Lagoa Seca, (que é o nome desse rio, né?), a Lagoa Seca, Chapadão, Agulha, né?* (E.19, L.217).

LAJE – Nf [Ssing] • *português < origem incerta* • Litotopônimo • Pedra lisa, chata e larga, de grandes dimensões. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego, lugar, garimpo. • *Lá é o lugar que chamava as Laje, né? É um lugar que desce, mas i cima chama Lamarão...* (E.10, L.116). • Registro escrito: Lageas (1729), Lages (1734/5, 1770, 1776), Corgo da Laje (1784, 1787).

LAMARÃO – Nm [Ssing] • *português < latim* • Litotopônimo • Lamaçal. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego, lugar, garimpo. • [...] *bem pra cima das lajes, Lamarão já é virando para Curumataí [...].* (E. 10, L. 122).

LAPA DO BOM JESUS – Ncf [Ssing+{Prep+Asing+ADJsing+Ssing}] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Grande pedra que forma um abrigo ao ressaír do rochedo, em local que homenageia Jesus. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Pedra, lavra, lugar. • [...] *é que vai desceno aí, lavra () na Lapa do Bom Jesus... a serra aqui e a de cá, a de Mercês de Araçuaí, né? Aí le vai, depois vai ino acaba.* (E. 19, L. 578).

LARGO – Nf [Ssing] • *português < latim* • Dimensiotopônimo • Lugar extenso. • Nomeia → Distrito de Mendanha – Lugar, córrego • *Onde a gente mora tem, tem ali o Largo, depois tem o*

corgo que passa lá i diante, de primero os carro vinha, discia aqui pur cima, passava no fundo do Areão e sartava esse corgo, depois fizeram uma ponte lá na descida do o'tro corgo lá, então eles pararo de passá por aí, né?. (E. 20, L. 8).

LARGO PASSA QUATRO – Ncf [Ssing+Ssing+Ssing] • português < latim • Dimensiotopônimo • Lugar extenso. • Nomeia → Distrito de Sopa – Lugar, córrego. • [...] *tanto que esse lugarzim aqui chama Largo Passa Quatro.* (E. 9, L. 484).

LAVRADOS – Nm [Spl] • português < latim • Geomorfotopônimo • Relativo ao processo de extração de ouro ou diamante. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar, garimpo. • [...] *Lavrados é onde tem essa cor assim ó.* (E. 9, L. 772).

LAVRINHA – Nm [Ssing] • português < latim • Sociotopônimo • Local de trabalho onde se lavra ouro ou diamante. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar, córrego, garimpo • [...] *porque Lavrinha foi muito rica, viu?.* (E. 18, L. 204). • Lavrinha (1778,1788), Lavrinhas (1800), Lavrinha (1804), Lavrinhas (1849)

LIMERA – Nf [Ssing] • português < árabe • Fitotopônimo • Árvore da família das rutáceas, cítrica que produz o fruto lima. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar. • [...] *tem Limera tem um pé de Lima antigo, ele num morrre.* (E. 22, L. 201).

LEITÃO – Nm [Ssing] • português < latim • Zootopônimo • Filhote de porco quando ainda se encontra amamentando; porco de pequeno tamanho. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – fazenda. • [...] *tem Limera tem um pé de Lima antigo, ele num morrre.* (E. 19, L. 201).

LIMPO – Nm [Ssing] • português < latim • Animotopônimo • Sem sujeira, transparente, agradável, sem mata ou matagal. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar, campo. • Pesquisadora: a senhora sabe algum nome? Informante: *Tem Campo Limpo.* (E. 22, L. 194-195). • Registro oral: Limpos.

M

MACACO – Nm [Ssing] • português < africano (banto) makaaku • Zootopônimo • Primata. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – povoado, corgo. • *Agora lá em baixo onde tem a ponte de que... que entra...na comunidade de Macacos, chama é Ri da Fazenda porque tinha u'a fazenda [...]* (E. 10, L. 31). • Macacos (1734/5, 1770), Macaco (1784), Serra do Macaco (1787), Macacos (1821).

MACAQUIM – Nm [Ssing] • português < africano (banto) makaaku • Zootopônimo • Diminutivo de macaco. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – povoado, corgo. • [...] o povoado chama **Macaquim** [...] (E. 10, L. 345).

MÃE MINA – Ncf [Ssing+Ssing] • português < latim+francês • Dirrematopônimo • Nascente. • Nomeia → Distrito de Sopa – serra. • [...] e a serra *Ma... Mãe Mina, Mãe Mina é aqui ó mas eu num sei porquê chama também não.* [...] (E. 9, L.184).

MANDAPUÇÁ – Nm [Ssing] • indígena (tupi) manapuçá < mandupussá • Fitotopônimo • Árvore. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *Mandapuxá é uma arve que dá fruta no campo, né?* [...] (E. 15, L.355). • Registro oral: Mandapuxá.

MANHANA – Nf [Ssing] • português < castelhano mañana • Meteorotopônimo • Primeiras horas do dia. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar. • [...] *eu cunheço Manhana, já cunheci o lugá mas eu num sei o motivo [,] Disbarranco ?* (E. 22, L.14).

MANSO – Nm [ADJsing] • *português < latim* • Animotopônimo • Sereno, pacífico, sem agressividade. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – rio, lugar. • [...] *Marimero é no Rio Manso?* [...] (E. 19, L.624). • Registros escritos: Manso (1770, 1776), Manso (1778, 1784), Manso (1787), Manço (1788), Manso (1800), Manço (1804, 1821), Manso (1862), Rio Manso (1873).

MANU – Nm [Ssing] • *português < hebraico* • Antropotopônimo • Hipocorístico de Manuel ou Manuela • Nomeia → Distrito de Inhaí – Fazenda. • [...] *é fazenda também, Manu é muito bonito, é grande?* (E. 22, L.176).

MÃO TORTA– Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Dirrematopônimo • Membro com alguma deformidade. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – povoado. • [...] *depois mais embaxo tem um patrimoniozim pequeno que chama Mão Torta, até vou prá lá hoje à tarde.* (E. 16, L.12).

MARAVILHA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Planta herbácea. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *Capão Maravilha, tem o Milho Verde, bastante local, Ribeirão do Inferno, nesse eu até estive lá.* (E. 1, L.227). • Registros escritos: Corgo Maravilha (1787).

MARCO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Ergotopônimo • Sinal de demarcação. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *a serra chama Treis Corgos, serra pra lá... serra... Morro do Marco tem ali.* (E. 15, L.47).

MARIA NUNES– Ncf [Ssing+Spl] • *português < hebraico + português < latim* • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – povoado. • [...] *tem até uma ponte pá passá para Maria Nunes.* (E. 19, L.538).

MASSA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Litotopônimo • Nome de rocha. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *então essa é a história... e a Sopa como no começo da extração tanto do ouro como do Diamante eles mineravam, extraía o minério nos leito do rio, dos aluviões do rio e dipois eles discubriro essa vila que deu o nome de Sopa, nós aqui chamamos de Massa..* (E. 9, L.131).

MENDANHA– Nf [Ssing] • *português < africano (banto) menganha* • Sociotopônimo • Lugar de escravos. • Nomeia → Distrito de Mendanha – distrito, serra, córrego, lugar. • [...] *Mendanha eu não sei porquê eles dero, eu sei que aqui ês falava que Mendanha era lugá de iscravos.* (E. 20, L.43). • Registro escrito: Córrego do Mendanha (1770, 1776), Mendanha (1784, 1787), Mendanha (1821, 1849, 1855, 1862, 1873).

MERCÊS– Nf [Spl] • *português < Latim* • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – serra, lugar. • [...] *Capelinha, () Turmalina, Itamarandiba... Mercês... isso tudo aí era Diamantina, depois () Campo Verde, Sete Lagoas... ia pr'aqueles lado lá, mas com tropa. () chegou em Diamantina* (E. 20, L.43). • Registro escrito: Córrego do Mendanha (1770, 1776), Mendanha (1784, 1787), Mendanha (1821, 1849, 1855, 1862, 1873).

MERCÊS DIAMANTINA– Ncf [Spl+Ssing] • *português < Latim* • Antropotopônimo • Nome de pessoa + nome de município. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *a política, né? Toda cidade tem uma... o povo tem preferência, né? Mudam às vez o política, a política presta homenagem a político... () Por exemplo aqui perto tem uma cidade, chama Senadô Modestino Gonçalves, os político que pusero, chamava lá, a cidade, tinha o nome de Mercês Diamantina.* (E. 5, L68).

MILHO VERDE– Ncm [Ssing+ADJsing] • *português < Latim* • Fitotopônimo • Lugarejo próximo à cidade de Diamantina. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *Capão Maravilha, tem o Milho Verde... bastante local... Ribeirão do Inferno, nesse eu até estive lá.* (E. 1, L.227). • Registro Verde Milho (1731), Milho Verde (1776, 1784, 1787), Milho Verde (1820), Arraial Freguesia e Destacamento Milho Verde (1873).

MINAS SIRRINHA– Ncf [Spl+Ssing] • *português < céltico + português < Latim+diminutivo -inha* • Sociotopônimo • Lavra de Diamante. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. •

[...] Informante 1: *dos garimpo... Daqui da Sirrinha era... Como é que o nome dos da Sirrinha?*
Informante 2: *eu acho que era Minas Sirrinha*. (E.6, L.23-25).

MIZAEL– Nm [Ssing] • *português < hebraico* • Antropotopônimo • Nome de pessoa, significa, segundo Guérios (1981, p. 179) “quem é que é Deus?”. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *Foro os tropero que truxero e o moço que garimpava nesse local, que chamava Mizael pediu que eles deixasse a imagem aqui [...]* (E.9, L.391).

MOÇA– Nf [Ssing] • *português < origem incerta* • Antropotopônimo • Jovem. • Nomeia → Distrito de Inhaí – serra. • [...] *tem Serra das Moça e Serra do Veado, o do Veado os iscravo () desenhô o () do veado e tá lá [...]* (E.22, L.55).

MOÇORONGO – Nm [Ssing] • *português < africano (banto) muçurunga* • Zootopônimo • Mosquito. • Nomeia → Distrito de Sopa – serra. • [...] *tinha um tipo de mosquito que eles pusero o nome de Moçorongo agora num sei deve ser africano, de origem africana [...]* (E. 9, L. 539). • Registro oral: Maçorongo, muçurungo.

MONJOLÃO– Nm [Ssing] • *português < africano (banto) monjolo + aumentativo português -ão* • Ergotopônimo • Engenho primitivo de grande proporção, movido pela força da água e que se destinava a pilar o milho. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] *olha lá o Monjolão tá logo ali o Monjolão*. [...] (E.15, L.381).

MONTE DE EXTRAÇÃO – NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Local onde são extraídas as gemas minerais. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • *As que dança com a gente é lá do Monte de Extração, foi Lena que pediu pra i, pra dá uma alegria no café no Beco, pediu pá i lá uma vez, pegô todo mundo gostô e gosta até hoje das minina, né?*. (E.4, L. 98).

MONTEIRO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Sobrenome português, significa para Guérios (1981, p. 179) “caçador dos montes, guarda da mata”. • Nomeia → Distrito de Inhaí – fazenda. • [...] *a minha mesmo chama Fazenda dos Monteiros*. [...] (E.21, L.68).

MORRÃO– Nm [Ssing] • *português < origem incerta + aumentativo português -ão* • Geomorfotopônimo • Monte. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar. • [...] *aqui vai... aqui perto, lá na frente tem um morro chama, como é que ele chama gente? Morro grande não! É... Morrão, Morrão fica na frente dessa estrada aqui, confronte uma fazendinha que tem aqui na frente chama Morrão*. [...] (E.17, L.5).

MORRIM– Nm [Ssing] • *português < origem incerta + diminutivo português -inho* • Geomorfotopônimo • Pequeno monte. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, povoado, garimpo. • [...] *tem o corgo antes de pegar a subida e depois dos Morrím tem o corgo lá [...]* e estrada de Morrím passa em Calderão [...]. (E.10, L.597-609). • Registro escrito: Murinhos (1729), Morrinhos (1770), Morinhos (1776), Morrinhos (1778), Morrinhos (1787) Registro oral: Morrinhos.

MORRO DO CHAPÉU– Nm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem incerta + francês* • Geomorfotopônimo • Monte cuja forma se assemelha a de um chapéu. • Nomeia → Distrito de Inhaí – serra. • [...] *isso é... quando eu nasci já existia essas serra aí Morro do Chapéu, Serra de Santana, Morro do Cruzeiro [...]*. (E.21, L. 49).

MORRO DO MARCO– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem incerta + português < latim* • Geomorfotopônimo • Monte com demarcação geográfica. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *aqui tem as S(x)erra do Muriçoca, tá aqui perto da gente, a serra chama Treis Corgos, serra pra lá... Serra Morro do Marco tem ali [...]*. (E.15, L.46).

MORRO DO O’RO– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem incerta + português < latim* • Geomorfotopônimo • Monte cuja formação geológica possui ouro. • Nomeia → Distrito de Inhaí – serra. • Pesquisadora: e esse nome Inhaí, sabe o porquê? Não? E serra, a senhora conhece alguma serra por aqui, algum morro? ((ruído de criança)) Informante:

Morro do O'ro. Pesquisadora: Morro do Ouro? Tinha muito ouro lá? Informante: *morro do, tinha.... tem a serra [...].* (E.22, L. 29-34).

MUMBUCA– Nm [Ssing] • *indígena (tupi) mu'□uka* • Zootopônimo • Inseto, mosquito. • Nomeia → Distrito de Extração – garimpo, lugar. • [...] *é também outra coisa... Eu até conheci muita gente lá da Mumbuca, tem Mumbuca [...].* (E.6, L. 618). • Registro escrito: Mombuca (1734/5)

MUMBUQUINHA– Nm [Ssing] • *indígena (tupi) mu'□uka + diminutivo -inha* • Zootopônimo • Inseto, mosquitinho. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *tem Mumbuquinha e aí desce por ai abaxo aí! Tem... ô T. cê chegô, né?* {Boa de contá história aqui [...].} (E.6, L. 618).

MUNGONGO– Nm [Ssing] • *português < africano* • Animotopônimo • Variola. • Nomeia → Distrito de Guinda – serra, lavra. • Informante: *é uma lavra lá i cima mas agora tá tudo cheio d'água... ês pruveita pra nadá, tem uma praia muito bunita de areia branqui:inha [...]* Pesquisadora: e lá chama mum... Mongongu? Informante: **Mungongo**, num sei porque lá tem esse nome [...]. (E.14, L. 58-61). • Registro oral: Mugongo

MURIÇOCA– Nf [Ssing] • *indígena muri'soka* • Zootopônimo • Mosquito. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *aqui tem as s(x)erra do Muriçoca, tá aqui perto da gente [...].* (E.15, L.46).

N

NÚMERO UM– Ncf [Ssing+NUMsing] • *português < latim* • Numerotopônimo • Categoria numérica. • Nomeia → Distrito de Sopa – serra. • [...] *tem lá a pedra Número Um [...].* (E.9, L.599).

O

OLARIA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Fábrica em que são produzidos utensílios de barro para uso culinário (panelas, utensílios de cozinha), para uso nas construções (tijolos, telhas e manilhas) e para artigos de decoração. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – sítio, lugar. • [...] *meu sitim lá chama e o lugá chama Olaria [...].* (E.12, L.150). • Registro escrito: Olaria (1734/5)

OLIMPIO MARTINS– Ncm [Ssing+Spl] • *português < grego + português < latim* • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *agora esse lugá aqui de primero, aqui chamava Olimpio Martins [...].* (E.6, L.575). • Registro escrito: Martins (1821)

OLHO D' ÁGUA– Ncm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Hidrotopônimo • Nascente de água no solo, minadouro. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, fazenda, serra. • [...] *Olhos D'Água dava a fazenda Cutia onde os dois rios junta [...].* (E.15, L.410).

OLHO D'ÁGUA DA PEDRA– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing+Prep+Asing+Ssing}] • *português* < *latim* • Hidrotopônimo • Nascente de água localizada entre pedras ou próxima a elas. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Rio. • [...] é que o rio nasce na pedra **Olho d'Água da Pedra** [...]. (E.19, L.561).

OLHO DE SAPO– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português* < *latim* • Somatotopônimo • Pedra com o formato parecido aos olhos de um sapo. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar, pedra. • [...] e as pedras de lá que chama o conglomerado nós aqui chamamos de **Olho de Sapo** [...]. (E.9, L.135).

OURO– Nm [Ssing] • *português* < *latim* • Litotopônimo • Metal precioso de cor amarela, maleável, pesado e dúctil. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego. • [...] na tal de *Begônia*, onde passa muitos desses rios [,] *ingraçado*[,] tem um que chama **Córrego do Ouro** lá na *Begônia* [...]. (E.1, L.65). • Registro escrito: C. do Ouro. (1729), Ouro (1770), Ribeirão do Ouro (1778), Ouro (1787).

P

PACIÊNCIA– Nf [Ssing] • *português* < *latim* • Animotopônimo • Refere-se a quem espera com calma o que tarda, longanimidade. • Nomeia → Município de Diamantina –lugar, beco. • [...] também um veio também que mora lá no beco do **Paciência**, lá i cima lá, naquela região lá, o rapaz vendia e alugava pasto. Tratava porco, tropeiro, vinha muita tropa pr' aqui pro mercado. [...]. (E.3, L.25). • Registro escrito: Paciência (1770) Pacien (cia) (1784), Paciência (1787).

PAINERA– Nf [Ssing] • *português* < *malaiala panni* • Fitotopônimo • Árvore da família das bombacáceas. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada –garimpo. • [...] Essa época não, deva ter argum que cunheceu os documento deve... porque lá era tudo documentado... esse J. da S. M. diz que ia no Rio fazer inventário dos documentos, depois dessa **Painera** aí, que teve essa descoberta das **Painera**, né? que falecido Totó era... falecido Totó era tiquetagem (?) de G. de Totó, de Mercês, M. J. ((risos)) cê cunhece a M. G., né? É tudo da família de lá. [...]. (E.10, L.484).

PAIOL– Nf [Ssing] • *português* < *catalão* • Sociotopônimo • Lugar destinado ao armazenamento de armas e munições. • Nomeia → Distrito de Inhaí –povoado. • [...] são os nomes que tem... cada lugarejo tem [,], tem as casas, é **Paiol**, é Guarda-Mor, Quebra-Pé. [...]. (E.21, L.122). • Registro escrito: Payor (1734/5), Paiol (1820). • Registro oral: Paió.

PALHA– Nf [Ssing] • *português* < *latim* • Fitotopônimo • Haste seca de gramíneas utilizada para forragem ou artesanato. • Nomeia → Município de Diamantina –rio. • [...] tinha uma porção de minério... rio Prata, Jequitinhonha, Santo Pastel () que vai até o **Rio da Palha** [...]. (E.5, L.94).

PÃO DE SANTO ANTÔNIO– NCm [Ssing+ {Prep+Asing+Ssing+Ssing}] • *português* < *latim* • Ergotopônimo • Nome dado ao asilo localizado em Diamantina. Homenageia. • Nomeia → Município de Diamantina –lugar. • [...] a Capela e o carrinho, carregado, que ficô muito pesado pá as pessoa carrega, né? Então botei lá [,] lá corqué coisa pode chamá [,] falá lá na Capela, feita por tal de P. C. S. e o apelido é de P. “Soim”, ele apusentô [,] e passô pro **Pão de Santo Antônio** [,] prá toma conta de lá, lá tem algumas coisa dele também [...]. (E.4, L.77).

PARANÁ– Nm [Ssing] • *indígena (tupi) Pará-nã* • Corotopônimo • Nome de estado brasileiro. Braço de rio. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar. • [...] Informante 1: lá no **Paraná**, né? Informante 2: é no **Paraná**! Lá no Mendanha, cês pássaro no Mendanha? [...]. (E.21, L.127-128). • Registro escrito: Paranna (1821)

PARDÃO– Nm [Ssing] • *português < latim+ aumentativo -ão*. • Cromotopônimo • Tonalidade de cor intensa entre o preto e o branco. • Nomeia → Município de Diamantina – rio. • [...] *tem ri Pardo, ri Pardim e ri Pardo* [...]. (E.1, L.36).

PARDIM– Nm [Ssing] • *português < latim + diminutivo -inho* • Cromotopônimo • Pouca tonalidade de cor entre o preto e o branco. Rio de dimensão menor que o rio Pardo. • Nomeia → Município de Diamantina – rio. • [...] *tem ri Pardo, ri Pardo e ri Pardo* [...]. (E.1, L.36).

PARDO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Cromotopônimo • Tonalidade de cor entre o preto e o branco. Rio de dimensão menor que o rio Pardo. • Nomeia → Município de Diamantina – rio. • [...] *tem ri Pardo, ri Pardo e ri Pardo* [...]. (E.1, L.36). • Registro escrito: Pardo (1729, 1734/5, 1770, 1778, 1788, 1800, 1855, 1862).

PARD' GRANDE– NCm [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Cromotopônimo • tonalidade de cor entre o preto e o branco. Rio de grande dimensão • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – rio. • [...] *antão o ri Pardo Grande nasce lá no Campo S(X)ampaio e o ri Pardo Piquen' nasce aqui na Tromba d'Anta, e o ri Pardo Grande corre por lá e o piqueno corre por ali e vão incontrá lá imbaxo desceno de (?) por ês fazê isso aqui é o nome, Fazenda da Furquilha*. (E.15, L.2).

PARDO PIQUENO– NCm [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Cromotopônimo • tonalidade de cor entre o preto e o branco. Rio de pequena dimensão. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – rio. • [...] *antão o ri Pardo Grande nasce lá no Campo S(X)ampaio e o ri Pardo Piquen' nasce aqui na Tromba d'Anta, e o ri Pardo Grande corre por lá e o piqueno corre por ali e vão incontrá lá imbaxo desceno de (?) por ês fazê isso aqui é o nome, Fazenda da Furquilha*. (E.15, L.2). •

PARMITÁ– Nm [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Plantação de palmito. • Nomeia → Distrito de Mendanha – córrego. • [...] *Parmitá, (desde aquele) corgo eu cunheço mas num sei {o nome dele não*. [...]. (E.20, L.2). • Registro escrito: Palmito (1821)

PARMITO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Gomo longo e macio do caule das palmeiras. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, córrego. • [...] *pai prantava arroz, feijão... e a gente rompia assim passava um serroitim que el' nos levava lá e o pé dela assim lá chama mato do Parmito, é...o pé dela mermo, a mesma vertente, eu mesmo já andei tanto de um lado dela como de outro... A merma vertente, S., que ela tem de um lado ela tem do outro* [...]. (E.20, L.94).

PASMÁ– Nm [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Admirar. • Nomeia → Distrito de Sopa – serra. • [...] *tem Serra do Pasmá* [...]. (E.20, L.465).

PASSA TRÊS– NCm [VERB+NUMsing] • *português < latim* • Dirrematopônimo • Expressão usada para designar o número de vezes que era necessário passar de um lugar para outro. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] Informante: *então ela tem treis nome: Buquerão Ramundo Xisto para o nosso cunhecimento... Buquerão da Istiva, {Passa Treis* [...]. (E.15, L.31).

PASTO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Área destinada a alimentação do gado, que tenha sido roçada ou queimada. • Nomeia → Distrito de Extração – serra. • [...] *tem até uma que é Serra do Pasto* [...] *é, do lado de cá, ó!* [...]. (E.7, L.207-209).

PATACA– Nf [Ssing] • *português < provençal* • Ergotopônimo • Antiga moeda brasileira, cunhada em prata, cujo valor não era alto. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *eu não sei porque, desde que nós mudou pra lá era Quatro Viténs... Uma chama Quatro Viténs, a outra chama... Pataca* [...]. (E.7, L.207-209).

PAU DE ARAÇÁ– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + indígena ara'sa* • Fitotopônimo • Árvore da família das mirtáceas, cujo fruto é muito apreciado. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, serra. • [...] *Ponte Pedra, Pau de Araçá, (Salva Despessa), Treis Corgo, Boi Pintado* [...]. (E.15, L.324).

PAU DE FRUTA– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Fitotopônimo • Árvore cujo fruto se assemelha a um pedaço de pau, é muito apreciado. • Nomeia → Distrito de Guinda – lugar, serra. • [...] *é! Pau de Fruta, mas é bem pra lá [...]*. (E.14, L.14).

PAULO AFONSO– NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim + germânico* • Antropotopônimo • Nome de pessoa • Nomeia → Distrito de Sopa – cachoeira. • [...] *pá baxo da Cachoera Paulo Afonso é por esses lado aqui [...]*. (E.9, L.375).

PÉ DO MORRO– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + origem incerta* • Somatotopônimo • Local próximo ao monte ou morro. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar, fazenda. • [...] *lembro dês contano, né? Aí tinha igreja, o cemitério era lá, num tinha cemitério aqui, tinha lá no Pé do Morro, chamava, chama é Pé do Morro, lá dexô vários meus irmão, meus sobrinho, tem umas fazendinha por lá [...]*. (E.18, L.104). • Registro oral: Pé do Morro (1778, 1788, 1800, 1804, 1820, 1821)

PECADO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Ação contra os princípios cristianos. • Nomeia → Distrito de Sopa – barra, rio. • [...] *a gente num tem condições de saber se a origem é isso aí. Então o... a Colônia e o Bambá forma o Corgo do Pecadim que vai desaguar no Rio dos Caldeirões, lá onde ele deságua no outro rio () barra do Pecado. Mas quando a gente fala Rios aqui a água passa num cano dessa grussura assim não é riiiio igual é no Amazonas [...]*. (E.9, L.271).

PECADINHO– Nm [Ssing] • *português < latim + diminutivo -inho* • Animotopônimo • Pequena atitude contra os princípios cristianos. • Nomeia → Distrito de Sopa – córrego • [...] *a gente num tem condições de saber se a origem é isso aí. Então o... a Colônia e o Bambá forma o corgo do Pecadim que vai desaguar no Rio dos Caldeirões, lá onde ele deságua no outro rio () barra do Pecado. Mas quando a gente fala Rios aqui a água passa num cano dessa grussura assim não é rio igual é no Amazonas [...]*. (E.9, L.271). • Registro oral: Pecadim.

PEDRA– Nm [Ssing] • *português < latim* • Litotopônimo • Mineral duro e sólido, rocha. • Nomeia → Distrito de Sopa – rio, ribeirão • [...] *na Sopa também tem o rio das Pedra, ri das Pedra e na ponte lá tem o ri da Sopa também, né? [...]*. (E.9, L.70). • Registro oral: Pedras • Registro escrito: Pedras (1729, 1731, 1770, 1776, 1778, 1784), Cabeceira do Rio das Pedras (1787), Rio das Pedras (1821).

PEDRA DA SOPA– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + francês* • Litotopônimo • Relativo ao conglomerado Sopa-Brumadinho encontrado nesse distrito. • Nomeia → Distrito de Sopa – rio. • [...] *então aí você vê esse córrego que tem... quan' o desce aqui... o primero tem até o poço artesiano aí esse ali chama também ri das Pedra da Sopa [...]*. (E.9, L.205).

PEDRA DO CAVALINHO– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Litotopônimo • Pedra com o formato do dorso de um cavalo. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar, pedra. • [...] *e hoje essa pedra... lá chama Pedra do Cavalinho, cavalo [...] é dessa pedra, todo minino que passa lá gosta de montá. Num tem fotografia não, mas tem um amigo meu que vai mandá umas*. (E.9, L.580-584).

PEDRA DO GUINDA– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + francês* • Litotopônimo • Relativo ao conglomerado Sopa-Brumadinho encontrado nesse distrito. • Nomeia → Distrito de Guinda – rio. • [...] *ri das Pedra do Guinda ... Acho que ele nasceu também no ri das Pedra [...]*. (E.14, L.70).

PEDRA MENINA– Ncf [Ssing+Ssing] • *português < latim* • Litotopônimo • Relativo ao tamanho do mineral. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • Informante: *Pedra Minina, agora... lá vai Felício dos Santos [...]* Pesquisadora: Pedra Menina é nome de lugar? Informante: *é nome do lugar [...]*. (E.7, L.144-146).

PEDRA REDONDA– Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Litotopônimo • Relativo ao formato da pedra. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Serra. • [...] *ali é a Pedra Redonda [...]*. (E.10, L.449).

PELADA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Descoberta, desprotegida. • Nomeia → Distrito de Mendanha – Serra. • Informante: **Serra Pelada** Informante: **Serra Pelada não é por aqui** [...]. (E.22, L.45-46).

PEROBA– Nf [Ssing] • *Indígena (tupi) ipe'rouça* • Fitotopônimo • Árvores das famílias das apocináceas e bignoniácea, possuem madeira de boa qualidade. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Serra. • [...] *tem um lugar lá que tinha muita madeira, cê sabe, né? Já sabe, né? Muita madeira de lei, madeira boa chama Peroba* [...]. (E.12, L.138).

PICO DO ITAMBÉ– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim+ indígena (tupi) ita'me* • Geomorfotopônimo • Pico de serra. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *e você olha um pico de serra que tem lá chamado Pico do Itambé que a gente inxerga daqui as águas que corre pra lá já vai para o rio Doce* [...]. (E.9, L.303).

PINDAÍBA– Nf [Ssing] • *indígena (tupi) pina'ũça* • Fitotopônimo • Planta da família das estiracáceas que nasce em lugares úmidos e nos fornece a “árvore do anzol”. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *é! Tinha o nome de Pindaíba, era Corgo do Pindaíba, antes* [...]. (E.19, L.611). • Registro escrito: Pindaíbas (1770, 1776) Córrego das Pindahiba (1784), Pindahibas (1787), fazenda Pindaíbas (1820). Pindaíba (1862).

PINDAÍBAL– Nm [Ssing] • *indígena (tupi) pina'ũça* • Fitotopônimo • Plantação de pindaíbas. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *aqui era o Pindaibal, ainda lembro um bucado de pindaíba aí* [...]. (E.19, L.644).

PINHEIRO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Fitotopônimo • Árvore do gênero *pinus*. • Nomeia → Distrito de Inhaí – rio, povoado, capão. • [...] *Campo da Dona, Pinheiro, Biribiri até sair em Diamantina* [...]. (E.21, L.108). • Registro escrito: Pinheiro (1770), Penhero (1776), Rio Pinheiro (1787, 1820).

PINHEIROS– Nm [Spl] • *português < latim* • Fitotopônimo • Plural de pinheiro. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *lá na frente já é tombado pelo patrimônio, lá naquela serra lá! Ali tem um lugar chamado Pinheiros, já ouviu falá?* [...]. (E.9, L.431).

PIOLHO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Zootopônimo • Inseto ectoparasita, hematófago, que pode se hospedar em animais e humanos. • Nomeia → Distrito de Inhaí – fazenda. • [...] *a fazenda dos Piolho, são os nome das fazenda que tem aqui* [...]. (E.22, L.77).

PLANALTO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Grande extensão de terreno plano. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – fazenda. • [...] *é um pirigo disgramado (?) como é que eu vô fazê? O sinhô deve, precisa comunicá a prefeitura... ((falando dos lugares)) Planalto, aqui mais imbaxo Vareda, Quebra-Pé, Barro Vermei', Barro Quebrado, Xtrema { depois Baxadão* [...]. (E.16, L.235). • Registro oral: Planalto

PLANALTO DE MINAS– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Spl}] • *português < latim + céltico* • Geomorfotopônimo • Grande extensão de terreno plano localizado próximo à cidade de Diamantina. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – fazenda. • [...] *é/é tudo é de Planalto de Minas de/é de Diamantina* [...]. (E.16, L.241).

POMBAS– Nf [Spl] • *português < latim* • Zootopônimo • Ave da família columbiformes. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – vargem, lugar. • [...] Informante 3: *cê falô: vô tirá o carro... tinha uma praca...* Pesquisadora: Han... Informante 3: *Ali que é vargem das Pomba*. (E.10, L.622). • Registro escrito: Corgo das Pombas (1787).

PONTE PEDRA– Ncf [Ssing+Ssing] • *português < latim* • Hodotopônimo • Construção feita de pedras com objetivo de ligar dois lugares, separados por água ou depressão de terreno. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – pasto, lugar. • [...] *tem aqui imbaxo pasto da Ponte Pedra* [...]. (E.15, L.94).

PONTE QUEIMADA– Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Hodotopônimo • Construção feita de para unir dois lugares, separados por meio de água ou depressão de terreno, à qual foi ateado o fogo. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – sítio. • [...] *ah! Não! Fazenda*

*aqui perto... tem sitio, aqui tem uma fazenda aqui, aliás é um sitizim aqui, aqu' chama **Ponte Quemada** [...]* (E.10, L.423).

POVOAÇÃO– Nf [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Moradores de uma determinada região. • Nomeia → Município de Diamantina – córrego. • Informante 1: *Não! Até já passei lá perto, sabe? Tem o rio lá do Acaba Mundo.* Pesquisadora: Córrego da Informante 1: da **Povoação** Pesquisadora: É lá no Angico? Informante 1: *É! Todos os dois.* (E.1, L.243).

PRAIA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Região banhada por água doce ou salgada. • Nomeia → Distrito de Extração – córrego. • [...] xá vê... tem esse... chama corgo da **Praia**. (E.7, L.430).

PRAINHA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Forma diminutiva de “praia”, pequena região banhada por água doce ou salgada. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – garimpo. • [...] garimpo da **Prainha**, han? Pois é! (garimpei nele). (E.12, L.281).

PRATA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Litotopônimo • Metal nobre, resistente à oxidação, utilizado para cunhar moedas, jóias, utensílios para cozinha, entre outros. • Nomeia → Município de Diamantina – rio, lugar. • [...] **Prata**, rio da **Prata**, tem um otro corgo mas não sei mas aonde e otros, otros mais... mas o que a gente sabe diritinho é esses daí é Rio Grande, Pururuca e **Prata** onde as pessoa ia lavá ropa, tem um certo lugá, que já jogaro intulho, tão atrapalhamo tudo, tão acabano com tudo, vai acabá mesmo! Do jeito que a gente tá veno como o mundo lá vai, vai longe, não.. (E.4, L.164).

PREGO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Ergotopônimo • Haste metálica usada para fixar extremidades. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] tem lugá que chama Retiro, tem **Prego** também ocês viero de Desembargadô cês pássaro, né?. (E.19, L.494).

PRETO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Cromotopônimo • Cor mais escura entre todas, negro. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] e do lado de lá tem o rio **Preto**, e o Mercês, né? (E.19, L.529). • Registro escrito: Preto (1734/5, 1778, 1788, 1800, 1804, 1873).

PUBA– Nf [Ssing] • *indígena (tupi) puba* • Animotopônimo • Mole, fermentado, podre. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar, fazenda. • [...] eu sei que tem um lugar que chama **Puba**, né? Aquela fazendinha, né? Chama **Puba** (E.21, L.173).

PURURUCA– Nf [Ssing] • *indígena (tupi) poro'roka* • Fitotopônimo • Diz-se do fruto do coqueiro, coco tenro ou endurecido. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] eu num sei porque/qui tinha... até sei é que tinha um moço() chamado G. Pururuca, Zé Pururuca, pusero o nome dele. Agora porque é **Pururuca** eu não sou capaz de falá o purquê é rio **Pururuca**. Vamo no **Pururuca** pá lavá ropa, nós mesmo fomo, lá em casa nós fomo muito lá com baciada de ropa pá lava porque que era rio limpo hoje já quase num tem mais nada... (E.4, L.184).

Q

QUARTEL– Nm [Ssing] • *português < catalão* • Sociotopônimo • Local cercado ou murado vigiado e protegido pela guarda local.. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, povoado. • [...] aqui no **Quartel** [,] gente do garimpo [...] tinha uma (cata) de cristal [...] (E.15, L.75). • Registro oral: Quarté, Quartel, Quartéis.

QUARTÉ DO INDAIÁ– NCm [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < catalão* • Sociotopônimo • Quartel identificação pela plantação das palmeiras da família Attalea. •

Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, fazenda. • [...]o pessoal dele que é de **Quarté**, mas eu mixia no **Quarté**, cê também, lá a família da gente inda mora até hoje. (E.10, L.13). • Registro escrito: Quartel dos soldados (1770), Quartel Velho (1770), Córrego do Quartel (1770), Quartel (1804, 1821), Antigo Quartel (1862).

QUARTÉ MERIM– NCm [Ssing+ADJsing] • português < catalão + indígena mi'ri • Sociotopônimo • Pequeno quartel; Rio que passa nesse local. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, povoado. • [...] Informante 3: tem um tanto de ri lá, ri do **Caté Merim**, né? Pesquisadora: a senhora sabe o porquê desse nome? Informante 3: ês pôs lá **Quarté Merim** agora num sei que que é, né? [...] (E.13, L.62). • Registro oral: Caté Merim, Quarté Merim.

QUATRO VINTÉNS– NCm [NUMsing+Spl] • português < latim • Numerotopônimo • Relativo a quantidade de dinheiro. • Nomeia → Município de Diamantina – rio, lugar. • [...] eu não sei porquê, desde que nós mudou pra lá era **Quatro Viténs**... Uma chama **Quatro Viténs**, a outra chama... *Pataca* [...] (E.2, L.62). • Registro escrito: Quatro Vinténs (1770), Quatrovinteins (1776, 1784)..

QUEBRA PÉ– NCm [VERB+Ssing] • português < latim • Dirrematopônimo • Expressão que pode estar relacionada à presença de obstáculos numa travessia • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – povoado. • [...] esse de cá num tem nem iscola, os minino istudá vem aqui ou no **Quebra-pé** que é outro povoado que tem [...] (E.16, L.22). • Registro escrito: Quebra-Pé (1787).

QUIABERO– Nm [Ssing] • português < africano kyambo • Fitotopônimo • Plantação de quiabos. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, serra. • [...] ah! Igual que tem lá... é dentro mesm' do Guarda-Mor, mas lá tem **Serra do Quiabero** [...] foi um lugá que meu avô plantava, ele plantava lá e ficô co[m] nome de **Quiabero** (E.12, L.79-85).

QUILOMBO– Nm [Ssing] • português < africano kilombo • Sociotopônimo • Lugar localizado no meio da mata ou entre pedras que abrigava negros fujões. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, serra. • [...] a **Serra do Quilombo**, **Serra do Quilombo** é aonde ês escondia os iscravo, né? (E.14, L.16). • Registro escrito: Quilombo (1821).

R

RAIMUNDO XISTO– NCm [Ssing+Ssing] • português < italiano+ grego • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, boqueirão. • [...] ali antigamente, no tempo da (jurisprudencia) de Diamantina (?) animal carguero, né? Carguero que carregava tomó (?) lá tem três nome ((passarinho cantando)), lá tinha um moço que chamava Raimundo Xisto, tinha o nome buquerão **Ramundo Xisto** [...]. (E.15, L.17).

RANCA-RABO– NCm [VERB+Ssing] • português < latim • Dirrematopônimo • Expressão usada para designar cansaço. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *Ranca Rabo* [...] é:é sabe o porquê? É que é muito acidentado, o povo intão diz: i:i pra subi aí, é expressão dês, i ranca o rabo! [...]. (E.15, L.332-341).

REBERÃO– Nm [Ssing] • português < latim • Hidrotopônimo • Curso de água menor que um rio. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] dizem que foi uma mulhé (diz que era) num sei se era do **Reberão**, desse lado aí... diz que ela vinha aqui [...]. (E.6, L.167). • Registro escrito: Ribeirão (1821).

REBERÃOZIM– Nm [Ssing] • português < latim + diminutivo -inho • Hidrotopônimo • Forma diminutiva de “ribeirão”, curso de água menor que um rio. • Nomeia → Distrito de Planalto de

Minas – córrego, povoado. • [...] dizem que foi uma mulhé (diz que era) num sei se era do **Reberão**, desse lado aí... diz que ela vinha aqui [...]. (E.6, L.167).

REDONDO– Nm [Ssing] • português < latim • Morfotopônimo • Forma circular. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – morro. • [...] Era lá nos campos, né? Serra do Urubu, do morro **Redondo**, lá tinha mermo o morro **Redondo** que ês falava, morro **Redondo**, vinha cá pu lado que desce pro sertão é nas Laje, né? [...]. (E.10, L.113).

RETIRO– Nm [Ssing] • português < origem desconhecida • Sociotopônimo • Lugar afastado utilizado para descanso e reclusão. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] tem lugá que chama **Retiro**, tem Prego também ocês viero de Desembargadô cês pássaro, né? [...]. (E.10, L.494). • Registro escrito: Retiro (1770), Córrego do Retiro (1778, 1788). • Registro oral: Ritiro.

RIACHO DAS VARA– NCm [Ssing+{Prep+Apl+Ssing}] • português < latim • Hidrotopônimo • Pequeno rio, de águas não muito profundas, permeado de ramos finos e flexíveis. Varas, nome anterior de Conselheiro Mata. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – fazenda. • [...] aqui chamava **Riacho das Vara**, vô falá com xê... quando era municipo de Diamantina era tudo a caval' esse povo que vinha, viajano de longe [...]. (E.15, L.119) // [...] a **Fazenda Riacho das Vara**, (?) aquela ali [...]. (E15, L. 216).

RIACHO FUNDO– NCm [Ssing+ADJsing] • português < latim • Hidrotopônimo • Pequeno rio de águas profundas. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – fazenda, pasto, serra. • [...] as fazenda aqui, tem (?) a fazenda **Riacho Fundo** [...]. (E.15, L. 211). • Registro escrito: Riacho Fundo (1770), Riacho Fundo (1778), Riacho Fundo (1787), Valle Fundo (1821), Riacho Fundo (1821), Riacho Fundo (1849).

RIO GRANDE– NCm [Ssing+ADJsing] • português < latim • Hidrotopônimo • Curso de água natural de grande extensão. • Nomeia → Município de Diamantina – serra, córrego. • [...] tudo serra do **Rio Grande**, tem a serra do Mendanha, tem lá perto do Jequitinhonha [...]. (E.3, L. 110).

RI PALDO– NCm [Ssing+Ssing] • português < latim • Hidrotopônimo • Curso de água natural de grande extensão. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – campo. • [...] Pesquisadora: ah! No campo e como é que chamava esse campo? Informante: *campo do Ri Paldo* [...]. (E11, L. 38-40).

RI PRETO– NCm [Ssing+ADJsing] • português < latim • Hidrotopônimo • Curso de água natural de cor escura. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – campo. • [...] lá tem uns córregos, tem o córrego do **Rio Preto**, tem num sei mais o quê () *Rio Inhá* [...]. (E.22, L.113).

RODIADÔ– Nm [Ssing] • português < latim • Sociotopônimo • Percorrer em volta, contornar. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar. • [...] esse povo que vinha, viajano de longe gente (?) ó alojava ali no **Rodiadô**, era mato intão aquela turma que vinha de camelo e animal aí pra Diamantina punha um pra rodiá a criação pra num sumi no mato, rodeá aí tomó o nome **Rodeadô** [...]. (E.15, L.120). • Registro oral: Rodeadô.

S

SABOROSA– Nf [Ssing] • português < latim • Animotopônimo • Sabor agradável, gostoso. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar. • [...] o lugá que chama **Saborosa** mas o corgo deve ser a mesma coisa, né? [...]. (E.18, L.272). • Registro oral: Rodeadô.

SALITRE– Nm [Ssing] • *português < castelhano* • Litotopônimo • Nitrato de sódio utilizado para fazer explosivos. • Nomeia → Distrito de Extração – serra. • [...] *é/é/é ali acho que chama a/ês pusero Serra do Salite ali porque diz que antigamente deu muito salit' ali.* Pesquisadora: O senhor sabe o que é isso, Salitre ? Informante: *o salite é uma coisa de fazê matériá xplosivo, né? {Pólvora aquês trem [...].* (E.7, L.129). • Registro oral: Salit', Salite.

SALVADÔ DA CRUZ– NCm [ADJsing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Hierotopônimo • Aquele que salva; Jesus. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *e... o Largo toda vida ês falô o Largo, agora ês pusero o nome, não agora num tem nome, tem nada N.? Tem Salvadô da Cruz, né? O Salvadô já foi mas cosa de... e/e... Agora esse lugá aqui de primero, aqui chamava Olimpio Martins [...].* (E.6, L.574).

SAMPAIO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Sobrenome português. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, campo, lavra. • [...] Informante: *é o nome do lugá, né?* Pesquisadora: e esse nome Sampaio, o senhor sabe de onde vem? Informante: *não, o rio?* Pesquisadora: não, esse nome Sampaio, campo do Sampaio. Informante: *não! não! campo do Sampaio só fala assim e pronto... é a mesma coisa falá fazenda do Sampaio.* Pesquisadora: ((risos)) tá bom e tem a fazenda do Sampaio aqui também? ((risos)) Informante: *não, tem a fazenda do Caeté Merim tá dentro disso aí [...].* (E.11, L.53-60). Registro oral: Sampaí', S(x)ampaio.

SANTA CRUZ– Ncf [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Hierotopônimo • Sinal da Cruz. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar. • [...] *perto do Sapé, que a gente que passá pra i no Santa Cruz, pra ir no Quiabero cê passa na Santa Cruz e tá pirtim [...].* (E.12, L.219). • Registro escrito: S. Cruz (1770), Córrego de Santa Cruz (1778), Santa Crus (1788), Santa Cruz (1800)

SANTA COLÔNIA– Ncf [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • Ambiente agradável. • Nomeia → Distrito de Mendanha – serra. • [...] Pesquisadora: (((risos))) a senhora já foi? Informante: *até lá na Santa Colônia não, né? Já passei perto pra i pra Diamantina a pé [...].* (E.20, L.29-30).

SANTANA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • O mesmo que Santa Ana. • Nomeia → Distrito de Inhaí – serra. • *Ali tinha um cruzero, ali também. Desde que eu nasci tinha o cruzero ali muito antigo mas rai'ispatifô ele lá, rai'ispatifô assim, caiu rai' () aquela o'tra serra na frente lá chama serra de Santana, é o nome da nossa padroera aqui, segundo o conto dos antigo, né? Mas isso é lenda, né? A Nossa Senhora de Santana foi achada lá, né? [...].* (E.21, L.37).

SANTANA DA DIVISA– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim* • Hierotopônimo • Fronteira ou Divisa de uma região. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar. • [...] *depois do Baxadão, Santana da Divisa [...].* (E.16, L.239).

SANTO ANTÔNIO– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Hagiotopônimo • Prenome, que alude a um dos santos mais populares da tradição católica, padroeiro dos pobres, necessitados e também considerado como casamenteiro. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *e viemo pr'aqui por causa da iscola, né? Cê viu que aqui num tem nada aqui, né? Tem um rio (que é até) é um mistério (planta num da nada, né?) então por causa do o'ro, aqui formou isso, aqui num tem o'tra coisa pra ser formado, né? E o (povo) foi mudando pra aqui e foi movimentano, né? (lá é) Santo Antônio e tem também Capuerão, tem até uma fazenda lá ês fala Capuerão [...].* (E.19, L.250). • Registro escrito: Córrego de Santo Antônio (1770) S. Antonio (1776), Sto. Antonio (1784), S. Antonio, Corgo de Sto. Antônio (1787), S. Antonio (1788), Sto. Antonio (1820, 1821).

SANTO ANTÔNIO DO ITAMBÉ– NCm [ADJsing+Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + indígena itá'me* • Hagiotopônimo • Santo padroeiro da região. Um dos santos mais populares da tradição católica, padroeiro dos pobres, necessitados e também considerado como casamenteiro. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *pra Santo Antônio do Itambé...*

daí ieu/eu fiquei uns tempos lá e dipois eu quis levá ela pra lá e ês num quisero ir, ai eu num (?) também, depois vim embora, eu ficava mexeno com fazenda lá [...]. (E.7, L.41).

SANTO PASTEL– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim + francês* • Animotopônimo • Relativo ao sabor agradável do alimento. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *tinha uma porção de minério... rio Prata, Jequitinhonha, Santo Pastel () que vai até o rio da Palha [...].* (E.5, L.94).

SÃO BENTO– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Hagiopônimo • Prenome, que remete ao santo padroeiro dos afro-americanos e dos negros. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – povoado. • [...] *chama São Bento e tem um o'í[r]o povoado e como tá mudano tudo pono istrada de istudo pá minino, né?* [...]. (E.12, L.102). • Registro escrito: S. Bento (1821).

SÃO DOMINGO– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim + francês* • Hagiopônimo • Santo de devoção da região. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – campo, ribeirão.. • [...] *tem o nome de.... depois lá em baxo tem o nome de... sei que lá em baxo ês dá o nome de é...como é o nome dele é... sei que lá em baxo ês dão o nome de reberão São Domingo [...].* (E.19, L.590). • Registro escrito: S. Dom. os. (1778), S. Domingos (1788).

SÃO FRANCISCO– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim + francês* • Hagiopônimo • Prenome, que remete ao santo padroeiro dos animais. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, pasro, rio. • [...] *lugá que chama São Francisco, tem um lugá lá que tinha muita maderá, cê sabe, né? Já sabe, né? Muita maderá de lei, maderá boa chama Peroba [...].* (E.12, L.140).

SÃO JÃO– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim + hebraico* • Hagiopônimo • Prenome, que, segundo a tradição católica, remete a João, um dos discípulos mais amados de Jesus. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – córrego. • [...] *mas lá pra baxo é corgo do São Jão [...].* (E.10, L.664). • Registro escrito: Rio S. Joaõ (1778), S'Joaõ (1729, 1734/5, 1770), Corgo de S. Joaõ.

SÃO JOÃO DA CHAPADA– NCm [ADJsing+Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + hebraico+ origem incerta* • Hagiopônimo • Local que recebe o nome do santo de devoção, São João, um dos discípulos mais amados de Jesus. Nome de distrito de Diamantina. • Nomeia → Distrito de Sopa – lugar. • [...] *agora no Sô Jão da Chapada era tipo quilombo, tem uma parte lá que já foi quilombo, você desceno, chega no Sô Jão da Chapada, você vai no Quartel d' Indaiá.* Pesquisadora: Olha vou me informar. Informante: *O pessoá de lá é muito reservado, raça negra mesmo, num tem mistura de jeito nenhum. Eles... eu já trabalhei lá... fiquei amigo de alguns, mas ês são muito reser... ês às vezi nem recebe a gente. As casa de palha de coquero ranha chão assim, tudo terra batida bem limpinho, tem moinho praticamente independente [...].* (E.9, L.323-330). • Registro oral: São Jão, Sô Jão da Chapada

SÃO JOSÉ– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim + hebraico* • Hagiopônimo • Santo protetor das famílias e dos trabalhadores. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar. • [...] *tem São José que é logo ali, pertim [...].* (E.19, L.84).

SÃO MIGUEL DO JEQUITINHONHA– NCm [ADJsing+Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < latim + hebraico + n/e* • Hagiopônimo • Santo de devoção da região nomeada. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *Morei nas margens dele, meu quarto, em São Miguel de Jequitinhonha era separado por uma rua e numa das enchentes a água banhô meu quarto [...].* (E.5, L.32).

SÃO SEBASTIÃO– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Hagiopônimo • Prenome que remete ao mártir Sebastião, que segundo a tradição católica, é invocado contra a peste e contra os inimigos da religião. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar, campina. • [...] *aquela campina lá porque tudo que tá aí fora era campina, né? Então pusero campina de São Sebastião [...].* (E.19, L.84).

SAPÉ– Nm [Ssing] • *indígena iassa' pe* • Fitotopônimo • Capim. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – garimpo. • [...] *Sapé é onde nós garimpa, onde eu garimpo, nós como é que chama? É Sapé, lá nós tem até um acampamentuzim nosso no caso quando é tempo do garimpo, né?* [...]. (E.12, L.214).

SEMPRE VIVA– Ncf [ADV+VERB] • *português < latim* • Dirrematotopônimo • Expressão que caracteriza a flor de uma espécie de planta não lenhosa, da família da compostas muito usada para adornos. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – lugar, parque. • [...] *uai, mas dizem, isso o povo, muita gente, eu nunca iscutei ieu já panhei lá na Sempre Viva no pé dela e num iscutei isso não, mas o povo lá fala que no mês de agosto que ela istronda, cês já viram falar nisso?* [...]. (E.10, L.73).

SENADÔ MODESTINO GONÇALVES– NCm [Qv+Ssing+Spl] • *português < latim* • Axiotopônimo • Nome de senador brasileiro. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar. • [...] *a política, né? Toda cidade tem uma... o povo tem preferência, né? Mudam às vez o política, a política presta homenagem a político... () Por exemplo aqui perto tem uma cidade, chama Senadô Modestino Gonçalves, os político que pusero* [...]. (E.5, L.68).

SENADÔ MORÃO– NCm [Qv+Ssing] • *português < latim* • Axiotopônimo • Nome de senador brasileiro. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – lugar, distrito. • [...] *mas esse tempo todo era tão difícir mea fia, pai mar mãe morô em Senadô Morão, cê já conhece, né?* [...]. (E.18, L.79).

SENTINELA– Nf [Ssing] • *português < italiano* • Sociotopônimo • Que ou quem se encontra atento. • Nomeia → Município de Diamantina – rio. • [...] *uma tochona de pata, rabo e tudo[,] vi aqui e vi na Sentinela* [...]. (E.1, L.139). • Registro escrito: Córrego da Sentinela (1770, 1776), Cabeceiras da Sentinela (1787).

SERRA AZUL– Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Relativo ao maciço Serra Azul. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar. • [...] *vinha de/de Rio Vermelho, Serra Azul* [...]. (E.7, L.139).

SEU MOTA– NCm [ADJsing+Ssing] • *português < latim* • Antropotopônimo • Tratamento respeitoso dispensado a um certo homem. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar, pasto • [...] *é porque, você sabe aonde é o pasto do Seu Mota?* [...]. (E.1, L.93).

SINHÔ AMINTAS– NCm [ADJsing+Spl] • *português < latim* • Antropotopônimo • Tratamento respeitoso dispensado a um certo homem. • Nomeia → Município de Diamantina – lugar, pasto • [...] *é porque, você sabe aonde é o pasto do Seu Mota?* [...]. (E.1, L.93).

SERRINHA– Nf [Ssing] • *português < latim+ diminutivo português -inha* • Geomorfotopônimo • Forma diminutiva de “serra”, cadeia de montanhas com picos. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar, lavra, serra, corgo. • [...] *de garimpo pra de diamante, tinha companhia de Sirrinha pra Diamante também, tinha aqui outra companhia piquena no Cavalo Morto, lá chamava Cavalo Morto* [...]. (E.7, L.269). • Registro oral: Sirrinha.

SOPA– Nf [Ssing] • *português < francês* • Litotopônimo • Conglomerado Sopa Brumadinho. • Nomeia → Distrito de Extração – lugar, lavra, serra, corgo. • [...] *Esse nome Sopa tem duas versões, uma versão é de um senhor... aqui iexistia algumas casas e um senhor chegô aqui e no meio da rua ele arrumô uma... ele fez um fogãozim de pedra e pôs uma panela com pedra dentro, umas pedras redonda que chama cascalho. E/e... Desculpa mas a mulher é muito curiosa, uma senhora de/dona de casa chegô lá e falô: O que o senhor está, tá fazeno aqui no meio da rua cozinhano aqui, né? - istranho que ele era. Ele disse assim: Tô fazeno uma sopa de pedra. Aí ela falô: mas o senhor faz sopa de pedra? Ele falô assim: Não! Eu tô fazeno a sopa, botei as pedra no fogo agora se tiver uma batatinha... quarqué uma coisa... alguma batata doce ou uma mandioca aí...fica bom. Aí a dona falô assim: eu vô pegá pro sinhô, eu tenho mandioca Aí foi lá pegô a mandioca, deu sal. Aí a o´tra dona chegô deu carne seca e quand´ foi no finzim assim ele já tinha uma sopa de vários legumes que as senhoras deram, né?* [...]. (E.9, L.39).

T

TABÚA– Nf [Ssing] • *português < africano (yorubá) tàbú* • Morfotopônimo • Plano. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar. • [...] *Tabu é um lugarejo também [...] lá os moradores de lá (), lá tá acabano [...].* (E.22, L.153-155). • Registro oral: Tabu. • Registro escrito: Tabûs (1778), Tabua (1804).

TADEU ROCHA– NCm [Ssing+Ssing] • *português < siríaco + francês* • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – fazenda. • [...] *aqui num tem não, ali mesmo tem a fazenda de Tadeu Rocha mesmo, o povo fala é Fazenda de Tadeu Rocha mesmo [...].* (E.18, L.127).

TAMANDUÁ– Nf [Ssing] • *indígena (tupi) tamanu'a* • Zootopônimo • Mamífero que possui focinho longo e tubular, língua longa e pegajosa, grandes garras nas patas anteriores, utilizadas para abrir formigueiros e cupinzeiros, animais dos quais se alimenta. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – córrego. • [...] *agora otro que tem lá ino lá pro Parque chama Tamanduá [...].* (E.10, L.33). • Registro escrito: Corgo do Tamandoá (1787).

TAPERA DE MERCEDIS– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Spl}] • *indígena (tupi) tape'ra + português < latina* • Ecotopônimo • Casa, terreno ou habitação de propriedade de alguém que tenha sido invadido pelo mato. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *tem Beco do Morro e Tapera de Mercedi [...].* (E.10, L.33). • Registro escrito: Tapera (1778, 1788, 1804). • Registro oral: Tapera de Mer(x)ês.

TEJUCANA– Nf [Ssing] • *indígena (tupi) tu'juka* • Sociotopônimo • Local de trabalho, lavra. • Nomeia → Distrito de Desembargador Otoni – córrego. • [...] *ó (?) tem muita gente aqui que trabaiô na Tejucana, trabaiô tirano diamante, sofrero muito que ês discunfiava que ês tirava... robava, né? [...].* (E.18, L.197). • Registro oral: Tijucana.

TELÉCIO– Nm [Ssing] • *português < grego* • Antropotopônimo • Nome grego que segundo Guérios (1981, p. 235) significa “o que leva (phoros) a bom fim (telos)”. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar, cachoeira. • [...] *muito bonito. As cachoera do Teléço, chama Teleço eu vô fala esse home é um istrangero, ele tinha um garimpo lembro quando el'garimpava lá, el'tinha o nome Telécio num sei qual era o sobrenome del'ele era istrnagero e el'garimpava lá e por conta del'garimpá lá, a cahoera é bunita cê vai vê por conta dele garimpano lá ês fala cachoera do Teleço ele até pegô esse nome cachoera do Telécio igual teve uma (?) de cristal aqui no Quartel (?) gente do garimpo [...].* (E.15, L. 71). • Registro oral: Teleço.

TENDA– Nf [Ssing] • *português < não encontrado* • Ergotopônimo • Barraca de acampamento ou venda de produtos. • Nomeia → Distrito de Extração – córrego. • [...] *ês fala corgo da Tenda [...].* (E.6, L.62).

TERRA ALTA– Ncf [Ssing+ADJsing] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Monte ou chapada de grande extensão vertical ou elevado. • Nomeia → Distrito de Sopa – córrego, canal. • Pesquisadora: aqui é canal da Terra Alta? Informante: *canal da Terra Alta*. Pesquisadora: Era água que passava lá? Informante: *é a terra é muito alta, o garimpeiro para tirá o cascalho tinha que ir a terra muito alta [...].* (E.9, L.734).

TIGRE– Nm [Ssing] • *português < latim* • Zootopônimo • Mamífero carnívoro do sudeste Asiático e da Sibéria. • Nomeia → Distrito de Sopa – serra. • [...] *nem sei... chama Tigre... Tigre é nome de um animal, né? Agora... i que pusero o nome lá [...].* aqui tem uma onça que é pintada [...]. (E.9, L.467-472). • Registro escrito: Corgo dos Tigres (1787).

TIJUCO– Nm [Ssing] • *Indígena (tupi) Tu'juka* • Litotopônimo • Barro de cor escura, lameiro, atoleiro. • Nomeia → Município de Diamantina – rio, córrego, lugar. • [...] *no livro que eu li falava que é os é... Bandeirantes, né? Que os Bandeirante vieram e desceram lá e quando eles tava lá mexeno lá nessa lama preta que era cheia de ouro, aí foi dado o nome de **Tijuco**, antes não foi o Arraial não, foi **Tijuco** porque dava muito ouro, um negócio assim [...].* (E.1, L.82). • Registro escrito: Tijuco (1729, 1731), Rio, Lugar Tojuco (1734/5), Tejuco (1778, 1784, 1787, 1788), Tejuco (1800), Tijuco (1804), Tejuco (1820) Arraial Freguesia e Destacamento Tejuco (1821).

TOCA– Nf [Ssing] • *Indígena (tupi) oca* • Geomorfotopônimo • Abrigo, esconderijo, refúgio. • Nomeia → Município de Diamantina –córrego. • [...]Eu já fui lá, muito bonito, tem uma cachoeira, umas planta maravilhosa [...]. (E.2, L.68).

TOMBADÔ– Nm [Ssing] • *português < não encontrado* • Geomorfotopônimo • Morro em forma de tabuleiro. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – pasto, lugar. • [...] *as qu'eu disse pra você, as do **Riacho Fundo**, e aqui pro lado do **Tombadô*** [...]. (E.15, L284). • Registro escrito: Tombados (1821).

TRÊS CORGO– Ncm [NUMsing+Ssing] • *português < latim* • Numerotopônimo • Serra por onde passam três córregos. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra. • [...] *a serra chama **Treis Corgo**, serra pra lá.* [...]. (E.15, L.46).

TROMBA D' ANTA– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < italiano + africano lamt* • Geomorfotopônimo • Diz respeito ao formato da serra. • Nomeia → Distrito de Sopa – serra. • Informante: *e aonde eu trabalho chama **Tromba D'Anta**.* Pesquisadora: E por que tem esse nome Tromba D'Anta? Informante: *porque parece... a Anta quando sai da água põe aquele focim pra fora assim [...].* (E.9, L.457). • Registro escrito: Trombadanta (1770), Riacho D'Anta (1804).

TUCAIA– Nf [Ssing] • *indígena (tupi) to'kaia* • Animotopônimo • Emboscada, espreita ao inimigo. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – serra, lugar. • [...] ***Tucaia**, é de tucaia, né? dizem que tem alguns robava diamante em Diamantina e curria [...].* (E.15, L.126).

TUMAZINHO– Nm [Ssing] • *português < grego* • Antropotopônimo • Forma diminutiva de Tomás. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar –. • [...] *depois de Cocais vem **Quebrá-Pé**, né? Quebra-Pé, **Tumazinho**, antes de **Quebra-Pé**, **Tumazinho*** [...]. (E.21, L.112).

TUMÉ– Nm [Ssing] • *português < aramaico* • Antropotopônimo • Nome de pessoa. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar –. • [...] *e lá na frente tem **Tumé**, é um lugarzim assim também, cê num passô nele, não!* [...]. (E.19, L.88).

U

URUBU– Nm [Ssing] • *indígena uru'çu* • Zootopônimo • Ave de rapina, de cor negra, que se alimenta unicamente de carne putrefada. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – serra –. • [...] *era lá nos campos, né? Serra do **Urubu**, do morro Redondo [...].* (E.10, L.113).

ÚLTIMA FONTE– Ncf [NUMsing+Ssing] • *português < latim* • Numerotopônimo • Relacionado a ordem de descoberta. • Nomeia → Distrito de Extração– serra –. • [...] ***Última Fonte**, era muito bonita [...]* *hoje em dia num tem mais nada [...]* *por causa do garimpo* (E.6, L.76-80).

V

VALUS– Nm [Spl] • *português < latim* • Geomorfotopônimo • Relacionado à forma. Furos naturais em solo ou rocha ou feitos pelo homem • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – fazenda, correço –. • [...] *é que tinha muito valu botô o nome de Valu, né? Naquele tempo ês cercava a fazenda é com valo, fazia aquês valu fundo, né? Era tipo um ri fundo, era seca dês, né? Num dava pá trabaiá, né? [...]*. (E.19, L.476).

VAQUEJADÔ– Nm [Ssing] • *português < latim* • Sociotopônimo • Local onde os vaqueiros trabalham • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – fazenda, córrego. • [...] *corgo do Vaquejaô [...] é esse nome é antigo... sô vei', ricibi dos meus pais então... e todo documento tem [...]*. (E.16, L.4-6).

VAREDA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Hodotopônimo • Senda, caminho, clareira. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – lugar –. • [...] *aqui mais imbxo Vareda [...]*. (E.16, L.236). • Registro escrito: Vareda (1778, 1788).

VARGEM– Nf [Ssing] • *português < origem obscura* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano que margeia um rio ou lago • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar –. • [...] *os povoado que nós temos aqui perto aqui pra baxo chama Varge [...]*. (E.21, L.25). • Registro escrito: Córrego das Vargeas (1770). • Registro oral: Varge, Vage, Vagem.

VARGEM DO CUELHO– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem obscura+latim* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano que margeia um rio ou lago em cujas águas há presença de coelho • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar –. • [...] *é pasto, Vargem do Cuelho [...]*. (E.15, L.103).

VARGEM DO PAU– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem obscura+latim* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano que margeia um rio ou lago, e se destaca pela plantação em seu entorno • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – lugar –. • [...] *Brejo Grande, Varge do Pau, Valo [...]*. (E.19, L.471).

VARGEM DA REMA– Ncf [Ssing+{Prep+Asing+Ssing}] • *português < origem obscura+latim* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano que margeia um rio ou lago, onde é possível deixar os remos. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – pasto –. • [...] *tem ali o Riacho Fundo, Vargem da Rema, é pasto, Vargem do Cuelho [...]*. (E.15, L.103).

VEADO– Nm [Ssing] • *português < latim* • Zootopônimo • Animal da família dos cervídeos comum à região. • Nomeia → Distrito de Inhaí – lugar –. • [...] *serra do Veado [...] tem uns desenhos feitos pelos iscravos [...]*. (E.23, L.49-51).

VELHAS– Nf [Spl] • *português < latim* • Antropotopônimo • Mulher idosa, avançada em anos. • Nomeia → Distrito de Conselheiro Mata – lugar –. • [...] *riacho das Velha, ele nasce ali onde cês passam no Buquerão da Istiva ... o: o lugá chama [...]*. (E.15, L.14). • Registro escrito: Rio das Velhas (1778), Rio das Vellas (1788), Rio das Velhas (1800). • Registro oral: Vea, Velha.

VERDE– Nm [Ssing] • *português < latim* • Cromotopônimo • Cor própria das folhas das árvores e da maioria das ervas. → Distrito de Senador Mourão – campo –. • [...] *depois () campo Verde [...]*. (E.19, L.363). • Registro escrito: Verde (1729, 1734/5, 1778), Morro, Rio Verde (1788).

VIGIA– Nf [Ssing] • *português < latim* • Animotopônimo • O que observa, o que presta atenção ao movimento. Distrito de Guinda – serra –. • [...] *serra da Vigia [...] é que quand' fazia assim pra ês é que vinha a puliça ês curria aqui por dentro... tinha um sinhô que chamava Teófilo um home altão mixia/matava boi, né? Chegava a puliça: ocê num sabe quem mexeu lá no Guinda não? Não, sei na:ao. Era ele e ele ficava bem queto. [...]*. (E.14, L.5-9).

VILA RICA– NCf [Ssing+ADJsing] • *português < latim+gótico* • Poliotopônimo • Moradia, habitação com estrutura econômica privilegiada.→ Distrito de Senador Mourão – campo –• [...] *não, aqui... {tem a serra do Vila Rica essa aqui [...].* (E.6, L.154).

VILA SABIÁ– NCf [Ssing+Ssing] • *português < latim+indígena (tupi) saui'a* • Poliotopônimo • Moradia, habitação onde há presença constante do pássaro sabiá.→ Distrito de Diamantina – lugar –• [...] *Bairro da Serra, Vila Sabiá [...].* (E.4, L.182).

Z

ZÉ PARANÁ– NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim+indígena (tupi) pará-nã* • Antropotopônimo • Hipocorístico de José, seguido de nome de Estado brasileiro .→ Distrito de Mendanha – fazenda –• [...] *tem sítio...todo mundo lá conhece como fazenda do Zé Paraná [...].* (E.20, L.261).

ZÉ PEDRO– NCm [Ssing+Ssing] • *português < latim+indígena (tupi) pará-nã* • Antropotopônimo • Hipocorístico de José, seguido do nome Pedro.→ Distrito de Extração – garimpo, mina, lugar. • [...] *mas o que a gente sabe o nome assim é Zé Pedro, deve ser algum antigo que tinha lá, né?* (E.6, L.614).

6.2. Organização dos verbetes pela forma Onomasiológica

Apresentamos na seção anterior a forma Semasiológica e, nesta, nos dedicamos a forma onomasiológica. Esta classificação insere cada verbete em campos específicos de significados.

Os nomes não encontrados e/ou não classificados foram organizados em seção especialmente destinada a eles.

ORGANIZAÇÃO DOS VERBETES EM CAMPOS ONOMASIOLÓGICOS SEGUNDO SUAS CLASSIFICAÇÕES TAXIONÔMICAS

1. ANIMOTOPÔNIMOS

1. Amizade	11. Cativo	21. Pasmá
2. Barbada	12. Criminoso~Quiminoso	22. Pecado
3. Boa Vista	13. Doce	23. Pecadim ~ Pecadinho
4. Brumadinho	14. Filizarda	24. Pelada
5. Cafundó	15. Inferno	25. Puba
6. Candonga	16. Iscarro	26. Saborosa
7. Canto da Serra	17. Limpo ~ Limpos	27. Santa Colônia
8. Carrasco	18. Manso	28. Santo Pastel
9. Carrascão	19. Mugongo ~ Mungongu	29. Tucaia
10. Casado	20. Paciência	
TOTAL: 29		

2. ANTROPOTOPÔNIMO

1. Alberto Mota	6. Armintom	12. Dduca
2. Antônio	7. Borge	13. Expedito
3. Antônio Augusto Neves	8. Bruna	14. Faustim
4. Arturo	9. Chico Chaves	15. Gutiérrez
5. Armintas	10. Damásio	16. Jadir Orlandi
	11. Dirceu Mota	17. João Borco

- | | | |
|------------------------|----------------------|--------------------|
| 18. Jão Perera | 27. Mizael | 36. Tadeu Rocha |
| 19. Jisuína | 28. Moça | 37. Telécio~Teleço |
| 20. João Miguel | 29. Monteiro~Montero | 38. Tumazinho |
| 21. Luizcarro | 30. Olimpo Martins | 39. Tomé |
| 22. Manu | 31. Paulo Afonso | 40. Velhas~Vea |
| 23. Maria Nunes | 32. Raimundo Xisto | 41. Zé Paraná |
| 24. Marimbero~Marimero | 33. Sampai'~Sampaio | 42. Zé Pedro |
| 25. Mercês | 34. Seu Mota | |
| 26. Mercês Diamantina | 35. Sinhô Amintas | |
- TOTAL: 42

3. ASTROTOPÔNIMO

1. Istrela
TOTAL: 01

4. AXIOTOPÔNIMO

- | | | |
|---------------------|------------------------|-----------------------|
| 1. Barão | 5. Desembargador Otoni | 9. Senador Modestino |
| 2. Conselheiro | 6. Campo da Dona | Gonçalves |
| 3. Conselheiro Mata | 7. Don' Ana | 10. Senador Mourão |
| 4. Dão João | 8. Guarda-Mor | 11. Intendente Câmara |
- TOTAL: 11

5. COROTOPÔNIMO

- | | | |
|---------------|------------|-----------|
| 1. Arábia | 3. Coimbra | 5. Paraná |
| 2. Califórnia | 4. Guiné | |
- TOTAL: 05

6. CROMOTOPÔNIMO

- | | | |
|-----------|-----------------|------------------|
| 1. Pardão | 3. Pardo | 5. Pard' Pequeno |
| 2. Pardim | 4. Pard' Grande | 6. Preto |

7. Verde

TOTAL: 07

7. DIMENSIOTOPÔNIMO

1. Biribiri ~Bribiri

3. Ixtrema

5. Largo Passa Quatro

2. Grande

4. Largo

TOTAL: 05

8. DIRREMATOTOPÔNIMO

1. Acaba Mundo ~ Caba

4. Dacamão ~ Decamão

8. Quebra Pé

Mundo

5. Mãe Mina

9. Ranca Rabo

2. Chifre quebrado

6. Mão Torta

10. Sempre Viva

3. Criolo

7. Passa Treis

TOTAL: 10

9. ECOTOPÔNIMO

1. Tapera de Mercedi ~

2. Casa da Fazenda

Tapera de Mercês

TOTAL: 02

10. ERGOTOPÔNIMO

1. Barrage

2. Bateia

3. Cachamorr' ~ Cachamorra

4. Canal Califórnia

10. Ferro de Ingomá

16. Marzangana

5. Canal do Mizael

11. Forquilha ~ Furquilha

17. Monjolão

6. Carimbo

12. Gangorra

18. Pão de Santo Antônio

7. Cavaca Pardo

13. Guinda

19. Pataca

8. Caixão

14. Jiqui

20. Prego

9. Coluna

15. Marco

21. Tenda

- | | | |
|------------------------|------------------------|-------------------------|
| 4. Baxadão | 17. Lavrados ~ Lavrado | 30. Prainha |
| 5. Boquerão | 18. Monte de Extração | 31. Serra Azul |
| 6. Buraco | 19. Morrão | 32. Serrinha ~ Sirrinha |
| 7. Buracão | 20. Morrim ~ Morrinhos | 33. Sopa |
| 8. Caldeirão | 21. Morro do Calumbi | 34. Terra Alta |
| 9. Caldeirões | 22. Morro do Chapéu | 35. Toca |
| 10. Chapada | 23. Morro do Cula | 36. Tombadô |
| 11. Chapadão | 24. Morro do Marco | 37. Tromba D' Anta |
| 12. Disbarranco | 25. Morro do O'ro | 38. Valus |
| 13. Gaio | 26. Pico do Itambé | 39. Varge ~Vargem |
| 14. Ilha | 27. Planalto | 40. Vargem do Cuelho |
| 15. Ispinhaço de Minas | 28. Planalto de Minas | 41. Varge do Pau |
| 16. Lapa do Bom Jesus | 29. Praia | 42. Vargem da Rema |
- TOTAL: 42

14. HAGIOTOPÔNIMO

- | | | |
|----------------------------|------------------------|--------------------------------|
| 1. Santo Antônio | 4. São Domingo | 8. São José |
| 2. Santo Antônio do Itambé | 5. São Francisco | 9. São Miguel do Jequitinhonha |
| 3. São Bento | 6. São João | 10. São Sebastião |
| | 7. São João da Chapada | |
- TOTAL: 10

15. HIDROTOPÔNIMO

- | | | |
|-------------------|-------------------------------|---------------------|
| 1. Água Verde | 8. Lagoa de Lino | 13. Reberão |
| 2. Araçuaí | 9. Lagoa Grande | 14. Reberãozim |
| 3. Bica da Coã | 10. Lagoa Seca | 15. Riacho das Vara |
| 4. Cachuera | 11. Olhos d'Água ~ Zói d'Água | 16. Riacho Fundo |
| 5. Curumataí | 12. Olho d'Água da Pedra | 17. Rio Grande |
| 6. Inhá | | 18. Ri Paldo |
| 7. Lagoa da Canga | | 19. Rio Preto |
- TOTAL: 19

16. HIEROTOPÔNIMO

- | | | |
|--------------------|--------------------|-----------------------|
| 1. Abadia ~ Ebadia | 6. Cruz das Pedra. | 11. Cruzeiro |
| 2. Capelinha | 7. Cruz do Acaiaca | 12. Salvador da Cruz |
| 3. Capetinha | 8. Cruz do Cula | 13. Santa Cruz |
| 4. Carmo | 9. Cruz do Jirimia | 14. Santana |
| 5. Consolação | 10. Cruzeiroim | 15. Santana da Divisa |
- TOTAL: 15

17. HODOTOPÔNIMO

- | | | |
|------------------|-------------------|-------------------------|
| 1. Beco do Morro | 3. Ponte Queimada | 5. Caminho dos Escravos |
| 2. Vareda | 4. Ponte Pedra | |
- TOTAL: 05

18. LITOTOPÔNIMO

- | | | |
|-------------------|---------------------|------------------------|
| 1. Areão | 11. Cristal | 21. Pedra do Cavalinho |
| 2. Areia | 12. Cristais | 22. Pedra do Guinda |
| 3. Barrero | 13. Diamantina | 23. Pedra da Sopa |
| 4. Barririm | 14. Itambé | 24. Pedra Minina |
| 5. Barro | 15. Itambé do Serro | 25. Pedra Redonda |
| 6. Barro Vermei' | 16. Laje | 26. Prata |
| 7. Barro Quebrado | 17. Lamarão | 27. Salitre |
| 8. Brejo | 18. Massa | 28. Sopa |
| 9. Brejo Grande | 19. Ouro | 29. Tijuco |
| 10. Burgalhau | 20. Pedra ~ Pedras | |
- TOTAL: 29

19. METEOROTOPÔNIMO

- | | |
|------------|------------|
| 1. Manhana | 2. Dilúvio |
|------------|------------|
- TOTAL: 02

20. MORFOTOPÔNIMO

- | | |
|--------------------|------------|
| 1. Agulha ~ Agulia | 3. Redondo |
| 2. Tabúa | 4. Furado |
- TOTAL: 04

21. MITOTOPÔNIMO

1. Fada
- TOTAL: 01

22. NUMEROTOPÔNIMO

- | | | |
|----------------|--------------------|-----------------|
| 1. Dois Irmão | 4. Duas Pontes | 7. Número Um |
| 2. Dois Tostão | 5. Treis Corgo | 8. Última Fonte |
| 3. Duas Barras | 6. Quatro Vintéins | |
- TOTAL: 08

22. POLIOTOPÔNIMO

- | | |
|--------------|---------------|
| 1. Vila Rica | 2. Vila Sabiá |
|--------------|---------------|
- TOTAL: 02

23. SOCIOTOPÔNIMO

- | | | |
|----------------------|---------------------------------|----------------------|
| 1. Açogue | 10. Contenda | 18. Lavrinha |
| 2. Arraiá dos Forro | 11. Curral | 19. Mendanha |
| 3. Arraial do Tijuco | 12. Curral Grande | 20. Minas Sirrinha |
| 4. Bairro da Serra | 13. Curralinho | 21. Olaria |
| 5. Camarinha | 14. Destilaria dos
Diamantes | 22. Paió ~ Paiol |
| 6. Cata do Teleço | 15. Fazenda | 23. Pasto |
| 7. Catadim | 16. Ingenho | 24. Povoação |
| 8. Colônia | 17. Ixtração | 25. Quarté |
| 9. Contagem | | 26. Quarté do Indaiá |

- | | | |
|---------------------|-------------------------|---------------|
| 27. Quarté Merim | 30. Rodiadô ~ Rodeadô | 33. Vaquejadô |
| 28. Quilombo | 31. Sentinela | |
| 29. Retiro ~ Ritiro | 32. Tejucana ~ Tijucana | |
| TOTAL: 33 | | |

23. SOMATOPÔNIMO

- | | | |
|-----------|-----------------|----------------|
| 1. Bixiga | 3. Cavirinha | 5. Pé do Morro |
| 2. Cavera | 4. Olho de Sapo | |
| TOTAL: 05 | | |

24. ZOOTOPOÊNIMO

- | | | |
|------------------------|-----------------------------|----------------------|
| 1. Ave | 11. Cutia | 21. Mumbuca ~ Mubuca |
| 2. Boi Pintado | 12. Galheiros | 22. Mubuquinha |
| 3. Burro | 13. Galinhero | 23. Muriçoca |
| 4. Carrapato | 14. Gambá | 24. Piolho |
| 5. Carrapatinho | 15. Grilo | 25. Pombas |
| 6. Cavalim ~ Cavalinho | 16. Guará | 26. Tamanduá |
| 7. Cavalo | 17. Leitão | 27. Tigre |
| 8. Cavalo Morto | 18. Macaco ~Macacos | 28. Urubu |
| 9. Coã | 19. Macaquim | 29. Veado |
| 10. Coruja | 20. Moçorongo~
Muçurungo | |
| TOTAL: 29 | | |

25. NÃO ENCONTRADOS

- | | | |
|------------------------|-----------------------|---------------|
| 1. Camu-Camu | 6. Jiquitionha Preto | 11. Mechera |
| 2. Cula | 7. Jiquitionha Branco | 12. Queraçá |
| 3. Cundinho | 8. Lavus | 13. Regralito |
| 4. Grisorte ~ Grisort' | 9. Makemba | 14. Ticó |
| 5. Jiquitionha | 10. Mandirinha | |
| TOTAL: 14 | | |



*Vi semana santa e reza
Menina! Vi Diamantina
Eu vi Rosa na janela
Vi Olímpia, vi Sinhá*

*Eu vi folia de reis
Eu vi sabiá cantar*

*Vi Chica da Silva, eu vi
Vi Chico Rei lá no morro
Rebelião pra viver
Vi liberdade brilhar*

(Rubinho do Vale)

Capítulo 7 – Considerações finais

Adotando como premissa que o estudo toponímico é um meio de investigação linguística muito eficaz para identificar reminiscências lexicais relacionadas à sociedade, à história e à cultura local de uma comunidade, tivemos como objetivo principal, neste trabalho, realizar análise de topônimos coletados no município de Diamantina, localizado no Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais. No decorrer da pesquisa, íamos comprovando essa “verdade”, já que a região revelou um espaço marcado por práticas sociais e discursivas relacionadas à atividade ininterrupta de mineração, base da economia local, desde o século XVIII.

A fim de ter uma amostra que correspondesse à realidade toponímica da região estudada, realizamos pesquisa de campo, no município de Diamantina, pautando-nos em pressupostos teóricos metodológicos preestabelecidos. Gravamos 22 entrevistas, transcrevemos todas elas. Esse material que pode ser conferido no CD-Rom que se encontra anexado a essa dissertação foi o ponto de partida para a nossa análise linguística.

Na **Introdução** deste trabalho enfocamos as relações entre língua e comunidade, destacando os estudos toponímicos.

No Capítulo 1, **Língua, Léxico, Cultura**, abordamos os pressupostos teóricos que embasam um estudo toponímico, nas vertentes sincrônica e diacrônica. Estudamos a língua, como registro sócio-cultural, o léxico como nomeação e interação social, discutimos as ciências do léxico e sua valorosa contribuição para os estudos culturais, antropológicos e para os nossos trabalhos. Tecemos considerações sobre os estudos toponímicos realizados, principalmente no Brasil e no âmbito do ATB e suas variantes regionais.

O Capítulo 2 abordou o **Contexto sócio-histórico-cultural** que envolveu Diamantina no seu período inicial de formação, quando da descoberta do ouro e em 1729 do diamante. Ressaltamos aspectos que colaboraram para compreender o ato de nomeação e a motivação toponímica tais como: os resquícios da cultura indígena, a presença de estrangeiros, a função dos negros, a imposição da Coroa Portuguesa nas questões econômicas e as condutas sociais, expressas no *Livro da Capa Verde*, que deveriam ser seguidas pela população da época

Os **Procedimentos metodológicos**, expostos no Capítulo 3, elucidaram o referencial teórico necessário para uma pesquisa toponímica, abrangendo o léxico e a sua relação com a língua, a cultura e memória de uma sociedade.

Para estudarmos a língua, cultura e fatos oriundos da memória da região propusemo-nos partir do presente, seguindo orientação laboviana (1974) e, nos moldes da

linguística histórica e da sociolinguística, entrevistamos moradores da região a fim de coletarmos topônimos para posterior análise, enquanto observávamos o reconhecimento e a história desses nomes de lugares em relatos contados por nossos informantes. Em um segundo momento, com os dados selecionados – 407 topônimos – voltamos para a análise comparativa dos dados, confrontando-os com topônimos coletados de cartas geográficas dos séculos XVIII, XIX, XX. Para fundamentação teórica da Toponímia apoiamos-nos em Dauzat (1926) e Dick (1990). Para a construção do glossário, adotamos metodologia sugerida por Haensch (1982) e Barbosa (2001)

O Capítulo 4 – **Apresentação e análise dos dados** – os 407 topônimos coletados nas entrevistas orais foram sistematizados em fichas lexicográficas criadas a partir do modelo exposto por Dick (1990a). Os topônimos estão elencados em ordem alfabética, descritos (situados em relação ao município e acidente a que pertencem), analisados (através das cartas topográficas e de mapas antigos), classificados (quanto a sua taxionomia, origem, estrutura morfológica), contextualizados (indicação das entrevistas onde ocorrem os topônimos) e contados (número de ocorrência e variações).

Realizamos, no Capítulo 5, a **Análise quantitativa e discussão dos resultados**. Aqui todos os topônimos foram organizados e quantificados, apresentando, através de gráficos e tabelas, resultados de análise das fichas toponímicas.

Construímos, no Capítulo 6, um **Glossário** toponímico, a partir dos dados retirados do nosso *corpus* oral. Em um primeiro momento organizamos os topônimos pelo critério onomasiológico e, no segundo momento, pelo critério semasiológico. Com isso, pudemos verificar que a toponímia da região, onde hoje se localiza o município de Diamantina, reflete a cultura e a história local, presente em seus quase trezentos anos de relações humanas e, é claro, ambientais.

Esperamos que com esta dissertação, intitulada *Léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*, possamos contribuir com os estudos linguísticos brasileiros, mais particularmente, com a descrição toponímica que vem sendo realizada em Minas Gerais pela equipe de trabalho do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico de Minas Gerais; variante regional do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.





*No meio do meu caminho sempre haverá uma pedra
Plantarei a minha casa numa cidade de pedra
Itamarandiba, pedra corrida, pedra miúda rolando sem vida
Como é miúda e quase sem brilho a vida do povo que mora no Vale*

*No caminho dessa cidade passarás por Turmalina
Sonharás com Pedra Azul, viverás em Diamantina
No caminho dessa cidade as mulheres são morenas
Os homens serão felizes como se fossem meninos*

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Referências

- ABREU, F. R. de. In. KELLY, D. L. O retrato sócio ambiental do município de Diamantina: dados e ações. 68p. Monografia (Especialização em avaliação de impactos ambientais e recuperação de áreas degradadas). Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina (MG), 2006.
- ADRADOS, F. R. La toponímia y el problema de las Ursprachen. In. *Estudios de lingüística general*. Barcelona, 1969, p. 209-219. (antes en Actes Del V Congrès International de toponymie et d'antroponimie, II, Salamanca, 1958, p. 93-102).
- _____. Toponimos griegos en Ibéria y Tartessos. In. *Emerita Revista de Linguística y filología clásica*. Vol. 68. n. 1. 2000. ISSN: 0013-6662. Disponível em <http://emerita.revistas.csic.es/index.php/emerita/issue/view/15>, acesso em 15 de abril de 2010.
- ALKMIM, T. M. *Considerações sobre o campo da sociolinguística*. In: Eleonora Cavalcante Albano; Tânia Maria Alkmim; Sírio Possenti; Maria Irma Hadler Coudry. (Org.). *Saudades da Língua*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003, v. 1, p. 593-603.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. BENTE, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 21-75.
- ALMG – Decreto 13/10/1831. Disponível em: <www.almg.gov.br/index.asp?grupo=estado&diretorio=durbana&arquivo+denominacoes_urbanas&municipio=481>. Acesso em: jan. 2010.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: HUCITEC – Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- AMARAL, E. T. R. *Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito*. 196p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ANTUNES, C. MENDES, M. T. Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha: Macro e microestrutura. In: ISQUERDO, A. N. HORA, D. da. (Orgs.). *Abralin em cena: Mato Grosso do Sul*. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, 2008. ISBN: 978-85-7539-423-6. p. 65-71.
- ANTUNES, C. VIANA, M. M. Z. O dialeto rural não é mais aquele... In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 13-29.
- ANTUNES, C. A litotoponímia no Vale do Jequitinhonha. In: MAGALHÃES, J. S. TRAVAGLIA, L. C. *Múltiplas perspectivas em linguística*. ILEEL, 2006. Uberlândia: Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p.682 a 686. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_389.pdf>. Acesso em: abr. 2010.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 45. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BALBACH, A. *As plantas curam*. Itaquaquecetuba: EDEL, S/D.

BARBOSA, A. G. Demografia histórica e história da língua Portuguesa no Brasil-Colônia: reflexões sobre o fim dos setecentos. In: *Linguística*. ALFAL, Asociación de Linguística y Filología de la América Latina. V. 17. Chile: LOM Ediciones Ltda, octubre de 2005. p. 75 - 94.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normatização terminological no Brasil*. 2ed. São Paulo: FFLCH/USP/HUMANITAS, 2001.

BARBOSA, W. A. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: EDUSP, 1976. v.1.

BERLINCK, R. A. BARBOSA, J. B. MARINE, T.C. Reflexões Teórico-Metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. In: Revista da ABRALIN: Associação Brasileira de Linguística. ISSN 1678-1805, vol. 7, no. 2, jul./dez. de 2008. p. 169-175.

BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: EDUSP, 1981. p.131-145.

_____. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, UNESP, n.2, p.81-118, 1998.

_____. Fundamentos da Lexicologia. In: *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.99-155.

_____. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. In: *Ciência e Cultura*. Vol. 58, n. 2, São Paulo, abr/jun 2006. ISSN: 0009-6725 disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-7252006000200014&script=sci_arttext, acesso em junho de 2010.

_____. Um dicionário para o português do Brasil. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 173-183.

_____. *Teoria Linguística: Teoria lexical e linguística computacional*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Teoria Linguística: leitura e crítica*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLUTEAU, Raphel. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Cellegio das Artes da Companhia de Jesus. 1712-1728. 10v.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOTELHO, A. V. *Dicionário Histórico Brasil colônia e império*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRANT, F. NASCIMENTO, M. *Itamarandiba*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47429/>, acesso em 14 de maio de 2010.

BUENO, S. *Vocabulário tupi-guarani português*. 6. ed. São Paulo: Éfeta, 1998.

BUFFA, J. L. *Toponímia aborígen de Entre Ríos*. 1966. 201f Orientador: Clemente Hernando Balmori. Tese (Doutorado en el Instituto de Filología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación) Universidad Nacional de la Plata, Buenos Aires. A obra foi publicada e tem como referência também BUFFA, J. L. *Toponímia aborígen de Entre Rios*. 2ed. Entre Rios: Editorial de Entre Rios, 1999.

BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? *Cambridge Archaeological Journal*, London, v.5, n.2, p.261-265, 1995.

CABRÉ, M. T. (1999c) *Terminología: representación y comunicación*. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Sèrie Monografies, 3. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CAMPOS, H. G. FARIA, R. M. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Lê, 2005

CAPELLE, J. C. Irmão José Gregório. *Contribuição Indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980. (3 vol.).

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARVALHO, Castelar de. Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica. 8. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CARVALHO, C. Padre Celso de Carvalho. *Diamantina em Serenata*. Disponível em: <http://www.mapadosencantos.com.br/roteiros/diamantina.htm>, acesso em 25 de abril de 2010.

CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. *Língua e cultura do norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. 2010. 223 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CASTRO, Y. P. de. A matriz africana no português do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. MOTA, J. A. MATOS, R. V. S. (Orgs). *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 81-116.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

CHAVES & FILHO. *Conglomerado Diamantífero Sopa, Região de Diamantina, MG: marco histórico da mineração do diamante no Brasil*. Disponível em <http://ig.unb.br/sigep/sitio036/sitio036.pdf>, acesso em 10 de maio de 2010.

CHAVES, M. L. S. C. SVISERO, D. P. *Características geológicas e origem dos conglomerados diamantíferos das regiões de Diamantina (mesoproterozóico) e de Romaria (Cretáceo Superior), MG*. Boletim IG-USP. São Paulo: série Científica, n. 24, 1993, p. 49-57.

CLAVER, R. Tudo é viagem... Apresentação do livro Jequitinhonha, poemas de Adão Ventura por Ronald Claver. Coleção Almanaque de Minas, Mulheres Emergentes. MCMXCVII. In. *Suplemento*. Belo Horizonte, Nov. 2006. Secretaria Estadual de Cultura de Minas Gerais, p. 4. Disponível em <http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/SuplementoLiterario/File/slespecialjequitinhonha.pdf> acesso em 15 de maio de 2010.

COHEN, M. A. A. M. A toponímia mineira: o caso de Macabelo. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 77-89.

COROMINES, J. *Estudis de Toponímia Catalana*. Barcelona: Barcino, 1965-1970. (Vol. 2)

_____. *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. Barcelona: Curial, 1985 (Vol. V).

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979.

COSTA, A. G. (Org.) *Cartografia da conquista do território das Minas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

CRUZ, G. LEÃO, H. P. *Encantos de Diamantina*. Disponível em <http://www.nggenealogia.com.br/tree/individual.php?pid=I2785>, acesso em 13 de abril de 2010.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CUNHA, A.G da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. Prefácio-estudo de Antônio Houaiss. 5ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: Universidade de Brasília, 1999. Contém Suplemento.

CUNHA, C. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. 6ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976.

DARBY, H. C. Place names and geography. *The Geographical Journal*. Inglaterra, n. 123, p. 387-392, 1957.

DAUZAT, A. ROSTAING, CH. *Dictionnaire étymologique des noms de lieux en France*. 2ed. Paris: Librairie Guénégaud, 1989.

DAUZAT, A. *La toponymie française*. Paris: Payot, 1971.

_____. *Les noms de Lieux: Origine et évolution – villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, lieuxdits*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Dinâmica dos Nomes na Toponímia da Cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. A Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. *Estudos de Gramática Portuguesa III*, Frankfurt am Main, v. III, p.217-239, 2000.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

_____. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*. 1980. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1980.

_____. Etnia e etnicidade. Um novo modo de nomear: Projeto ATESP/ATB. In: ISQUERDO, A. N. FINATTO, M. J. B. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia. Lexicografia. Terminologia*. Vol. IV. Campo Grande: UFMS, 2008.

_____. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*, Recife, UFPE, v.9, p.119-148, 1999.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia, terminologia. v.II. Campo Grande: UFMS, 2004. p.121-130.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1990b.

_____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil) In: SEABRA, M. C. T. C. (Org). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 91-117.

_____. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. In. *Estudos Avançados*. Vol. 8, n. 22, São Paulo, set/dez 1994. ISSN: 0103-4014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000300059&script=sci_arttext acesso em 10 de maio de 2010.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DOGLIANI, E. Os itens lexicais e sua atuação na interface entre Ideologia e Produção Linguística. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 203-215.

DORION, H. & POIRIER, J. *Lexique des termes utiles à l'étude des noms de lieux*. Quebec: Les Presses de l' Université Laval, 1975.

_____. A qui appartient le nom de lieu? In: *Onomástica Canadiana*, 1993, n. 75, vol.1, p. 1-10.

_____. Les relations entre la toponymie et les autres sciences humaines. In: *450 ans de noms de lieux français en Amérique du Nord*. Actes du Premier Congrès International sur la toponymie française de l'Amérique du Nord (11-15 juillet, 1984) Québec: Les Publications du Québec, 1986. (p. 103-108).

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ELIA, S. *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

ERIZE, E. *Toponimia Mapuche*. Buenos Aires: Editorial Yapun, 1988.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de Inquéritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000. p.171-194.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. São Paulo: Nova Fronteira, 2004. 1 CD-Rom.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

FURTADO, J. F. *O livro da Capa Verde: O regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da Real Extração*. 2ed. São Paulo: Annablume, 2008.

GIMÉNEZ, G. Território y cultura. In: *Estúdios sobre las Culturas Contemporâneas*. Época II. vol. II, no. 4, dic. 1996, p. 9-30.

GONZÁLES TORRES, D. M. *Toponimia guaraní y origen e historia de pueblos en Paraguay*. 2ed. Asunción: Editora Litocolor, 1995.

GUÉRIOS, Rosario Farani Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sob renomes*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ave Maria, 1973.

HAENSCH, W. E. W. *La Lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.

HOUAISS, A. *O Português no Brasil*. 3ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

ISQUERDO, A. N. De Laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na Toponímia. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 119-135.

ISQUERDO, A. N. Marcas do popular rural no nível lexical: um estudo no campo do entretenimento infantil. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. 01 ed. Londrina: Editora da UEL, 1998, v. 01, p. 225-233.

_____. toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras – revista de História*, Campo Grande, UFMS, v.1, p.27-46, 1997.

ISQUERDO, A. N. CASTIGLIONI, A. N. Em busca de um modelo de dicionário onomástico-toponímico. In: ISQUERDO, A. N. FINATTO, M. J. B. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia. Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, v. IV, p. 291 -310, 2008.

ISQUERDO, A. N. KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia. Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, v. II, p. 11, 2004.

JOSÉ. O. *Indígenas de Minas Gerais: Aspectos Sociais, políticos e etnológicos*. Belo Horizonte: Edições Movimento Perspectivas, 1965.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 4ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

KOERNER, E. F. K; GARCIA MONTANO, Graciela. Ferdinand de Saussure: génesis y revolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental, contribución a la historia y a la teoría de la lingüística. Madrid: Gredos, 1982.

KRIEGER, M.G. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.) *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 157-171.

_____. Lexicologia, lexicografia e terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, A. N. FINATTO, M. J. B. (Orgs.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia. Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, v. IV, p. 161-175, 2008.

KRIEGER, M. G. FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania, 1972.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LEMOS, J. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

LILLO, M. B. *En busca de los nombres: toponímia Indígena e Hispânica*. Temuco; Chile: Universidad La Frontera, 2002.

LONGNON, A. *Les noms de lieu de la France: leur origine, leur signification, leurs transformations*. France: Ayer Publishing, 1973. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=2iLxBp1TgboC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. acesso em 12 de junho de 2010.

LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: L.T.C. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

MACHADO, Jose Pedro. *Dicionario onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluencia, 1984.

MACHADO FILHO, A. M. *Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

_____. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MARTINS, E. S. Léxico e Etimologia: a propósito de alguns vocábulos usados em localidades Norte-Mineiras. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 31-41.

MARTINS, M. L. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume, 2007.

MARTINS, Sebastião; IGLESIAS, Francisco; MAZZONI, Saulo. *Caminhos de Minas*. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, 1992.

MATEUS, T. J. *Quilombo do Campo Grande: A história de Minas que se devolve ao povo*. Contagem: Santa Clara, 2008.

MATEUS, M. H. M. Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? In: CARDOSO, S. A. M. MOTA, J. A. MATOS, R. V. S. (Orgs). *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 65-80

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MATOS E SILVA, R. V. *Português arcaico: fonologia*. São Paulo / Salvador: Contexto EDUFBA, 1991.

MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 5.ed. Paris: Hachette, 1948.

MENDES, L. R. G. *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. 2009. 260f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MENDES, T. M; SEABRA, M. C. T. C. Fitotoponímia de Diamantina: resultados parciais. In: ABRALIN em Cena, 2008, Campo Grande / MS. Anais: ABRALIN em Cena. Campo Grande: Idéia, 2008.

MENDES, T. M; SEABRA, M. C. T. C. Toponímia de Diamantina: Lengua, cultura y memória. In: ALFAL 2008. 2008. Montevidéo, Uruguai.

MENEZES, J. M. de C. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. 2009. 210f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MILROY, James. *Linguistic variation and change. On the historical sociolinguistics of English*. GB: Brasil Blackwell, 1992.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. London; Baltimore: Basil Blackwell; University Park Press. xii, 1980. 218 p.

MINAS GERAIS. 1º Censo Cultural de Minas Gerais: guia da Região Central. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. 404p.

MORALA, J. R. Objetivos y métodos en el estudio de la toponímia. In: *Toponímia de Castilla y León*. Actas de la Reunión Científica sobre Toponímia de Castilla y León. Burgos: A. Alvarez y H. Perdiguero eds, 1994, p. 57-80.

MOTA, C. *Dicionário: Fanadês, Jequitinhonhês, Mineirês*. Linguagem falada às margens do Rio Fanado e adjacências. Brasília: Ed. Stephanie, 2008.

MULLER, G. Política para as línguas indígenas. In: *Cadernos de Leitura: saber viver*. Formação intercultural para educadores indígenas. Belo Horizonte: UFMG, ano 1, nº 1, maio 2006. p. 47-64.

NASCIMENTO, L. V. do. *A África no Serro Frio - Vissungos: uma prática social em extinção*. 2003. 129f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

NASCIMENTO, M. *Peixe Vivo*, disponível em: <http://www.nggenealogia.com.br/tree/individual.php?pid=I2785>, acesso em 10 de maio de 2010.

OLIVEIRA, A. S. L. de. *Palavra Africana em Minas Gerais*. In: *Viva Voz*. 2ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. 1999. 349f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, Araraquara, 1999.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, M. A. *Aspectos da difusão lexical*. Ver. Est. Ling. Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.

PAIVA, E. F.; IVO, I. P. (Org.) *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo: Annablume. Belo Horizonte: PPGH – UFMG; Vitória da Conquista: EDUNESB, 2008. (Coleção olhares, 354p.)

PACHECO, Q. M. A. *Dicionário Histórico de Costa Rica*. San José: Editorial de la Universidad Estatal a distancia, 1995c.

_____. *Pequeno Atlas Linguístico de Costa Rica*. In: *Revista de Filologia y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, Costa Rica, XVIII, n.2, p. 85 a 189, 1992a.

PERINI, M. A. *Princípios de linguística descritiva: Introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

PETER, M. M. T. Línguas Africanas no Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. MOTA, J. A. MATOS, R. V. S. (Org.). *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 119-142.

PIGLIA, R. Memória y tradición. In: *Literatura e memória cultural*. Anais de Congresso. ABRALIC, vol. 1. Belo Horizonte, 1991, p. 60-66.

PINTO, W. *Minas: Dicionário Estatístico Geográfico e Histórico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Edita-Grupo Editorial & Jornalístico Ltda, 1983.

PRADO MENDES, S. T. *A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. 204 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

QUEIROZ, S. (Org.) *Brasilidades que vêm da África*. Belo Horizonte: Publicações Viva Voz – FALE/UFMG, 2008.

QUEIROZ, S. OLIVEIRA, A. S. L. Palavra africana em Minas Gerais. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 59-74.

R. A. P. M. Volume 1, Título 18, Ano 16, p. 457-458, 1911.

REIS, M. L. D. *Imprensa em tempo de guerra: “O Jequitinhonha” e a guerra do Paraguai*. 4ed. Belo Horizonte: Cuatiara, 2008. Disponível em: < www.scribd.com/doc/13762427/Imprensa-em-tempo-de-guerra-O-jornal-O-Jequitinhonha-e-a-Guerra-do-Paraguai>. Acesso em: fev. 2010.

REY, A. *La lexicologie; lectures*. Paris: Klincksieck, 1970.

REY, A. *Le lexique: images et modèles, du dictionnaire à la lexicologie*. Paris: Colin, 1977.

RIBEIRO, José P.C. *Atlas Geográfico – Minas Gerais e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: [s.n.], 1999.

ROMEIRO, A. BOTELHO, A.V. *Dicionário Histórico das Minas Gerais*. Período Colonial. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROSTAING, C. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. 2. ed. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SALGADO, José Antonio González. *La sufijación diminutiva en la toponímia extremeña*. Extremadura: Real Academia de Extremadura de Las Letras y Las Artes, 2006. Artigo disponível em: <<http://www.congrestudex.org.es>>. Acesso em: dez. 2008.

- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 4.ed. Salvador: Cia. Ed. Nacional, 1955.
- SANTIAGO, Luis. *O Vale dos Boqueirões: história do Vale do Jequitinhonha*. Almenara: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1999. v.1.
- SANTIAGO, Luis. *Serro e Serrania: o Vale dos Boqueirões, história do Vale do Jequitinhonha*. Almenara: Edições da Vigia, 2004. v. 2.
- SANTIAGO, Luis. *Serro: política, geografia e cultura*. Terceiro livro da série O Vale dos Boqueirões, história do Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Edições Morada Santiago, 2006.
- SANTOS, J. F. *Acayaca 1729*. Atualização do texto, notas e estudos crítico e bibliográfico por Valéria Seabra Miranda e Oscar Vieira da Silva. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- SANTOS, J. F. *Memórias do distrito diamantino*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Seleção e tradução de J.M Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 12ed. São Paulo: Cultrix [s.d.].
- SEABRA, M. C. T. C. *A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- SEABRA, M. C. T. C. Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais - Brasil. In: XV Congreso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina. 2008, Montevideo. Libro de Resúmenes. Montevideo: Alfal, 2008. v. 1.
- _____. Gualacho, Mato Dentro, Outra Banda – topônimos da Região do Carmo – MG: questões léxico-históricas. In: SEABRA, M. C. T. C. (Org.). *O léxico em estudo: Lexicografia. Toponímia. Lexicologia. Etimologia. Neologismo. Cultura. Terminologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 137 - 154.
- _____. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p.1953-1960.
- _____. Toponímia Africana em Minas Gerais: região do Rio Doce. In: ISQUERDO, A. N; FINATTO, M.J.B. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v.IV. Campo Grande/MS: UFMS/UFRGS, 2008b. p.145-160.
- SEABRA, M. C. T. C. Toponímia do Vale: Passado e Presente. In. SOUZA, J. V. A. de.; HENRIQUES, M. S. (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Formação histórica, populações e movimentos*. Belo Horizonte: UFMG/Proex, 2010. (p. 83-96).
- SEABRA, M. C. T. C. ISQUERDO, A. N. A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In: VII

Encontro Intermediário do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, 2009, Uberlândia. VII ENGTLEX. Resumos. Uberlândia : ANPOLL/UFU, 2009.

SEABRA, M. C. T. C. ; SANTOS, M. M. D. dos. Motivação toponímica da Comarca do Serro Frio: estudo dos registros setecentistas e oitocentistas em mapa da Capitania de Minas Gerais. In: *III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, 2009, Ouro Preto. Ouro Preto : Centro de Referência em Cartografia Histórica/ UFMG, 2009. p. 56-56.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. v. 2.

SILVA, R. V. M. Uma compreensão histórica do Português Brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, S. A. M. MOTA, J. A. MATOS, R. V. S. (Orgs). *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 219-254.

SILVEIRA BUENO, F. *Vocabulário tupi-guarani português*. São Paulo: Brasillivros, 1998.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SOUZA, J. M. *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona: Biblograf s/a, 1995.

SOUZA, V. L. *Caminho do boi, caminho do homem*. O léxico de Águas Vermelhas, Norte de Minas. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____. *De primeiro era assim: revelações do vocabulário de Águas Vermelhas – MG*. Belo Horizonte: Publicações Viva Voz. – FALE/UFMG, 2009.

SOYA, E. *Geografias pós-modernas*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TERRADO, J. VÁZQUEZ, J. & SELFA, M. Reflejos toponímicos en la Romania de la nación geográfica (más allá de'). In: MATEU, J. F. & CASANOVA, E. *Estudis de toponímia valenciana in honor de V. M. Rosselló i Verger*. Valencia: Denes, 2000. (p. 463-477)

VALE, R. do. Nas lonjuras dessa terra (folia de Reis). Disponível em <http://letras.terra.com.br/rubinho-do-vale/1123295/> acesso em 10 de maio de 2010.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VASCONCELOS, Agripa de. *Sinhá Braba*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Média das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil – populações rurais do Centro-Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. v.1.

VIDOS, B. E. *Manual de Linguística Românica: história e metodologia*. 2ed. Trad. José Pereira da Silva. Disponível em: http://www.filologia.org.br/pereira/textos/Vidos_vol_1.pdf>. Acesso em 30 de de abril de 2010. (p.73, nota de rodapé).

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: HUCITEC – Edusp, 1990.

WANDRUSZKA, M. *Interlingüística: Esbozo para una nueva ciencia del lenguaje*. Versión y adaptación de Hortensia Viñes. Madrid: Gredos, [s.d.].

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WEITZEL, A. H. *Folclore literário e linguístico*. Juiz de Fora: Diadorim, [s.d.], (p.17-18)

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WUSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad. Anne-Cécili Nokerman. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.